

CRISTÃO CONTAGIANTE

BILL HYBELS
MARK MITTELBERG

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	9
---------------------	---

PARTE 1

POR QUE SER UM CRISTÃO CONTAGIANTE?

<i>Capítulo 1</i> ■ As pessoas são importantes para Deus.....	13
<i>Capítulo 2</i> ■ As recompensas do cristianismo contagiante.....	31
<i>Capítulo 3</i> ■ Uma fórmula para causar impacto no mundo	49

PARTE 2

O PRERREQUISITO DA ALTA POTÊNCIA

<i>Capítulo 4</i> ■ O poder de atração da autenticidade.....	67
<i>Capítulo 5</i> ■ O impulso da compaixão	83
<i>Capítulo 6</i> ■ A força do sacrifício	101

PARTE 3

O POTENCIAL DA PROXIMIDADE INTENSA

<i>Capítulo 7</i> ■ Oportunidades estratégicas nos relacionamentos.....	119
<i>Capítulo 8</i> ■ Contato com pessoas não religiosas	133
<i>Capítulo 9</i> ■ Descubra a abordagem que combina com você...	149

PARTE 4

O PODER DA COMUNICAÇÃO CLARA

<i>Capítulo 10</i>	✦ Como iniciar conversas espirituais	169
<i>Capítulo 11</i>	✦ Transmita a mensagem com clareza	187
<i>Capítulo 12</i>	✦ Como quebrar as barreiras à fé	207

PARTE 5

A RECOMPENSA: MÁXIMO IMPACTO

<i>Capítulo 13</i>	✦ Cruzando a linha da fé.....	227
<i>Capítulo 14</i>	✦ Cristãos contagiantes e igrejas contagiantes.....	245
<i>Capítulo 15</i>	✦ Invista sua vida em pessoas	265

AGRADECIMENTOS

OBRIGADO POR FAZER UMA PAUSA aqui enquanto agradecemos o apoio e a ajuda que recebemos de alguns cristãos extremamente contagiantes. No topo da lista, estão nossas esposas, Lynne Hybels e Heidi Mittelberg, companheiras constantes no ministério e grandes incentivadoras durante o processo de escrita deste livro.

Em seguida, expressamos nosso profundo apreço pelo amigo e colega de trabalho Lee Strobel, que generosamente dedicou tempo e compartilhou seu conhecimento para refinar nossos pensamentos, e somos gratos também a John Sloan e John Raymond, da Zondervan, pelas valiosas contribuições editoriais.

Por fim, reconhecemos nossa dívida de gratidão, pelo incentivo e pelas críticas construtivas de várias partes do manuscrito, a Jean Blount, Julie Harney, Chad Meister, Brad Mitchell, Gretchen, o saudoso Bob Passantino, Garry Poole e Russ Robinson.

PARTE 1

POR QUE SER UM CRISTÃO CONTAGIANTE?

Capítulo 1

AS PESSOAS SÃO IMPORTANTES PARA DEUS

POUCO DEPOIS DE TOM ENTRAR no barco, ficou claro que ele era um marinheiro de primeira, um competidor ferrenho e alguém que sentia prazer em viver no limite da aventura.

Além disso, esse último membro de nossa equipe de corrida tinha uma personalidade contagiante. Gostava de ouvir música alta, com vários amigos ao redor e muita alegria depois da corrida. Queria ganhar, mas também se divertir fazendo isso.

Eu mal conhecia Tom quando o convidei para se unir a nós. À medida que nossa amizade se desenvolvia, descobri que ele era do tipo tudo ou nada. Quando acreditava em algo, nada o detinha. Contudo, se não estivesse interessado, era quase impossível fazê-lo agir.

E aí estava o desafio. Veja bem, Tom tinha pouco tempo para questões espirituais de qualquer natureza.

Até que, certa noite, Tom apareceu na corrida com o braço numa tpoia. Quando perguntei o que havia acontecido, ele explicou que saíra para correr de kart na noite anterior, ingerira muito álcool, perdera o controle e acabara envolvido em uma briga.

A essa altura, ele já sabia que eu era pastor; então, perguntou, meio em tom de brincadeira, se eu podia orar por ele.

— Quem sabe mais tarde — respondi. — Agora tenho um versículo da Bíblia para você.

— Tudo bem. Qual é?

— Em Gálatas 6.7 as Escrituras dizem que “o que o homem semear, isso também colherá”.

Para minha surpresa, Tom parecia chocado.

— Não diz isso de verdade, diz? — ele perguntou.

— Com certeza — respondi. — A Bíblia diz que, se você quer semear o tipo de semente que estava semeando ontem à noite, colherá a tipoia que está usando hoje.

— Você está fazendo hora comigo! — Tom retrucou.

— Não, não estou brincando e acho que talvez você devesse decorar esse versículo!

Nos dias que se seguiram, impliquei com ele um pouco, perguntando se já havia memorizado o versículo. Não demorou muito, bastava Tom me olhar nos olhos para recitar o versículo.

Na verdade, toda essa história se tornou uma espécie de piada recorrente entre nós durante aquele verão e abriu as portas para algumas conversas sobre questões espirituais. Na estação seguinte, Tom deu alguns sinais de que estava disposto a ir um pouco mais fundo.

Certanoite, enquanto jantávamos em um restaurante, ele me perguntou:

— Como se consegue uma Bíblia? Pensei em começar a ler, mas não sei se encontro nas livrarias comuns.

— Bem, acho que posso arranjar uma para você — respondi, tentando parecer impassível diante do fato de que, finalmente, após dois anos de oração e construção de um relacionamento, ele começava a demonstrar interesse genuíno.

Alguns meses depois, no outono daquele ano, Tom viajou centenas de quilômetros, de Michigan até Chicago, para visitar nossa igreja e passar um tempo em minha casa, conversando.

Após voltar para casa, ele me ligou e disse:

— Eu me sinto diferente por dentro. É como se estivesse começando a encaixar algumas peças. Não sei no que isso vai dar, mas estou gostando muito do que está acontecendo, mesmo sem entender por completo.

Certa noite, após uma conversa de duas horas sobre o que é ser cristão, disse a ele: "Tommy, você será cristão um dia. Você é honesto ao extremo, superdedicado em tudo o que faz e mais preocupado com o que é verdadeiro do que com o que os outros pensam".

Ele admitiu que talvez eu estivesse certo. Mas ainda não estava pronto. Estava caminhando na direção certa, mas ainda não queria assinar em nenhuma linha pontilhada. Ainda não...

Nunca me esquecerei das conversas com Tom. Eram imprevisíveis, arriscadas, divertidíssimas, do tipo toma lá dá cá, cheias de altos e baixos. E me fazem lembrar algo que sei há muito tempo: não existe nada mais empolgante na vida do que fazer amizade com alguém que não conhece Cristo, amar essa pessoa e conduzi-la em direção à fé. Nada.



No íntimo, creio que todos os verdadeiros seguidores de Cristo almejam tornar-se cristãos contagiantes. Embora não tenham certeza de como fazê-lo ou dos riscos envolvidos, lá no fundo sentem que não existe nada mais recompensador do que abrir os olhos de alguém para o amor e a verdade de Deus.

No entanto, embora apreciemos a ideia de exercer impacto espiritual sobre outros, só partiremos para a ação decisiva se aumentarmos nosso nível de motivação. E uma das melhores maneiras de fazer isso é conhecendo a perspectiva de Deus sobre o assunto.

No íntimo, creio que todos os verdadeiros seguidores de Cristo almejam tornar-se cristãos contagiantes. Embora não tenham certeza de como fazê-lo ou dos riscos envolvidos, lá no fundo sentem que não existe nada mais recompensador do que abrir os olhos de alguém para o amor e a verdade de Deus.

Começemos com duas lições, ambas de fontes inesperadas. A primeira vem do campo da ciência; a segunda, do mundo dos negócios. A primeira mostra como as coisas são; a segunda, como deveriam ser.

UMA FONTE SURPREENDENTE

Em primeiro lugar, consideremos o Princípio Antrópico. Ele está criando muita controvérsia atualmente entre os intelectuais. “Claro”, você deve estar dizendo, “o Princípio Antrópico. Eu estava lendo justamente sobre isso ontem à noite, antes de dormir!”

Dizendo de forma simples, o Princípio Antrópico sugere que, ao olharmos para o mundo a nosso redor, *parece*, pelo menos à primeira vista, que o Universo foi, de algum modo, *planejado* para proteger e sustentar a vida humana.

Tal conceito, bastante aceito no mundo da ciência e filosofia secular, não se originou com pesquisadores cristãos. Contudo, as evidências apontam de forma tão esmagadora para esse planejamento no Universo que o Princípio Antrópico é praticamente inegável por especialistas de todas as vertentes, religiosas e não religiosas. Isso tem levado os céticos a se desdobrarem em busca de algum tipo de explicação natural para esse fenômeno aparentemente sobrenatural.

Alguns fatos:

- Se o índice de expansão do Universo fosse aumentado ou reduzido até mesmo uma parte em 1 milhão, a possibilidade de vida estaria arruinada.
- Se a distância média entre as estrelas fosse maior, não teriam sido formados planetas como a Terra; se fosse menor, as órbitas planetárias imprescindíveis à vida não teriam existido.
- Se a proporção de carbono para oxigênio fosse ligeiramente diferente do que é, nenhum de nós estaria aqui respirando.
- Se a inclinação do eixo da Terra fosse ligeiramente alterada para uma direção, congelaríamos; e, para a outra, seríamos queimados.
- Suponha que a Terra ficasse um pouco mais próxima ou mais distante do Sol, ou fosse apenas um pouco maior ou menor, ou que fizesse o movimento de rotação em qualquer velocidade diferente da que ocorre agora. Se qualquer uma dessas mudanças ocorresse, a temperatura resultante das variações seria fatal.

Portanto, a lição que podemos extrair do Princípio Antrópico é esta: *alguém* deve ter feito um esforço tremendo para deixar tudo perfeito, a fim de que você e eu pudéssemos estar aqui desfrutando a vida. Em suma, a ciência moderna aponta para o fato de que *nós somos muito importantes para Deus!*

UMA LIÇÃO DO MUNDO DOS NEGÓCIOS

Vamos passar da ciência para o mundo dos negócios. Você tem notícia da transformação radical que vem ocorrendo ali nos últimos vinte anos e que representa uma importante lição para os cristãos?

Especialistas em administração falam sobre essas mudanças em termos grandiosos. Por exemplo, em *Prosperando no caos*, Tom Peters se refere a essa transformação como a “revolução do cliente”. Ken Blanchard, autor do *best-seller O gerente minuto*, descreve com entusiasmo o que chama de “pirâmide invertida”. Qual é a mudança que esses autores julgam tão crítica para o mundo corporativo?

Você está pronto? Segure firme: para terem sucesso no longo prazo, as empresas precisam desviar a atenção de si mesmas e concentrar suas energias em sua única razão de existência: servir aos clientes.

Antes de rirmos por eles terem tanto trabalho para dizer o óbvio, é preciso reconhecer que essa advertência é extremamente necessária. Quantas vezes você já se sentiu frustrado com o atendimento num posto de gasolina, restaurante, banco, numa padaria ou loja de departamentos? A tendência natural dessas organizações, tanto das pequenas quanto das grandes, é voltar-se para si mesmas. Os funcionários desperdiçam energia resolvendo problemas internos, disputas insignificantes de política da empresa e conflitos pessoais. Com muita frequência, isso acontece enquanto o cliente espera pacientemente para ser servido.

Daí surgiram especialistas como Peters e Blanchard com um desafio simples e ao mesmo tempo profundo: precisamos inverter

a pirâmide corporativa e voltar a servir à pessoa “no topo”, ou seja, o cliente, *não* o patrão. Devemos trabalhar para desenvolver uma “obsessão pelo cliente”.

Não é difícil ver que os problemas e as soluções do mundo dos negócios têm parentes próximos dentro da comunidade cristã. É tão fácil sermos engolidos por questões e problemas internos, e em situações pessoais em nossas igrejas, que fica difícil lembrar que o motivo principal para permanecermos neste planeta é alcançar as pessoas “lá fora”. Assim como as organizações comerciais precisam tirar o foco de si mesmas, nós, cristãos e igrejas, na esfera individual e coletiva, necessitamos focar novamente a missão que Deus nos confiou: alcançar os perdidos espirituais.

Portanto, se a lição da ciência é que as pessoas são importantes para Deus, a lição do mundo dos negócios é que *elas precisam ser importantes para nós também*. Somente quando começarmos a valorizar quem está fora do círculo cristão é que nos sentiremos completamente realizados e estaremos de acordo com o propósito divino para nós.

Sejamos honestos: é difícil manter o foco. A tendência é afastar-nos da valorização genuína daqueles que estão em confusão espiritual. Somos rápidos em esquecer quanto tais pessoas são importantes para Deus.

UMA CONVERSA REVELADORA

Fui lembrado disso há pouco tempo, quando esbarrei num velho conhecido numa viagem para outro estado. Eu sabia que aquele homem tinha o hábito de ir à igreja, de modo que, para puxar assunto, perguntei:

— E aí, está ansioso pela chegada do Domingo de Páscoa?

Da mesma forma casual que fiz a pergunta, ele respondeu:

— Não. Na verdade, nunca vou à igreja na Páscoa.

— Você só pode estar brincando! Você não vai à igreja no Domingo de Páscoa? Olha que você pode ser preso por isso!

Ignorando minha tentativa de ser bem-humorado, ele disse com certa veemência:

— Não vou à igreja na Páscoa porque não suporto ver todos aqueles “turistas”. Você sabe, aquelas pessoas que só aparecem uma vez por ano. Elas se enfeitam para marcar presença e fazem a maior confusão na igreja, especialmente no estacionamento. Quem pensam que estão enganando? Não a mim e, com certeza, não a Deus! Isso me incomodou tanto ao longo dos anos que simplesmente parei de ir à igreja no Domingo de Páscoa. Turistas não têm serventia para mim.

Embora ele não tenha falado de forma direta, pensei: “Além de achar que essas pessoas não têm serventia para ele, aposto que está convencido de que elas também não são úteis para Deus”.

Sabe, por mais que eu odeie admitir, não é incomum que pessoas como eu — e talvez como você — sejam vítimas do mesmo tipo de julgamento. Todos nós temos a tendência de fazer avaliações definitivas acerca de quem tem serventia para Deus e quem não. E, antes de nos darmos conta, reduzimos nossa lista mental daqueles que são importantes para o Senhor a um pequeno grupo de pessoas seletas que coincidentemente se parecem conosco. Essa lista quase nunca inclui as pessoas “de fora”, que não fazem parte da igreja.

Você percebe como isso é perigoso? Assim que caímos nessa linha de raciocínio, perdemos, de maneira imperceptível, porém eficaz, qualquer esperança de nos motivar a propagar a mensagem da graça de Deus. Afinal, se essas pessoas não importam para o Senhor, por que nos darmos ao trabalho de tentar alcançá-las?

UM PROBLEMA ANTIGO

Esse tipo de pensamento não é novo no meio do povo de Deus. Vemos as mesmas atitudes aparecendo em vários lugares da Bíblia. Na verdade, um dos grandes propulsores do ministério de Jesus era

desafiar seus seguidores a mudar de perspectiva em relação àqueles que se encontravam fora da família de Deus.

Certo dia, enquanto ensinava numa região metropolitana de tamanho considerável, Jesus se viu cercado por uma grande multidão de pessoas descrentes. Turistas. Indesejados. Descrentes. Espiritualmente confusos. Pessoas de moral falida da cidade. Seres que não devem ter serventia alguma para Deus!

Em um canto, líderes religiosos balançavam a cabeça em sinal de desaprovação e cochichavam entre si. Reclamavam do fato de Jesus, que afirmava ser o Filho do Deus santo, conviver com — sejamos diretos — *aquela* tipo de gente.

Cristo sabia exatamente o que eles estavam pensando. Então levou a multidão para perto do “grupo santo”. E, num tom calmo, mas firme, passou a contar uma série de histórias penetrantes e poderosas.

ACHADOS E PERDIDOS

“Havia um homem que possuía 100 ovelhas”, disse Jesus. “E, enquanto cuidava do rebanho, um daqueles pequenos seres felpudos fugiu. Então o pastor deixou as 99 ovelhas para trás e saiu para buscar o animal perdido. E continuou procurando até finalmente encontrar. Pegou a ovelha com cuidado, colocou-a em volta dos ombros e a levou de volta ao rebanho. Em seguida, chamou alguns de seus amigos pastores e disse: ‘Vamos fazer uma festa. Encontrei minha ovelha perdida!’ ”.

Jesus parou por um momento. Todos continuavam ouvindo. “Havia também uma mulher que possuía dez moedas”, prosseguiu. “A mulher perdeu uma das moedas. Então, acendeu uma lâmpada, varreu a casa, levantou todos os móveis e procurou incessantemente até encontrar. E, quando conseguiu, ficou tão feliz que chamou as amigas para celebrar com ela.”

Jesus parou mais uma vez e olhou em volta, talvez para checar se as pessoas permaneciam atentas. Continuou: “Certo homem tinha

dois filhos, e o mais novo era um tanto arrogante. Tinha estrelas nos olhos e, no coração, o desejo de conhecer o mundo. Queria aproveitar o lado mais radical da vida.

“O jovem convenceu o pai a adiantar-lhe a herança e partiu para uma terra distante com o bolso cheio. No mundo, encontrou pessoas igualmente agitadas e adotou um estilo de vida alucinante. Mas logo descobriu que aquele tipo de amigos não permanece depois que o dinheiro acaba.

“Certo dia, enquanto alimentava porcos na tentativa de sobreviver, o jovem, desorientado e falido, finalmente caiu em si. Decidiu voltar para casa. Pensou em pedir perdão ao pai por sua ingenuidade e falta de maturidade e, em seguida, oferecer-se para ser um de seus empregados, pois sabia que havia abdicado do direito de ser considerado filho.

“Começou o caminho de volta. O pai, que passava horas todos os dias observando a estrada, ansioso pelo retorno do filho, o reconheceu quando ainda estava bem longe do portão. Imediatamente, cheio de esperança, saiu correndo pela estrada para abraçar o filho. O rapaz começou a dizer: ‘Cometi um erro terrível, pai, e não mereço ser seu filho’. Mas o pai interrompeu: ‘Shhhh, não diga isso! Estou feliz porque você finalmente voltou para casa!’. Ele se alegrou e mandou que os empregados preparassem uma grande festa. Disse: ‘Convidem todos, matem um bezerro cevado e tragam a melhor roupa. Meu filho perdido voltou para casa!’ E que festa foi aquela!”

Imagino, então, que Jesus tenha fitado os olhos de seus ouvintes e pensado: “Pronto! Três histórias. Com certeza isso causará alguma impressão!”

Essa é a única ocasião registrada na qual Cristo contou três parábolas seguidas. Geralmente, ele percebia certo grau de incompreensão entre os ouvintes, lançava um conceito e contava uma história para esclarecer o assunto. Então, prosseguia até identificar uma área que precisava de atenção especial.

Contudo, não dessa vez. Nesse dia em particular, Jesus ficou tão incomodado com a discussão dos líderes religiosos sobre quem era e quem não era importante para Deus que disse: “Vou esclarecer esse assunto de uma vez por todas.

Jesus ficou tão incomodado com a discussão dos líderes religiosos sobre quem era e quem não era importante para Deus que disse: “Vou esclarecer esse assunto de uma vez por todas.

Não quero mais nenhuma confusão sobre isso. Contarei não só uma, nem duas, mas três histórias — para garantir que todos entendam quem realmente importa para Deus”.

Não quero mais nenhuma confusão sobre isso. Contarei não só uma, nem duas, mas três histórias — para garantir que todos entendam quem realmente importa para Deus”.

ELEMENTOS ESSENCIAIS

Existem alguns elementos em comum nas histórias de Lucas 15. O primeiro é que, em todas elas, *algo de grande valor está perdido*, algo realmente importante. A ovelha perdida tinha enorme importância para o pastor. Representava parte significativa de seu sustento. A moeda perdida era vital à sobrevivência da mulher. É possível que ela fosse viúva e aquela moeda representasse um décimo de todas as suas posses. E nem é preciso dizer que o filho perdido importava demais para o pai.

Enquanto refletiam sobre essas histórias, creio que alguns dos ouvintes de Jesus começaram a compreender aonde ele queria chegar. Devem ter perdido o fôlego quando finalmente a ideia entrou na cabeça deles! Isso é verdade em especial em relação aos líderes religiosos, cuja atitude moralista levou Jesus a contar as histórias.

É possível que os mais sensíveis dentre a multidão tenham começado a pensar: “Espere um pouco! Será possível? Nós estamos menosprezando Jesus por conviver com esses tipos não religiosos, de vida fácil, a quem consideramos, talvez de maneira prematura, não ter serventia para Deus. Mas Jesus está mostrando, por meio de três histórias

simples, que essas pessoas — os afastados, os perdidos e os espiritualmente confusos — *têm sim valor para o Pai celestial!*”

Quando os ouvintes de Jesus juntaram todas as peças do quebra-cabeça, provavelmente se sentiram esmagados pelo peso do amor de Deus. Um amor tão grande que vê além dos pecados e valoriza a pessoa perdida por trás deles. Um amor tão poderoso que suporta pacientemente anos de resistência, busca egoísta de prazeres, corrida por dinheiro e poder. Diante de tudo isso, o amor divino diz: “Embora tenha saído da trilha, você *ainda* importa para mim! E muito!”

DIÁLOGOS NA CRUZ

A Bíblia conta que Jesus foi crucificado entre dois ladrões. É importante lembrar que eram criminosos da pesada. As pessoas não eram crucificadas por delitos pequenos. Os ladrões haviam causado prejuízos graves, e a sociedade decidira que não havia mais nada a fazer com eles.

Enquanto estavam pendurados na cruz, um deles começou a fazer críticas. Voltou-se contra Jesus, dizendo que, se ele fosse mesmo o Filho de Deus, deveria descer da cruz e, nesse processo, tirá-lo dali também. O outro ladrão, por sua vez, abriu os olhos para o que estava acontecendo. Percebeu que, em pouco tempo, teria de enfrentar a eternidade e sabia muito bem o tipo de vida que havia levado.

Então, finalmente se dirigiu ao outro ladrão:

— Cale-se! Você não percebe o que está acontecendo aqui? Apenas fique quieto.

Então, olhou para Jesus e disse:

— Estamos recebendo o que merecemos. Mas você não fez nada de errado. Além disso, sabe tudo sobre mim e minha vida. Então, desculpe-me se for uma pergunta boba, mas será que uma pessoa como eu, que cometeu todos os pecados que cometi, ainda tem importância para *alguém*?

O que Jesus respondeu? Sem hesitar, garantiu ao homem:

— Você importa muito mais do que imagina! E, por causa de sua fé, de seu espírito contrito e arrependido, você se encontrará comigo daqui a pouco, hoje mesmo, no paraíso, e estaremos juntos por toda a eternidade!

É difícil compreender uma compaixão como essa, não é mesmo? Encaremos: é algo extremamente diferente do amor que eu e você sentimos!

UM AMIGO DA ACADEMIA

Algum tempo atrás, eu estudava essa passagem de Lucas 15, na tentativa de compreender tudo o que ela significa em minha vida. Eu treinava numa academia que havia acabado de contratar um imigrante recém-chegado da Índia. Era um rapaz baixo e careca, que não falava inglês muito bem e tinha um jeito um pouco estranho. Além disso, era muçulmano comprometido. Em outras palavras, não era o tipo de pessoa que eu imaginaria como um companheiro para meu time de futebol.

Com o tempo, porém, percebi que muitos dos homens da academia não queriam nenhuma conversa com ele. Suas ações deixavam claro que, para eles, o sujeito era um “zero à esquerda”.

E lá estava eu, percebendo isso e tentando entender o que Jesus quis dizer ao declarar que *todas* as pessoas importavam para ele. Eu sabia o que isso significava *teologicamente*. Essa parte era bem fácil. Mas qual era o sentido *prático*?

Como você já deve ter adivinhado, precisei concluir que, se todos são importantes para Deus, aquele indiano muçulmano também deveria ser.

Então, a princípio um pouco acanhado, comecei a tentar ser amigo dele. Conversávamos, brincávamos e, com o tempo, desenvolvemos um vínculo. Finalmente, dei a ele uma Bíblia. E adivinhe? Na próxima vez em que o encontrei, ele me deu um *Alcorão*!

Certa vez, fui à academia após retornar de uma viagem para dar palestras. Enquanto me vestia para correr, aquele homem se aproximou com uma expressão de ansiedade no rosto. Disse: “Bill, enquanto você estava viajando, algo terrível aconteceu. Minha esposa me deixou, e agora estou completamente só. Não sei o que fazer!”.

Enquanto o homem falava, lembrei-me de que ele tinha um filho pequeno. Era fácil perceber a dor que ele estava sentindo, e acho que fui a primeira pessoa com quem ele conversou sobre o assunto.

Enquanto o homem continuava a explicar o que havia acontecido, olhei dentro dos olhos dele e senti o Espírito Santo me orientando a aproximar-me e abraçá-lo.

Sendo o cristão espiritualmente empenhado que sou, sempre obediente, fiz o que qualquer seguidor dedicado e comprometido de Cristo faria. Pedi uma daquelas pausas internas e disse ao Senhor: “Espere um minuto! Também não vamos exagerar!”.

Eu disse a Deus que tinha dois problemas básicos com aquela ordem. O primeiro é que não sou uma pessoa naturalmente carinhosa, ainda mais com homens! Lá estava eu no meio do vestiário, de cueca samba-canção, com o Senhor me dizendo para abraçar aquele cara, e eu pensando: “Mas ele importa *tanto assim*, meu Deus?”.

Meu segundo problema se relacionava ao posicionamento religioso daquele homem. Eu disse: “Senhor, tu sabes que esse cara que queres que eu abrace é mais do que um simples descrente. Ele adora ativamente o *concorrente!*”.

Como você já deve ter imaginado, não consegui resistir por muito tempo ao conselho do eterno, sábio e onisciente Soberano do Universo! Em vez disso, senti o Espírito dizer: “Sei de tudo isso, Bill.

Sendo o cristão espiritualmente empenhado que sou, sempre obediente, fiz o que qualquer seguidor dedicado e comprometido de Cristo faria. Pedi uma daquelas pausas internas e disse ao Senhor: “Espere um minuto! Também não vamos exagerar!”.

Mas quero que esse homem saiba, em meio ao sofrimento, que ele importa para o Deus verdadeiro. Estou apenas procurando um de meus filhos para comunicar isso a ele. Você pode fazer isso por mim?”

Devo confessar que não foi um passo fácil para mim. No entanto, quando coloquei os braços em volta daquele homem, ele desabou e inundou meus ombros de lágrimas. Com certeza, foi um momento importante para ele. E, ao refletir sobre isso agora, percebo que para mim também.

UMA LIÇÃO VALIOSA

Você percebe o que aconteceu? Quando me dei conta de quanto Deus se importava com aquele homem, passei a me importar mais também. Posteriormente, admiti para mim mesmo quantas vezes eu, cristão e pastor, fiz a mesma coisa feia e impensável que os fariseus fizeram no passado. Reconheci que, às vezes, carrego pequenas listas impublicáveis de pessoas que não julgo serem muito importantes. O funcionário do posto de gasolina que coloca combustível em meu carro, a garçonete, o carregador de bagagem, o caixa, o homem que dirige devagar bem a minha frente, o vizinho cujo cânone late o tempo todo, o bêbado chato sentado a meu lado num voo para Los Angeles, o colega de trabalho que não vê as coisas como eu vejo. Essas pessoas não são importantes, certo?

A verdade é que *sim*, elas são importantes para Deus. A despeito da raça, do salário, do sexo, do nível de escolaridade, da religião ou da falta dela, essas pessoas continuam a importar para o Senhor; logo, é melhor que sejam importantes *de verdade* para mim.

As histórias contadas por Jesus em Lucas 15 revelam que você nunca cruzou o olhar com algum ser humano que não seja valioso para Deus.

Quando você passa a olhar para os outros com esse tipo de atitude, isso gera um efeito revolucionário em sua forma de tratar as pessoas. As histórias

contadas por Jesus em Lucas 15 revelam que *você nunca cruzou o olhar com algum ser humano que não seja valioso para Deus*. Quando esse fato tomar conta do mais íntimo de seu ser, você nunca mais será o mesmo. Viverá maravilhado diante da altura, largura e profundidade do amor divino e tratará as pessoas de forma diferente.

O ESFORÇO VALE A PENA

“Tudo bem”, você diz. “Estou convencido. As pessoas são importantes para Deus. Mas quanto?” Essa pergunta leva a um segundo ponto comum às três histórias de Jesus: *aquilo que estava perdido era importante o suficiente para justificar uma busca completa*. A ovelha se perdeu, e o pastor saiu procurando até encontrá-la. A mulher perdeu a moeda e a procurou pela casa inteira até encontrar. Na história do filho afastado, o pai precisou conter-se porque respeitava a liberdade do jovem e queria que ele aprendesse algumas lições difíceis. Mas seus olhos continuavam a perscrutar o horizonte, esperando pelo dia em que o filho voltaria para casa. Quando você valoriza alguma coisa de verdade e ela se perde, é natural que deseje *procurar por ela*.

Acredito que essa seja sua motivação central para ler este livro. Espero que você deseje envolver-se naquilo que Deus está fazendo para procurar e atrair as pessoas espiritualmente perdidas. Jesus disse que veio à terra “ *buscar e salvar o que estava perdido*”. E, pouco antes de partir, declarou: “Assim como o Pai me enviou, eu os envio”.

Jesus disse que veio à terra “buscar e salvar o que estava perdido”. E, pouco antes de partir, declarou: “Assim como o Pai me enviou, eu os envio”.

ESTAMOS NUMA MISSÃO

Todo cristão verdadeiro acredita, no fundo de seu ser, que estamos neste planeta com um propósito maior do que ter uma carreira, pagar contas, amar nossa família e desempenhar o papel de

cidadãos honrados. Mesmo quando vamos à igreja e adoramos a Deus, por mais importante que isso seja, às vezes acabamos sentindo que falta alguma coisa. Afinal, adoraremos o Senhor por toda a eternidade no céu; não precisamos estar aqui para fazer isso.

O que falta na vida de tantos cristãos que clamam por realização? O que Deus estaria pedindo que fizéssemos?

O Senhor quer que nos tornemos cristãos contagiantes, agentes que primeiro contraiam seu amor e então, com urgência e de maneira contagiosa, o ofereçam a todos aqueles dispostos a abrir espaço. Esse é o plano principal de Deus, que Jesus exemplificou com tanto poder, de espalhar a graça e a verdade divina de pessoa a pessoa, até haver uma epidemia de vidas transformadas ao redor do mundo.

Como você pode envolver-se nessa iniciativa empolgante? Bem, este é o objetivo do livro: mostrar passos práticos para você se tornar um portador eficaz da mensagem transformadora de Deus.

Tal esforço é claramente benéfico para as pessoas que precisam ser alcançadas, mas parece que todas as vantagens estão do lado *delas*. Então, a pergunta natural é: “O que *eu* ganho com isso?”

Trata-se de uma pergunta legítima, e ela é o foco do capítulo seguinte: “As recompensas do cristianismo contagiante”. Acho que você ficará aliviado e empolgado ao descobrir os múltiplos benefícios para todos os envolvidos. Compartilhar a fé com outras pessoas é um exemplo genuíno de situação em que ambas as partes saem ganhando.

Talvez uma prévia ajude a ilustrar como isso é verdade. De fato, podemos extraí-la justamente do texto de Lucas que estamos analisando; trata-se do último ponto comum às três histórias de Jesus: *a recuperação do item perdido resulta em alegria*.

FESTAS NO CÉU

O pastor recuperou a ovelha e deu uma festa. A mulher encontrou a moeda e também deu uma festa. O filho voltou para casa, e o

pai deu a maior das festas. Em Lucas 15.10, Jesus afirma: “Eu lhes digo que, da mesma forma, há alegria na presença dos anjos de Deus por *um pecador* que se arrepende”.

Quando li esse texto pela primeira vez, pensei em minha própria vida. Aos 17 anos, eu era um adolescente arrogante, rebelde, cheio de vontades, que pensava saber como chegar ao céu impressionando Deus com minha religiosidade. No entanto, pela influência da Bíblia e de amigos cristãos que se importavam comigo, ficou claro que eu nunca alcançaria retidão suficiente para impressionar um Deus santo. Eu precisava admitir meus pecados, afastar-me deles e confiar que Cristo seria meu perdoador, amigo e líder.

Lembro-me exatamente do que aconteceu quando dei esse passo crítico. Eu estava num acampamento cristão no sul de Wisconsin, quando me humilhei e me arrependi. De acordo com Lucas 15.10, sabe o que aconteceu em seguida? Todo o céu irrompeu numa magnífica celebração cósmica. Houve uma grande festa com o nome do homenageado escrito em letras garrafais numa faixa — e esse nome era o *meu*! Quando me dei conta disso, lembro-me de ter pensado: “Devo *mesmo* ser importante para Deus!”. Essa realidade foi quase demais para eu compreender!

Se você é um seguidor genuíno de Cristo, o mesmo aconteceu em sua vida quando você reconheceu seus pecados e confiou nele. Tenha isso ocorrido semana passada ou quarenta anos atrás, todo o céu se alegrou em festa, e *seu* nome estava escrito na faixa. Percebe quanto *você* é estimado por Deus?

Se você pensa que sabe o que é ter alegria agora, espere até se tornar titular no processo de levar um de seus amigos a Cristo. Você quase *explodirá* de alegria ao participar da celebração celestial por essa pessoa. Será algo natural, especialmente quando você perceber que ajudou a registrar o nome dela na faixa!

Isso desperta seu interesse? Não existe nada como a aventura de ser usado por Deus para espalhar seu amor, sua verdade e sua vida de maneira contagiante a outras pessoas — pessoas com quem ele se importa profundamente. Então, sigamos em frente!

Não existe nada como a aventura de ser usado por Deus para propagar seu amor, sua verdade e sua vida de maneira contagiante a outras pessoas — pessoas com quem ele se importa profundamente.

AS RECOMPENSAS DO CRISTIANISMO CONTAGIANTE

VOCÊ JÁ SE EMPOLGOU COM uma ideia, mas, logo em seguida, viu seu entusiasmo esfriar ao perceber quanto esforço seria necessário para transformá-la em realidade?

E quanto à decisão de separar parte de sua renda para a aposentadoria ou para pagar a faculdade de seus filhos? É fácil tomar decisões que parecem nobres *antes* de parar e consultar seu orçamento. No entanto, quando você tem de pagar uma prestação da casa própria que come um terço de sua renda, de repente depara com realidades que o podem afastar dos ideais elevados.

E a reconciliação de relacionamentos rompidos? O melhor caminho é pedir desculpas e fazer as pazes. Afinal, é assim que se renovam as amizades. Por melhor que pareça, porém, a dúvida costuma tomar conta de nós cada vez que decidimos pegar o telefone ou bater à porta da pessoa.

Eu poderia dar outros exemplos, mas a ideia é a mesma: o objetivo pode ser nobre, as intenções, sinceras, e o plano, adequado. Contudo, mesmo assim, podemos acabar não agindo. O que nos impede de prosseguir?

Muitas vezes, o que falta é uma análise clara e detalhada dos custos e das recompensas reais. Sem isso, o plano pode *parecer* bom, mas carece do *impulso* pessoal necessário para transformar as ideias

em ações. Você precisa estar convencido de que separar recursos para o futuro ou desfrutar um relacionamento restaurado vale o esforço e os custos.

ANALISANDO AS OPÇÕES

Os administradores compreendem isso e desenvolveram algo que chamaram de “análise de custo-benefício” para ajudá-los a ver o quadro completo. Trata-se de uma ferramenta destinada a dar uma projeção realista do que a atividade proposta exigirá de investimento e do que ela proporcionará em retorno. Munidos dessas informações, eles podem tomar e implementar decisões abalizadas com o mínimo de surpresas ao longo do caminho.

Cada um de nós faz algo parecido ao escolher qual caminho seguir. No papel ou só na mente, listamos todos os prós de um lado e todos os contras de outro. Essa análise informal nos ajuda a escolher o caminho que faz mais sentido.

Jesus sugeriu uma abordagem semelhante em Lucas 14, ao usar duas ilustrações, uma envolvendo uma construção, e a outra, a participação em uma guerra. Em ambos os casos, a lição era a mesma: antes de embarcar num projeto, veja quanto precisará investir — “calcule o custo” — para garantir que o esforço valha a pena e que você conseguirá concluir seu objetivo.

Relacionemos isso a se tornar um cristão contagiante. Já reconhecemos que as pessoas têm importância para Deus e devem importar para nós também. Além disso, sabemos que, longe de Cristo, elas estão perdidas, e que seu valor intrínseco como seres humanos justifica uma busca completa. Mas alguém se preocupou em conferir quanto custa essa busca completa? O preço na etiqueta não parece ser a barganha que talvez tenha sido um dia!

A verdade é que nunca foi uma barganha. Embora alcançar os descrentes possa parecer algo bom na superfície, não é preciso ir

muito longe para descobrir que o esforço real de resgate exige custos pessoais significativos. E, se isso é verdade em relação a uma pessoa perdida, imagine quando começarmos a tentar alcançar famílias, comunidades e países inteiros!

Antes de nos empolgarmos demais com o conceito do cristianismo contagiante, talvez seja bom diminuir o ritmo e fazer nossa própria análise de custo-benefício, a fim de projetar o resultado dessa iniciativa. Parece uma boa ideia?

Vamos inverter a ordem. Começaremos com os benefícios e depois mostraremos os custos. Em seguida, pesaremos os dois lados e decidiremos para onde ir. Se o preço for alto demais, você pode trocar este livro pelo último romance do momento. Se for o contrário, contudo, vamos arregaçar as mangas e partir para o trabalho. Combinado?

Antes de nos empolgarmos demais com o conceito do cristianismo contagiante, talvez seja bom diminuir o ritmo e fazer nossa própria análise de custo-benefício, a fim de projetar o resultado dessa iniciativa. [...] Se o preço for alto demais, você pode trocar este livro pelo último romance do momento.

BENEFÍCIOS PESSOAIS DO CRISTIANISMO CONTAGIANTE

Aventura

Isso pode surpreender você. É provável que pense em compartilhar sua fé como uma obrigação importante, algo que, não cumprido em grandes proporções, pode fazer você sentir-se culpado. No entanto, apenas quando mergulhar nessa empreitada, perceberá que mostrar Cristo a outros pode conferir um empolgante senso do inesperado a seu relacionamento com ele.

Deus sente muito prazer ao enviar seus agentes em missões secretas de reconhecimento com instruções pessoais que ninguém mais conhece. Ele adora tirar-nos de nossa zona de conforto e

desafiar-nos a correr risco na linha de frente das iniciativas para o avanço de seu Reino. Ele se deleita em nos dar missões radicais, para as quais precisamos de todo o seu apoio e de toda a sua força para sermos conduzidos na corrida espiritual de nossa vida. A parte empolgante é que ele faz isso para nos ajudar a crescer e também

A vida cristã é uma vida de fé, na qual estamos sempre ultrapassando o limite de velocidade, mas cientes de que estamos seguros, pois Deus permanece no controle e tem um propósito por trás de tudo.

para propagar seu amor a cada vez mais pessoas perdidas.

Em outras palavras, a vida cristã é uma vida de fé, na qual estamos sempre ultrapassando o limite de velocidade, mas cientes de que estamos seguros, pois Deus permanece no controle e tem um propósito por trás de tudo.

Essa imagem empolga você? Se não, pode ser um sinal de que não está correndo riscos em sua vida espiritual. Talvez seja hora de dar alguns passos para se tornar um cristão mais contagiante, alguém que Deus possa usar em sua empolgante missão de busca e resgate.

Sei o que é ter uma vida espiritual estagnada e ver Deus abrir uma oportunidade para falar em nome dele. Raramente me sinto completamente preparado, mas é sempre surpreendente abrir a boca e começar a sentir que ele está usando meu ser.

Minha ida à academia parecia uma atividade corriqueira, até meu amigo indiano e muçulmano chegar e abrir o coração para mim. De repente, percebi que Deus havia transformado um treino comum numa extraordinária aventura de fé.

Não faz muito tempo, um amigo meu mandou trocar os amortecedores de seu carro. Nem preciso dizer que aguardar na sala de espera não era o ponto alto de sua semana. Mas ele decidiu aproveitar ao máximo o tempo, revisando o caderno de estudos do seminário de evangelismo de nossa igreja que ele acabara de completar.

“O que você está lendo?”, um estranho perguntou de repente. E, num piscar de olhos, a tediosa ida de Dave à oficina mecânica se transformou em uma oportunidade de ouro.

Era apenas mais um dos vários voos semanais de um piloto comercial que frequenta a Igreja Willow Creek. Não havia nada de especial naquela noite e nada incomum no clima da viagem rotineira de O'Hare a Los Angeles.

Nada fora do comum, até ele começar uma conversa espiritual com o copiloto e, às 4h30 da manhã, na cabine de um 727, a 8.500 metros de altitude, levá-lo a uma oração de compromisso com Cristo! Isso é que é aventura — mesmo que eles tenham orado de olhos abertos!

Falta ação em sua vida espiritual? Você quer ver Deus transformar sua rotina em algo notável? Ele está esperando para fazer isso, e esse é apenas um dos benefícios de se tornar um cristão contagiante.

PROPÓSITO

Ao começar a experimentar cada vez mais as aventuras que Deus pode criar em situações cotidianas, você se verá envolvido nas tarefas diárias com uma percepção completamente nova de propósito. Começará a esperar que Deus o surpreenda a qualquer momento com uma oportunidade de consequências eternas.

Idas à academia, visitas ao mecânico ou cada estada em seu local de trabalho se transformam, em sua mente, em excursões finamente veladas ao reino das possibilidades divinas. Você começará a se perguntar: “O que será que Deus está tramando *nesta* situação?”

Parte da empolgação dessa perspectiva é que você começa a ver a mão de Deus mesmo por trás de acontecimentos e circunstâncias difíceis.

Idas à academia, visitas ao mecânico ou cada estada em seu local de trabalho se transformam, em sua mente, em excursões finamente veladas ao reino das possibilidades divinas. Você começará a se perguntar: “O que será que Deus está tramando nesta situação?”.

Algum tempo atrás, nossa igreja passou a publicar sua própria revista. A fim de fazer uma reportagem sobre um hospital que estávamos ajudando, enviamos nosso editor, Rob Wilkins, e nosso fotógrafo, Larry Kayser, ao Haiti. A semana transcorreu conforme o planejado — até eles chegarem ao aeroporto e embarcar no avião fretado de seis lugares, a fim de voltar para casa.

De repente, dois soldados que haviam participado de uma tentativa fracassada de golpe pularam a cerca de segurança do aeroporto e invadiram a pequena aeronave carregando metralhadoras e explosivos. Em um inglês sofrível, exigiram ser levados imediatamente para Miami.

Era uma situação perigosa que podia terminar em desastre. Rob e Larry, contudo, foram capazes de encarar aquele apuro como algo que tinha um propósito divino.

Depois que o avião decolou, eles conseguiram amenizar a tensão perguntando aos dois homens assustados sobre a família deles. Antes que se dessem conta, as armas foram colocadas de lado, e eles estavam compartilhando latas de refrigerante, à medida que continuavam a conversar e até rir juntos. Como se isso não fosse suficiente, antes de o voo terminar, Rob e Larry desenharam uma ilustração do evangelho num pedaço de papel, na tentativa de explicar o amor de Deus e o perdão que ele oferece por meio de Cristo.

Para Rob e Larry, não fazia muita diferença quem eram aqueles homens e o que haviam feito. Eles continuavam a ser importantes para Deus e precisavam saber disso. Foi essa consciência que deu *propósito* ao que poderia ter sido uma situação difícil e arriscada.

É incrível perceber que aquilo que fazemos todos os dias tem um significado no quadro maior do plano divino.

Realização

Quando começamos a participar do resgate de pessoas não religiosas e a procurar o propósito dos acontecimentos do dia a dia, passamos a experimentar um senso de realização que transcende a

esfera da experiência cotidiana. O que mais poderia ser comparado a se tornar um instrumento nas mãos de Deus, usado para comunicar seu amor e esclarecer a verdade às pessoas com quem ele se importou tanto a ponto de por elas morrer? Não há nada mais satisfatório do que anunciar o propósito redentor de Deus para a humanidade!

Qual é esse propósito? Ele é resumido em 2Pedro 3.9, que diz: “Ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento”. Jesus foi exemplo disso em João 4, quando conversou com uma mulher samaritana de vida nada regular junto a um poço.

Não precisamos analisar o diálogo completo para perceber a realização que Jesus sentiu como resultado do breve encontro. Depois disso, quando seus discípulos lhe ofereceram alimento, ele respondeu: “A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra [...]. Eu lhes digo: Abram os olhos e vejam os campos! Eles estão maduros para a colheita” (v. 34,35).

Em essência, Cristo estava dizendo: “Eu apenas desempenhei uma parte em cumprir o principal propósito de Deus, de alcançar este mundo confuso — *e é isso o que me alimenta!*”. Literalmente! Leia os versículos mais uma vez. Jesus chamou essa atividade de sua “comida”. Fez isso por causa do senso profundamente satisfatório de realização que ocorre quando propagamos nossa fé de maneira contagiante a outras pessoas.

Mark, coautor deste livro, tentou falar sobre Cristo a um homem judeu de 57 anos. Imagine o tempo e a energia que ele investiu conversando com alguém há tantos anos imerso na fé e na cultura judaicas. Contudo, quando Mark finalmente orou com aquele homem, levando-o a aceitar Jesus como Messias, pode acreditar que ele sentiu uma realização de primeira categoria. E, quando eles se encontraram um ano depois, para celebrar aquele primeiro aniversário espiritual, Mark mal conseguiu conter sua alegria ao descobrir que o homem

estava estudando em um seminário, a fim de se preparar para ser ministro em tempo integral!

Crescimento espiritual

Esse é um dos mais importantes benefícios do cristianismo contagiante, embora seja bastante negligenciado. Com frequência, encontro cristãos em declínio espiritual, apegando-se à fé, mas sem avançar muito. O estudo bíblico se torna uma obrigação; a oração é uma fria rotina. O milagre da conversão, antes narrado com grande paixão, é agora uma memória distante e desbotada. Ir à igreja é algo que eles simplesmente fazem. De forma mecânica e com pouca animação, essas pessoas se arrastam por uma espécie de cristianismo letárgico.

Quando, porém, esses cristãos saem do isolamento espiritual e encontram pessoas em busca da fé, algo incrível começa a acontecer. À medida que vivenciam as conversas de alto nível que costumam acontecer com pessoas sem fé religiosa, passam a notar uma espécie de renovação interior. Áreas há muito ignoradas de repente ganham vida e novo significado.

A leitura bíblica, por exemplo, é revitalizada. Eles costumavam pegar a Bíblia de vez em quando, em parte para ver o que poderiam aprender, em parte para aliviar a culpa. Agora sentem que *precisam* ler, e até *decorar* alguns trechos, a fim de se preparar para o próximo debate espiritual.

O mais empolgante é que, além de preparar-se para conversar com outros, eles começam a renovar o desejo genuíno de ter novos *insights* sobre o caráter e a verdade de Deus. Assim, o que começou com o dever de ajudar alguém transforma-se no desejo pessoal de ter intimidade com o Senhor.

Mudanças semelhantes ocorrem na área da oração. Falar com Deus de repente assume um novo propósito. Declamações insípidas

são substituídas por súplicas apaixonadas pela salvação dos amigos que caminham para a perdição. E, à medida que o progresso espiritual se faz notar em sua vida, o entusiasmo pela oração aumenta, pois surgem novos motivos para agradecer ao Senhor, assim como pedidos urgentes para levar a ele.

Os benefícios não param por aí. Como todos nós sabemos, a parte mais difícil da oração é começar. Mas a preocupação por amigos em confusão espiritual pode ser o ponto de partida, e nossas conversas com Deus se espalharão por assuntos de diversas áreas. Mais uma vez, experimentaremos uma vida de oração dinâmica e crescente!

O desejo de adorar a Deus também cresce. Como *não* expressar gratidão a um Deus que estende seu amor a rebeldes como fomos um dia e como muitos de nossos amigos ainda são? Naturalmente você começa a louvar ao Senhor por quem ele é e por aquilo que faz. Antes que se dê conta, tornou-se mais uma vez um adorador movido pelo coração.

E a pureza pessoal? O benefício de se tornar um cristão contagiante é que isso o ajuda a manter um padrão elevado de conduta. Aumenta sua consciência de ser um representante de Deus e de que aquilo que você faz importa muito, pois exerce impacto positivo ou negativo na vida de outros.

Conheço um homem de nossa igreja que não conseguia deixar o hábito de apostar em corridas de cavalos. Após várias tentativas frustradas de parar, ele decidira, relutante, simplesmente conviver com aquilo. Mas, então, um dos membros de nossa equipe o desafiou, não por ser o maior dos pecados, mas porque aquilo prejudicava sua habilidade de influenciar seus amigos para Cristo.

Com motivação renovada, esse homem deixou de apostar de uma vez por todas. O interessante é que hoje ele é um dos cristãos mais contagiantes de nossa igreja!

Existe outro aspecto importante na área da pureza pessoal: quando você passa a ser conhecido publicamente pelas pessoas como um cristão sério, elas começam, imediata e instintivamente, a observar sua vida. Algumas o fazem por curiosidade; outras, pelo desejo de encontrar falhas. De qualquer maneira, isso provê um sistema bem eficaz de prestação de contas. Seus amigos descrentes acabam ajudando você a se tornar um homem ou uma mulher mais espiritual. Que excelente bônus à lista de benefícios pessoais!

O último item em nossa lista de crescimento espiritual é a frequência à igreja. A crescente preocupação pelos perdidos afeta nossa participação de duas maneiras. Em primeiro lugar, motiva-nos a tirar vantagem de tudo o que a igreja oferece para nos ajudar a crescer em força e vitalidade espiritual. Segundo, estimula-nos a realizar mudanças em áreas obsoletas, ineficazes ou até mesmo contraproducentes em nossa igreja. Começamos a perceber que a função da igreja é importante demais para ser ignorada. Por isso, com motivação renovada, começamos a ajudar a igreja a se tornar tudo aquilo que ela foi criada para ser, a fim de alcançar as pessoas sem fé religiosa e transformá-las em seguidores comprometidos de Cristo.

Não é incrível como nossos esforços para alcançar outros podem tornar-se um catalisador do crescimento pessoal? No entanto, caso isso não seja suficiente, existem outros benefícios.

Confiança espiritual

Participar do esforço de estender a fé a outros pode contribuir para fortalecer sua confiança em suas próprias crenças. Isso é verdade, em parte, porque falar a pessoas com perspectivas espirituais diferentes forçará você a dar os passos necessários para expressar-se com correção sobre a fé cristã.

É semelhante a fazer o exame ao final de um semestre na faculdade. O preparo para a prova força você a exercitar a memória e

intensifica seus hábitos de estudo a fim de mostrar ao professor — e a você mesmo — quanto você sabe. A ironia em se preparar para mostrar a outros aquilo que sabemos é que, na maioria das vezes, isso nos leva a entender de fato aquele tópico de estudo.

Nosso conhecimento cresce automaticamente quando tentamos comunicar nossa fé a amigos céticos, mórmons, testemunhas de Jeová, adeptos da Nova Era ou até mesmo não cristãos que frequentam a igreja. E, quando alcançamos êxito em nos apegar a nossa crença diante da oposição, adquirimos um senso ampliado de confiança espiritual.

E se você acha que isso aumenta sua confiança, imagine o que acontece quando uma dessas pessoas se torna cristã! Sua fé é elevada às alturas! Talvez você sinta o desejo de atrair para Cristo fundamentalistas islâmicos ou ateus convictos. Por que não? Eles também são importantes para Deus. Não há limites de quem ele poderá alcançar quando sua confiança espiritual chegar ao topo!

INVESTIMENTOS DURADOUROS

Jesus advertiu a seus seguidores: “Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam” (Mateus 6.19,20). Pedro usou termos ainda mais fortes: “O dia do Senhor, porém, virá como ladrão. Os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o que nela há, será desnudada. Visto que tudo será assim desfeito, que tipo de pessoas é necessário que vocês sejam?” (2Pedro 3.10,11).

Nunca esquecerei o impacto que esse texto teve sobre mim quando o li pela primeira vez muitos anos atrás. Eu era um cristão casual, envolvido na busca de quinquilharias, brinquedos e prazeres terrenos.

Lembro-me de ter pensado: “Isso é incrível! Posso ter todas essas coisas e o céu também!”

Esse texto bíblico me deu uma chacoalhada. À medida que essa verdade começou a transformar meus valores, um amigo fez uma sugestão interessante. Ele disse que eu deveria arranjar um monte de adesivos vermelhos, escrever “Em breve, isto será queimado!” e colar em tudo o que eu possuía! Seria um lembrete constante de que todo carro, toda moto, todo barco, todo móvel — tudo aquilo que eu tinha ou queria ter — estava sujeito a ferrugem, decadência, roubo e, por fim, seria destruído num grande fogo consumidor.

Que futuro! E que erro investir tanto tempo e tanta energia em coisas que não duram. Embora eu nunca tenha de fato colado os adesivos em meus bens, sou grato porque Deus me ajudou a compreender essa lição crítica. Isso me levou a tomar a decisão de orientar minha vida em torno das coisas que duram *de verdade*: Deus, seu Reino, pessoas como você e eu, e aqueles que alcançaremos para ele. Apenas essas coisas são dignas de nossa paixão central.

A honra de ser um agente de Deus

Quando percebemos como Deus é grande e como somos fracos e dependentes, as palavras de Jesus em Atos 1.8 se tornam quase incompreensíveis: “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra”.

Você consegue ver os discípulos virando para trás para ver com quem Jesus estava falando? Posso imaginá-los dizendo: “Quem, *nós*? O Senhor só *pode* estar brincando! Ainda estamos acostumando-nos com o fato de teres voltado à vida e agora irás embora e deixarás todo esse projeto de expansão do Reino para *nós*? Isso é *inacreditável*!”

É igualmente surpreendente — e verdadeiro — hoje. Por mais incompreensível que seja, Deus nos escolheu para sermos seus agentes.

Deu-nos a grande honra de falar em seu nome. E promete conferir-nos poder e usar-nos nesse processo.

Nunca esquecerei uma das primeiras vezes que essa realidade fez sentido para mim. Foi no início de meu ministério, quando eu trabalhava com alunos do ensino médio. Havíamos planejado uma grande noite evangelística, numa quarta-feira, e todos os membros tinham convidado os amigos a fim de ouvir a mensagem do evangelho, quem sabe pela primeira vez.

Chegou a noite, o local estava cheio e era quase a hora de eu subir ao púlpito. Lembro-me de ter sentido um caso extremo de “mediocridade”. Talvez isso aconteça com você também. Comecei a pensar coisas do tipo: “Quem sou *eu* para me levantar e falar a todos esses adolescentes? Mal sei essas coisas para mim mesmo; então, o que me faz pensar que sou capaz de transmitir alguma coisa significativa para eles?”

Você se identifica com esse sentimento? Mesmo hoje, após muitos anos de ministério, às vezes sou atingido por uma onda de mediocridade. Mas isso me ajuda a lembrar que foi *Deus* quem nos conferiu a elevada honra de sermos seus representantes. Não foi ideia nossa! Por isso, embora precisemos orar e nos preparar, num sentido muito real o que ocorre daí em diante é problema *dele*. Como descobri naquela noite muito tempo atrás, é um problema que Deus ama resolver para mostrar seu poder ao realizar algo extraordinário por meio de nós.

A despeito de minhas dúvidas e dos joelhos trementes, levantei-me e expliquei para aqueles estudantes, com o melhor de minhas limitadas habilidades, que eles eram importantes para Deus. E disse que não era suficiente acreditar que Deus os amava, mas eles também precisavam ir a Cristo e receber perdão e liderança. Quando perguntei quem desejava dar aquele passo, fiquei maravilhado ao ver centenas de estudantes de pé!

Na verdade, fiquei tão surpreso que pensei que eles não haviam entendido bem a pregação. Então, pedi que se assentassem de novo,

para eu explicar novamente o evangelho e o tipo de compromisso ao qual me referia. O resultado foi que ainda *mais* alunos ficaram de pé!

Muito além de meus sonhos mais ousados, Deus honrou os frágeis esforços de um de seus aprendizes de embaixador ao mudar o destino eterno de centenas de alunos do ensino médio. Lembro-me de ter ido até a parte de trás do prédio em que nos reunimos, apoiar-me contra a parede e ser inundado por sentimentos de gratidão e deslumbramento por Deus usar alguém como eu.

E adivinhe? Ele pode usar alguém como *você* também. Talvez não seja em frente a alunos do ensino médio, mas quem sabe numa escrivania, na mesa de um restaurante, numa construção, numa quadra de basquete ou num pódio. Deus conferiu a você a honra de ser seu porta-voz. Prometeu que honrará seus esforços de se tornar um cristão contagiante ao tocar a vida de outros.

Falamos em benefícios pessoais suficientes para abrir seu apetite? Ainda nem mencionamos o que obterão as pessoas contempladas por seus esforços. Pouca coisa, você sabe, como escapar da perspectiva de ir para o inferno e ganhar a promessa do céu, sem mencionar uma vida terrena cheia de aventura, propósito, realização, crescimento, confiança espiritual, investimentos duradouros e a honra de se tornar um agente do Deus do Universo!

Além disso, Deus também se beneficia. Ele tem a recompensa de ver seus filhos imitando seu amor pelos perdidos, o tipo de alegria que qualquer pai consegue entender imediatamente. João 15.8 diz: “Meu Pai é glorificado pelo fato de vocês darem muito fruto”. Lembre-se também de que, quando obtemos sucesso em levar alguém à fé, Lucas 15.10 nos revela que “há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”. É uma celebração celestial!

Portanto, quando nos tornamos ativos e estratégicos na tentativa de levar pessoas a Cristo, quando nos tornamos mais contagiantes na maneira de viver e expressar nossa fé, descobrimos que nos beneficiamos, outros são beneficiados e até Deus se beneficia.

Resta, porém, uma pergunta: quais são os custos desse tipo de evangelismo pessoal, e eles compensam a extensa lista de benefícios?

OS CUSTOS DO CRISTIANISMO CONTAGIANTE

Tempo e energia

Você e eu sabemos que alcançar os perdidos não é fácil. Envolve tempo e energia, nossos recursos mais valiosos, para construir relacionamentos, demonstrar cuidado e compaixão cristã e orar continuamente. Requer explicar seguidamente a mensagem evangélica, que parece tão simples, e esperar com paciência enquanto as pessoas “pensam a respeito” (sabendo que, em muitos casos, elas estão fingindo), tentar lidar com uma profusão de perguntas desafiadoras e, lá no íntimo, saber que elas podem acabar rejeitando Cristo. Parece a fórmula ideal para a frustração, não é mesmo?

Deixe-me, porém, perguntar: de que maneira melhor você poderia usar seu tempo e sua energia do que investindo em pessoas, muitas das quais lhe agradecerão por toda a eternidade no céu? Que outro investimento trará tão grande recompensa?

Deixe-me, porém, perguntar: de que maneira melhor você poderia usar seu tempo e energia do que investindo em pessoas, muitas das quais lhe agradecerão por toda a eternidade no céu? Que outro investimento trará uma recompensa tão grande?

Leitura e estudo

Para alcançar outros, é necessário estudar a Bíblia e, às vezes, ler livros como este. Isso é tão ruim? É claro que exige algum esforço ter certeza daquilo que você fala, mas, de qualquer modo, você gostaria de estar informado sobre aquilo em que acredita, não é mesmo? As Escrituras instruem todos nós a continuarmos crescendo no conhecimento e no entendimento de Deus. Além disso, não é justo listar a

Bíblia no lado dos custos da equação, uma vez que já a mencionamos no lado dos benefícios!

Dinheiro

É verdade que investir em outras vidas exige um compromisso financeiro tangível. Almoços, ligações de longa distância (certa vez, um amigo fez um interurbano que durou três horas e meia para partilhar sua fé com um conhecido, e, mais tarde, essa pessoa aceitou Cristo), o custo de livros, seminários e, às vezes, a elevada despesa de prover às necessidades físicas de outros — essas são algumas das exigências financeiras que o cristianismo contagiante pode fazer a nosso bolso.

No entanto, quando fazemos a soma, a quantidade de dinheiro empregada costuma ser relativamente baixa, em especial se comparada às surpreendentes recompensas resultantes. E, nas situações em que o custo é maior, as seguintes palavras de Jesus nos oferecem o incentivo apropriado: “Acumulem para vocês tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração” (Mateus 6.20,21). Não consigo imaginar investimento mais seguro do que esse, e você?

Risco de constrangimento, rejeição ou perseguição

Embora provavelmente poucos de nós soframos perseguição aberta, é comum enfrentarmos formas mais leves de resistência. Pode ser o gracejo de alguns amigos ou o sentimento de solidão por ser deixado de lado em algumas conversas ou reuniões sociais. Mas pode tornar-se mais sério se houver discriminação ou dano intencional por causa daquilo que representamos.

Não tenho uma resposta fácil. Apenas incentivo você a pedir a Deus a perspectiva divina enquanto contempla os benefícios

de obedecer-lhe. O Senhor oferece conforto em versículos como: “Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem, os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a sua recompensa nos céus” (Mateus 5.11,12) e “não nos cansemos de fazer o bem, pois no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos” (Gálatas 6.9).

Isso complica sua vida

Para a maioria de nós, o maior custo de alcançar outros é nosso envolvimento com seus problemas e atividades. Isso prejudica nossa independência. Acrescenta detalhes a uma agenda já superlotada. Dito de forma simples, complica uma vida por si só já bastante complicada.

Contudo, o casamento faz isso. Assim como ter filhos. E comprar uma casa. Já que estamos no assunto, ser cristão também complica as coisas. Pense a respeito. Todos esses elementos demandam tempo, esforço, aprendizado, alguns riscos e, sem dúvida, algum dinheiro. A maioria das coisas importantes complica nossa vida. Mas elas valem a pena? Com certeza!

Pergunte a qualquer mãe de primeira viagem se o bebê exige tempo e energia, e ela provavelmente o convidará a manter o mesmo ritmo que ela apenas por um dia e uma noite! Quando não estiver amamentando, embalando ou banhando o bebê, é possível que você a encontre lendo livros sobre a maternidade, pois o processo de aprendizagem nunca termina. E nem mencione a questão do dinheiro! Ela pegará as contas para mostrar o preço alto de tudo, desde a mamadeira até os macacões com pezinhos. “Você sabe quanto estão custando fraldas descartáveis hoje?”, ela diria.

Então, pergunte se, considerando todos esses custos, a mãe se arrepende de ter gerado o bebê. “Você está maluco?”, seria a resposta. “Ter esse filho foi uma das melhores coisas que aconteceram em toda a minha vida. Eu *amo* meu bebê!”

O RESULTADO

48

É seguro dizer que chegaremos à mesma conclusão quanto a tornar-se um cristão contagiante. Basta revisar as listas! Com certeza, há custos, esforços, complicações e riscos envolvidos, mas vale a pena —

Quanto mais cuidadosamente você analisar, mais verá que as recompensas são altas, e os custos, relativamente baixos, em especial quando compreendemos que, no final das contas, não são custos de verdade. São investimentos que geram dividendos permanentes.

milhares de vezes. Quanto mais cuidadosamente você analisar, mais verá que as recompensas são altas, e os custos, relativamente baixos, em especial quando compreendemos que, no final das contas, não são custos de verdade. São investimentos que geram dividendos permanentes.

Não sei quanto a você, mas, quando eu percebo para onde pende a balança em nossa análise de custo-benefício, fico empolgado com a aventura a mi-

nha frente: a saber, como dar os passos para aumentar nosso grau de contágio e começar a desfrutar todas as recompensas que Deus tem para nós? Esse é o assunto que examinaremos no capítulo seguinte.

Capítulo 3

UMA FÓRMULA PARA CAUSAR IMPACTO NO MUNDO

UMA DAS EXPERIÊNCIAS MAIS FRUSTRANTES da vida é receber uma tarefa sem ter uma ideia clara de como a realizar. Infelizmente, esse tipo de coisa acontece o tempo inteiro.

Seu patrão estabelece uma quota de vendas intergaláctica e informa, sem meias palavras, que espera que você a alcance. Diz que a receita geral deve ser aumentada, os custos devem ser reduzidos e os resultados precisam melhorar, mas como conseguir isso é problema *seu*.

Ou o professor distribui cada vez mais tarefas, enquanto os livros e o dever de casa se acumulam, e a frustração aumenta. Leia isto, escreva aquilo, trabalhe nisto, entregue, faça a prova, passe na matéria. E ele não parece estar preocupado com o fato de você ter outras quatro matérias com exigências igualmente altas. Você precisará dar um jeito, mas como fazê-lo é algo que deverá descobrir sozinho. Não é de espantar que tantos de nós tenhamos pesadelos frequentes sobre ser reprovado em alguma matéria!

Mesmo na igreja, somos bombardeados com expectativas de ter um casamento sólido, filhos obedientes, um orçamento equilibrado, negócios éticos, uma vida de oração eficaz e relacionamentos significativos. Mas, embora os “deveres” sejam comunicados em alto e bom som, o “como” chegar lá permanece distante e abafado, isso quando é ouvido.

Um ponto em que essa verdade se aplica de maneira especial é o desafio de exercer impacto evangelístico sobre o mundo. “As pessoas estão perdidas!”, exclama o pregador. “Estão caminhando para o inferno, mas Deus quer alcançá-las, e você é o embaixador escolhido. Então, você precisa ir lá fora e trazê-las para Cristo!”

Como discutir com esse argumento? Ele é bíblico, verdadeiro e faz sentido. Então, aqui vou eu, direto para a ação — mas onde? Alguém pode explicar melhor o que significa o termo técnico “lá fora”? Por onde começo? Como é o processo? Quem me ajuda a dar o primeiro passo?

UM PLANO DIVINO

Graças a Deus, ele não nos deixa em tal estado de confusão! Um velho ditado diz: “Deus capacita os escolhidos”. Além de revelar que

*“Deus capacita os escolhidos”.
Além de revelar que este mundo de pessoas perdidas é importante para ele, Deus também garante que teremos as informações necessárias para trilhar com eficácia o caminho de alcançá-las.*

este mundo de pessoas perdidas é importante para ele, Deus também garante que teremos as informações necessárias para trilhar com eficácia o caminho de alcançá-las.

Jesus falou sobre seu plano para isso muito tempo atrás, quando se assentou com seus seguidores na encosta de um monte próximo a Cafarnaum. Usando termos do cotidiano, explicou princípios que podem ser sumarizados neste plano preciso para influenciar o mundo:

$$AP + PI + CC = MI$$

O que essa equação enigmática significa? Embora pareça algo extraído de um livro de química, é, na verdade, uma fórmula que contém a estratégia divina para alcançar os espiritualmente perdidos.

Vamos deixar de lado a álgebra padrão e começar pela direita, com o último elemento, MI. Significa *máximo impacto*: exercer a

maior influência espiritual possível sobre aqueles a nosso redor. Esse é o propósito de Deus, expresso em toda a Bíblia.

Como vimos, Atos 1.8 nos instrui a sermos testemunhas do Senhor, com o poder do Espírito Santo para alcançar as pessoas próximas e distantes. O texto de 2Coríntios 5.19 diz que, quando nos reconciliamos com Deus por intermédio de Cristo, recebemos o ministério de ajudar homens e mulheres pecaminosos a ter paz com Deus. Mateus 28.19,20, texto frequentemente chamado de a Grande Comissão, orienta-nos a ir a todo o mundo, propagar a mensagem do evangelho, levar pessoas a Cristo, batizá-las e ajudá-las a edificar sua fé. Em outra passagem, Jesus diz que devemos ser pescadores de homens.

Como você pode perceber, as Escrituras estão repletas de desafios para organizarmos nossa vida a fim de exercer a maior influência espiritual possível sobre aqueles que nos rodeiam. É nossa responsabilidade transformar os desafios em ação, e é dever de Deus produzir os resultados atraindo as pessoas a ele.

Antes de examinar os outros componentes da fórmula, precisamos examinar sua fonte. Ela provém de dois elementos que Jesus usou como ilustração: sal e luz.

No meio do maior sermão da história, o Sermão do Monte, Jesus disse as famosas palavras: “Vocês são o sal da terra [...]. Vocês são a luz do mundo”. Ele queria que todos os seus seguidores se vissem como sal e luz em sua forma de viver no mundo.

UMA NOVA VISÃO DO SAL

Analisemos a primeira metáfora. Por que Jesus falaria em sal? Hoje em dia, o sal nos deixa ansiosos, porque pode levar à pressão alta. Por isso, sentimos culpa toda vez que pegamos o saleiro. Mas voltemos na História e pensemos em seus usos originais.

A primeira coisa que nos vem à mente é que o sal provoca sede. É por isso que os bares servem *pretzels* e amendoins salgados de graça, para fazer que as pessoas bebam mais. Pelo menos é isso que me disseram!

O sal também faz outra coisa: melhora o sabor dos alimentos. Quem gostaria de comer uma espiga de milho sem sal? Quando comemos algo meio sem sabor, automaticamente acrescentamos sal para melhorar o gosto.

E o sal conserva. Não o usamos muito para esse propósito hoje, mas, antes dos dias das geladeiras supereficientes, o sal era usado para impedir que os alimentos estragassem. Certos tipos de carne podiam ser conservados por muito tempo quando cuidadosamente salgados.

Portanto, o sal estimula a sede, acrescenta um toque especial ao sabor das coisas e retarda o apodrecimento. Isso nos leva à grande pergunta: qual dessas propriedades Jesus tinha em mente quando olhou para seus seguidores e disse: “Vocês são o sal da terra”?

A resposta imediata é: *não sabemos!* Que tal essa franqueza toda? Usando o vocabulário dos jogos de salão, se você ler os eruditos sobre o assunto, eles estariam segurando três cartas e diriam: “Escolha uma carta, qualquer carta. Ou todas elas, se preferir”.

Talvez Jesus estivesse referindo-se ao sal para simbolizar a ideia de provocar sede. Quando os cristãos estão em sintonia com o Espírito Santo, quando vivem com um senso de propósito, com paz e alegria, isso costuma gerar sede espiritual nas pessoas a seu redor.

Na Igreja Willow Creek, ouvimos muitos testemunhos sobre isso. As pessoas dizem coisas como: “Eu estava no trabalho e percebi que havia alguém em meu departamento com um estilo de vida diferente, um modo de falar diferente e valores diferentes. Isso despertou meu interesse. Senti crescer dentro de mim uma sede espiritual que nunca havia experimentado”.

Quando os cristãos vivem sua fé com autenticidade e ousadia, acrescentam um toque de vitalidade a um prato de sopa meio insosso.

Pegam as pessoas desprevenidas e as surpreendem. Despertam-nas com seus desafios e pontos de vista aparentemente radicais. E subvertem a ordem aqui e ali. Em suma, acrescentam sabor à vida daqueles que os rodeiam.

Além disso, quando os cristãos vivem de maneira honrada, retardam a decadência moral da sociedade. Espero que seja isso que esteja acontecendo com o dilema do aborto, as questões ambientais, o racismo e o esfacelamento das famílias. Enquanto os cristãos honram Deus, ele os usa para deter a onda do mal que ameaça destruir a terra.

Então, escolha uma carta — qualquer uma. Uma delas ou todas as três podem ser exatamente o que Jesus estava pensando quando usou a palavra “sal”. No entanto, ao refletir um pouco mais, você pode descobrir outros motivos para Cristo ter escolhido a metáfora do sal, razões que podem facilmente ser negligenciadas.

Primeiro, para que o sal tenha o maior impacto possível, deve ser potente o bastante para produzir efeito. Segundo, para que qualquer impacto aconteça, o sal precisa estar próximo daquilo que deve afetar. Portanto, Jesus pode ter escolhido a metáfora do sal porque ela requer tanto *potência* quanto *proximidade* para desempenhar seu papel.

Isso nos leva de volta à fórmula:

$$AP + PI + CC = MI$$

Depois de definir que o propósito final da fórmula é produzir *máximo impacto*, podemos seguir em frente e olhar para os dois primeiros elementos necessários para alcançar esse objetivo: AP + PI. AP significa *alta potência* e PI, *proximidade intensa*.

Quando os cristãos vivem sua fé com autenticidade e ousadia, acrescentam um toque de vitalidade a um prato de sopa meio insosso. Pegam as pessoas desprevenidas e as surpreendem. Despertam-nas com seus desafios e pontos de vista aparentemente radicais. E subvertem a ordem aqui e ali.

É exatamente disso que precisamos para sermos cristãos que influenciem aqueles que se encontram fora da família de Deus. Precisamos de alta potência, ou seja, de forte concentração da influência de Cristo em nossa vida, para que seu poder e sua presença sejam inegáveis a outros. E precisamos ter proximidade intensa. Precisamos estar perto das pessoas que almejamos alcançar, a fim de permitir que o poder de Deus gere o efeito almejado.

Em Mateus 5.13, Jesus disse que o sal sem sabor e de qualidade ruim não vale para nada. Perdeu seu poder. Não provocará sede, não acrescentará muito sabor, nem retardará o apodrecimento. Pode ter todo tipo de proximidade, até ser derramado sobre algo que queremos afetar; mas, se não tiver potência, como disse Jesus, é sem valor. A única coisa que ele faz é dar às pessoas algo em que pisar.

Em contrapartida, o sal industrializado, cheio de sabor, tem muita potência, mas não produzirá resultados, a menos que toque alguma coisa. Como escreveu Becky Pippert muitos anos atrás, se o sal não for derramado do saleiro, será apenas um enfeite de mesa.

Infelizmente, essa é uma boa descrição de muitas pessoas que se autodenominam cristãs. Ah, elas têm muita potência no relacionamento com Cristo! Trilham um caminho que honra Deus em seu padrão de vida pessoal. Mas nunca vão a um lugar onde podem estar junto das pessoas que precisam de sua influência. São belos enfeites de mesa, mas exercem pouco impacto.

Você entendeu por que a escolha de Jesus pela metáfora do sal era tão atraente? Com ela, Cristo conseguiu mostrar que ambos os componentes — potência e proximidade — precisam ser usados para cumprirmos a missão de exercer impacto espiritual sobre nossos familiares e amigos.

UM EXEMPLO PODEROSO

Alguns anos atrás, minha esposa e eu passamos o dia com Billy e Ruth Graham em sua casa nas montanhas na Carolina do Norte.

No começo da noite, percebi que Billy estava começando a ficar cansado e disse que voltaríamos para o hotel. Para minha surpresa, ele me entregou a Bíblia e disse: “Bill, antes de ir embora, alimente-me com a Palavra de Deus”.

Fiquei pensando: “Este líder experiente com certeza *não* é um bebê na fé. Nem tem problemas de sabor! Além disso, comunicou a mensagem do evangelho a mais pessoas do que qualquer outro na História”. Mesmo assim, ali ele estava, dizendo: “Ainda preciso ser alimentado com a Palavra de Deus, e isso é algo que amo”.

Essa experiência me ajudou a compreender por que Billy Graham conservou a alta potência durante tanto tempo. Ele dá passos constantes para aumentar sua salinidade. Nada do que aconteceu durante o tempo em que estivemos juntos me marcou mais do que isso. Fui embora na expectativa de que meu sabor seja tão poderoso quando eu chegar a essa idade. Quero ser *perigoso* quando estiver próximo ao fim da vida. E você?

Como isso pode acontecer? Acontece quando damos os passos para ter alta potência aos 18, aos 35 e aos 58 anos de idade. Quais são esses passos? Eu gostaria de poder proporcionar uma resposta radical, cheia de adrenalina, mas não posso. A alta potência vem da prática de disciplinas espirituais antigas que têm tornado os cristãos repletos de sal por milhares de anos; não há nada de sofisticado ou tecnológico a esse respeito.

A potência elevada provém da leitura e da alimentação das verdades bíblicas. Origina-se de joelhos prostrados em oração. De estar lado a lado com outros cristãos contagiantes em pequenos grupos de comunhão, nos quais irmãos e irmãs em Cristo tiram a máscara e são verdadeiros uns com os outros. Vem de servir e dar sua contribuição a uma igreja ativa firmada na Bíblia. Provém de partilhar a fé com outros e experimentar tanto os sucessos quanto as falhas ao longo do caminho. Vem de nos disciplinarmos com o propósito de manter a salinidade.

No que se refere a desenvolver e conservar alta potência, não existe varinha mágica, nem atalhos. O sabor será proporcional a nossa medida de participação nas antigas disciplinas espirituais. O contato diário com Deus e com sua Palavra nos manterá abertos às instruções do Espírito, ávidos por influenciar as pessoas de fora da família cristã, amorosos e ternos diante de Deus e uns com os outros, em sintonia com o que realmente importa.

No que se refere a desenvolver e conservar alta potência, não existe varinha mágica, nem atalhos. O sabor será proporcional a nossa medida de participação nas antigas disciplinas espirituais.

Além de nos manter conectados com o poder divino, essas atividades

também nos ajudam a desenvolver as características de um cristão contagiante, que discutiremos na Parte 2.

Não existem muitos Billy Grahams por aí, mas todos nós podemos dar passos para aumentar nossa compreensão do que é necessário para alcançar alta potência. Sem dúvida, todos precisamos crescer em caráter e conexão com Deus, para nosso sal ser mais forte. Seu estilo de vida pode provocar sede, acrescentar sabor e servir de proteção moral à medida que você interage com os que estão a sua volta.

UMA LIÇÃO DA LUZ

Como vimos antes, o sal foi apenas uma das duas metáforas que Jesus usou para descrever seus seguidores. A outra foi a luz. Ele disse, em Mateus 5.14, “Vocês são a luz do mundo”. Mais uma vez, é apropriado perguntar o que fez Jesus escolher essa metáfora. O que a luz faz?

A resposta mais simples é que ela torna as coisas visíveis e nos ajuda a ver o que elas realmente são. É o que queremos dizer quando falamos em “dar uma luz” a determinado assunto.

Quando, porém, analisamos o uso bíblico do termo “luz”, a ideia central é a de apresentar a verdade de Deus a outros de forma clara e atraente, *iluminando-a* para mostrar como ela realmente é. E, embora

a metáfora inclui a necessidade de ter um estilo de vida modelo, em constante contraste com a insipidez da vida sem Cristo, a ideia distintiva parece ser a de articular de forma lúcida o conteúdo da mensagem evangélica.

Isso pode ser visto em outras passagens das Escrituras que se referem à luz. Por exemplo, em 2Coríntios 4.5,6, lemos que, quando a mensagem de Cristo nos foi esclarecida pela primeira vez, “ele mesmo brilhou em nossos corações, *para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo*”. Você percebe a ligação entre a luz e a transmissão da mensagem do evangelho?

De modo semelhante, na passagem de Mateus, Jesus parece estar dizendo que deseja que seus seguidores sejam capazes de iluminar espiritualmente os outros não só ao viver seus ensinamentos, mas também ao explicar sua mensagem de perdão e graça com precisão e correção. É isso que significa ser luz.

Portanto, assim como a ilustração do sal nos deu os dois primeiros componentes da fórmula, AP (alta potência) + PI (proximidade intensa), a metáfora da luz fornece o componente final de como exercer máximo impacto sobre outros. É CC, que significa *comunicação clara* da mensagem evangélica. Colocando tudo junto, obtemos:

$$AP + PI (\text{SAL}) + CC (\text{LUZ}) = MI$$

Para que a luz tenha o efeito desejado, Jesus disse em Mateus 5.15,16, ela não pode ser coberta, nem escondida de maneira alguma. E, para que tenhamos a influência poderosa desejada por Deus, devemos estar bem familiarizados com a mensagem do evangelho e prontos para comunicá-la de forma concisa e clara.

Isso significa que precisamos fazer esforço extra para aprender a declarar e defender os mais importantes princípios do evangelho com simplicidade autêntica. Precisamos estar prontos para ajudar as pessoas a compreenderem a natureza de Deus, o estado pecaminoso delas, o resgate feito por Cristo e o passo que cada um de nós deve dar para receber o perdão e a nova vida que ele oferece.

Sem isso, as pessoas não sabem o que nos distingue em qualidade de vida. Podem duvidar se algum dia conseguirão experimentar o tipo de transformação que vemos em nós.

Há cristãos demais anestesiados, pensando que, se apenas viverem sua fé de forma aberta e coerente, as pessoas ao redor verão,

Há cristãos demais anestesiados, pensando que, se apenas viverem sua fé de forma aberta e coerente, as pessoas ao redor verão, desejarão a mesma vida e, de algum modo, descobrirão como alcançá-la sozinhas.

desejarão ter a mesma vida e, de algum modo, descobrirão como alcançá-la sozinhas. Ou pensando que talvez essas pessoas virão e perguntarão o que torna a vida deles tão especial e, quando o fizerem, eles aproveitarão a oportunidade para explicar. Mas sejamos honestos: isso quase nunca acontece!

Embora seja um prerequisite ter uma vida cristã cheia de sal — ter alta potência e relacionar-se com outros —, isso, por si só, não é suficiente. Deus nos proíbe de pararmos por aí, pois, nessa situação, as pessoas acabam no inferno. É imprescindível que também transmitamos a mensagem numa linguagem clara, que nossos amigos compreendam e possam pôr em prática.

Paulo pergunta em Romanos 10.14: “Como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue?”. Jesus explicou que, além de sal, devemos ser luz: comunicar com clareza sua mensagem da graça. Se formos sal e luz, capacitaremos as pessoas com quem nos importamos a fazer o que ele diz em Mateus 5.16. Depois de terem a oportunidade de ver “as suas boas obras” e compreenderem o cerne da mensagem evangélica, elas estarão prontas para tomar a decisão de seguir Cristo e para louvar, de maneira significativa, ao Pai “que está nos céus”.

UMA AVALIAÇÃO HONESTA

Vamos fazer uma pausa para enfrentar a grande pergunta: a equação descreve de forma precisa a situação atual de sua vida? Analise-a mais uma vez, enquanto pensa nessa pergunta tão importante.

AP/ALTA POTÊNCIA + PI/PROXIMIDADE INTENSA + CC/COMUNICAÇÃO CLARA = MI/MÁXIMO IMPACTO

Conheço muitas pessoas que são muito bem descritas por essa equação. Fico maravilhado com a quantidade de sabor na vida delas. E empolgado em ver até que ponto elas vão para se misturar com as pessoas não religiosas, a fim de influenciá-las para Cristo. Elas me inspiram e desafiam.

No entanto, muitos cristãos estão flertando com uma aritmética estranha. Tentam fazer a “nova matemática” funcionar. Dizem: “Vou descobrir uma forma de fazer a alta potência e a proximidade *baixa* resultar em máximo impacto”. Eles não conseguem ser bem-sucedidos, porque se isolam das pessoas que precisam tocar.

Outros dizem: “Terei toda a proximidade que você imaginar. Andarei tanto com essas pessoas que me tornarei *indistinguível!* Então, terei máximo impacto”. Não terá, não — a menos que apresente distinção, potência e sabor.

Outros ainda tentam concluir a questão, dizendo: “Ok, conseguirei meu sabor por meio de uma vida cristã coerente e depois farei o esforço necessário para entrar na esfera de influência das pessoas que gostaria de alcançar. Mas, por favor, não me peça para *dizer nada!* Vou apenas viver minha crença diante dos outros, e talvez um pouco de fé comece a se espalhar”.

No entanto, como o passar do tempo provará, isso é apenas pensamento positivo. Assim como palavras sem ação são inúteis, ações sem palavras são destituídas de significado e conteúdo. Você percebe por que Jesus enfatizou que precisamos de sal e de luz? É crítico que tenhamos elevado grau de sabor e disposição para comunicar a mensagem de Cristo.

UMA PEQUENA PRÉVIA

Considerando que nossa meta é exercer a maior influência espiritual possível, é importante examinar esses tópicos de forma mais s

completa, a fim de reforçar cada ingrediente da equação. É isso que faremos ao longo deste livro.

Para termos esperança de atrair as pessoas para Cristo, precisamos cumprir a primeira parte da fórmula, desenvolvendo traços de caráter essenciais, como autenticidade, compaixão e sacrifício. Eles serão considerados nos três capítulos seguintes, que compõem a parte intitulada “O prerrequisito da alta potência”.

Em seguida, expandiremos o segundo elemento da equação, na parte intitulada “O potencial da proximidade intensa”. Ali, discutiremos formas práticas de entrarmos naturalmente na esfera de influência de outros. Analisaremos as oportunidades cotidianas para exercer impacto espiritual sobre relacionamentos que já possuímos. É aí que a aventura começa de verdade!

Por exemplo, há pouco tempo, eu estava cortando o cabelo e percebi que a cabeleireira estava de mau humor. Queria tentar animá-la um pouco, mas não conseguia pensar numa forma de quebrar o gelo. Então, reparei na música que estava tocando no ambiente. O instrumento principal era o saxofone e decidi dar um tiro no escuro. Perguntei casualmente:

— É Kenny G., não é?

Ela respondeu entusiasmada:

— Eu *amo* Kenny G.! *Você* conhece Kenny G.?

Abrindo um parêntese, há algo que você precisa entender. Passei por um grande apuro nessa hora. Acho que já tinha assistido a um total de quinze segundos de Kenny G. em algum programa de tevê, ou algo do tipo. Tudo o que lembro é que ele tocava com o bocal de um dos lados da boca. Fiquei feliz por ela não ter perguntado se eu sabia o que significava o “G” do nome dele, pois eu não fazia a menor ideia!

Depois de falarmos um pouco sobre a música de Kenny G., a conversa entrou em assuntos mais significativos, incluindo a vida pessoal dela. Ela me contou que criava os filhos sozinha; então,

falamos sobre o que havia acontecido com seu casamento e como os filhos estavam lidando com as mudanças.

— Eles estão reagindo bem — disse a mulher —, porque recebem uma grande ajuda de uma igreja aqui da região, chamada Igreja Willow Creek.

— Interessante — respondi, tentando conter meu entusiasmo.

Perguntei se ela já havia ido à igreja, e a cabeleireira disse que sim, muito tempo antes. Quando perguntei por que deixara de ir, ela disse que não sabia. Então, contei que havia ouvido que estava chegando uma semana de anistia na igreja — não importava o que a pessoa havia feito ou por que havia saído da igreja, poderia voltar, sem precisar responder a nenhuma pergunta! Ela me olhou de um jeito meio engraçado e disse:

— Você está falando sério?

— Sim, é por aí — respondi, já que isso era verdade na Willow Creek em *qualquer* semana!

Não sei se ela já voltou à igreja ou não, mas tive a clara percepção de que Deus se agradou do esforço e pôde usá-lo para ampliar a influência dele na vida daquela mulher. Deus adora quando entramos em proximidade intensa com as pessoas que necessitam dele desesperadamente. Aprecia quando corremos riscos em conversas, abandonando o trivial para entrar em questões que importam de verdade. O Senhor se alegra em usar cristãos comuns como você e eu para afetar espiritualmente pessoas a nossa volta.

Para isso acontecer, porém, precisamos aprender a brilhar mais forte. Por isso, a Parte 4 se intitula “O poder da comunicação clara”. Ela tem importância fundamental, pois a necessidade de comunicar o evangelho é muito alta, e o nível de confiança de muitos cristãos, baixo demais. Mesmo se você já propaga sua fé há muito tempo, é útil revisar e praticar modos de verbalizar a mensagem. Se não o fizer, ficará enferrujado. E, quando isso acontece, você se verá instintivamente

ignorando as oportunidades de iniciar conversas de cunho espiritual porque não se sente preparado para lidar com elas.

A Bíblia registra em Oseias 4.6 que o “povo foi destruído por falta de conhecimento”. Em Atos 8.31, homem em busca das questões espirituais disse acerca do texto das Escrituras que estava lendo: “Como posso entender se alguém não me explicar?”. Deus concedeu a você e a mim a tarefa de esclarecer sua mensagem às pessoas ao redor do mundo. A parte sobre comunicação clara tem o objetivo de ajudar você a fazer isso de maneira natural e eficaz.

Minha abordagem do assunto não seria completa sem a parte final, “A recompensa: máximo impacto”. Ali explico como você pode levar alguém a cruzar a linha da fé e iniciar um relacionamento com Cristo. Essa parte também retrata aquilo em que a igreja pode tornar-se à medida que mais de seus membros começarem a praticar essa fórmula para se tornarem cada vez mais contagiantes.

É empolgante saber que essa iniciativa é central para os propósitos de Deus e que podemos ser peças-chave para ele enquanto causamos juntos um impacto eterno no mundo. Não sei quanto a você, mas isso me enche de fervor!

Como isso acontecerá? Depois de muitos anos ouvindo diversos líderes de grandes ministérios apresentando planos grandiosos para “alcançar a nação”, “mudar o mundo” ou afirmar que “estamos à beira de uma revolução espiritual que varrerá toda a terra”, tornei-me mais cético. E aposto que você também.

Não é bom saber que, dois mil anos atrás, Jesus se sentou na encosta de um monte e, olhando a água resplandecente do mar da Galileia, deu-nos a fórmula para mudar o mundo? Essa fórmula envolve duas pessoas: um cristão cheio de sal e alguém que precisa aceitar a fé, conversando sobre coisas que importam de verdade.

Jesus não é como o patrão, o professor ou o pregador que apenas nos dá uma tarefa e nos deixa sozinhos para descobrir como realizá-la.

Ele nos deu a fórmula e apostou a redenção nisso. Onde quer que haja muito sabor, proximidade intensa e uma apresentação direta da verdade, e onde quer que o Espírito Santo esteja em atividade, existe influência cristã contagiante que pode levar à salvação de mais uma pessoa perdida com quem Deus se importa profundamente.

Jesus não é como o patrão, o professor ou o pregador que apenas nos dá uma tarefa e nos deixa sozinhos para descobrir como realizá-la. Ele nos deu a fórmula e apostou a redenção nisso.

“Vocês são o sal da terra”, disse Jesus. “Vocês são a luz do mundo”. Ele estava falando sobre você.

PARTE 2

O PRERREQUISITO DA ALTA POTÊNCIA

AP + PI + CC = MI

Capítulo 4

O PODER DE ATRAÇÃO DA AUTENTICIDADE

“IMAGEM É TUDO”.

É isso o que nos diz uma popular campanha publicitária e, ao que parece, muitas pessoas acreditam, em especial gente que frequenta a igreja. Basta olhar quanta energia alguns cristãos e ministérios gastam para manter uma bela fachada, mesmo quando inconsistências e conflitos profundos jazem sob a superfície.

Ironicamente, porém, o lema de muitos dos que buscam a verdade de forma sincera é “*Conteúdo é tudo*”. Essas pessoas percebem a diferença a quilômetros de distância. Têm a impressionante habilidade de distinguir o que é real e o que não é.

Lee Strobel era repórter do jornal *Chicago Tribune* e começou a frequentar a Igreja Willow Creek no começo dos anos 1980, num esforço de agradar a esposa recém-convertida, Leslie. No interessante livro *Inside the Mind of Unchurched Harry and Mary* [Na mente dos descrentes Harry e Mary], Lee lembra: “Quando eu, um não crente cético, entrei na igreja, ativei minha ‘antena de hipocrisia’ para varrer o local em busca de sinais de que as pessoas apenas brincavam de igreja. Na verdade, eu buscava agressivamente por falsidade, oportunismo e engano porque sentia que, se conseguisse encontrar uma desculpa para rejeitar a igreja com base na hipocrisia, estaria livre para rejeitar o cristianismo como um todo”.

O resultado foi que Lee descobriu justamente o contrário. Viu que a igreja estava cheia de pessoas sinceras no esforço de saber o que significa agradar e servir a Cristo em seu viver diário. E isso causou tal impacto ao longo do tempo que, além de abandonar o ateísmo e aceitar o perdão de Deus, Lee comprometeu sua vida com

A falta de autenticidade entre aqueles que afirmam ser cristãos pode transformar-se numa barreira quase intransponível para a crença.

o ministério em tempo integral e até mesmo serviu à Igreja Willow Creek por vários anos como um dos pastores da área de ensino.

A falta de autenticidade entre aqueles que afirmam ser cristãos pode transformar-se numa barreira quase intransponível para a crença. Esse problema foi resumido, anos atrás, numa música chamada “Jacob’s Ladder” [A escada de Jacó], que ficou no topo das paradas musicais. Huey Lewis cantava sobre ser perseguido por um gordo que proclamava a salvação. Não é surpresa ele ter respondido que não estava com pressa de pensar nessas coisas e acrescentar, com sarcasmo: “*e não quero ser como você!*”.

A maioria não diz isso de forma tão direta, mas pode ter certeza de que está pensando o mesmo. Essas pessoas não têm interesse em entregar a vida a Cristo, a menos que observem padrões atraentes e coerentes na vida dos cristãos. Joe Aldrich, autor do livro *Life-Style Evangelism* [Evangelismo como estilo de vida], expressa-se da seguinte forma: “Os cristãos precisam *ser* boas-novas antes de poderem *partilhar* as boas-novas”.

Jesus disse: “Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto” (João 15.5).

AS PRIMEIRAS COISAS PRIMEIRO

Embora tentador, seria prematuro sair correndo para dar dicas práticas de comunicar nossa fé. Sabe, antes de nos tornarmos cristãos

extremamente contagiantes, precisamos ter uma vida que convença as pessoas de que temos a doença!

Se quisermos ser os cristãos cheios de sal e de elevado impacto que Jesus disse que precisamos ser, devemos fazer primeiro um autoexame e fazer quaisquer ajustes de caráter necessários. Devemos começar certificando-nos de que nosso estilo de vida confirma as palavras que dizemos. Modificando a letra da música, queremos que as pessoas observem nossa vida e pensem: “Nunca pensei que sentiria tanta urgência em relação às questões espirituais, *mas com certeza gostaria de ser como eles!*”.

A pergunta que surge naturalmente é: como os cristãos estão se saindo, de modo geral? Para tentar encontrar uma resposta, às vezes inicio conversas casuais com pessoas que não sabem qual é minha profissão. “Tenho uma curiosidade”, digo. “Você conhece pessoas cristãs? Como elas são? Qual é a impressão geral que você tem sobre elas?”.

Ouçõ cada coisa! Você deveria fazer o mesmo em algum momento. Com frequência maior do que eu gostaria de admitir, as pessoas dão respostas perturbadoras. Dizem: “Conheço alguns cristãos e, bem, tenho de descrevê-los como meio limitados, de mente fechada. Sabe, pessoas muito rígidas”. Outros dizem: “Eles são meio isolados. Gostam de ficar na deles. Não os conheço bem porque estão sempre dentro de seu mundinho”.

Outros relatos são piores: “Conheço alguns convertidos e preciso dizer: eles me incomodam muito. Sinto como se fosse condenado toda vez que passo perto deles. Eles são muito cheios de justiça própria”. Ou: “Eles são tão simplistas! Ficam tagarelando respostas triviais da Bíblia para qualquer problema complexo”. E às vezes: “Acho que são, na maioria, um bando de hipócritas”.

Tão interessante quanto decepcionante é o fato de bem poucos que não professam a fé terem reações positivas em relação aos cristãos. Meu desejo era que, todas as vezes que eu perguntasse a opinião

das pessoas, a primeira coisa que saísse de sua boca fosse algo do tipo: “Os cristãos? São pessoas íntegras, de moral elevada”. Ou: “Eles são cheios de compaixão. São bondosos com os outros, em especial com os menos favorecidos”. Ou: “Os cristãos falam a verdade; pode contar que eles sempre serão francos com você”. Você não deseja que a percepção geral sobre os verdadeiros cristãos seja diferente daquilo que muitas pessoas têm em mente? Precisamos de relações públicas melhores, pois a impressão que os outros têm de nós exerce profundo impacto na visão que elas têm de Deus.

INSIGHT DIVINO

Jesus reconhecia a importância das impressões. É por isso que ele deu instruções tão claras sobre ser sal e luz. Sabia que, ao aprender a viver essas diretrizes de maneira tangível, as pessoas começariam a ver “as suas boas obras” e a glorificar “ao Pai de vocês, que está nos céus”.

Você percebe aonde Jesus queria chegar com esses versículos de Mateus 5? Ele estava dizendo que as atitudes e ações de cada

Jesus insistiu em que seu povo — daqueles dias e de hoje — vivesse de uma maneira que atraísse as pessoas para o Pai.

Pense nisso. Nosso modo de vida diário tem consequências que chegam até a eternidade.

um de seus seguidores atrairiam as pessoas a um relacionamento com Deus ou as empurrariam para mais longe. Por isso, Jesus insistiu em que seu povo — daqueles dias e de hoje — vivesse de uma maneira que atraísse as pessoas para o Pai. Pense nisso. Nosso modo de vida diário tem consequências que chegam até a eternidade.

Recentemente, li a carta escrita por uma cristã recém-convertida à pessoa que tanto havia influenciado sua vida. Ela faz uma lista de qualidades contagiantes que percebia na vida desse cristão mais experiente. Veja um trecho do que ela escreveu:

Sabe, quando nos conhecemos, comecei a descobrir uma nova vulnerabilidade, uma cordialidade e uma ausência de pretensão que me impressionaram. Vi em você um espírito triunfante, sem nenhum sinal de estagnação interna. Pude perceber que você era uma pessoa em crescimento e gostei disso. Vi que você tinha uma autoestima forte, que não se baseava nas superficialidades de livros de autoajuda, mas em algo muito mais profundo. Percebi que você vivia segundo convicções e prioridades, não simplesmente por conveniência, prazer egoísta e ganho financeiro. Nunca eu havia conhecido alguém assim.

Senti amor e interesse profundos à medida que você me ouvia sem julgar. Você tentou entender-me, simpatizou e celebrou comigo, demonstrou bondade e generosidade — não só a mim, mas a outras pessoas também.

Você defendia algo com firmeza. Mostrava disposição a ir contra a corrente da sociedade e a seguir aquilo que acreditava ser verdadeiro, a despeito do que as pessoas diziam e de qual seria o custo. Por essas razões, além de muitas outras, descobri que queria muito ter aquilo que você tinha. Agora que me tornei cristã, senti o desejo de escrever para dizer que sou grata, muito além do que as palavras podem expressar, por sua forma de viver a vida cristã perto de mim.

Basicamente, o que essa recém-convertida disse foi: “Agradeço a você por ser um cristão contagiante”. A leitura dessa carta me motiva a viver como um cristão contagiante também. E você? Tenho certeza de que também quer que sua vida seja muito mais do que quinquilharias, brinquedos e zeros a mais na folha de pagamento.

Uma vez que essa área é crucialmente importante, nos três capítulos seguintes vamos focar as qualidades-chave que estimulam as pessoas espiritualmente sensíveis a considerar aderir ao cristianismo. Embora existam outras que possam ser discutidas, essas três características — autenticidade, compaixão e sacrifício — parecem

ser as mais necessárias ao cristão contagiante. Se forem eliminadas, é quase certo que o interessado buscará em outro lugar. Se forem vividas, você se tornará extremamente contagiante em sua influência sobre outros.

OS ELEMENTOS DA AUTENTICIDADE

Em palestras a grupos menores, costumo perguntar quais são as características de outras pessoas que mais incomodam os participantes. Sabe o que quase sempre acaba aparecendo no topo na lista? Desonestidade e falta de autenticidade. “Odeio quando alguém fala uma coisa e faz outra” — é assim que as pessoas costumam expressar-se. “Não suporto quando alguém faz uma promessa e não cumpre, ou quando veste uma máscara, e não consigo saber o que se passa de verdade dentro dela”.

Não é de surpreender, então, que, ao perguntar sobre as qualidades que mais valorizam nos outros, quase sempre apareçam no topo da lista a honestidade, a sinceridade e a autenticidade. As pessoas dizem: “Sabe, gosto muito quando as ações da pessoa confirmam o que ela fala”. Ou: “Aprecio homens e mulheres que têm coragem de ser verdadeiros, mesmo quando isso lhes torna impopulares”. Ou então: “Gosto quando as pessoas se mostram dispostas a assumir seus erros”.

Repetidas vezes, encontro pessoas intensamente atraídas pela sinceridade. O que se pode aprender disso é que uma das coisas mais importantes para atrair amigos e parentes a Cristo com eficácia é tão somente ser verdadeiro. Evite agir como se fosse superior, nem finja ser inferior. Sinta-se livre, por meio do poder libertador de Deus, para ser simplesmente você.

Certa vez, ouvi uma história que ilustra a tremenda tentação de nos fazermos parecer superiores àquilo que de fato somos. Um coronel recém-promovido mudou-se para um escritório temporário construído pouco tempo antes, na Guerra do Golfo. Havia acabado de chegar e estava organizando suas coisas, quando, com o

canto do olho, viu um soldado raso vindo em sua direção, com uma caixa de ferramentas.

Querendo parecer importante, ele logo se virou e pegou o telefone. — Sim, general Schwarzkopf, mas é claro, acho o plano excelente — ele disse. — Conte com meu apoio nisso. Obrigado por me consultar. Entraremos em contato novamente. Adeus.

O coronel desligou bruscamente e se virou mais uma vez.

— E o que posso fazer por você? — perguntou ao soldado raso.

— Ahn, só estou aqui para instalar o telefone — foi a resposta meio sem graça.

Existe muito engano neste mundo. A arrogância predomina. Há gente demais tentando passar por mais do que realmente é. Há tantos fingidores hoje que as pessoas genuínas e sinceras acabam criando enorme agitação só por serem elas mesmas.

Há tantos fingidores hoje que as pessoas genuínas e sinceras acabam criando enorme agitação só por serem elas mesmas.

Para ampliar essa ideia, vamos abordar quatro áreas relacionadas à autenticidade que atrairão pessoas em busca espiritual, fazendo-as voltar a cabeça para o céu.

Seja você mesmo

A primeira área é *identidade autêntica*. Não consigo nem contar quantos novos conversos me procuraram depois de um dos cultos no fim de semana para dizer que parte daquilo que os atraiu a Cristo foi a percepção de que pode haver grande diversidade na família de Deus.

Lembro-me de certo homem que disse: “Vim para esta igreja esperando que os líderes empurrassem todo mundo para o mesmo molde. E imaginava ouvir que existia um conjunto de expectativas definido com o qual um cristão deveria se parecer, agir, falar, cheirar, vestir e pensar. Mas adivinhe? Descobri que a verdade é justamente o contrário!”

“Vi uma variedade surpreendente de pessoas: jovens, velhos, ricos, pobres, instruídos, analfabetos, negros, brancos e todas as categorias intermediárias. Ouvi ensinamentos que apoiam a diversidade. Ouvi desafios como: ‘Descubra quem Deus o criou para ser. Descubra os dons que ele deu a você. Tente discernir o chamado divino especial para sua vida e siga-o’”.

O homem prosseguiu: “Fiquei chocado ao perceber que não havia um molde único ao qual todos deveriam conformar-se”. Então, confessou algo que espero nunca esquecer: “Descobri que não precisaria renunciar a minha identidade para aceitar e seguir Jesus. Fiquei surpreso ao aprender que Deus se importa profundamente comigo, ama a forma em que fui criado e quer usar-me de maneira coerente com o propósito que me deu”.

Você percebe a importância de uma identidade autêntica? Esse homem foi atraído a Cristo ao conhecer cristãos que amavam a Deus de todo o coração, de toda a alma, de toda a mente e com todas as forças, mas que o fizeram sem abandonar sua personalidade.

Um dos maiores erros que um cristão pode cometer é renunciar à singularidade dada por Deus, na vã tentativa de parecer mais espiritual. Trata-se de um erro fatal por dois motivos. Primeiro, depois de dez, quinze anos de repressão da identidade, você pode perder por completo a compreensão de quem é. Segundo, existem pessoas fora da família de Deus que só verão quem Deus realmente é se observarem o Senhor vivendo e atuando de maneira autêntica em um de seus filhos ou filhas — *alguém como você!*

Quer ser um cristão contagiante? Pare de se desculpar pelo propósito dado por Deus para sua vida. Pare de tentar negar sua individualidade. Desista de tentar enquadrar-se no molde alheio de como ser um bom cristão. Não é esse o plano que o Senhor tem em mente para você.

Fico empolgado porque um cristão comprometido que conheço foi considerado um dos melhores e mais competitivos zagueiros da história do futebol americano. Fico igualmente feliz porque outra

amiga minha, uma cristã dedicada, é uma advogada de excelência, que luta pelos direitos de crianças abusadas ou negligenciadas com a mesma intensidade que Mike Singletary levou ao futebol.

Deus projetou algumas pessoas neste mundo para serem intensas. E é uma notícia maravilhosa quando os interessados descobrem que podem seguir Cristo sem precisar reprimir ou negar sua paixão original pela vida.

Na verdade, no caleidoscópio da família de Deus, há espaço para todos os dons e temperamentos. O Senhor pode ter dado a você uma medida extraordinária de misericórdia, paciência e sabedoria, a habilidade de desfrutar aventuras ou de prosperar na solidão. Em algum lugar de sua comunidade, é bem provável que exista um homem ou uma mulher a um passo de aceitar a fé, mas que precisa entrar em contato com alguém exatamente como você — com *sua* personalidade, *seu* temperamento, *sua* paixão e *seus* interesses. Se essa pessoa conseguir perceber como Deus vive em você e trabalha por seu intermédio, isso pode ser o suficiente para levá-la a cruzar a linha da fé.

Salmos 139.14 diz que fomos feitos “de modo especial e admirável”. Ao manifestar sua singularidade, você se torna um modelo atraente que chamará outras pessoas a se aproximarem de sua fonte de liberdade pessoal.

Seja verdadeiro em suas emoções

Outro ímã poderoso que atrai pessoas a Deus é uma vida emocional autêntica. É trágico que muitos cristãos estejam confusos quanto à expressão de seus sentimentos. Alguns pastores e líderes cheios de boas intenções, mas equivocados, ensinam que cristãos dedicados nunca devem ir-se e que expressar tristeza, mágoa ou sofrimento é sinal de falta de fé e de um caráter superficial. Incontáveis cristãos têm tentado sorrir e dizer “Deus seja louvado” em qualquer circunstância, pensando ser esse um indicativo de maturidade espiritual.

Contudo, em suas valentes tentativas, surgem duas consequências negativas. A primeira é o que chamo de “vertigem emocional”. É quando a pessoa reprime certos sentimentos por tanto tempo que acaba entrando num estado de completa confusão emocional. Na verdade, a pessoa perde a habilidade de ter alguns sentimentos. Não os reconhece quando eles tentam aflorar, nem sabe expressá-los a outros.

Na tentativa de “cristianizar” seus sentimentos, a pessoa os manipula por tanto tempo que entra numa condição de apatia e desorientação emocional. É preciso muito esforço — e, com frequência, aconselhamento cristão — para sair desse estado.

A segunda consequência é que os interessados logo sentem aversão pela falta de autenticidade emocional. Veem luzes de emergência por toda parte quando, por exemplo, o filho de um jovem casal nasce morto, e marido e mulher reagem ao desapontamento com olhos secos e uma série de clichês do tipo “Graças a Deus assim mesmo”.

As pessoas balançam a cabeça em desaprovação e pensam: “Sabe, deveria estar acontecendo um luto sério entre eles. Algo está terrivelmente errado. Podem até me chamar de pagão, mas perdas como essa deveriam ser lamentadas, a despeito da religião”.

Compare isso com o exemplo de Jesus. Lembra-se do que ele fez quando seu amigo Lázaro morreu? Chorou em público! Desabou e pranteou abertamente. Tenho certeza de que sua sinceridade emocional tocou as pessoas que o buscavam.

Há pouco tempo, ouvi um pai descrever a noite na qual soube que seu filho de 18 anos havia morrido num acidente de carro. Enquanto esse cristão dedicado contava a terrível história para mim, seus olhos se encheram de lágrimas. Ele parou por um momento. Por fim, disse: “Sabe, ainda sinto um buraco em meu coração quase todas as horas do dia”.

Quando o pai terminou de relatar sua dor, senti-me espiritualmente atraído a ele. E fui atraído ao Deus que lhe deu o poder de

ser tão vulnerável e verdadeiro. Pensei: “Este é um homem liberto, alguém que tem intimidade com quem ele é e sabe o que se passa em seu interior”.

Sabe o que os interessados precisam ver em você mais do que olhos secos e sorrisos forçados? Eles precisam perceber que você luta com o medo, a tristeza, a raiva, a inveja e a perda. Precisam ouvir você falar abertamente sobre essas coisas. Precisam ver você viver a fé sem desconsiderar a realidade emocional diária da vida.

Portanto, não esconda a luta em seu interior. Não tente higienizá-la ou cristianizá-la, pois seus sentimentos são importantes. Deus os colocou em você. Na verdade, ele tem os mesmos sentimentos! E, se você lidar com eles de maneira saudável e aberta, sua autenticidade emocional mostrará àqueles que estão a seu redor o Deus que opera dentro de você.

Seja sincero nos fracassos

Seguindo a mesma linha de raciocínio, há uma terceira área que precisamos debater: a confissão autêntica. Diz respeito a como cristãos dedicados lidam com seus erros e fracassos. O problema é que a maioria de nós pensa erroneamente que deve esconder as próprias falhas a todo custo. Aprendemos que nossos passos em falso na área moral afastarão as pessoas de Deus, portanto o melhor a fazer é não deixar ninguém descobri-los.

Nunca esquecerei a conversa que tive com um empresário, que, por estar interessado no cristianismo, havia empregado muitos cristãos em seu negócio. Ele os observava com olhos de águia. “Sabe, eu me sentia naturalmente atraído a Deus ao ver trabalhadores cristãos gentis, competentes e cheios de iniciativa em sua função”, ele me contou. “Mas preciso contar o que me impressionou de verdade. Certo dia, um cara que se convertera recentemente perguntou se podia falar comigo após o trabalho. Concordei a princípio, mas depois comecei a achar que o novo carola queria me converter.

“Fiquei surpreso quando ele chegou a meu escritório com a cabeça baixa e disse: ‘Senhor, só preciso de alguns minutos, mas estou aqui para pedir seu perdão. Ao longo dos anos em que trabalho para o senhor, tenho feito muito do que outros funcionários fazem, como pegar alguns produtos da empresa aqui e ali. Também já levei comigo material de escritório, abusei do privilégio de usar o telefone e roubei no tempo de trabalho algumas vezes.

“Mas eu me tornei cristão alguns meses atrás e é uma decisão séria, não uma enganação qualquer. Em gratidão e obediência pelo que Cristo fez por mim, quero compensar o senhor e a empresa pelos erros que cometi. Será que podemos descobrir um jeito de fazer isso? Entendo se quiser me demitir. Eu mereço. Se quiser diminuir meu salário, diminua para o valor que achar apropriado. Se quiser me dar trabalho extra, também posso fazer. Só quero acertar as coisas com Deus e entre nós”.

Bem, eles resolveram a situação. E aquele empresário me contou que essa conversa teve um impacto espiritual mais profundo sobre ele do que qualquer outra coisa. Foi a mais impressionante demonstração de cristianismo que ele já testemunhara.

O que tornou esse novo cristão tão contagiante? Uma apresentação inteligente e renovada do evangelho? Um testemunho bem ensaiado? É óbvio que não. Foi a simples admissão humilde e genuína de seus erros, aliada à disposição de consertar as coisas.

De maneira simples, a confissão autêntica é um testemunho poderoso do poder transformador de Cristo em sua vida. Ela se opõe totalmente a nossa cultura, na qual ninguém admite erros de espécie nenhuma. Esta é a era em que racionalizamos nossos defeitos, cobrimos nossos rastros e contratamos advogados de sucesso para nos livrar dos apuros. Ninguém parece reconhecer nada mais.

Levar a sério as instruções da Bíblia e admitir com humildade nossos erros são a chave para o cristianismo de alta potência. Em uma sociedade na qual a culpa nunca é de ninguém, isso faz o interessado

perceber que somente a influência do Deus vivo pode levar uma pessoa a dizer: “Foi culpa minha, perdoe-me”.

E aí? Você abre o jogo e admite suas falhas? Ou trabalha sem parar para passar uma imagem de infalibilidade a todos ao redor, com medo de que, se souberem que você é imperfeito, tudo estará perdido? Não subestime o poder de um pedido sincero de desculpas. Pode ser a manifestação mais impressionante de cristianismo que seus amigos já presenciaram.

Talvez você precise confessar algo no trabalho, em casa ou em seu bairro. Ou talvez exista uma área de sua vida que você sabe que não está bem, mas tenta encobrir, na esperança de que ninguém descubra. Talvez o Espírito Santo o esteja influenciando a procurar alguém e dizer: “Por levar a sério meu relacionamento com Deus e por querer corrigir as coisas com ele e com você, preciso pedir desculpas”. Posso dizer a verdade para você? As pessoas que consideram o cristianismo não esperam que os cristãos sejam perfeitos. São espertas demais para isso! A esperança delas é encontrar alguém com coragem de confessar seus erros e corrigir as coisas. Querem ver humildade, arrependimento e talvez até mesmo restituição.

Posso dizer a verdade para você? As pessoas que consideram o cristianismo não esperam que os cristãos sejam perfeitos. São espertas demais para isso! A esperança delas é encontrar alguém com coragem de confessar seus erros e consertar as coisas.

Quando virem isso, terão certeza de que você leva sua fé a sério. Sentirão a confiança de que, se entregarem a vida a Cristo, não precisarão viver sob a tirania do perfeccionismo. Acredite, elas ficarão aliviadas e muito mais abertas.

Leve a sério suas convicções

Vamos abordar rapidamente mais uma área ligada à autenticidade: viver por convicção genuína.

Você se lembra de ter assistido na televisão, anos atrás, ao estudante universitário chinês que permaneceu em frente aos tanques **em**

movimento na Praça da Paz Celestial? O que passou por sua cabeça ao ver o jovem literalmente entregando a própria vida em frente a um tanque? Com certeza, isso mexeu com meu espírito e fez meu sangue correr mais rápido.

Tive um sentimento parecido quando vi os alemães orientais lançando suas picaretas no muro de Berlim, enquanto os soldados permaneciam com os rifles apontados para eles.

Não tenho vergonha de admitir que me comove sempre que vejo alguém defender uma posição e correr um risco ou pagar o preço por algo em que acredita. Mesmo quando não concordo com o que a causa representa, sinto-me tocado e emocionado pela extensão de seu compromisso e pela disposição de sair do papel de espectador e entrar em campo.

Ao longo dos anos, aprendi que os interessados não se impressionam com a falta de firmeza. Preciso enfatizar isso, porque muitos cristãos têm muito medo de que, se declararem aquilo em que de fato creem, se forem a público, ou se viverem as prioridades bíblicas, automaticamente afastarão aqueles que não professam a mesma fé. Mas a realidade quase nunca é essa.

Na maioria das vezes, os interessados, admitam abertamente ou não, respeitam e admiram cristãos que não têm medo de se posicionar. Não esqueça que muitos deles estão tentando tomar uma decisão pessoal quanto ao que fazer com a mensagem de Cristo. Portanto, quando um cristão diz sem rodeios o que é correto, defende o cristianismo de maneira inteligente ou vive sua fé de forma autêntica e aberta, os interessados são forçados a lidar com as consequências de tudo isso em sua vida pessoal.

Eles se perguntam: “Em que *eu* acredito? O que me levaria a defender uma posição com firmeza? Tenho coragem de fazer o que é certo como meu amigo cristão faz?”. Com o tempo, perguntas como essa costumam levar a respostas encontradas em Cristo.

UM MODELO

A Bíblia descreve um centurião romano que assistiu ao processo de crucificação de Jesus. Foi o espectador de um dos maiores dramas da História. Ele observou Jesus ser jogado no chão, pregado na cruz e exposto ao escárnio público. Acompanhou atentamente Cristo continuar a defender sua afirmação de ser o Filho de Deus, o Salvador do mundo. Ouviu-o tomar providências quanto ao cuidado de sua mãe e estender graça ao ladrão arrependido.

Então, esse soldado, endurecido pelas batalhas, estremeceu quando Jesus clamou corajosamente: “Está consumado. Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”.

Quando Jesus morreu, o centurião começou a reconhecer o preço de tudo aquilo, o compromisso profundo de Jesus com sua missão e sua disposição em entregar a própria vida. Esse homem foi torturado por aquilo que acontecera bem a sua frente. Sua mente se encheu de caos. Até que seu coração chegou ao ponto de admitir o que sua mente já sabia ser verdadeiro. Por fim, ele exclamou do mais íntimo de seu ser: “Realmente este homem era o Filho de Deus!”.

Nada menos do que a disposição de Jesus em entregar a própria vida teria levado o cínico soldado romano a cair de joelhos. Foi a devoção corajosa e genuína de Jesus a sua missão que arrancou a confissão do oficial.

O DESAFIO

Deixe-me dizer uma vez mais: Os interessados não têm muito respeito por cristãos fracos. Lá no fundo, estão procurando por alguém — qualquer pessoa — que se levante, proclame a verdade e a viva com ousadia. E eu preciso perguntar: por que esse alguém não pode ser você e eu? Por que não viver com autenticidade e ousadia

Os interessados não têm muito respeito por cristãos fracos. Lá no fundo, estão procurando por alguém — qualquer pessoa — que se levante, proclame a verdade e a viva com ousadia. E eu preciso perguntar: por que esse alguém não pode ser você e eu?

em nosso trabalho, bairro, na escola e no mundo? De que temos tanto medo? O que nos detém? Temos o Espírito Santo, temos a Palavra de Deus e temos a igreja.

Queremos ser cristãos contagiantes, não é mesmo? Então, sejamos verdadeiros com as pessoas. Manifestemos uma identidade autêntica e não sejamos nem mais nem menos do que Deus nos criou para ser. Sejamos emocionalmente autênticos e lutemos com as dificuldades que a vida nos apresentar. Admitamos com humildade nossos erros quando os cometermos.

Defendamos com ousadia aquilo em que acreditamos. Declaremos e vivamos, sem desculpas, a fim de provocar o tipo de decisão que o centurião tomou.

Esse é o poder, a atratividade e o potencial de uma vida cristã autêntica.

Capítulo 5

O IMPULSO DA COMPAIXÃO

“DIGA-ME, ENTÃO: O QUE VOCÊS estão fazendo para ajudar os pobres de sua região? Vocês têm programas para alimentar os famintos, vestir os necessitados e abrigar os sem-teto?”

Ao viajar por várias partes do mundo para falar sobre o que a Igreja Willow Creek está fazendo para alcançar os não religiosos, esse tipo de pergunta sempre surge. Fico feliz porque elas são feitas.

Isso porque acho animador tantas pessoas, de tantos lugares, de perspectivas cristãs e não cristãs, entenderem que cuidar das necessidades tangíveis dos seres humanos é parte integral de um cristianismo genuíno. Parecem ter uma consciência inata de Tiago 1.27: “A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades”.

A natureza essencial da compaixão ecoa por toda a Bíblia. No Antigo Testamento, Deus disse: “[...] eu lhe ordeno que abra o coração para o seu irmão israelita, tanto para o pobre como para o necessitado de sua terra” (Deuteronômio 15.11). No Novo Testamento, Jesus transformou o assunto numa questão pessoal: “Digo-lhes a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram” (Mateus 25.40). E Paulo, após descrever seu chamado e o de Barnabé pela igreja de Jerusalém, lembrou em Gálatas 2.10: “Somente pediram que nos lembrássemos dos pobres, o que me esforcei por fazer”.

A falta de compaixão é um sinal palpável de que algo está espiritualmente errado. Seja um problema organizacional, seja individual, o cristianismo que não se importa com o sentimento alheio não atrai interessados. Mas a demonstração clara e coerente do amor cristão é um poderoso ímã.

A falta de compaixão é um sinal palpável de que algo está espiritualmente errado. Seja um problema organizacional, seja individual, o cristianismo que não se importa com o sentimento alheio não atrai interessados.

UMA ILUSTRAÇÃO DE BEIRA DE ESTRADA

Jesus ilustrou a importância da compaixão em uma de suas famosas histórias, que pode ser encontrada em Lucas 10. É sobre um judeu que seguia de Jerusalém rumo à cidade de Jericó. Ele havia percorrido parte do caminho quando alguns ladrões apareceram sorrateiramente. Eles o roubaram, o despiram, o espancaram e o deixaram meio inconsciente à beira da estrada.

Pouco tempo depois, veio um sacerdote caminhando. O viajante ferido avistou-o e pensou que sua sorte finalmente estava mudando, mas o sacerdote passou pelo outro lado da estrada, sem nem mesmo diminuir o ritmo. Pouco depois, outro homem religioso, um levita, apareceu. Para o choque do ferido, esse também passou rapidamente.

Então, Jesus disse a seus ouvintes, um homem de Samaria veio pela estrada. Embora houvesse grande disputa étnica entre samaritanos e judeus, esse samaritano sentiu compaixão da vítima e parou para ajudar. Após avaliar a situação, ajoelhou-se, derramou óleo e vinho sobre as feridas do homem e providenciou algumas ataduras.

Então, colocou o judeu sobre seu animal, levou-o a uma hospedaria, certificando-se de que teria uma cama limpa e quentinha. Deixou até um pouco de dinheiro com o dono da estalagem. “Cobrirei todas as despesas necessárias para esse homem melhorar”, disse. “Tome conta dele e passarei por aqui depois para pagar quaisquer gastos adicionais.”

Sempre me perguntei o que se passou pela mente do judeu assaltado e espancado ao acordar no dia seguinte numa cama confortável, com ataduras em seus ferimentos e as despesas pagas por alguém que ele nem sequer conhecia. “Quem fez isso?”, aposto que ele perguntou. “Por que não deu as costas como todos os outros?”

Não é esse o tipo de pergunta que as pessoas que recebem compaixão costumam fazer? Querem olhar por trás do ato de generosidade para conseguir um vislumbre da motivação subjacente. “Por que *alguém* faria algo assim por mim?”, perguntam pasmos.

O CHAMADO À COMPAIXÃO

Um dos principais motivos para Deus chamar seus seguidores a serem pessoas extraordinariamente compassivas é que os atos de misericórdia abrem o coração como nada mais consegue fazer. Em outras palavras, há um tremendo poder propulsor na expressão de um único ato de bondade. E Deus quer usar esse poder para atrair pessoas a seu Filho.

Jesus deixou isso claro em João 13.34,35: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros”. Simples e ao mesmo tempo cheio de poder!

Quando expressamos compaixão, as pessoas reconhecem isso como um marco do cristianismo autêntico. Isso as ajuda a entenderem melhor quem é Deus, quem são seus filhos e por que elas também podem confiar nele.

Com que frequência, nos últimos tempos, você sentiu compaixão por pessoas passando necessidade? Você seguiu seus sentimentos e ajudou alguém, servindo, encorajando, visitando ou expressando amor de alguma outra maneira tangível?

Para ajudar você a precisar sua resposta, desafio-o a escrever um número que representa seu nível de compaixão atual em relação

às outras pessoas. Vamos chamá-lo de quociente de compaixão pessoal. Escolha um número de 0 a 10, em que 0 significa que seu coração é completamente frio e 10 sugere que você é um clone de Madre Teresa de Calcutá.

Certifique-se de indicar seu quociente *hoje*, não o de alguns anos atrás ou qual você quer que seja no futuro. E, para complicar um pouco as coisas, vou banir o número 5! Dessa forma, você precisa fazer seu número pender para uma direção ou outra. Agora escreva o número num pedaço de papel ou na margem desta página. Pronto?

UMA LIÇÃO PESSOAL

Muitos anos atrás, enquanto eu estava em recesso escolar em Michigan, refleti sobre a parábola do bom samaritano, contada por Jesus. Lembro-me de estar sentado sozinho numa pequena lanchonete, soluçando em lágrimas ao ler e reler esses versículos. Fiquei arrasado ao perceber que meu quociente pessoal de compaixão se tornara *perigosamente* baixo.

Junto com essa admissão desanimadora, veio a lembrança de 1Coríntios 13.1-3:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá.

Esses versículos, lidos com tanta frequência como se fossem uma espécie de poesia romântica, atingiram-me direto nos olhos. Precisei admitir que estava falhando justamente na área à qual Deus

dava tanta importância: o *amor*. Foi difícil admitir para mim mesmo que esse bem divino, do qual eu havia desfrutado com tanta fartura de Deus e das pessoas, e sobre o qual havia ensinado tantas vezes, estava ausente em minha vida.

Contudo, com seu jeito característico, firme, porém bondoso, Deus me fez vencer a vergonha, a culpa e o embaraço que acompanharam aquela percepção. E, como resultado dessa experiência de crescimento, aprendi algumas coisas que me ajudaram a fazer algumas mudanças radicais em meu estilo de vida. Durante o restante do capítulo, apresentarei alguns detalhes sobre o que aprendi.

Estou feliz por dizer que, desde então, houve uma melhora gradativa em meu quociente pessoal de compaixão. Com certeza, existem altos e baixos, e ainda tenho um longo caminho a percorrer. Meu grupo de prestação de contas me ajuda, observando de perto para garantir que estou seguindo na direção correta. A compaixão não é uma área fácil para mim, mas sou grato em dizer que, de modo geral, meu coração vem-se expandindo em vez de contrair-se.

Precisei admitir que estava falhando justamente na área à qual Deus dava tanta importância: o amor. Foi difícil admitir para mim mesmo que esse bem divino, do qual eu havia desfrutado com tanta fartura de Deus e das pessoas, e sobre o qual havia ensinado tantas vezes, estava ausente em minha vida.

Ao aproveitar as oportunidades de transformar amor e preocupação pelas pessoas em ações concretas, tenho visto o coração dos interessados começar a se derreter diante de Deus, a fonte de toda a compaixão. Já senti a emoção de testemunhar alguns deles chegando ao ponto de entregar a vida a Cristo! Quando isso acontece, fico ainda mais ávido por ver uma quantidade cada vez maior desse tipo de ação em minha vida.

Creio que você também gostaria de ter essas coisas acontecendo a seu redor. Se esse for o caso, vejamos o que é necessário para manter seu quociente pessoal de compaixão no topo.

ALGUNS DESTRUIDORES DA COMPAIXÃO

Permita-me fazer o papel de médico do coração e realizar um breve diagnóstico investigativo. Esse trabalho exploratório se aplica, de maneira especial, se seu quociente de compaixão atual for igual ou inferior a 6. Se essa for sua condição, talvez você esteja sentindo algumas das mesmas emoções que vivenciei naquele dia em Michigan, muitos anos atrás. Não deixe que isso o desanime, mas, sim, que o impulsione à ação. Se seu resultado foi maior, é possível que você encontre algumas ideias que o possam ajudar a atingir um nível ainda maior.

Vamos analisar os fatores que podem estar sabotando seu índice. Depois, prescreveremos algumas ideias para fazer as mudanças apropriadas.

Onde você mora

O primeiro problema potencial é que você pode ter vindo de um lar ou ambiente de trabalho com atmosfera negativa, ou mesmo ainda conviver com esse tipo de situação. Trata-se de um fato simples, mas frequentemente ignorado, que compaixão gera compaixão. Amor produz amor. Um ambiente misericordioso leva a atitudes de misericórdia.

Alguns de nós desfrutamos um quociente de compaixão relativamente alto apenas por termos sido criados num lar amoroso. Nossas lembranças de infância são repletas de riso, amor, segurança e aceitação. Outros temos a distinta vantagem de trabalhar num setor vocacional que é motivador, edificante e tende a elevar o quociente.

Caso eu tenha acabado de descrever sua vida, incentivo-o a baixar a cabeça agora mesmo e fazer uma oração fervorosa de agradecimento a Deus, por ser um homem ou uma mulher abençoados. Seu quociente de compaixão, por causa de uma criação positiva ou de uma situação de trabalho animadora, deve estar entre 7 e 9. Não faça pouco caso disso, porque muitos tentam recuperar-se de uma criação que os isolou na zona de déficit como ponto de partida.

Muitas pessoas aprendem do jeito mais difícil, bem cedo na vida, que desprezo produz desprezo. Raiva gera mais raiva. Ódio alimenta ódio. E o resultado é o abuso, num pesadelo sem fim. Se esse for seu caso, é difícil saber como reagir ao contexto familiar perfeito, no estilo comercial de margarina, que alguns de nós tivemos. Por um lado, você sente vontade de se alegrar e dizer: “Fico tão feliz por você!”. Por outro, tem o desejo de gritar: “Por que meu lar não foi desse jeito? A única coisa que experimentei foi medo, sofrimento, traição ou mágoa. Como sair espalhando misericórdia, se mal consigo identificar-me com essa emoção?”

Inúmeras pessoas já me disseram: “Nunca em minha vida senti amor ou misericórdia da parte de meus pais. Não tive parentes nem pessoas importantes que me estimassem. Nem sequer tive um amigo que eu soubesse que me amava profundamente”. Não é de espantar que tenham dificuldade em saber como manifestar compaixão pelos outros!

Acrescente a isso uma situação de trabalho negativista, do tipo que Michael Maccoby observou e descreveu em seu livro *Perfil de águia*: “Os mais amáveis não são os que vencem mais rápido a escada profissional”, comentou acerca do mercado de trabalho norte-americano atual. “O trabalho corporativo estimula e recompensa qualidades do cérebro, não do coração.”

Ou, como me confidenciou um empresário recentemente: “Algo doentio aconteceu em nossa cultura empresarial nos últimos cinco anos. Para manter meu emprego, preciso deixar o coração do lado de fora”. Então, olhou para baixo e disse: “O problema é que muitas vezes me esqueço de pegá-lo de volta no caminho para casa”.

Você se identifica com o que esse homem falou? Talvez você trabalhe numa área extremamente competitiva, em que é seguro presumir que os outros jogadores não se incomodam nem um pouco em ter notas baixas na escala de bondade. Eles descerão a qualquer abismo a fim de acumular realizações. E ali está você, fazendo o melhor para honrar Deus e mostrar Cristo às pessoas de maneira contagiante, ao demonstrar amor a eles.

Se esse for seu caso, aposto que às vezes você tem uma sensação sinistra de esquizofrenia, não é mesmo? Sente o desejo de ser uma pessoa compassiva, mas não sabe como sobreviver no mercado de trabalho sem deixar o coração do lado de fora. Então, sente-se deprimido e, algumas vezes, hipócrita, por viver de uma forma na igreja aos domingos e agir de outra maneira quando está no trabalho durante a semana.

É fácil entender por que algumas pessoas acabam com uma nota baixa em compaixão. Seu lar ou seu ambiente de trabalho as derrotou antes mesmo de começarem.

Talvez você precise resolver os efeitos prolongados de uma criação destrutiva conversando com um amigo sábio ou com um conselheiro cristão. Se ainda estiver vivendo nessa situação, será necessário dar alguns passos corajosos para transformar o ambiente ou mudar para um lugar mais saudável.

Ou talvez seja o ambiente de trabalho que o esteja derrotando. Você não está cansado de deixar que as pessoas de seu emprego o levem para a direção errada? Está disposto a permitir que Deus o dirija e lhe dê poder para dar alguns passos de ação positiva, quer pequenos ajustes quer algo mais radical —, quem sabe até mesmo trocar de emprego?

A vida é curta demais, e o mundo é carente demais de compaixão para você continuar vivendo em situações que o levem para baixo e restrinjam seu potencial de ajudar no avanço do Reino. Há muito em jogo para permanecer assim! Deus tem todo o poder de ajudar você a realizar mudanças para melhorar seu ambiente e está realmente disposto a fazê-lo.

A vida é curta demais, e o mundo é carente demais de compaixão para você continuar vivendo em situações que o levem para baixo e restrinjam seu potencial de ajudar no avanço do Reino. Há muito em jogo para permanecer assim!

Como você vive

Outro motivo que leva muitos de nós a ter um quociente de compaixão baixo é a tentativa de manter um ritmo de vida doentio.

Pense mais uma vez na parábola do bom samaritano. Creio que o sacerdote e o levita eram, de coração, pessoas boas e compassivas. A maioria daqueles que ingressam numa carreira profissional religiosa é assim, ou, pelo menos, começa assim. Mas, com frequência, acontece com ela algo que pode afetar o restante de nós também. Mergulhamos na carreira, começamos a sustentar nossa família, lidamos com demandas financeiras cada vez maiores — e a vida se torna cada vez mais acelerada.

Não se trata apenas de uma sensação individual. Algum tempo atrás, Lou Harris fez uma pesquisa comparando o que estava acontecendo no mercado de trabalho dos Estados Unidos na época, quinze anos antes. A média de trabalho pulou de 41 para 47 horas semanais. Para aqueles em posição de gerência, a média alcançava 52 a 59 horas por semana. Durante o mesmo período, o tempo de lazer encolheu 37%. Acrescente a isso a pressão das famílias em que pai e mãe trabalham fora, ou o peso inacreditável de ser pai solteiro ou mãe solteira, e o resultado é que muitas pessoas estão vivendo numa espécie de “modo de crise”.

O modo de crise ocorre quando você continua a acelerar sem controle. Nesse modo, cada momento de folga é usado para descobrir como manter todos os pratos girando.

Nem preciso dizer que as pessoas que vivem o tempo todo no modo de crise não costumam ser grandes distribuidoras de compaixão. Elas estão simplesmente tentando sobreviver ao próprio tormento semanal. Sentem que não podem gastar sua preciosa energia emocional distribuindo simpatia e bondade àqueles que estão sofrendo. É cada um por si!

Sendo um conhecedor das exigências e pressões associadas ao trabalho da igreja, quase posso ouvir o sacerdote e o levita murmurando para si mesmos enquanto passavam pelo viajante ferido: “Acha que *você* tem problemas? *Eu tenho* mais seis reuniões até o sol se pôr!”.

Ou então como me disse recentemente um executivo estressado: “Aprendi que, para dar certo em minha carreira, preciso pôr tudo o que não se relaciona ao trabalho em espera indefinida, incluindo esse conceito de compaixão”. Os líderes não são os únicos

Os líderes não são os únicos que vivem em rotação acelerada.

Pais de filhos pequenos, mães que trabalham fora e membros de igreja com excesso de responsabilidades às vezes olham o próprio rosto exausto no espelho e se perguntam: “Por quanto tempo viverei assim? Será que estou honrando Deus com um ritmo de vida tão insano?”.

que vivem em rotação acelerada. Pais de filhos pequenos, mães que trabalham fora e membros de igreja com excesso de responsabilidades às vezes olham o próprio rosto exausto no espelho e se perguntam: “Por quanto tempo viverei assim? Será que estou honrando Deus com um ritmo de vida tão insano?”.

Um ritmo de vida doentio pode ser destrutivo de diversas maneiras, mas tenha certeza de uma coisa: ele suprimirá seu quociente de compaixão. Você não encontra tempo nem energia emocional

para entrar em sintonia com as pessoas necessitadas. No fundo, você quer ajudar, mas sente que não tem condições de se envolver.

Mais uma vez, falo por experiência própria. Nos altos e baixos da vida, consigo perceber que minha agenda saiu do controle quando começo a deixar passar oportunidades de expressar compaixão simplesmente porque não tenho tempo ou energia. No entanto, quando dou passos conscientes para diminuir o ritmo, percebo que meu desejo e as chances de demonstrar amor e misericórdia às pessoas aumentam de maneira natural.

Certa vez, Lynne e eu estávamos palestrando fora do estado e tomávamos café da manhã num pequeno restaurante. Notei que a garçonete parecia chateada, como se estivesse tentando conter as lágrimas. Depois de observá-la por alguns instantes, comecei a sentir uma preocupação cada vez maior. Então, esperei um momento oportuno e perguntei se poderia ajudar de alguma forma.

— Não, obrigada. Muito obrigada mesmo — ela disse. — Sabe, meu ex-marido vem hoje pegar minha filha de 15 anos. Ficarei seis meses sem vê-la, e é tão difícil! É muito difícil mesmo.

Toquei respeitosamente em seu ombro e disse:

— Sinto muito. Sei que não posso fazer nada para mudar a situação, mas fico muito triste por você. Minha esposa e eu estamos naquela mesa, se você quiser conversar ou orar, ou se pudermos ajudar de qualquer outra maneira, mas só queria que você soubesse que nos importamos e gostaríamos muito de poder ajudar de alguma forma.

Então, sentei-me novamente. Pouco depois, o restaurante ficou cheio, e não pudemos conversar mais. Contudo, quando fomos embora, ela nos lançou um olhar de apreciação.

Naquele momento, senti uma empatia que não experimentava fazia muito tempo. Mais tarde, naquele mesmo dia, fiquei feliz ao perceber que um ritmo de vida mais calmo estava finalmente permitindo que eu sentisse compaixão com mais regularidade. Estou começando a ter novamente uma reserva emocional que pode ser usada a qualquer instante em que surgir uma oportunidade. O simples fato de sair do modo de crise pode aumentar nosso quociente de compaixão em 2 ou 3 pontos. Contudo, para que isso aconteça, mais cedo ou mais tarde precisamos tomar atitudes radicais para deixar as coisas mais tranquilas.

Como você doa

Uma terceira explicação possível para um baixo quociente de compaixão afeta menos pessoas, mas, se você for uma delas, é uma área importante a abordar. Trata-se do problema resultante do cuidado excessivo.

Acredite ou não, é possível ter *overdose* de compaixão. Conheço algumas pessoas em nossa igreja que, no início da vida cristã, empolgaram-se tanto que abriram o peito e ofereceram o coração a

todos os necessitados que cruzavam seu caminho. Estavam tão deslumbradas com a graça de Deus que queriam ser condutoras de seu amor a qualquer pessoa problemática que encontrassem. Então, entregavam-se sem parar; na verdade, doaram-se tanto até o ponto de renunciarem a si mesmas.

Certo dia, sentiram uma ponta de ressentimento em relação a alguém a quem dedicavam seus cuidados. Mas não permitiram que isso as detivesse, pelo menos não a princípio. Em vez disso, ignoraram o sinal de advertência e se doaram ainda mais, embora o coração não estivesse tão envolvido quanto antes.

Então, o teto cedeu. Chegou o momento em que essas pessoas disseram: “Isso é loucura! Estou cuidando de todo mundo, mas quem cuida de mim? Sinto-me vazio, nervoso e confuso. Dou sem parar, mas ninguém retribui”. E, como você pode prever, o pêndulo do cuidado pelos outros volta por completo para o lado do “Agora é minha vez”. Infelizmente, em muitos casos, permanece assim por muitos anos.

Talvez seu coração tenha esfriado não porque esse é seu jeito natural de agir, mas porque no passado você deixou o cuidado para com os outros sair do controle. Você se magoou tanto que o pêndulo está preso do outro lado. Agora, quando ouve apelos para ajudar os necessitados, treme por dentro e reage automaticamente, dizendo: “Não posso fazer isso! Lembra-se do que aconteceu no passado? Isso quase arruinou minha vida!”

Infelizmente, muitas pessoas nunca aprenderam que pode haver um equilíbrio delicado entre cuidar de outros e de si mesmo. Essa é a maneira de impedir o esgotamento no processo de oferecer compaixão e um modelo que Jesus demonstrou com frequência. Ele oferecia muito cuidado, mas com regularidade dizia: “Agora basta. Vou para o monte orar e ficar sozinho, onde poderei descansar e revigorar-me”.

Há tempo para cuidar de outros e, como indica Eclesiastes 3.1-8, tempo para o contrário: para cuidar de si mesmo. Isso significa

deitar-se, colocar os pés para cima, rir, aproveitar a vida e, no tempo natural de Deus, reabastecer sua reserva de compaixão.

O que você tem recebido

Deixe-me oferecer mais uma explicação para o baixo índice de compaixão de alguns de nós. Como mencionamos anteriormente, amor gera amor, e compaixão produz compaixão. Portanto, uma consequência lógica é que as pessoas que desfrutaram novos toques de amor da mão de Deus com regularidade se voltarão para o mundo e estenderão graça e bondade semelhantes às outras pessoas. Somos condutores, não reservatórios, do amor divino.

Madre Teresa explicou bem: “O fio é você e sou eu; a corrente é Deus. Temos o poder de permitir que essa corrente passe por nós, use-nos e produza a luz do mundo: Jesus”.

Ocasionalmente, pessoas como você e eu recebem toques da graça e da compaixão de Deus, mas esquecemos que Efésios 5.1 diz para sermos “imitadores de Deus, como filhos amados”. Falhamos em cooperar com seu plano de salvação. Recebemos dele dons maravilhosos, na forma de salvação, orientação, um novo relacionamento, perdão, orações respondidas e, às vezes, a provisão miraculosa de algo em nossa vida. No entanto, apenas absorvermos essas coisas, sem as transmitir a outros, e, como resultado, nosso quociente de compaixão cai.

Somos como o devedor descrito por Jesus em Mateus 18. Aquele homem havia acumulado uma dívida imensa, até que chegou o dia de pagar. O credor disse:

— Desculpe-me, mas trato é trato. Se não pode pagar sua dívida, vou vender você, sua querida esposa e todos os seus filhos como escravos para que passem o restante da vida pagando.

O homem entrou em pânico. Ele sabia que não conseguiria pagar a dívida, mesmo que trabalhasse a vida inteira. Então engoliu o orgulho e caiu com o rosto em terra.

— Senhor, tenha misericórdia de mim — implorou. — Se houver um pingote de bondade em seu coração, seja generoso comigo. Por favor, eu suplico.

E veja: o poderoso credor foi movido por compaixão e perdoou a dívida inteira! Rasgou a nota promissória, queimou os papéis de empréstimo e declarou:

— Tudo bem, você está livre.

Isso é que é compaixão! Você consegue imaginar a emoção que aquele homem deve ter sentido? Estava livre! Sua dívida fora cancelada.

No entanto, ele deixou a compaixão gerar compaixão em sua vida? Espalhou bondade para todos em seu caminho? Não!

A Bíblia diz que ele se virou e pôs contra a parede outro homem que lhe devia alguns poucos tostões.

— Pague logo, meu caro, ou prestarei queixa e farei tudo o que a lei determina!

Então, aquele que lhe devia exclamou:

— Preciso de um pouco de tempo e de graça. Por favor, tenha compaixão de mim!

O homem, porém, respondeu:

— De jeito nenhum. Você não sabe que trato é trato?

E mandou que o lançassem na prisão.

Você conhece o desfecho. O primeiro credor descobriu o absurdo, chamou o patife e disse:

— Você implorou por misericórdia e o contemplei com uma grande medida. Mas você vira as costas, vai embora e acaba com um pobre coitado que devia apenas 5 tostões? Má escolha, má escolha. Agora você vai pagar — você e sua família, pelo resto da vida.

Jesus usou essa história para reforçar o fato de que misericórdia deve produzir misericórdia. Graça deve gerar graça. E nós, cristãos, somos por definição recebedores da graça *excelsa*.

Assim como o devedor sem dinheiro, acumulamos uma imensa dívida de pecado que nenhum de nós conseguiria quitar nem em mil vidas. Nossa única esperança é a bondade de Deus. E, para nossa

surpresa, ele estendeu sua compaixão na Sexta-feira Santa, quando Cristo pagou o preço por nossos pecados. No dia em que você recebeu esse dom, Jesus queimou sua lista de ofensas acumuladas.

A lembrança de quando recebi esse presente é tão clara para mim quanto no dia exato em que isso aconteceu. Minha vontade era subir na montanha mais alta e gritar: “Estou livre! Estou livre! Meu pecado foi perdoado! Minha dívida foi cancelada! Deus é compassivo!”. Lembro como sentia o desejo de estender a compaixão divina a outros. Dívidas de 5 reais aqui e ali não significavam mais nada, porque eu tinha um excesso da graça do Senhor para derramar na vida de tantas pessoas quanto possível.

Talvez você tenha passado muito tempo sem uma experiência renovada e pessoal da compaixão de Deus. Ou é possível que, assim como Jó, você se pergunte se Deus se retirou de sua vida. Em Jó 23.8,9, esse homem que sofreu tanto lamenta: “Mas, se vou para o oriente, lá ele não está; se vou para o ocidente, não o encontro. Quando ele está em ação no norte, não o enxergo; quando vai para o sul, nem sombra dele eu vejo!”. Philip Yancey, no livro *Decepcionado com Deus*, conta a história de muitas pessoas que sentiram falta da presença de Deus na vida delas. Se você se sente como uma corrente sem vida, desesperado por uma sacudidela do amor e da compaixão do Senhor, com certeza não é o único.

Você se lembra dos dias em que recebeu a graça de Deus? Além de sua experiência de conversão, consegue recordar alguma provisão miraculosa? Relacionamentos novos que trouxeram a você vida ou encorajamento? Orientação em águas traiçoeiras? Força nos momentos difíceis? Surpresas da graça? Ao olhar para trás, penso que verá a misericórdia divina ao lidar com você não só no instante da salvação, mas todos os dias desde então. E, caso não tenha notado nos últimos tempos, a bondade e a compaixão de Deus sempre estarão disponíveis, mesmo durante os períodos complicados da vida.

Contudo, alguns de nós nos acostumamos com a graça. A bondade de Deus é tomada como certa. Ficamos acostumados a receber

sua compaixão e acabamos esperando-a, absorvendo-a e falhando em transmiti-la às pessoas. Então, ignoramos os necessitados ou, o que é pior, exigimos pagamentos de dívidas mínimas em vez de sermos condutores da compaixão e do amor de Deus. Precisamos ser lembrados do cuidado e da bondade de Deus para conosco, bem como de seu plano de amar e atrair outros por nosso intermédio.

AUMENTE SEU QUOCIENTE

Você está satisfeito com seu quociente de compaixão, como ele se encontra hoje? Reconheceu alguma área problemática que o tem

Pense no que aconteceria em sua casa, sua família, seu local de trabalho ou sua escola se seu quociente subisse 3 ou 4 posições! Quantas outras vidas seriam tocadas?

levado para baixo? Percebeu alguns aspectos que necessitam ser trabalhados para aumentar 1 ou 2 pontos de seu quociente? Pense no que aconteceria em sua casa, sua família, seu local de trabalho ou sua escola se seu quociente subisse 3 ou 4 posições! Quantas outras vidas seriam tocadas? Imagine

quantas pessoas diriam: “Deve *mesmo* existir um Deus, pois veja quanto amor flui dessa pessoa! Quem mais criaria esse tipo de bondade em um ser humano?”

Um lar ou ambiente de trabalho problemático está atrapalhando você? Peça a Deus que o guie e dê a você poder para enfrentar a oposição ou afastar-se dela. Lembre-se de que 1Coríntios 10.13 promete um escape, de uma forma ou de outra. Reivindique essa promessa e siga a orientação divina.

Seu ritmo de vida está diminuindo sua pontuação? Só você pode descobrir o que é necessário para reduzir a velocidade e passar menos tempo no modo de crise. E, quando o fizer, perceberá seu quociente de compaixão aumentar naturalmente.

Ou talvez você tenha caído no problema do cuidado excessivo e se identifique com o sentimento de amargura que discutimos aqui.

Você deu mais do que recebeu e agora está esgotado! É hora de seguir o exemplo de Jesus e começar a desenvolver uma saudável combinação de descanso, relaxamento, recreação e relacionamentos que proporcionam restauração.

Por fim, você está frustrado por tentar transmitir a outros algo que você mesmo não tem vivenciado? Precisa de um toque renovado do amor de Deus para ter algo a oferecer às pessoas?

Cada ser humano é diferente. Um pode precisar retirar-se para o bosque a fim de orar e adorar a Deus. Outro pode precisar da comunhão com cristãos comprometidos que o incentivarão a ter mais intimidade com o Senhor. Para alguns, é uma questão de eliminar atitudes e comportamentos pecaminosos. Para outros, existe a necessidade de alimentar a mente com as Escrituras, a fim de se lembrarem de quem é Deus e de quanto os ama. Faça o que for necessário para *voce* sentir a presença e a compaixão divinas.

Quando, porém, o fizer, lembre-se de não reprimir seus sentimentos. O plano do Senhor é que você receba a misericórdia e permita que ela produza em sua vida um espírito de misericórdia que será transmitido a outras pessoas. Deixe que o amor e a graça de Deus afetem outros por seu intermédio!

Vale a pena fazer qualquer coisa para aumentar o quociente de compaixão. À medida que nossa vida se torna mais semelhante à de Cristo, nós nos tornamos mais e mais contagiantes para outros.

Capítulo 6

A FORÇA DO SACRIFÍCIO

“ELE DEU A VIDA POR mim.”

Fiquei emocionado ao assistir, em meu escritório, a um jovem soldado num programa de televisão. Ele mal parecia perceber a presença do repórter intrometendo-se em seu momento particular de contemplação e resgate de memórias.

Eles estavam no Memorial dos Veteranos da Guerra do Vietnã em Washington, DC. O soldado estava próximo à parede de granito negro, na qual estavam gravados os nomes de todos os norte-americanos que perderam a vida em batalha.

Ele apenas permaneceu ali, olhando entre lágrimas para a parede e colocando os dedos sobre as letras do nome de outro soldado. Nem sequer olhou para o repórter, ou para a câmera, mas era possível sentir sua dor. “Ele deu sua vida por mim”, foi tudo o que sussurrou enquanto continuava a mover os dedos pelo nome do amigo.

Enquanto eu me encontrava sentado ali, sentindo uma pequena dose do que aquele soldado deveria estar vivenciando, percebi que ele seria afetado, pelo resto da vida, porque alguém se dispusera a sacrificar *tudo* por ele.

O sacrifício move as pessoas. Comove-as. Faz que os seres humanos perguntem: “Por quê? Por que *você* sairia de sua rotina por *mim*? O que o motivaria a priorizar os meus interesses, não os seus?”

O sacrifício move as pessoas. Comove-as. Faz que os seres humanos perguntem: “Por quê? Por que você sairia de sua rotina por mim?”

Alguém já comoveu seu coração por um sacrifício feito em seu favor? Alguém já priorizou as suas preocupações, não as dele próprio, de uma maneira que realmente custou algo? Em caso positivo, aposto que o fato está vívido em sua memória. Atos de sacrifício raramente são esquecidos.

Muitos anos atrás, fiz uma viagem pela América Latina. Lembro-me que visitei uma tribo remota na América Central, à qual só era possível chegar de barco. Quando um amigo e eu terminamos nossas obrigações naquele vilarejo tão sujo e pobre, fomos convidados para jantar por uma das famílias locais.

Assentamo-nos em tapetes no chão empoeirado da pequena cabana iluminada por velas e observamos nossos anfitriões esvaziando a prateleira de madeira com poucos suprimentos a fim de providenciar uma refeição para nós. Enquanto faziam isso, percebi olhares ansiosos no rosto das crianças. Foi então que me dei conta: elas estavam preocupadas com o fato de nosso jantar acabar com as reservas, fazendo-as passar fome no dia seguinte.

Esse pensamento me assombrou durante toda a refeição. Por isso, depois que acabamos de comer, peguei um pouco de dinheiro e tentei reembolsar a família pelo alimento, mas se recusou a aceitar. Veja bem, ela *queria* fazer aquele sacrifício para expressar seu amor e sua hospitalidade a nós. Mais de duas décadas depois, eu ainda não esqueci essa experiência.

Os sacrifícios causam impactos que duram a vida inteira. E, numa época em que “a procura pelo número 1” se elevou narcisisticamente ao *status* de arte, quase *qualquer* tipo de sacrifício causará comoção.

PEQUENOS INVESTIMENTOS COM GRANDE RETORNO

Algum tempo atrás, Mark estava comprando algumas coisas no supermercado e decidiu pegar flores para levar a sua esposa Heidi. Enquanto esperava para pagar, iniciou uma conversa com uma senhora de idade que também aguardava na fila a sua frente.

— Lembro-me de quando meu marido me trazia flores — disse ela, cheia de pesar e com a voz emocionada. — Mas ele morreu há muitos anos.

Ficou claro para Mark quanto aquela senhora ainda sentia falta do esposo, mesmo depois de tanto tempo. Ele tentou dizer algumas palavras para alegrá-la e encorajá-la, até ela terminar as compras e se despedir.

A senhora saiu do mercado enquanto Mark ainda passava pelo caixa. Então, de repente, ele teve uma ideia: “Vá e dê a ela as flores de sua esposa!”. Ele pagou com toda a pressa, saiu correndo e viu a mulher caminhando pelo estacionamento. Entregou o buquê à senhora e disse: “Seu marido não está disponível para fazer isso; então, gostaria de dar estas flores a você”, sentindo um misto de empolgação e vergonha.

Bem, como você deve imaginar, esse pequeno sacrifício causou uma impressão profunda. A senhora insistiu que Mark fosse à casa dela tomar um chá, e eles passaram um tempo ótimo conhecendo um ao outro.

Desde então, Mark e Heidi já moraram em cinco lugares diferentes. Mas, há pouco tempo, essa senhora se deu ao trabalho de descobrir onde eles estavam vivendo e enviou um pacote que incluía presentes para os filhos do casal e uma carta relatando como, mesmo depois de tantos anos, ela ainda conta às amigas sobre o ato de bondade de Mark e como isso a encheu de ânimo.

Você percebe como até mesmo os menores atos de sacrifício são importantíssimos hoje? Vivemos num mundo de gente tão absorvida em si mesma que qualquer atividade altruísta em favor de outros será um grande contraste.

A Bíblia diz que aqueles que seguem Cristo devem ter uma vida cristã contagiante. Precisamos viver de um modo que torne nossa fé irresistível àqueles que estão fora da família de Deus. De acordo com Filipenses 2.15, devemos brilhar “como estrelas no Universo”.

Ou, recordando a ilustração do sal, devemos ter muito sabor e potência elevada para causar impacto a todos ao redor.

Já vimos o poder de atração da autenticidade e sentimos o impulso da compaixão. Contudo, ao terminar a parte sobre “O prerequisite da alta potência”, preciso dizer que deixamos a característica mais forte e mais contagiante por último: o sacrifício.

Às vezes, a autenticidade não consegue chamar a atenção das pessoas; em determinadas ocasiões, a compaixão é descrita como o ópio dos que a praticam, quem sabe até com segundas intenções. No entanto, é extremamente difícil desconsiderar o sacrifício motivado por amor e preocupação genuínos.

Pense nisto: às vezes, a autenticidade não consegue chamar a atenção das pessoas; em determinadas ocasiões, a compaixão é descrita como o ópio dos que a praticam, quem sabe até com segundas intenções. No entanto, é extremamente difícil desconsiderar o sacrifício motivado por amor e preocupação genuínos. Ele exige algum tipo de reação que é provavelmente grande parte do motivo para Jesus ter vivido uma vida tão cheia de sacrifício e nos chamado para seguir seus passos.

TRÊS FORMAS DE SACRIFÍCIO

Embora existam muitas maneiras de demonstrar amor por meio do sacrifício a outros, focarei três áreas específicas que exercem maior impacto nas pessoas de nossa cultura. Quando doamos de nós mesmos dessas maneiras, é quase certo que despertaremos atenção e, com o tempo, curiosidade. Abordamos rapidamente esses aspectos no capítulo 2, quando citamos os custos do cristianismo contagiante. Agora analisaremos como eles afetam outras pessoas.

Maximize seus momentos

Você já deve ter adivinhado qual é a primeira área e seu impacto tremendo. Trata-se do sacrifício de *tempo*. Como dizemos, tempo é

dinheiro e um bem cada vez mais raro. A semana de trabalho é mais longa, os intervalos de lazer, mais curtos, e o ritmo de vida, mais rápido. O jornal *USA Today* certa vez fez piada com a loucura das agendas atuais, calculando que, se fizessemos tudo o que os especialistas recomendam para uma vida equilibrada e bem balanceada, seriam necessárias quarenta e duas horas diárias para dar conta de tudo! É difícil demais conciliar todas as atividades e ainda manter um regime diário de exercícios, passar fio dental, acompanhar as notícias mundiais, desfrutar um *hobby* e ter amizades profundas e significativas. Não é apenas *difícil* fazer tudo isso; é *impossível*.

Bem, em meio a um mundo como esse, você dá uma grande demonstração de apreço a outros quando lhes oferece, com alegria, o presente do tempo. É um gesto muito significativo.

E também o era nos dias de Jesus. Você se lembra do que Cristo fez ao passar pela cidade de Jericó numa viagem dedicada ao ensino e registrada em Lucas 19? Uma multidão imensa o seguia nessa época de seu ministério — algo como a quantidade de pessoas de um desfile de carnaval sem os carros alegóricos!

De repente, Jesus surpreendeu todos ao interromper o cortejo e perguntar a um homem chamado Zaqueu se ele podia reservar algumas horas para terem um jantar tranquilo juntos, a fim de discutir questões espirituais. Zaqueu deve ter ficado ofegante enquanto mal acreditava no convite. Mas ele consentiu com a refeição e, antes da meia-noite, era um homem diferente! Experimentou um nascimento espiritual que o transformou de dentro para fora.

A chave para a conversão de Zaqueu foi o tempo que Jesus lhe dedicou. Jesus deteve a multidão para concentrar sua atenção em uma única pessoa. O resultado foi a alteração definitiva do futuro de um homem.

Zaqueu era como muitas pessoas que você conhece. Tinha interesse na dimensão espiritual de sua vida. Estava aberto o suficiente para buscar um lugar estratégico a fim de ter um vislumbre de Cristo. No entanto, para fazê-lo ir além da curiosidade, *alguém* precisava

sacrificar tempo, marcar um jantar e levar a conversa para questões espirituais. Jesus doou seu tempo, e isso fez a diferença.

Quase todos nós encontramos diariamente pessoas em busca da verdade. Elas buscam alguém disposto a dedicar tempo e esforço necessários para ajudá-las a chegar a conclusões sólidas sobre verdades espirituais. É possível ver isso nos olhos delas, não é? Olhe por baixo do verniz, e você detectará o anseio por algo mais profundo, algo real, verdadeiro e duradouro.

Muitos de nós subestimamos grosseiramente o efeito que poderíamos ter sobre o destino eterno de pessoas se separássemos um tempo para marcar um café da manhã ou almoço com os perdidos em nossa esfera de influência. Se correremos o risco de expressar com clareza, durante a conversa, a essência do que significa conhecer pessoalmente Cristo, só o céu sabe o que pode acontecer.

Ouvi o testemunho de um homem chamado John, que atua no ministério de música em nossa igreja e toca saxofone na banda. John disse que, ao longo de toda a sua vida, uma voz dentro dele clamava: “Como eu queria conhecer o caminho para Deus! A música não está fazendo isso por mim. Os esforços religiosos não me levam até o Senhor. Não sei a quem recorrer”.

Até que alguém da banda se tornou amigo de John e investiu tempo para que os dois ouvissem mensagens sobre a essência do cristianismo, a fim de que John pudesse entender a diferença entre a religião e o verdadeiro relacionamento com Cristo.

Finalmente John entendeu o evangelho e partiu para a ação, aceitando o perdão e a liderança de Cristo. Logo estava ajudando em nossa igreja, fazendo arranjos e tocando músicas que atraem outros que também necessitam ouvir a mensagem.

O que me chama a atenção é que o maior sacrifício que o amigo de John precisou fazer foi dedicar tempo. Para isso, foi necessário tirar tempo de outra coisa — provavelmente algo de valor e importante — a fim de dar esse presente a John.

Tenho certeza de que parte do que atraiu John a Cristo foi o impacto de todas as horas que seu amigo lhe dedicou. Ele deve ter questionado: “Por que esse cara está disposto a passar tanto tempo comigo? Ele deve acreditar mesmo no que está dizendo e se importar genuinamente com meu destino eterno, pois mal consigo acreditar nos sacrifícios que ele está fazendo por mim”.

O sacrifício de tempo aliado à comunicação clara da verdade resultou no encontro de mais um pecador com o Salvador.

Já vimos isso acontecer muitas vezes em nosso ministério na Willow Creek. Projetados para pessoas que estão descobrindo o cristianismo, pequenos grupos reúnem um líder capacitado, um aprendiz e alguns interessados nas questões espirituais. Os grupos fornecem um ambiente empolgante para investigação honesta e discussão das verdades bíblicas.

O mais fascinante, porém, é que, em algumas ocasiões, o interessado se sente pronto a entregar a vida a Cristo após a primeira ou segunda reuniões — às vezes até mesmo na entrevista inicial! Esse foi o caso de Barry, que se inscreveu para participar de um grupo com Garry Poole, o coordenador desse ministério.

Antes mesmo da reunião do grupo, Barry ligou para dizer que suas perguntas sobre o cristianismo eram urgentes demais para esperar a reunião dos membros. Então, os dois se encontraram e passaram a tarde conversando sobre questões espirituais. Mais tarde, naquela mesma noite, Barry ligou para Garry e contou que havia orado pedindo a Jesus Cristo que o perdoasse e se assenhoreasse de sua vida. Tudo resultou de algum tempo investido por um líder com sensibilidade espiritual suficiente para identificar e aproveitar uma oportunidade.

Você doou a alguém o presente do tempo recentemente? Qual foi a última vez que você apertou o botão de pausa em sua agenda sobrecarregada para dedicar uma ou duas horas a alguém em busca da verdade espiritual?

Sejamos honestos: é preciso coragem e persistência para abrir mão de velhos hábitos de excesso de trabalho e ritmo frenético. Diminuir o ritmo nunca é fácil, mas geralmente é necessário. Por isso, nossa discussão, no capítulo anterior, sobre desacelerar nossa rotação é tão importante. Precisamos ter reservas emocionais para expressar compaixão a outros. E o efeito positivo disso é ter horas disponíveis aqui e ali para investir em Zaqueus modernos como John e Barry.

Lembrei-me da importância do tempo durante uma palestra fora de nossa cidade. Uma mulher esperou na fila para falar comigo após o fim do programa. Quando essa mulher que eu não conhecia finalmente chegou a mim, colocou as mãos em meus ombros e disse: “Bill, faz anos que espero dizer algo a você. Muito tempo atrás, comecei a frequentar sua igreja, mas estava espiritualmente confusa. Após frequentar as reuniões por um tempo, decidi tentar falar com você após o culto. Você havia falado com várias pessoas naquele dia e estava pronto para sair quando o parei e perguntei se poderia explicar o que significava tornar-se cristão.

“Você me deu o dom do tempo”, disse ela. “Passou bastante tempo comigo explicando como eu poderia aceitar Cristo. E mais tarde, naquele mesmo dia, orei fazendo isso! Caminho com Jesus desde então. Ele mudou minha vida e está transformando a vida de minha família também. Só queria dizer obrigada por ter dedicado tempo para me ajudar.”

Voltei para casa naquela noite pensando: “Que recompensa! Alguém com a vida transformada hoje e o céu amanhã — porque dei o pequeno presente do tempo”. E orei para nunca o reter quando houver uma oportunidade como essa para Deus me usar a fim de causar impacto em outros.

Reinvista seus recursos

Um segundo tipo de sacrifício que desperta o interesse das pessoas em busca espiritual é abrir mão de recursos. “Dinheiro não é tudo”, ouvimos dizer, “mas com certeza supera o que quer que esteja

em segundo lugar!”. Numa era em que as pessoas estão intoxicadas pelo desejo de ter dinheiro e bens materiais, tudo o que você precisa fazer para chamar a atenção de um interessado é priorizar as necessidades materiais dele, não as suas. Nos dias atuais, isso pode até virar manchete!

Certa mãe que criava os filhos sozinha me procurou após um de nossos cultos de fim de semana. Ela soluçava tanto

que precisei escorá-la por um instante. Depois de retomar a compostura, ela me contou a linda história de seu processo de conversão.

“Durante anos, passei por este lugar na Algonquin Road. Todas as vezes que me virava e olhava para a igreja, zombava da ideia da existência de um Deus, de um filho de Deus chamado Jesus, de um céu e um inferno. Estava feliz no casamento, tinha segurança financeira e três filhos maravilhosos. Não conseguia entender por que as pessoas eram ingênuas a ponto de se deixarem levar pela religião.

“Até que a casa caiu em minha vida. Meu esposo e eu passamos por problemas financeiros devastadores. A inquietação conjugal progrediu de sessões de gritos a sessões de empurrões, até que eu finalmente perdi a batalha. Perdi meu casamento, perdi nosso dinheiro, perdi tudo”.

Ela prosseguiu: “Quando entrei pela primeira vez nesta igreja muitos meses atrás, provavelmente era a pessoa mais necessitada da região noroeste de Chicago. Acho que você não consegue imaginar o impacto que as pessoas desta igreja causaram em mim! Esses cristãos, que eram completos estranhos e dos quais eu costumava gracejar enquanto passava, me amaram, cuidaram de mim e me acolheram. Eles não disseram apenas: ‘Fique aquecida, bem alimentada e vire-se’; arregaçaram as mangas e me ajudaram de formas tangíveis.

Numa era em que as pessoas estão intoxicadas pelo desejo de ter dinheiro e bens materiais, tudo o que você precisa fazer para chamar a atenção de um interessado é priorizar as necessidades materiais dele, não as suas. Nos dias atuais, isso pode até virar manchete!

“As pessoas da assistência social da igreja conseguiram alimentos para meus filhos e para mim por um bom tempo. Elas *alimentaram* minha família. Os que servem no ministério da carona nos forneceram transporte confiável, pois meu marido havia levado o carro. A equipe da boa vontade me deu um auxílio financeiro para superar o período mais difícil. O ministério de conselho orçamentário me ensinou a viver dentro de meus limites financeiros restritos. O ministério de carreiras me ajudou a encontrar um emprego. O ministério Arco-íris animou meus filhos, que estavam com o coração partido. E alguns conselheiros da igreja me ajudaram a lidar com o sofrimento e a frustração”.

Então, ela começou a se emocionar de novo. Por fim, disse entre lágrimas: “E, por causa das provisões e do auxílio das pessoas desta igreja, também descobri o amor de Cristo. Só gostaria de conhecer uma forma de agradecer a todos!”.

Bem, nesse ponto, ela não era a única com lágrimas nos olhos. A história dessa mulher me tocou profundamente. Nosso encontro me proporcionou um novo apreço pelo impacto que pode derivar de compartilharmos recursos com outros.

Se você já precisou encarar uma ordem de despejo ou uma reintegração de posse, se seu coração já acelerou ao ouvir o telefone tocar, com medo de ser outro credor, ou se você já passou necessidade e sabia que o “Dia D” se aproximava, sem nenhuma saída aparente, então sabe quão emocionadas e agradecidas as pessoas se sentem quando um cristão, com alegria e disposição, saca recursos para ajudar a atender essas necessidades. O receptor de um gesto como esse fica acordado à noite, olhando para o teto, na tentativa de entender o que leva alguém a fazer algo tão extraordinariamente generoso. A esperança é que, mais cedo ou mais, ele perceba que somente *Deus* pode liberar o apego que a maioria das pessoas tem sobre suas posses. Só Deus pode transformar um coração avarento em um repleto de alegria, motivado a pôr em prática as palavras de Jesus: “Há maior felicidade em dar do que em receber”.

O que pode acontecer na vida de amigos e familiares se você se desapegar de seus bens materiais? Pense nos corações que podem abrir-se, nas atitudes que podem ser abrandadas ou em quem ficaria curioso e começaria a fazer perguntas espirituais se você praticasse as instruções encontradas em 1João 3.18: “Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade”.

Prove Deus nessa questão. Deposite sua fé ativa em favor de outros — ação que exige algum investimento — e veja o retorno que ele trará na forma de vidas transformadas.

Seja um exemplo no longo prazo

O terceiro tipo de sacrifício que eu gostaria de discutir é um esforço constante, de longo prazo, que afetará a vida das pessoas fora da família de Deus. É o sacrifício de um estilo de vida coerente e espiritual.

Descobri que alguns corações são mais duros de penetrar. O ceticismo espiritual corre fundo na veia de determinadas pessoas. Elas precisam observar um cristão viver sua fé por um período significativo para se convencerem de que não se trata de uma farsa. Existem mais pessoas como essas do que costumamos pensar. Elas observam e registram nossa consistência moral e espiritual, frequentemente sem nem mesmo se darem conta do que estão fazendo.

Isso significa que precisamos continuar a ter uma vida que confirme nossas palavras. Precisamos fazer o sacrifício de correr uma maratona, não apenas 100 metros rasos. Sabe, não é tão difícil projetar uma imagem cristã asséptica para seus amigos e colegas por um período curto. Você pode usar uma fachada espiritual por alguns meses, ou mesmo durante um ano inteiro.

Contudo, será necessário mais do que isso para causar um impacto em algumas pessoas. Os tipos mais durões riem por dentro e dizem: “Isso também vai passar. Daqui a um ano, você estará envolvido com astrologia ou cristais”.

Não fique surpreso se essa for a atitude de algumas das pessoas mais próximas a você, até mesmo de seus familiares. Foram eles que o viram passar por todo tipo de fases no passado: sapatos baseados nos princípios da ioga, dietas excêntricas, aulas de *tae kwon do*, *marketing* multinível de pirâmide, gravações subliminares tocadas debaixo do travesseiro todas as noites para melhorar seu humor, e assim por diante. Agora você aparece dizendo: “Descobri o que estava faltando na minha vida todos esses anos: Jesus Cristo!”. E eles pensam o seguinte: “Aham, não foi isso o que você disse sobre aqueles suplementos alimentares à base de ervas anos atrás? Quanto tempo *esta* fase vai durar?”

Você percebe qual é o problema? Talvez você não tenha entrado em *todas* essas modas, mas, se for como a maioria das pessoas, provavelmente já passou por fases suficientes para tornar essas pessoas um pouco desconfiadas de suas últimas afirmações.

A pergunta é: você está disposto a provar que elas estão erradas fazendo o sacrifício de viver uma vida cristã coerente e integral não só por uma temporada, mas no longo prazo?

Romanos 12.1,2 diz: “Ofereçam-[se] em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente”. Isso significa que precisamos ter integridade em todas as áreas de nossa vida. Significa dizer “não” às seduções do mal, “não” às tentações sexuais, “não” às concessões, “não” a oportunidades antiéticas de ganho pessoal; em outras palavras, precisamos dizer “não” ao pecado o tempo todo.

É claro que existe um lado positivo nisso. Devemos dizer “sim” à retidão, à compaixão e à verdade, mesmo quando isso dói. Devemos dizer “sim” à orientação de Deus, aos ensinamentos bíblicos e ao chamado do Espírito.

Precisamos continuar a viver essas reações de “sim” e “não” todos os dias, todos os anos. Isso dá o que pensar, não é mesmo? Com

certeza é mais fácil *falar* do que *fazer*! Mas trata-se de um ingrediente essencial do cristianismo contagiante.

Infelizmente, os livros de história estão repletos de relatos de cristãos que deram os primeiros passos com energia e entusiasmo incríveis, mas acabaram desistindo depois de apenas uma ou duas voltas. E isso leva os céticos a descrerem ainda mais. Eles apenas riem e dizem uns para os outros: “Você está vendo? Eu sabia que era só uma fase. Não falei que era tudo uma farsa e não duraria?”. A causa de Cristo já sofreu um prejuízo incalculável porque algumas pessoas se prepararam para uma corrida de curta distância, ao passo que deveriam treinar para uma maratona.

Já mencionei que minha esposa, Lynne, e eu tivemos a oportunidade de passar o dia com Billy e Ruth Graham. Uma das lembranças que permanecem em minha mente é a percepção de que aqueles dois pagaram o preço da consistência cristã durante sessenta anos de ministério conjunto. É mais de *meio século* sendo “sacrifícios vivos”, mais de meio século resistindo às tentações, concessões e seduções que poderiam tê-los levado à sarjeta, mais de meio século desenvolvendo e expressando verdade, compaixão, serviço e humildade.

Um dos motivos que me fazem crer que Deus usou Billy de maneira tão poderosa, em especial nos últimos anos de seu ministério, é uma geração inteira de seus colegas que ele venceu pelo cansaço. Billy foi mais persistente que eles! Na verdade, disse: “Sabe aquilo que eu falei dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta e sessenta anos atrás? Continua a ser tão verdadeiro quanto sempre foi. É verdade em minha vida e na vida de milhões de outras pessoas”.

Vários de seus colegas respondem: “Você tem razão. Eu o tenho observado por mais de meio século e estou começando a acreditar que é real”.

Essa percepção em relação aos Grahams reforçou para mim que é melhor continuar preparando-me para a maratona. Isso ocorreu

num momento oportuno, pois, embora eu tenha começado a corrida com uma velocidade boa, estava ficando fatigado antes da metade da corrida! Eu sabia que precisava administrar melhor minha vida para ser um sacrifício vivo ao longo do percurso.

E você? Corre curtas distâncias ou maratonas? Talvez seus familiares digam: “Vou sentar e esperar”. Por que não decidir agora mesmo que, com a ajuda de Deus, você vencerá pelo cansaço todo cinismo, zombaria e ceticismo de outros em relação a sua vida?

Você corre curtas distâncias ou maratonas? Talvez seus familiares digam: “Vou sentar e esperar”. Por que não decidir agora mesmo que, com a ajuda de Deus, você vencerá pelo cansaço todo cinismo, zombaria e ceticismo de outros em relação a sua vida?

Para fazer isso, você precisa manter um elevado nível de integridade, compaixão, sacrifício e vida devota, dia após dia. Deve viver assim não só na igreja, mas também em casa, no trabalho ou na escola, no bairro e no jogo de futebol. Você está pronto para se comprometer hoje? A maratona está apenas começando!

O IMPACTO DE UMA VIDA DEVOTA

Quando demonstramos amor sacrificial a outros das maneiras que discutimos aqui, imitamos o exemplo e os ensinamentos de nosso líder. Foi Jesus quem disse em João 15.12,13: “O meu mandamento é este: Amem-se uns aos outros como eu os amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos”.

É animador saber que, quando entregamos parte de nossa vida aos amigos, nosso exemplo facilita a compreensão e a aceitação da verdade de que Jesus deu a vida *dele* como sacrifício em lugar deles.

A Bíblia diz que somos salvos do pecado pela fé em Deus, independentemente das boas obras. Essa é a verdade evangélica, não é mesmo? Nosso comportamento positivo nada tem que ver

com obter a salvação, que é um dom de Deus concedido livremente àqueles que nele confiam.

Entretanto, algo precisa ser dito: embora nossas ações não estejam relacionadas com a conquista de nossa salvação, *podem ser usadas por Deus para salvar outras pessoas!* Aquilo que fazemos é muito importante e pode afetar a eternidade daqueles com quem nos importamos.

Tenho certeza de que você percebeu a lógica que segui nesta parte. Autenticidade, compaixão e sacrifício trabalham juntos para ajudar quem está longe da fé a chegar a ponto de dizer: “A prova está no viver, e a evidência parece irrefutável. Quem mais, a não ser Deus, poderia tornar alguém tão verdadeiro, bondoso e coerente como essas pessoas? O que preciso fazer para ter o que elas têm?”

Ao discutir a metáfora do sal, começamos a entender o que significa ter uma vida cristã de alta potência. Contudo, para ter *máximo impacto*, é preciso prosseguir. O assunto que abordarei a seguir é como podemos conseguir uma proximidade mais intensa com aqueles a quem esperamos influenciar para Cristo. É aí que a ação começa *de verdade!*

Embora nossas ações não estejam relacionadas com a conquista de nossa salvação, podem ser usadas por Deus para salvar outras pessoas! Aquilo que fazemos é muito importante e pode afetar a eternidade daqueles com quem nos importamos.

PARTE 3

O POTENCIAL DA PROXIMIDADE INTENSA

AP + PI + CC = MI

OPORTUNIDADES ESTRATÉGICAS NOS RELACIONAMENTOS

AONDE VOCÊ VAI QUANDO TEM um problema? A quem recorre quando precisa de ajuda ou conselho numa questão de grande importância para sua vida? Ou, então, com quem você conversa quando quer uma opinião sobre que carro novo ou aspirador de pó comprar?

Agora pensemos no outro lado dessas perguntas. Como você se sente quando um estranho tenta conversar assuntos pessoais com você? A ideia de interagir com pessoas desconhecidas sobre questões profundas da vida agrada a você?

Suponha que você esteja passando um tempo de lazer com sua família numa manhã de sábado, quando de repente sua privacidade é interrompida por uma batida na porta. Lá estão duas pessoas religiosas que querem dizer como você pode tornar-se parte da organização de Deus. Deixe-me adivinhar: você fica todo empolgado e pensa: “Uau, que oportunidade de conversar com pessoas bem articuladas sobre um assunto tão interessante e importante!”. É isso mesmo o que ocorre?

Duvido. Se você for como eu, sua primeira reação seria: “Ah, não! Por que eles tinham de aparecer justo *hoje*? Não estou com vontade de conversar sobre questões tão complicadas e pessoais — além

disso, eles provavelmente estão treinados para contra-argumentar tudo o que eu disser!”.

Se *você*, um cristão comprometido com a missão de espalhar o amor e a verdade de Deus, sente-se dessa maneira em relação a falar com estranhos sobre assuntos espirituais, imagine seus amigos não religiosos na mesma situação! É provável que eles tenham horror ao pensar em conversar com um desconhecido sobre sua vida particular.

Não é de espantar que as abordagens antigas e impessoais de propagar a fé não funcionem tão bem hoje. À medida que as pessoas de nossa cultura se distanciam cada vez mais de suas raízes e de sua herança cristã, sentem-se menos confortáveis em conversar com qualquer pessoa — *em especial com pessoas que não conhecem* — sobre questões de fé. Com a crescente secularização da sociedade, parece haver uma redução proporcional da disposição das pessoas de sair de sua zona de conforto para procurar respostas para as questões mais cruciais da vida.

Quanta atenção você presta na correspondência impessoal que enche sua caixa de correio todos os dias? Também é quase certo presumir que o grande fluxo de propagandas e lixo eletrônico, incluindo *e-mails* de organizações religiosas que lotam sua caixa de entrada, não recebem atenção. E você não é cético também em relação ao poder de influência de frases de efeito em adesivos de carros e faixas com João 3.16 exibidas em jogos esportivos? Certamente não ouço muitos testemunhos modernos de pessoas alcançadas por meio dessas abordagens impessoais.

Até mesmo os programas cristãos de alta qualidade no rádio e na televisão, com todos os custos e esforços envolvidos, tendem a perder de vista as pessoas sem experiência religiosa que necessitam tão desesperadamente ser alcançadas. Em minhas interações com esses indivíduos, descobri que, de modo geral, eles nem sabem que esse tipo de programa existe.

Por favor, não me entenda mal. Não estou negando que Deus às vezes usa essas técnicas para tocar as pessoas. A despeito da

abordagem, sempre haverá uma história ocasional aqui e ali para provar que esses esforços têm algum valor. Só estou dizendo que, considerando que as pessoas estão cada vez mais imunes a métodos impessoais, precisamos ser sábios para investir nossas energias em outras abordagens.

O fato é que *todos* sentimos desconforto quando alguém de fora de nosso círculo de amigos tenta exercer influência sobre nós em relação a questões pessoais e significativas. É natural confiar nas pessoas que já conhecemos. Amigos ouvem amigos. Confiam em seus amigos. Permitem que os amigos os influenciem. Compram dos amigos — tanto produtos quanto ideias.

O fato é que todos sentimos desconforto quando alguém de fora de nosso círculo de amigos tenta exercer influência sobre nós em relação a questões pessoais e significativas. É natural confiar nas pessoas que já conhecemos. Amigos ouvem amigos.

Portanto, se desejamos causar um impacto no mundo, a abordagem mais eficaz será por meio da amizade com aqueles que precisam ser alcançados. Temos de ficar mais próximos deles, para que vejam que nos importamos de verdade e queremos o melhor para eles. Com o tempo, *isso* ganhará a confiança e o respeito deles.

Por essa razão a fórmula apresentada no capítulo 3 é tão importante. Ela se baseia na declaração feita por Jesus de que somos o sal da terra e a luz do mundo. Ao analisar esses dois elementos, estabelecemos dois motivos para usar a metáfora do sal. O primeiro é que o sal precisa ter alta potência (AP) para produzir o efeito desejado. Cristo disse que o sal que perde o sabor é inútil. Por isso, a parte anterior se dedicou às várias características que os cristãos precisam desenvolver para alcançar alta potência.

No entanto, nem mesmo o sal mais poderoso do mundo exercerá impacto se for deixado no saleiro. Os cristãos mais autênticos, compassivos e dispostos a se sacrificar do Planeta não influenciarão pessoas descrentes se não fizerem contato com elas. Assim, esta parte

se concentrará no segundo elemento da fórmula: PI, que significa *proximidade intensa*. Trataremos da construção de relacionamentos autênticos e confiáveis que nos podem levar para dentro da esfera de influência daqueles a quem esperamos alcançar.

O CARRO NA FRENTE DOS BOIS

Sejamos honestos. Toda essa história de desenvolver amizades com pessoas não religiosas exige bastante tempo e esforço, sem contar alguns desconfortos ocasionais. Por isso, a tentação pode ser encurtar o processo e lançar rapidamente um desafio espiritual, não importa se a pessoa está pronta ou não para ouvi-lo. Afinal, raciocinamos, pessoas demais precisam ser alcançadas para que gastemos tanto tempo conhecendo apenas uma.

O problema é que aquilo que parece ser um atalho razoável para nós pode acabar prejudicando o progresso espiritual da outra pessoa. Sentindo-se pressionada a dar um passo prematuro, é provável que ela diminua o ritmo ou até mesmo abandone o processo.

Mark aprendeu essa lição da maneira mais difícil. Aconteceu alguns anos atrás, quando nossa igreja programou uma apresentação de uma semana que combinava música e teatro contemporâneos para comunicar Cristo a pessoas que não costumam ir à igreja.

Mark comprou quatro ingressos para a apresentação de sexta-feira à noite e, junto com sua esposa Heidi, convidou outro casal para o evento. Mas este cancelou de última hora. Era o dia do evento, e Mark ainda tinha dois ingressos de sobra.

Ao voltar do trabalho naquela noite, enquanto entrava na garagem, Mark viu o jovem casal que morava na casa ao lado caminhando na calçada em frente a sua casa. Eles não eram casados, nunca haviam demonstrado interesse pelas coisas espirituais, e Mark só sabia o primeiro nome deles. Ainda assim, pensou: “Por que não tentar?”

— Ei, Scott! Eu estava aqui pensando se vocês estarão ocupados hoje à noite. Tenho convites extras para um musical em nossa igreja.

Mark tentou dissipar quaisquer estereótipos que os dois pudessem ter a respeito do tipo de música, alegando que haveria teatro de qualidade profissional e atualizado, um bom sistema de som e iluminação, e assim por diante. Então, perguntou se eles gostariam de ir.

Aperte o botão de pausa por um instante. Se você pensa como eu, provavelmente admirou a confiança demonstrada por Mark ao aproveitar a oportunidade e convidar um casal que ele mal conhecia. É o tipo de coisa que muitos de nós *pensamos* em fazer, mas achamos difícil praticar. O único problema, como ele acabou descobrindo, é que ele teve um comportamento ousado e rápido *demais*. Correu o risco de assustar o casal não só nessa oportunidade, mas também em chances futuras de interação.

Scott lançou um olhar tímido para a namorada e depois encarou o chão. Meio sem graça, acabou dizendo:

— Hum... Muito obrigado, mas acho que não vamos desta vez... Bem, se em algum momento você quiser fazer um churrasco com a gente, é só falar.

Enquanto eles se afastavam, Mark refletiu: “Por que *eu* não pensei nisso? Na verdade, é justamente o que tenho ensinado em meu seminário de evangelismo por anos: *primeiro é preciso fazer churrasco!*”.

É muito importante investir em amizades — aquilo que às vezes chamo de pagar um aluguel relacional — para despertar o interesse e o respeito da outra pessoa, conquistando assim o direito de falar sobre assuntos espirituais com ela.

O interessante é que Mark retomou o contato com Scott. Após algumas semanas, ele telefonou e sugeriu que os quatro assistissem a um filme e saíssem para comer uma sobremesa em seguida. Quando chegou o dia, Mark e Heidi decidiram não mencionar assuntos ligados à igreja ou ao cristianismo. Sabiam que tinham ido rápido demais e estavam determinados a fazer muitos “churrascos” com o casal antes mesmo de pensar em direcionar a conversa para questões de fé. Para total surpresa, porém, naquela mesma noite no restaurante, o próprio Scott fez algumas perguntas de natureza espiritual!

Dessa experiência, surgiu uma máxima que Mark vem ensinando desde então: “O princípio do churrasco primeiro”. Isso personifica a lição que estou enfatizando nesta parte. Somos sábios quando tentamos estabelecer relacionamentos primeiro em áreas naturais e não ameaçadoras, para só depois, no contexto do relacionamento, abrir o diálogo para questões espirituais. E, como essa história ilustra, em muitos casos a espera não precisa ser longa. Muitas pessoas estão procurando um confidente em quem possam confiar para discutir um assunto tão importante.

EXEMPLOS BÍBLICOS

A fim de reforçar o que estou dizendo, analisemos o exemplo inspirador da vida de Jesus. É surpreendente quantas vezes ignoramos o fato de que ele passou a maior parte de seu tempo com aqueles que não pertenciam a uma instituição religiosa. Na verdade, a maioria de seus encontros com religiosos envolveu um desafio, a fim de lhes mostrar como os perdidos são importantes para Deus.

É natural se espantar um pouco e dizer: “Como Jesus pôde fazer isso? O que teria motivado o Filho de Deus, sem pecado algum, associar-se a indivíduos de má-fé? Será que ele não compreendia quanto eles eram corruptos?”

No entanto, o tempo tende a atenuar a história, e os pecadores com quem Cristo convivia podem parecer mais seguros e inofensivos para nós do que aqueles que se rebelam com indiferença contra ele hoje. É fácil esquecer, por exemplo, que aqueles coletores de impostos

extorquiam grandes somas de dinheiro das pessoas oprimidas e que as prostitutas da época participavam de atividades sexuais ilícitas por dinheiro, assim como ocorre atualmente. Mas Jesus permanecia intencionalmente na companhia dos pecadores mais baixos de sua época, porque essas pessoas importavam para ele, que desejava conduzi-las à família de Deus.

Quando você assimila essas verdades, é natural se espantar um pouco e dizer: “Como Jesus pôde fazer isso? O que teria motivado o Filho de Deus, sem pecado algum, associar-se a indivíduos de má-fé? Será que ele não compreendia quanto eles eram corruptos?”

Muitos de nós crescemos na igreja cantando hinos como “Jesus! Que amigo para os pecadores”, pensando: “É isso mesmo. Sou muito feliz porque ele é *meu* amigo”. Parece ótimo, e nós nos sentimos bem até percebermos que a amizade de Cristo com os pecadores vai muito além de se importar conosco, que fazemos parte de sua família. As Escrituras dizem que nós o amamos porque ele nos amou *primeiro*, quando ainda éramos rebeldes e desobedientes, cobertos com a culpa e a vergonha que o pecado inevitavelmente traz. E ele é um amigo para um mundo cheio de pessoas que se encontram na mesma condição neste exato momento.

Outro exemplo é Paulo. Em 1 Coríntios 9.22,23, ele disse: “Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser coparticipante dele”. Paulo se importava o bastante para passar por inconvenientes e se empenhava em fazer contato com as pessoas e influenciá-las para Cristo. O grande desafio, porém, está no versículo seguinte, quando ele nos instrui a fazer o mesmo e correr “de tal modo que alcancem o prêmio”.

BARREIRAS À CONSTRUÇÃO DE RELACIONAMENTOS

Várias pedras de tropeço impedem os cristãos de aceitar o desafio de construir relacionamentos com descrentes. Analisemos alguns desses obstáculos a seguir.

Questões bíblicas

Alguns de nós fomos criados ouvindo repetidas vezes versículos que enfatizavam: “a amizade com o mundo é inimizade com Deus”, “não amem o mundo” e “saíam do meio deles e separem-se”.

Se esses versículos foram parte de sua educação cristã, a própria ideia de fazer amizade com descrentes deve soar questionável e talvez até mesmo antibíblica.

Vamos lidar rapidamente com essa ideia analisando um pouco melhor essas passagens bíblicas. Primeiro, Tiago 4.4 diz que não devemos ser amigos do mundo. Todavia, com base em outros textos, como 1 João 2.15-17, fica claro que a palavra “mundo” não se refere às pessoas em si, mas ao pecado e ao mal cometidos por aqueles que estão no mundo. Em outras palavras, devemos seguir a ordem de Cristo de amar outros sem cair no pecado de amar as coisas que eles fazem. Como diz Tiago 1.27, é preciso “não se deixar corromper pelo mundo”.

De maneira semelhante, em João 17.14, quando Jesus diz que não somos deste mundo, às vezes a interpretação é que não devemos relacionar-nos com pessoas de fora da família de Deus. Os versículos 15-18, porém, demonstram o contrário: “Não rogo que os tires do mundo, mas que os protejas do Maligno [...]. Assim como me enviaste ao mundo, eu os enviei ao mundo”. E por que Jesus foi enviado ao mundo? Segundo sua própria declaração, para “buscar e salvar o que estava perdido” (Lucas 19.10).

E quanto à admoestação “saíam do meio deles e separem-se”? Ela vem de 2Coríntios 6.17, em que Paulo conclui sua advertência para os cristãos evitarem situações de “jugo” com descrentes. Certamente isso

Jesus foi acusado por seus inimigos de ser “amigo de publicanos e ‘pecadores’” (Lucas 7.34). Embora o objetivo fosse usar um termo depreciativo, Cristo nunca negou o fato. Em vez disso, aceitou isso como um elogio e o personificou ativamente.

não se refere a amizades do dia a dia, mas a alianças formais, que costumam ser espiritualmente prejudiciais para o fiel. Na verdade, Paulo disse antes, na carta à mesma igreja, que a interação corriqueira com não cristãos é normal e necessária (1Coríntios 5.9,10).

Podemos concluir lembrando que Jesus foi acusado por seus inimigos de ser

“amigo de publicanos e ‘pecadores’ ” (Lucas 7.34). Embora o objetivo fosse usar um termo depreciativo, Cristo nunca negou o fato. Em vez disso, aceitou isso como um elogio e o personificou ativamente.

Perigo espiritual

Vimos, portanto, que a ideia de se aproximar de pessoas não religiosas com propósito espiritual é um hábito bíblico, do qual Jesus e Paulo foram modelos. Mas quais são os riscos associados a conviver com aqueles que estão em rebelião ativa contra Deus? E o que Paulo tinha em mente em 1 Coríntios 15.33, quando disse: “Não se deixem enganar: ‘As más companhias corrompem os bons costumes’ ”?

Quando analisamos o contexto, vemos que o apóstolo advertia seus leitores especificamente acerca da aceitação de mestres religiosos que negavam a ressurreição de Cristo. Ele estava dizendo: “Não permitam que o ceticismo nesta questão os desvie. O fato de Jesus ter ressuscitado dentre os mortos de maneira literal é central e indispensável à fé cristã”.

De forma mais ampla, parece haver um princípio geral implícito no texto. A saber, quando nos associamos a alguém que crê em algo diferente da verdadeira mensagem evangélica, precisamos ter certeza de que *nós* somos aqueles cuja influência prevalece.

Outra forma de explicar é que devemos estar no ataque, não na defesa. Devemos estar prontos para mostrar a ligação da verdade de Deus em qualquer situação na qual nos encontremos. Ou, como disse Paulo, destruir “argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e [levar] cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo” (2Coríntios 10.5).

Isso significa que, quando sentimos que estamos sendo influenciados negativamente pelas ideias e ações de outra pessoa, é a hora de nos afastarmos, pelo menos por um tempo. É imprescindível que sejamos sempre a influência predominante nas questões morais e espirituais.

Em muitas situações, isso não é tão difícil quanto parece. Quando abordarmos as amizades com um propósito — o de influenciar pessoas para Cristo de forma contagiante —, teremos maior probabilidade de perseverar na defesa do que é moralmente correto e verdadeiro.

Risco à reputação

Você pode dizer, “Mas, se eu começar a passar tempo com ‘pagãos’ em lugares públicos, o que as pessoas da igreja vão pensar?”. Essa é uma preocupação válida, porque é provável que alguns cristãos conhecidos compreendam mal seus esforços de se relacionar com pessoas não religiosas.

Contudo, você está em boa companhia, porque Jesus não só *ariscou* sua reputação com a comunidade religiosa; na verdade, ele a *arruinou*! Em Lucas 7.34, vemos que os líderes acusaram Cristo de ser comilão e bebedor. Embora ele certamente não fosse nada disso, o fato de essas pessoas pensarem que Jesus o era nos revela muito sobre o tipo de indivíduos com quem ele passava tempo.

Em Mateus 9.12,13, Cristo disse que se associava a pecadores porque eles eram como doentes que precisam de um médico. O perigo era e, claro, ainda é, que o médico seja erroneamente identificado como um dos pacientes.

Já analisamos Lucas 15.3-32, a passagem na qual Jesus ilustra quanto as pessoas desviadas importam para Deus ao apresentar três parábolas: a ovelha perdida, a moeda perdida e o filho pródigo. Discutimos a lição, mas não o motivo de Jesus ter se esforçado tanto para comunicá-la. Ao ler os dois primeiros versículos do capítulo, a motivação de Cristo fica clara.

Jesus estava reagindo aos líderes religiosos, que murmuravam uns aos outros dizendo como era inapropriado seu relacionamento com pessoas de reputação tão duvidosa. Cristo queria que eles soubessem que, além de não ser errado, valia o esforço por causa do valor que Deus dá às pessoas perdidas.

Desconforto pessoal

Admitamos: é difícil ter proximidade intensa com o tipo de pessoas com as quais costumávamos andar. O vocabulário nos deixa desconfortáveis, o humor costuma ser impróprio e vergonhoso, os valores e as atividades nos fazem questionar se a distância espiritual não é grande demais para ser transposta. Talvez você tenha escapado há pouco desse ambiente. Portanto, sua reação natural é: “E agora você está dizendo para eu voltar para lá?”

Bem, minha resposta a essa pergunta é sim e não. Com certeza, não queremos voltar a *ficar* nesse ambiente. Mas precisamos *visitá-lo* por amor às pessoas que ainda se encontram ali, a quem Deus estima e com quem devemos importar-nos. Mas, sim, será estranho às vezes.

Já me referi a meu apreço por corridas de barco. A tripulação é composta por nove homens, e eles não são o tipo de gente que você encontraria num piquenique da escola dominical.

O protocolo da navegação requer que os donos de barco e tripulantes se encontrem no iate clube depois de cada regata para conferir o resultado da corrida, resolver quaisquer protestos e receber os prêmios de primeiro, segundo e terceiro lugares.

Dou a você três chances de adivinhar o que as pessoas fazem enquanto o comitê da corrida desempenha seu papel. Você está certo: elas consomem bebidas alcoólicas em grande quantidade. Nem sei dizer quantas vezes estive no meio de marinheiros bêbados numa discussão sem fim sobre quem fez o melhor lançamento da vela triangular ou o melhor percurso na direção do vento.

Eu me vejo questionando: “O que estou fazendo aqui? As pessoas falam alto, a linguagem é chula e os egos estão fora de controle.

*Eu me vejo questionando:
“O que estou fazendo aqui?
As pessoas falam alto, a
linguagem é chula e os egos estão
fora de controle. Por que estou
aqui?”. E, com frequência, ouço o
gentil sussurro do Espírito Santo
a me dizer: “Você está fazendo o
tipo de coisa que Jesus fazia”.*

Por que estou aqui?”. E, com frequência, ouço o gentil sussurro do Espírito Santo a dizer: “Você está construindo pontes, estabelecendo confiança, lançando o alicerce para conversas que podem acontecer daqui a um ano. Está fazendo o tipo de coisa que Jesus fazia”.

As formas e os níveis de desconforto com que depararemos ao construir um relacionamento com descrentes serão variáveis, mas Deus nos ajudará a enfrentá-los e recompensará nossos esforços no processo. E tudo valerá a pena.

TORNANDO PESSOAL ESSA ESTRATÉGIA

Posso sugerir que você faça algo para levar esta discussão da teoria à prática? Escreva o nome de três pessoas cuja vida você deseja impactar espiritualmente. Devem ser indivíduos dentro de sua esfera de influência, com quem você pensa ter uma chance de um dia conversar sobre Cristo.

A elaboração dessa “Lista de Impacto” ajudará você a sair da esperança de um dia, de alguma maneira, alcançar alguns interessados sem nome e sem rosto, para a ação específica voltada a ajudar três pessoas que você conhece e com quem se importa.

É importante pedir orientação a Deus na escolha dos nomes. E você precisa continuar conversando com Deus sobre as pessoas, pedindo ao Espírito Santo que abra o coração delas para o amor e a verdade de Cristo. Além disso, ore para que Deus o ajude a expressar amor incondicional e uma amizade sem segundas intenções, bem como para que Deus dê sabedoria para você se aproximar delas e saber o que dizer em relação à salvação.

Gosto da maneira que um amigo meu explica: “Precisamos falar com Deus sobre as pessoas e só *depois* falar com as pessoas sobre Deus”. Lembre-se sempre de que o Espírito Santo quer ser seu parceiro invisível para alcançar amigos, familiares, colegas de trabalho e vizinhos com a mensagem evangélica de Cristo. É importante pedir sabedoria e poder a ele a cada passo do caminho.

Deixe-me terminar o capítulo com uma palavra de ânimo. Você só contagiará outras pessoas com o cristianismo se entrar em contato íntimo com elas para que peguem o “vírus”. É nesse ponto que todo o esforço é ganho ou perdido: no contato. Como dissemos, amigos ouvem amigos verdadeiros. *Então, seja um amigo!*

Posteriormente, falaremos sobre maneiras de comunicar com clareza o conteúdo de sua fé, mas é importante reconhecer agora que nenhum preparo o beneficiará se você não fizer contatos.

O mais empolgante é que, quando você desenvolve uma amizade estratégica, descobre que ela é cheia de diversão. Você verá sua fé aprofundar-se, seu mundo de relacionamentos expandir-se e sua confiança em Deus crescer. É como eu já disse: trata-se de uma aventura incrível!

Capítulo 8

CONTATO COM PESSOAS NÃO RELIGIOSAS

FESTAS. CRESCI VENDO DOIS TIPOS de festas, um bem distinto do outro.

O primeiro era a reunião de *grupos religiosos*. Se você foi criado num ambiente cristão, provavelmente recorda de encontros de comunhão após o culto, nos quais todo mundo conhece todo mundo. Brincadeiras e conversas amistosas naquela atmosfera fundamentada na igreja. O cheiro suave e familiar de café, lápis de cor, colônia e produtos de limpeza. Suco de groselha. Sempre havia muito suco de groselha, mas nunca com açúcar suficiente. Jogos e brincadeiras. Cadeiras dobráveis. O som de alguém dedilhando o piano na sala ao lado. E crianças por toda parte. Você captou a ideia.

O outro tipo de festa era a reunião descontrolada dos *renegados*. Era a galera da filosofia “Nasci para ser doidão”, “Festeje até cair”, “Só se vive uma vez”. O álcool corria com fartura, a conversa era chula, e a música soava alto a ponto de furar os tímpanos. Alguns iam para se divertir, outros para se enturmar, e aqueles que não conseguiam fazer nenhum dos dois apenas fingiam.

Na infância, frequentei as festas dos grupos religiosos. Mais tarde, durante o ensino médio, expus-me às festas dos renegados. Mas algo que não me lembro de ver eram reuniões que misturavam membros dos dois grupos — pelo menos, não de propósito. Pode ter acontecido em algumas ocasiões, como recepções de casamento,

mas, quando ocorria, era sempre desconfortável. Para evitar conflitos, os dois grupos se ignoravam e celebravam entre si até tarde, quando o grupo dos renegados aos poucos assumia o controle e espartava os religiosos.

A FESTA DE MATEUS

A situação não era muito diferente no primeiro século, por isso as ações de Mateus pareceram tão ultrajantes. Você pode ler sobre elas em Mateus 5.29. Resumindo, ele deu um banquete e fez o impensado: convidou tanto seus colegas religiosos quanto os não religiosos. Era um grupo intencionalmente misto — uma festa com um propósito.

É preciso dar-lhe crédito. Mateus se tornara cristão enquanto seguia a carreira de coletor de impostos, algo que, naqueles dias, estava um grau acima de fazer parte da ralé. Esses profissionais eram notórios por roubar dinheiro dos pobres. Se você fosse publicano, tinha licença para extorquir.

Contudo, o encontro com Jesus transformou radicalmente o coração de Mateus. O resultado foi o surgimento imediato de uma preocupação por seus amigos que ainda não haviam firmado um compromisso com Cristo. Seu desejo natural era o de ajudá-los a descobrir o que ele mesmo encontrara. Mateus não havia frequentado um seminário. Não tinha materiais impressos. Tudo o que possuía era um coração cheio de graça e um espírito determinado. Ele encontrara um caminho.

Uma estratégia seria levar os colegas publicanos ao templo, a fim de ouvir alguém articulado explicar as verdades espirituais. Mas a única opção lá era um rabino com trajes cerimoniais lendo a Lei do Antigo Testamento. Não demorou muito para Mateus perceber que essa abordagem não agradaria àqueles pagãos ambiciosos, que corriam riscos e tinham um cargo importante.

Mateus poderia simplesmente ter desistido. Poderia ter esfregado uma mão na outra e dito: “Bem, não há opções. O plano do rabino

está descartado, e o ministério de ensino de Jesus é muito espontâneo, sem agenda fixa. Além disso, eles provavelmente não viajariam para ouvir alguém pregar num monte. Eu, com certeza, não sou qualificado. Deixarei que eles se virem”.

Sabe, muitos cristãos lavam as mãos e isolam seu coração da busca por amigos e familiares perdidos. Mas Mateus não estava disposto a fazer isso. Pelo contrário, ele persistiu. Tenho certeza de que ele pensou muito a respeito, orou pedindo sabedoria e talvez tenha pedido conselho dos amigos seguidores de Cristo.

Então, teve uma ideia: ele daria uma festa. É claro! Seus colegas *amavam* festas; festas *grandes*; quanto mais gente, melhor.

Agora tudo o que Mateus precisava fazer era inserir seu propósito principal na festa. Por isso, perguntou se Jesus e seus discípulos estariam dispostos a ir e plantar algumas sementes espirituais aqui e ali, na expectativa de que algo significativo criasse raiz no coração de seus amigos.

Na noite do evento, só o céu sabe as conversas estratégicas que ocorreram. Não temos detalhes, a não ser que os fariseus ficaram sabendo e não gostaram. Ao que parece, pensaram que Jesus e seus discípulos estavam fazendo evangelismo da maneira errada; então, os chamaram num canto e os questionaram por manterem contato social com aquele tipo de gente. Francamente, acho que parte do problema era eles pensarem que as pessoas estavam divertindo-se demais.

Durante a conversa com os fariseus, posso imaginar Mateus, recém-convertido, ouvindo e questionando se havia feito a coisa certa. Afinal, era seu primeiro esforço evangelístico, e Jesus estava recebendo a maior bronca dos líderes religiosos. Acho que ele deve ter pensado: “Talvez eu devesse ter levado meus amigos ao templo. Ou, então, simplesmente não ter feito nada. Agora todos estão chateados. Jesus está passando por um interrogatório constrangedor. É melhor não correr mais riscos como esse. Deixarei o evangelismo para os profissionais”.

Então, de repente, Mateus ouviu Jesus defender suas ações! Cristo elogiou a ideia da festa lembrando aos fariseus que são os doentes que

Abordagens não convencionais que misturam estrategicamente os ricos e pobres em termos espirituais não são apenas aceitáveis, mas essenciais para os esforços redentores de Deus.

precisam de médico. Que bem fariam os médicos, repreendeu ele, em passar tempo com pessoas saudáveis? Em outras palavras, abordagens não convencionais que misturam estrategicamente os ricos e pobres em termos espirituais não são apenas aceitáveis, mas *essenciais* para os esforços redentores de Deus.

Embora o texto não forneça detalhes quanto ao que aconteceu em seguida, imagino Jesus, após responder aos fariseus, virando-se e colocando o braço em torno dos ombros de Mateus.

“Bom trabalho, Mateus”, ele pode ter dito. “Entendo sua motivação por trás do que está acontecendo aqui. Você avaliou as necessidades espirituais de seus amigos, analisou as opções para atender a elas e foi criativo. Você correu alguns riscos. Quero que saiba que gostei muito de sua ideia e de sua preocupação com os perdidos. E sinto-me honrado de ter feito parte de seu plano para alcançá-los. Agora, vamos voltar para a festa!”

APRENDENDO COM O EXEMPLO DE MATEUS

Alguns princípios dessa situação do passado se aplicam a nós hoje. Deus quer que valorizemos nossos amigos descrentes assim como Mateus valorizou. Deus quer que tenhamos cautela em relação às técnicas convencionais de evangelização dos perdidos quando, em nosso coração, sabemos que elas não são a melhor solução para alcançar aqueles que almejamos ajudar. E, com certeza, Deus não quer que lavemos as mãos diante desse dilema ou desistamos.

Acredito que Deus desafia você e eu a fazermos o que Mateus fez. Seja inovador. Pense com criatividade. Dentro dos princípios

bíblicos, encontre uma estratégia condizente com quem você é e com quem seus amigos são. Ore muito e esteja disposto a assumir uma posição de vulnerabilidade. Aprenda com seus erros e ajuste a abordagem quando for necessário.

Ao longo de todo o caminho, concentre-se nas pessoas, não nos programas. A ação começa quando você faz contato com outro ser humano. O sal precisa encostar em algo para fazer efeito;

do mesmo modo, o médico precisa encontrar formas de passar tempo com aqueles que precisam de seus serviços. Você deve aproveitar as oportunidades de entrar em contato com pessoas não religiosas para alcançá-las.

O cristianismo contagiante é de pessoa para pessoa, de amigo para amigo, de vizinho para vizinho. O plano é bíblico, lógico, estratégico e foi provado por Jesus, Paulo, Mateus e muitos outros desde então. A pergunta é: “Como dar o primeiro passo? O que fazer para me aproximar dos descrentes, na esperança de um dia levá-los a Cristo?”

Quero responder analisando maneiras práticas de alcançar três grupos de pessoas em seu mundo: as pessoas que você conhece hoje, as que você conheceu no passado e as que gostaria de conhecer.

Deus quer que valorizemos nossos amigos descrentes assim como Mateus valorizou.

Deus quer que tenhamos cautela em relação às técnicas convencionais para a evangelização dos perdidos quando, em nosso coração, sabemos que elas não são a melhor solução para alcançar aqueles que almejamos ajudar.

O cristianismo contagiante é de pessoa para pessoa, de amigo para amigo, de vizinho para vizinho. O plano é bíblico, lógico, estratégico e foi provado por Jesus, Paulo, Mateus e muitos outros desde então.

AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE

Uma concepção errônea compartilhada é que a abordagem mais vital e significativa do evangelismo envolve entrar em contato com des-

conhecidos. Mas a verdade é justamente o contrário. São as pessoas que *conhecemos* que já desenvolveram um grau de confiança para conosco; por isso, são as que mais se encontram dentro de nossa esfera de influência. Quando desenvolvemos um caráter contagiante como o discutido na Parte 2, nossos conhecidos são atraídos por quem somos e pela fé que representamos. Eles podem não dizer isso abertamente, mas atributos como autenticidade, compaixão e sacrifício são ímãs poderosos para aqueles que os observam na sua e na minha vida.

O elemento-chave ausente em tantos desses relacionamentos, porém, é o tempo de relaxar juntos, sem as rotinas de trabalho, tarefas domésticas e ocupações cotidianas. Precisamos de mais “tempo tranquilo” para que as conversas se aprofundem em questões importantes e pessoais da vida. Que passos podemos dar para garantir que isso aconteça? Vamos examinar duas abordagens possíveis. A primeira é por meio de eventos planejados, e a segunda funciona de modo mais informal.

Dê uma “festa de Mateus”

Eventos sociais estrategicamente planejados para misturar membros dos “grupos religiosos” e dos “renegados”, ou as “festas de Mateus”, como começaram a ser conhecidos em nossa igreja, podem ter praticamente qualquer tamanho ou formato. Em geral, são projetados para cumprir um propósito simples: prover um ambiente neutro no qual cristãos contagiantes podem fazer contato casual com amigos não cristãos. São ambientes ideais para fortalecer os relacionamentos existentes, bem como para cultivar novos. E são excelentes oportunidades para lançar sementes espirituais e conversar sobre questões de fé.

Algumas rodas podem começar a girar e, com o tempo, resultar num novo destino eterno para muitos de seus convidados. Você ficará surpreso com quão rápido alguns deles se abrirão e darão passos significativos em direção ao cristianismo.

Vejamos alguns exemplos.

Eventos de golfe

Conheço algumas pessoas que organizaram escolas e partidas de golfe com esse propósito. Elas usam tais ocasiões para aprofundar a amizade com colegas não religiosos, embora, para sua surpresa, certa vez uma convidada tenha acabado orando para aceitar Cristo ali mesmo na área de treino!

Feriados comemorativos

Russ e Lynette, um casal de nossa igreja, fazem todos os anos uma festa para comemorar a independência dos Estados Unidos. Convidam todos os que conhecem, cristãos e não cristãos, com o duplo propósito de se divertir e pôr seus amigos da igreja em contato com os descrentes. Eles montam churrasqueiras e jogos ao ar livre em seu quintal, com uma grande tenda, algumas mesas e cadeiras, e deixam as pessoas andar livremente pela casa. A coisa mais espiritual que fazem é tocar música cristã contemporânea de fundo. O resultado é que, ao final do dia, algumas amizades estratégicas são iniciadas, e muitos perdidos veem os cristãos se divertir e interagir com outros. Vários também recebem um caloroso convite para participar de um de nossos cultos de fim de semana.

Eventos para as crianças da vizinhança

Natalie gosta de fazer festas de Mateus de vários tipos. Uma delas foi uma série de jogos bem elaborados para as crianças da vizinhança. Ela levou palhaços e brincadeiras, fez uma bela decoração e convidou membros da equipe de evangelismo da igreja para ajudá-la no evento, que foi criativamente destinado a atender aos interesses dela e das pessoas a quem esperava alcançar.

Festa da torta

Um amigo meu notou há algum tempo que uma nova família estava mudando para uma casa em sua rua. Comentou com a

esposa que eles deviam fazer algo para lhes dar as boas-vindas.

A esposa disse:

— Ok, vamos fazer uma festa da torta.

— Como funciona isso? — ele perguntou.

— É simples! Vou convidá-los para virem aqui na sexta-feira à noite, e você compra uma torta quando estiver voltando do trabalho.

Eles fizeram isso e, assim, começaram a desenvolver uma amizade genuína que está aos poucos se abrindo para a interação espiritual.

Recepções batismais e outras

Um novo cristão chamado Jim estava prestes a ser batizado. Decidiu maximizar o evento na tradição de Mateus enviando convites para amigos e familiares de todas as inclinações religiosas. Chegou até a organizar um *brunch* num hotel da região para todos os que confirmaram presença.

Esse investimento teve retorno. A lista de convidados incluiu parentes que viajaram de avião de outros estados e colegas que foram de carro até a igreja vindos de todas as regiões de Chicago. Durante a refeição que se seguiu, Jim se levantou e agradeceu a presença de todos; então, de maneira simples, porém direta, contou como havia tomado a decisão de seguir Cristo e o que isso significava. Suas palavras impressionaram muitos dos que ali estavam e resultaram em mais conversas sobre questões espirituais.

Conheço um casal que organiza torneios de tênis espiritualmente estratégicos. Outros fazem jogos de futebol ou de basquete em parques. Alguns usam acampamentos ou viagens de trilhas. Outros ainda fazem excursões de barco. Festas de quarteirão ou até simples churrascos no quintal podem ser eficazes. Poderíamos prosseguir indefinidamente, porque o céu é o limite. Cite qualquer coisa, e é muito provável que exista um jeito criativo de usá-la para dar uma festa de Mateus.

Posso, então, propor um desafio? Se você não sabe o que fazer para aumentar seu nível de proximidade com pessoas que precisam de Cristo, por que não pensar em algumas novas ideias com amigos que pensam parecido? Sonhem um pouco. Orem juntos sobre o assunto. Então, corram o risco e vejam o que Deus fará.

Se você não sabe o que fazer para aumentar seu nível de proximidade com pessoas que precisam de Cristo, por que não pensar em algumas novas ideias com amigos que pensam parecido? Sonhem um pouco. Orem juntos sobre o assunto. Então, corram o risco e vejam o que Deus fará.

Atividades cotidianas

Outro conceito errado que muitos de nós temos acerca de construir relacionamentos com pessoas não religiosas é que precisaremos acrescentar atividades extras a uma agenda já sobrecarregada.

Bem, você ficará feliz em saber que isso não é verdade. Uma maneira eficaz de maximizar essas amizades é convidar a pessoa a acompanhar você em algo que já está planejando realizar. Veja alguns exemplos.

Faça uma refeição junto com um não cristão

Você come todos os dias, não é mesmo? Que tal convidar um colega de trabalho não cristão para almoçar de vez em quando, ou chamar vizinhos descrentes para um churrasco em seu quintal?

Assista a um jogo

Talvez você seja fã de esportes e planeje assistir aos jogos decisivos. Por que não sair da rotina de assistir sozinho ou com companhias cristãs conhecidas e, em vez disso, misturar alguns rapazes ou moças da vizinhança? Sim, talvez você ouça alguns palavrões quando o outro time marcar pontos, mas essas pessoas verão valores positivos em seu lar, e isso as atrairá a Cristo.

Atividades esportivas

E as atividades recreativas? Golfe, tênis, *softball*, basquete, vôlei, esqui, andar de bicicleta, pescar, fazer trilhas — a lista é interminável. Se existe uma atividade que você já faz de qualquer jeito, por que não incluir companhias que podem obter algum benefício espiritual?

Hora da malhação

A academia é um bom lugar para aprofundar amizades já existentes, bem como formar novos vínculos. Por que não encontrar um colega de trabalho ou conhecido para levantar pesos ou fazer aeróbica?

Um membro da comissão de nossa igreja que hoje é um de meus melhores amigos aceitou Cristo em parte porque jogávamos raquete juntos durante o período em que ele estava conhecendo o cristianismo. Jogávamos por uma hora e depois tínhamos uma boa conversa na sauna. Até chegarmos em casa, passávamos bons momentos construindo nosso relacionamento e discutindo questões de fé. Com o tempo, ele entregou sua vida a Cristo.

Cuidar das crianças e troca de tarefas

O relacionamento com os vizinhos pode ser aprofundado por meio do revezamento em cuidar dos filhos um do outro. Além de economizar o dinheiro que você gastaria com uma babá, os filhos de seu vizinho terão a oportunidade de ver uma família cristã em ação. Vocês também podem se ajudar em tarefas do dia a dia, como mudar os móveis de lugar, consertar encanamentos, plantar arbustos ou trocar o óleo do carro.

Atividades para as crianças

Outra ideia é se reunir com a família dos amigos de seus filhos para jogar bola, ir a programas escolares ou passeios.

Dias de trabalho estratégicos

O trabalho é um ambiente natural para transformar conhecidos em amigos. Com certeza, não há falta de pessoas com necessidades espirituais em quase todas as áreas. O desafio é resistir a se assustar com o número de pessoas ou com a extensão de sua desobediência a Deus. Meu conselho é evitar se concentrar nas centenas. Em vez disso, volte seu foco para dois ou três com quem você tem afinidade. Então, comece a passar tempo de qualidade com eles.

Acrescente a essa lista de exemplos suas próprias situações e seus interesses. O importante é que planeje encontros naturais para você e seus amigos.

AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECEU NO PASSADO

Este é outro grupo muitas vezes negligenciado e que apresenta grandes possibilidades: pessoas de seu passado com as quais você perdeu contato.

Poucas pessoas fazem esforço para manter contato com os colegas depois que saem de uma escola, um emprego ou um bairro. Até mesmo amizades relativamente próximas costumam dissolver-se um ano ou dois depois que as partes se afastam. Em geral, quanto mais as pessoas envelhecem, menos a sério levam comentários como: “Não se preocupe, manteremos contato”. Dizem para si mesmas: “Ah, sim. Já ouvi isso, e ainda não aconteceu!”.

Então, quando você realmente escrever ou ligar para um ex-colega de classe ou de trabalho, ele terá uma agradável surpresa e se mostrará aberto à ideia de se encontrar para contar as novidades. O que torna essa oportunidade tão empolgante é que existe uma curiosidade interna em ambos os lados para saber como o outro amadureceu ou mudou.

Por causa dessa curiosidade, a pessoa não precisa ter sido um amigo íntimo. Por exemplo, Mark encontrou Kirk, ex-colega de

classe na época do ensino médio concluído mais de dez anos antes, em seu estado natal, a mais de mil quilômetros de distância de onde morava. E, embora mal se conhecessem naquela época, ficaram felizes em ver um rosto familiar naquela localidade. Gostavam de se reunir para lembrar as pessoas, as aulas e os acontecimentos que ambos conheciam. E foi divertido saber o que os dois haviam feito, que direção haviam tomado e com quem haviam casado.

Mark logo percebeu uma abertura espiritual em Kirk, e eles tiveram conversas significativas sobre assuntos importantes. As coisas decolaram de verdade quando Mark, com a ajuda de um amigo comum, ajudou Kirk e sua esposa, Kim, a encontrarem uma boa igreja na região em que moravam. Eles se envolveram, cresceram em entendimento e acabaram firmando um compromisso com Cristo.

Uma recém-convertida chamada Kathy fez o curso de evangelismo em nossa igreja e ficou empolgada com a ideia de alcançar outras pessoas. Do nada, decidiu ligar para uma amiga chamada Rae Ann, a quem ela mal vira nos últimos vinte anos. O momento foi providencial, pois o marido de Rae Ann estava hospitalizado com uma doença terminal, e ela não tinha ninguém para lhe dar apoio.

Kathy sentiu tristeza pela amiga, mas também empolgação pela oportunidade de ser usada por Deus para amar e animar os dois, algo que ela fez de todo o coração. Nesse processo, ela e Rae Ann se aproximaram de novo, e Kathy ajudou ambos a confiarem em Cristo. Embora o marido da amiga tenha morrido poucas semanas depois, esta tinha a nova esperança de que o veria no céu. Pouco tempo depois, Kathy e Rae Ann foram batizadas juntas. E tudo começou com uma ligação para uma velha amiga.

Para quem você poderia ligar? Que endereço você precisa procurar para enviar uma nota de encorajamento ou restabelecer uma amizade à espera de ser redescoberta? Mesmo que tenha perdido os contatos, um pouco de criatividade e pesquisa dará a você as informações necessárias.

Ligue por curiosidade. Ligue por diversão. Mas, no processo, espere em oração oportunidades para falar sobre algumas das mudanças que Deus efetuou em sua vida. Os velhos amigos provavelmente estarão mais interessados do que você imagina.

AS PESSOAS QUE VOCÊ GOSTARIA DE CONHECER

Agora chegamos a uma área que deixa muitos cristãos nervosos. Falar com conhecidos ou retomar antigos contatos não parece tão ruim. Mas falar com estranhos sobre Deus? Aí já é ir longe demais.

Relaxe. Não estamos falando sobre abordar passantes na rua e falar sobre questões espirituais! A ideia é encontrar maneiras de criar um vínculo com pessoas que você encontra naturalmente, na esperança de um dia poder discutir assuntos espirituais. Até desenvolveu um título sofisticado para isso: é o “consumerismo” contagiante.

Consumerismo contagiante

É assim que funciona: todos nós vamos a postos de gasolina, restaurantes, lavanderias, supermercados, lojas de roupas e outros lugares para atender às necessidades diárias, certo? Bem, com algum planejamento, essas tarefas cotidianas podem transformar-se em aventuras evangelísticas.

O primeiro passo é aproximar-se das pessoas que trabalham nesses lugares não como se elas fossem objetos para nos servir, mas indivíduos importantes para Deus, dignos do nosso amor e preocupação. Aliás, essa é a atitude necessária para *todos* os aspectos do cristianismo contagiante.

Quando abordamos as pessoas dessa forma, frequentando o lugar de trabalho delas com cortesia e preocupação com seu bem-estar, é fácil chegar a um nível de contato de conhecê-las pelo nome. O relacionamento crescerá à medida que demonstrarmos interesse genuíno por sua vida, família, trabalho e *hobbies*. Com o tempo,

começaremos a ganhar confiança e despertar a curiosidade sobre o que nos torna diferentes de tantos outros clientes que não parecem importar-se. Em outras palavras, a combinação de alta potência com proximidade intensa transformará você num sal eficaz.

Desenvolvi uma amizade desse tipo que acrescentou nova dimensão a minhas idas a um restaurante específico e que pode um dia servir para levar a Cristo outra pessoa perdida. É um lugar que meu filho Todd e eu gostamos de frequentar. Com o tempo, ficamos amigos do gerente.

Ele é do tipo durão e, certo dia, comentou que mal podia esperar pelo fim de semana, quando iria viver de verdade.

— Estou curioso — eu disse. — O que exatamente é viver de verdade?

— Um dia inteiro no meu barco a motor, com uma caixa de cerveja, uma cartela de cigarros e minha garota de biquíni: *isso* é que é vida! — ele respondeu entusiasmado.

— Você não sabe o que é viver de verdade — retorqui. — Viver de verdade é estar num barco a vela, com o vento estável, o sol em suas costas e alguns amigos íntimos com quem você pode abrir-se e falar sobre coisas realmente importantes.

— Você só pode estar brincando! Isso não é viver de verdade. Você nem sabe o que é isso!

Aquela conversa rápida trouxe um pouco de diversão a nossa amizade casual, mas crescente. Todas as vezes que vou até lá, acabamos dizendo um para o outro: “Eu sei o que é viver de verdade, você não!”. Espero que um dia surja a oportunidade de aprofundarmos nossa interação e, com o tempo, eu possa apresentar-lhe aquele que mostrará o que *de fato* é a vida. Nesse meio-tempo, Todd e eu continuamos a aproveitar as oportunidades de sair para jantar fora com um propósito.

Mark conta uma história semelhante de sua experiência num restaurante que ele frequenta. Trata-se de um estabelecimento

pequeno e familiar, no qual foi fácil conhecer o nome dos donos, um homem chamado Steve e sua esposa, Maggie.

Depois de Mark ter comido lá algumas vezes, Maggie começou a se abrir um pouco e parecia ter interesse especial em ouvir sobre os dois filhos de seu cliente, Emma Jean e Matthew. Então, certo dia, depois de perguntar sobre eles, ela disse abruptamente: “Perdi meu bebê semana passada!”. Lutando para conter as lágrimas, virou-se e foi embora.

Quando Mark a parou e perguntou a respeito, ela disse que estivera grávida e sofrera um aborto pela segunda vez. A vulnerabilidade aprofundou a amizade, enquanto Mark tentava consolá-la.

Alguns meses depois, quando Mark parou ali para almoçar, Maggie o procurou com um misto de esperança e medo no rosto e contou que estava grávida de novo. Depois de parabenizá-la, ele fez algo que surpreendeu até a si mesmo. Agindo com base no que sentiu ser um chamado do Espírito Santo, disse calmamente que iria orar por ela, ali mesmo no balcão de entrada do restaurante.

“Não se preocupe. Serei breve. Se alguém entrar, eu paro.” Então, sem dar tempo para a mulher ficar nervosa com a situação, Mark inclinou a cabeça e fez uma oração rápida e ininterrupta, pedindo que Deus protegesse Maggie e o bebê dentro dela.

Maggie ficou visivelmente emocionada com o gesto e, nos meses seguintes, contou a Mark como aquela oração lhe trouxe ânimo. Na verdade, disse que contou a seus amigos como ele havia orado pelo bebê. Como você pode imaginar, ele se sentiu ainda *mais* motivado a interceder em favor daquela criança! E, alguns meses mais tarde, Steve e Maggie se alegraram com o nascimento de um bebê saudável.

Quando Mark ligou para ela no hospital, no dia seguinte, Maggie fez questão de dizer que, durante uma parte difícil do processo de parto, havia buscado força e ajuda de Deus, e ele a socorrera!

Maggie pode não ser uma cristã comprometida ainda; no entanto, está mais perto do que nunca. E tudo começou com um cristão contagiante que parou num restaurante para comer alguma coisa.

Essas histórias dão a você uma nova perspectiva sobre algumas de suas atividades diárias? Como você pode transformar atividades comuns em aventuras dirigidas pelo Espírito? Tudo pode começar com a prática do consumerismo contagiante. Ou com qualquer variação do tema que você quiser: recreação contagiante, envolvimento

Situações tão simples quanto almoçar ou jogar golfe com alguém que precisa conhecer Cristo podem dar início ao processo que termina em — bem, que na verdade nunca termina!

comunitário contagiante, atuação política contagiante, e por aí vai. Não importa qual seja a área, Colossenses 4.5 instrui todos nós a sermos “sábios no procedimento para com os de fora” e aproveitar “ao máximo todas as oportunidades”.

Situações tão simples quanto almoçar ou jogar golfe com alguém que precisa conhecer Cristo podem dar início ao processo que termina em — bem, que na verdade *nunca* termina! Que privilégio ser usado por Deus para entrar em contato com outras pessoas com o propósito de causar impacto espiritual na vida delas, impacto esse que não durará apenas para esta vida, mas por toda a *eternidade!*

Capítulo 9

DESCUBRA A ABORDAGEM QUE COMBINA COM VOCÊ

ERA O FIM. ELE DESCARTARA o evangelismo pessoal e estava pronto para investir tempo e energia em outra coisa. Não que ele não acreditasse no evangelismo. Sabia que era importante, bíblico e a única esperança de ajudar as pessoas a encontrar Cristo. Com certeza, era uma coisa que *alguém* deveria fazer. Mas não ele. Não mais.

O que azedou a atitude de meu amigo em relação a partilhar a fé? Ele havia ingerido uma alta dose de tentativas que não combinavam com seu perfil.

Veja bem, meu amigo se inscreveu em um programa de evangelismo por todo o verão. Amava a igreja, gostava das pessoas com quem trabalhava e ficou entusiasmado com as conversas que teve com interessados ao longo do processo. O problema, porém, era a abordagem usada pelo grupo.

A principal forma de tentar propagar a mensagem era usando uma metodologia de contato frio e direto, batendo à porta das casas e tentando falar o mais rápido possível, antes de ser mandado embora. Eles também entregavam convites para ir à igreja e folhetos evangelísticos a pessoas na rua — pessoas que, muitas vezes, deixavam bem claro que não estavam interessadas.

Ao fim de oito semanas de esforços, a única pessoa que aceitou Cristo foi o irmão de uma frequentadora da igreja. O nome dele era

Tony e eles se conheceram num jantar na casa da irmã de Tony. Meu amigo e ele tiveram uma afinidade natural e, na amizade que se desenvolveu, a mensagem do evangelho foi comunicada, e Tony firmou um compromisso com Cristo.

Quando o verão acabou e meu amigo voltou para casa, ficou grato por ter participado, mas feliz porque havia terminado. O evangelismo, concluiu, era para pessoas com certo tipo de personalidade e temperamento, um tipo bem diferente do seu.

Ironicamente, um ano depois, nós o contratamos na Igreja Willow Creek para dirigir nosso ministério de evangelismo, função que ele desempenhou por muitos anos. Estou falando de Mark Mittelberg, coautor deste livro. A paixão da vida dele é conduzir pessoas a Cristo e ensinar outros a fazer o mesmo.

O que aconteceu ao longo daquele ano? O que levou Mark a mudar tanto de atitude? Ele aprendeu, em um dos cultos de nossa igreja, que seria mais eficaz em propagar a mensagem de Jesus Cristo sem tentar encaixar-se nos moldes de outra pessoa. Descobriu que podia ser ele mesmo.

EQUÍVOCOS AMEAÇADORES

Depois de anos ajudando interessados a abraçar a fé, descobri fascinado que uma das maiores barreiras ao evangelismo eficaz são os conceitos equivocados. E isso vale para os dois lados da equação do evangelismo.

Do lado do interessado, ideias equivocadas sobre o caráter e a igreja de Deus impedem as pessoas de fazer uma busca espiritual aberta e honesta. A imagem imprecisa de Deus e de como seria servi-lhe as afasta dele.

Quando os equívocos sobre a natureza de Deus são substituídos por uma compreensão mais adequada de seu coração compassivo e cheio de graça, as pessoas se abrem muito mais para confiar em Cristo.

E, quando descobrem a aceitação, a alegria e o propósito de fazer parte de um corpo de fiéis que age de maneira bíblica, são ainda mais atraídas.

Do lado do cristão, equívocos quanto à iniciativa evangelística tendem a inibir o envolvimento. Na verdade, estou convicto de que um dos maiores impedimentos para que as pessoas sejam ativas no evangelismo pessoal é que muitos cristãos não compreendem bem o que isso significa. A temida “palavra com E” os enche de medo e culpa.

Para ilustrar os problemas de percepção a que me refiro aqui, permita-me chamar uma de minhas testemunhas-chave: *voce*.

Gostaria de saber que imagem vem a sua mente quando você pensa na palavra “evangelista”. Ela evoca entusiasmo por alcançar amigos e familiares não religiosos? Ou você, como a maioria de nós, faz algumas associações negativas com a mera menção da palavra?

Lancei essa pergunta em grupos suficientes para saber que, ao ouvir as palavras “evangelismo” e “evangelista”, muitas pessoas se lembram imediatamente de evangelistas infames da televisão, conhecidos em primeiro lugar por extorquir grandes somas de dinheiro de seguidores bem-intencionados. Ou então pensam no estereótipo do pregador de rua, com um megafone na mão, gritando acusações ininteligíveis sobre o fim do mundo e o julgamento iminente de Deus.

É preciso admitir que muitas pessoas têm imagens positivas do evangelismo. Mas o fato de tantos fazerem associações pouco lisonjeiras aponta para a imensidão do problema.

Na verdade, o livro *The Day America Told the Truth* [O dia em que a América disse a verdade], de James Patterson e Peter Kim, relata uma pesquisa nacional em que os participantes deveriam classificar várias profissões em ordem de honestidade e integridade; no *ranking*, os

Estou convicto de que um dos maiores impedimentos para que as pessoas sejam ativas no evangelismo pessoal é que muitos cristãos não compreendem bem o que isso significa. A temida “palavra com E” os enche de medo e culpa.

televangelistas ficaram quase no fim, abaixo de advogados, políticos, vendedores de carros e até mesmo prostitutas. Das 73 profissões comparadas nessa pontuação de integridade, somente duas

O Senhor fez você sob medida, com uma combinação única de personalidade, temperamento, talentos e perfil, e quer aproveitar tudo isso em sua missão de alcançar este mundo confuso.

ficaram em situação inferior: chefes do crime organizado e traficantes de drogas! Quer isso seja justo, quer injusto, é fácil entender por que tantos de nós lutamos com nossas próprias percepções a respeito. Queremos honrar Deus levando pessoas a sua verdade e a seu amor, mas perguntamos que tipo de pessoas nos tornaremos no processo.

Esse problema afeta você? Sua paixão por comunicar a fé foi amortecida pela ideia de que você terá de se tornar algo contrário a sua personalidade? Ou, como Mark, você tentou praticar um estilo de evangelismo que não representa nem um pouco sua individualidade?

Esse tipo de pensamento é uma tragédia para a igreja. E é ainda pior para os perdidos. Na verdade, creio que ele se originou de um plano satânico para impedir a expansão do Reino de Deus. E, embora venha sendo uma estratégia extremamente bem-sucedida, é hora de a igreja pôr fim a isso. Como? Compreendendo a boa-nova que traz ao mesmo tempo, libertação e poder: *Deus sabia o que estava fazendo quando criou você.* Ele sabia! O Senhor fez você sob medida, com uma combinação única de personalidade, temperamento, talentos e perfil, e quer aproveitar tudo isso em sua missão de alcançar este mundo confuso.

Isso significa que Deus deseja usar você de uma maneira que se encaixa na pessoa que ele o criou para ser. O Senhor não nos chama para propagar sua verdade da mesma maneira. Em vez disso, põe diversidade no tecido que forma seu corpo de fiéis. E, até nos darmos conta disso, tentaremos, sem necessidade, imitar os esforços

evangelísticos de outros, perdendo tempo ao replicar abordagens enquanto causamos dano ao suprimir outras.

FAÇA PARECER COM VOCÊ

Você deve estar perguntando o que exatamente Mark aprendeu que tanto transformou sua perspectiva com respeito ao evangelismo. Bem, ele estava frequentando nossos cultos no meio

da semana, nos quais eu ministrava uma série intitulada “Aventuras no evangelismo pessoal”. Numa das noites, expliquei um padrão de como as personagens bíblicas assumiram diferentes abordagens ou estilos para comunicar sua fé a outros.

Essa informação era nova para Mark. Ele abriu os olhos para o fato de que não existe um único “jeito certo” de proclamar a mensagem do evangelho. Em particular, apreciou a abordagem usada por Paulo, que parecia combinar bem com ele.

A mensagem que Mark ouviu naquela noite abriu as portas para seu envolvimento futuro com a propagação da fé. Ele se sentiu livre. Descobriu o que espero ser uma notícia libertadora para você também: *you can be you!* E, nesse processo, você exercerá impacto espiritual máximo sobre outros.

COMECE COM O INDIVÍDUO

Um equívoco comum em muitas áreas é identificar uma necessidade e, então, procurar uma pessoa para satisfazê-la. Por exemplo, no mundo dos negócios, as pessoas costumam ser contratadas para ocupar posições por terem não paixão por aquela área particular, mas por terem as qualificações mínimas para realizar a tarefa. Em educação, com frequência os alunos escolhem sua graduação não

Deus põe diversidade no tecido que forma seu corpo de fiéis. E, até nos darmos conta disso, tentaremos, sem necessidade, imitar os esforços evangelísticos de outros, perdendo tempo ao replicar abordagens, enquanto causamos dano ao suprimir outras.

porque se importam de verdade com aquilo, mas porque o mercado de trabalho potencial parece exigir. E, nas igrejas, os professores costumam ser chamados para ensinar nas classes da escola dominical não porque amam crianças e se importam com elas, mas porque se encontram disponíveis.

Causa algum espanto que essas instituições enfrentem alto índice de ausência e rotatividade? Depois que o entusiasmo inicial desaparece, começa um processo de esgotamento.

Partir da necessidade e incluir as pessoas não é uma boa forma de desenvolver carreiras de longo prazo ou estilos de vida repletos de paixão. Com certeza, isso é verdade no que se refere a motivar cristãos para propagar a mensagem de Cristo. Todavia, a maioria dos apelos evangelísticos e missionários que ouço é feita justamente dessa maneira: “Há um mundo de pessoas feridas e perdidas lá fora, e Deus precisa que você se aliste para ajudá-las”.

No entanto, como diz 1Coríntios 12.11, o Espírito Santo distribui os dons espirituais “conforme quer”. Por isso, talvez precisemos confiar mais na obra dele e inverter nossos procedimentos. Por que não partir de cada cristão e tentar ajudá-lo a descobrir que papel Deus planejou para ele?

Analisemos de que forma Deus preparou seis pessoas do Novo Testamento para atender a diferentes necessidades evangelísticas. Nesse processo, descobriremos seis estilos bíblicos de evangelismo. Enquanto explico melhor, analise se algum deles combina com você.

A abordagem direta de Pedro

Não é segredo nenhum que Pedro era um cara do tipo “preparar, apontar, fogo”. Tudo o que ele fazia era sem hesitação e com força total. Quando Jesus perguntou aos discípulos, em Mateus 16.15, quem pensavam que ele era, Pedro não mediu palavras; declarou

sem rodeios que Cristo era o Messias. E, alguns versículos depois, ele desafiou a missão de Jesus com a mesma franqueza. Você consegue imaginar-se tentando corrigir o Filho de Deus? Talvez, caso se encaixe no estilo direto!

Quando Pedro estava no barco e quis estar com Jesus, não hesitou em fazer o que fosse preciso para se aproximar dele, mesmo que isso significasse andar sobre as águas. E, quando os inimigos chegaram para levar Jesus, Pedro estava pronto para lhes cortar a cabeça.

Tudo de que Pedro precisava era a certeza de estar certo, e quase nada poderia detê-lo. Era confiante, ousado e direto.

Alguma dúvida de por que Deus o escolheu para ser seu porta-voz no dia de Pentecoste em Atos 2? Era um encaixe perfeito! O Senhor precisava de alguém sem medo de defender uma posição, bem ali em Jerusalém, a cidade na qual Jesus fora crucificado poucas semanas antes. Queria que os milhares de pessoas ali presentes soubessem, sem meias palavras, que elas haviam crucificado o Messias e precisavam pedir-lhe misericórdia e perdão.

A personalidade de Pedro era sob medida para dar conta do recado. Com o poder do Espírito Santo, ele confrontou as pessoas com os fatos. E Deus usou milagrosamente seus esforços: três mil pessoas aceitaram Cristo e foram batizadas naquele mesmo dia.

Por mais empolgante que tenha sido esse acontecimento histórico, precisamos voltar nosso foco para hoje. Você percebe que muitas pessoas só irão a Cristo se alguém como Pedro as puser contra a parede?

Tenho um amigo que, durante anos, brincou de igreja e fingia ser cristão. Ele havia ouvido muitos bons ensinamentos, conhecia a mensagem do evangelho de trás para a frente e sabia citar vários versículos. A única coisa que faltava era um evangelista de estilo direto que falasse na cara dele sobre a necessidade de começar a viver a verdade que conhecia. Até que um dia Deus mandou um. Esse homem olhou meu amigo nos olhos e disse que ele era um hipócrita.

Isso o deixou nervoso, mas o fez pensar. E, em uma semana, ele se entregou a Cristo, decisão que transformou sua vida ao longo dos últimos vinte anos.

Algumas pessoas estão apenas à espera de um cristão contagiante que não fará rodeios, mas esclarecerá a verdade de Cristo e as desafiara

Algumas pessoas estão apenas à espera de um cristão contagiante que não fará rodeios, mas esclarecerá a verdade de Cristo e as desafiara a fazer algo a respeito. Você pode ser esse cristão?

a fazer algo a respeito. Você pode ser esse cristão? Você se identifica com a abordagem de Pedro, ou está pronto para passar às outras cinco opções?

Na verdade, esse é o estilo mais natural para mim. Não é difícil olhar direto nos olhos das pessoas e perguntar que posição elas assumirão. Gosto de confrontar e exortar aqueles que necessitam da graça de Deus. Outras pessoas que têm esse estilo são Chuck Colson e, em seu modo único de agir, Billy Graham. Mas não se desespere. Você não precisa começar no nível deles! Deus pode usar cristãos de estilo direto em todos os graus de desenvolvimento.

Se acha que essa é sua abordagem, peça ao Espírito Santo que mostre a você como, quando e onde direcionar suas palavras e seus desafios; peça também a sabedoria necessária para fazê-lo com a mistura ideal de graça e verdade.

A abordagem intelectual de Paulo

Embora Paulo certamente soubesse confrontar as pessoas com a verdade quando necessário, o diferencial de sua abordagem era a apresentação lógica e ponderada da mensagem do evangelho. Leia qualquer uma das cartas que ele escreveu (Romanos é o melhor exemplo), e você verá um mestre em dar explicações sensatas das verdades centrais sobre a natureza de Deus, nosso pecado e a solução trazida por Cristo.

Ao olhar para a formação de Paulo, a organização de sua mente deixa de ser surpresa. Muito instruído, foi educado por um homem com reputação de ser um dos maiores mestres da região. Em seus escritos, é possível ver a tendência natural de argumentar os pontos e contrapontos de opositores imaginários que poderiam desafiar suas posições. Paulo era um intelectual difícil de enfrentar.

Você consegue imaginar uma pessoa melhor para Deus enviar aos filósofos de Atenas? Em Atos 17 você pode conferir Paulo apresentando um argumento genial, que começa do altar ateniense ao deus desconhecido e faz todo o caminho até chegar ao único Deus verdadeiro e ao Messias ressurreto. Sua abordagem foi tão eficaz que alguns dos ouvintes céticos se tornaram cristãos.

É interessante observar a sabedoria demonstrada por Deus na escolha de seus porta-vozes. Os filósofos não se identificariam com a abordagem direta, do tipo “tudo ou nada”, de Pedro. Eles precisavam de uma lógica que lhes provasse o argumento de maneira conclusiva.

Aposto que existem pessoas em seu círculo de amizades que são exatamente como eles. Não querem respostas fáceis ou clichês como: “Você precisa aceitar pela fé”. Uma declaração como essa soa assim: “Pule antes de olhar. Quem sabe você tem sorte!”. Elas querem saber por que devem tomar a decisão de pular!

Talvez você seja um Paulo. A abordagem intelectual o satisfaz? Você é uma pessoa ávida por conhecimento, que gosta de trabalhar com ideias e evidências? Esse estilo tem ganhado importância, porque nossa sociedade está mais e mais secular. Muitos interessados precisam ouvir o evangelho não apenas ser declarado, mas também explicado e defendido.

Foi com esse estilo que Mark se identificou quando ensinamos o conceito pela primeira vez na igreja anos atrás. O padrão observado em Paulo conferiu legitimidade a seu interesse em estudar filosofia e apologética (a defesa da fé cristã). Desde então, ele triunfou no evangelismo ao reunir evidências que apoiam a fé cristã para alcançar interessados de maneira individual e em grupos maiores. E desenvolveu ministérios destinados a ampliar esses esforços. Essa também é

a principal abordagem usada por cristãos muito conhecidos, como Josh McDowell, Ravi Zacharias e Lee Strobel.

A abordagem testemunhal do homem cego

Embora saibamos muito menos sobre esse homem do que a respeito de Paulo e Pedro, podemos ter a certeza de que o cego curado por Jesus em João 9 viu algo acontecer em sua vida que valia a pena contar a outros!

Cego de nascença, ele costumava ficar sentado, pedindo esmolas às pessoas que passavam. Mas sua rotina logo mudou quando Jesus apareceu e lhe deu o dom da visão. Logo que conseguiu ver, foi lançado a uma audiência hostil a fim de explicar o que havia acontecido.

É interessante observar que o homem se recusou a iniciar um debate teológico (João 9.25), embora Paulo provavelmente tivesse ficado feliz em fornecer alguns argumentos convincentes. E o homem também se esquivou da confrontação direta, ao passo que Pedro talvez lhes teria ofertado um golpe de verdade. Essas reações não combinavam com quem aquele homem era.

Em vez disso, ele contou sua experiência e disse com confiança: “Uma coisa eu sei: era cego, mas agora vejo!”. É difícil discutir com uma declaração como essa, não é? É complicado escapar das consequências de um testemunho como esse, mesmo vindo de um cristão novato.

Observe que, no versículo 3, Jesus disse que aquele homem nasceu cego “para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele”. Isso é um exemplo do que estou dizendo: fomos feitos sob medida para uma abordagem particular. O Senhor preparou o cego a vida inteira para relatar esse acontecimento a outros de uma maneira que apontasse para Cristo.

Muitas pessoas que vivem e trabalham a seu redor precisam ouvir um testemunho semelhante sobre o modo de Deus agir na vida de um cristão. Talvez elas não reajam bem a um desafio ou argumento,

mas o relato pessoal de alguém que conheceu a fé pode ser uma influência poderosa.

Essa pode ser a sua história? Você, como o homem antes cego, sente-se confortável contando a outros como Deus o atraiu? Ainda que você nunca tenha feito isso, essa ideia o empolga? Histórias como a sua podem ser instrumentos poderosos.

Exemplos de pessoas que usam de maneira eficaz a abordagem do testemunho incluem Dave Dravecky, o ex-jogador de beisebol que perdeu um braço para o câncer, e Joni Eareckson Tada, tetraplégica que conta como Deus a ajudou em seu trágico acidente. Outro exemplo é Lee Strobel, que com frequência usa detalhes de sua história para fazer apelos aos não cristãos, aliando o estilo intelectual ao testemunhal.

É importante ressaltar que os testemunhos eficazes não precisam ser dramáticos. Não se exclua dessa abordagem porque seu testemunho é comum. Talvez você tenha frequentado a igreja a vida inteira antes de se dar conta de que essas coisas não o transformavam necessariamente num cristão. No entanto, o relato de como você passou da religião para um relacionamento com Cristo será mais relevante para a maioria de seus conhecidos do que a história sensacional de alguém que encontrou Jesus e livrou-se de uma vida de feitiçaria ou do vício em drogas.

Na verdade, a dificuldade de sentir uma identificação pessoal com os testemunhos dramáticos é que eles podem dar a seus amigos uma desculpa: “Pessoas assim *precisam* de religião!”. Mas sua história comum é parecida com a vida cotidiana da maioria das pessoas e mostrará que elas também precisam da graça e da liderança de Deus que você encontrou.

Caso você tenha uma história mais dramática, peça a Deus que o oriente quanto aos detalhes a revelar de acordo com a pessoa que estiver ouvindo, para que ela saiba de aspectos de sua experiência com as quais poderá identificar-se e sentir-se atraída a procurar aquilo que você encontrou em Cristo.

A abordagem interpessoal de Mateus

160

De todas as formas, ele era um candidato improvável. Coletores de impostos certamente não eram conhecidos por se tornar evangelistas. No entanto, foi isso o que aconteceu com Mateus. Após aceitar o chamado de Jesus para ser um de seus seguidores, ele decidiu fazer tudo o que estivesse a seu alcance para chamar o maior número de amigos possível.

Por isso, como registra Lucas 5.29, Mateus deu um grande banquete para todos os seus colegas publicanos, na tentativa de aproximá-los de Jesus e da nova vida que ele oferecia. Diferentemente de outros que usam as abordagens já analisadas, Mateus não os confrontou, nem os desafiou na esfera intelectual, tampouco contou a história do que havia acontecido em sua vida. Isso não fazia parte de seu estilo.

Em vez disso, Mateus se valeu do relacionamento que havia construído com aqueles homens ao longo dos anos e tentou desenvolver ainda mais a amizade. Convidou-os para ir a sua casa. Passou tempo e partilhou com eles uma refeição. Fez tudo isso porque se importava genuinamente com eles e queria influenciá-los a refletir sobre a mensagem de Cristo.

Nos capítulos anteriores, falamos sobre a importância de construir relacionamentos. Como vimos, a amizade nos dá um ponto de vantagem, com a maior possibilidade de influenciar a vida de outros. Bem, com base em minha experiência, aqueles que têm o estilo interpessoal de evangelismo se *especializam* nessa área. Tendem a ser calorosos e focados em pessoas que desfrutam um nível profundo de comunicação e confiança com aqueles a quem estão tentando alcançar.

Muitas pessoas só serão alcançadas se alguém dedicar tempo para construir esse tipo de intimidade. Talvez você seja um evangelista interpessoal. Você gosta de ter longas conversas enquanto toma uma xícara de café com um amigo que está tentando evangelizar? Consegue ouvir com paciência as preocupações de outros sem se apressar para lhes dizer o que fazer? Gosta de receber pessoas em casas, compartilhar uma refeição e passar tempo conversando?

Duas pessoas conhecidas que exemplificam o estilo interpessoal são Becky Pippert e Joe Aldrich. Ambos já escreveram livros úteis sobre o assunto. As igrejas ao redor do mundo precisam de muito mais membros que desenvolvam esse tipo de abordagem com seus amigos, familiares e pessoas perdidas da comunidade mais ampla.

A abordagem convidativa da mulher samaritana

Você não aprecia que Deus escolhe pessoas improváveis para cumprir seu propósito divino? Vimos isso acontecer com o cego, com Mateus e agora com a mulher de Samaria. E, quanto mais envolvido você ficar no evangelismo pessoal, mais se sentirá assim. Às vezes, olho para a atuação divina em tocar as pessoas por meu intermédio e reflito: “Quem diria!”. O Senhor parece ter prazer em usar pessoas comuns de maneiras surpreendentes e empolgantes.

Às vezes, olho para a atuação divina por meu intermédio e reflito: “Quem diria!”. O Senhor parece ter prazer em usar pessoas comuns de maneiras surpreendentes e empolgantes.

Havia três coisas contra a mulher samaritana: era samaritana, era mulher e tinha um estilo de vida imoral. Naquela época, qualquer um desses elementos era suficiente para desqualificá-la. Mas você acha que isso deteve Jesus? Você pode ler em João 4 como ele ignorou toda a sabedoria convencional e o politicamente correto da época ao iniciar uma conversa com a samaritana.

Não demorou muito para que a mulher percebesse que o homem com quem ela estava conversando não era um mestre judeu comum. Seu discernimento profético e as respostas cheias de autoridade a convenceram de sua afirmação de ser o Messias.

Então, o que ela fez? Imediatamente foi até sua cidade e levou um monte de pessoas para o poço, a fim de que ouvissem Jesus por si mesmas. Esse simples convite resultou na permanência de Cristo na cidade por dois dias. Muitos dos amigos dela declararam, no versículo 42: “Agora cremos não somente por causa do que você disse, pois nós mesmos o ouvimos e sabemos que este é realmente o Salvador do mundo”.

Muitas pessoas dariam grandes passos em sua jornada espiritual se alguém lançasse um convite estratégico para um culto da igreja voltado a interessados ou à evangelização.

Muitos não cristãos estão abertos a essa abordagem. Uma pesquisa realizada por George Barna, por exemplo, mostrou que cerca de 25% dos adultos nos Estados Unidos iriam à igreja se um amigo os convidasse. Pense nisto: um a cada quatro amigos seus estaria disposto a se unir a você! A principal pergunta que você precisa responder é que tipo de eventos — cultos, musicais, filmes, peças ou outros programas de sua igreja ou comunidade — seria apropriado. Pense na perspectiva e nos interesses de seu potencial convidado para fazer a melhor escolha.

Embora os convites sejam uma excelente forma de alcançar pessoas, alguns, como a mulher junto ao poço, têm um jeito especial para convidar pessoas. Talvez você seja um deles. Você sempre acaba ampliando o círculo de pessoas envolvidas em suas atividades? Observa que, quando acontece um evento evangelístico, sua *minivan* fica meio apertada? Talvez seja a hora de comprar um carro ainda maior para poder expandir seus esforços evangelísticos!

É difícil pensar em exemplos de pessoas conhecidas com o estilo convidativo. Muitos desses cristãos tendem a ficar longe dos holofotes. Mas, quando você se encontrar com um, provavelmente o reconhecerá. Eles gostam de dar carona. São os heróis invisíveis que transformam os eventos evangelísticos em sucessos, enchendo-os de pessoas que necessitam ouvir a mensagem.

Mark conhece uma mulher chamada Nancy que tem esse estilo. Alguns anos atrás, seus amigos fizeram uma festa de aniversário para ele. Havia cerca de 30 pessoas ali, até mesmo um homem que ele nunca vira. Depois, o homem pegou um violino e tocou “Parabéns pra você”. Mark apreciou o gesto, mas ainda estava curioso em saber quem era aquela pessoa. Até que alguém explicou. O violinista estava viajando pelo país sozinho, e Nancy o conheceu na estação de trem. Ela decidiu

levá-lo para a festa de aniversário de Mark, para que ele encontrasse alguns cristãos contagiantes que poderiam ajudá-lo a conhecer Cristo. Isso, sim, é que é abordagem convidativa!

A abordagem assistencial de Tabita

Em Atos 9.36, a Bíblia diz que Tabita (também chamada de Dorcas) “se dedicava a praticar boas obras e dar esmolas”. Ela era muito conhecida por seus amáveis atos de serviço, realizados em nome de Cristo. Especificamente, ela fazia roupas para viúvas e outros necessitados da cidade.

Ela era, na verdade, uma discreta praticante daquilo que estamos chamando de abordagem assistencial. Seria muito difícil as pessoas observarem suas atividades e não terem um vislumbre do amor de Cristo que a inspirava. Seu trabalho era tão importante que, quando ela morreu prematuramente, Deus enviou Pedro para ressuscitá-la dos mortos para que entrasse em ação novamente.

As pessoas que têm essa abordagem acham relativamente fácil servir a outros. Foi assim que Deus as criou. É natural para elas perceber necessidades que outros não veem e sentir alegria em atendê-las, mesmo quando não recebem muito crédito por isso. Em geral, de personalidade mais quieta, gostam de expressar compaixão por meio de ações tangíveis.

Embora esse estilo costume receber menos atenção que outros e, com frequência, demande um período mais longo antes de produzir resultados espirituais, trata-se de uma das abordagens evangelísticas mais importantes. Isso porque os evangelistas de estilo assistencial tocam pessoas que ninguém mais consegue alcançar.

Ginger, uma frequentadora de nossa igreja, tinha um irmão com quem queria falar sobre Cristo. Mas ele era adepto de ideias da Nova Era e não tinha interesse no cristianismo. Então, ela fez o que lhe era natural no seu estilo direto: desafiou-o com as verdades de Cristo. Ao perceber que isso não causara impacto algum, buscou

encontrar motivos para ele mudar de ideia. Ela tentou tudo o que conseguiu imaginar, mas nada deu certo. Por fim, toda a esperança pareceu dissipar-se quando ele se mudou com a esposa e os filhos para outro estado a fim de se unir a uma seita da Nova Era.

Deus, porém, tinha outra carta na manga. Quando o irmão de Ginger se mudou, logo conheceu as pessoas que moravam na casa ao lado. Eram vizinhos maravilhosos. Aquelas pessoas constantemente faziam coisas por ele, como ajudá-lo a arrumar a mudança, dar uma mão quando algo precisava ser consertado, levar comida quando alguém da família estava doente. Atos comuns de serviço — feitos por amor a Cristo.

Essas pessoas derrubaram o muro que existia entre o irmão de Ginger e Cristo, tijolo por tijolo. Em um ano, ele entregou a vida a Jesus, voltou com a família para a cidade e celebrou sua primeira Santa Ceia ao lado de Ginger em um de nossos cultos!

Você percebe por que esse estilo merece ser celebrado? Aqueles vizinhos provavelmente nunca serão famosos, mas Deus usa o esforço deles para se aproximar daqueles que o restante de nós não faz ideia de como alcançar.

Talvez você não tenha o conhecimento de Paulo ou a coragem de Pedro e da samaritana. Mas é um especialista em cozinhar ou consertar carros. Espero que consiga ver como essas coisas e muitas outras podem ser feitas de uma maneira que apresenta Deus às pessoas.

SEJA VOCÊ MESMO

Espero que tenha sido encorajado a proclamar sua fé, enquanto lia sobre as diferentes abordagens. Talvez tenha suspirado de alívio ao perceber que pode ser você mesmo e que Deus sabia o que estava fazendo quando o criou.

Preciso enfatizar que ninguém se encaixa com perfeição em apenas um desses estilos. Na verdade, você provavelmente encontrará oportunidades para usar todos eles. A ideia é que Deus planejou di-

versidade em sua equipe, e cada um dos membros é mais forte em alguns estilos do que em outros. Você pode criar um estilo número 7 ou 8, e isso será igualmente bom.

O importante é que os cristãos mais contagiantes são aqueles que aprenderam a trabalhar com o modelo que Deus lhes deu. Identificam abordagens que funcionam para eles, as desenvolvem e as usam para o avanço do Reino. Também se juntam a outros cristãos de estilos diferentes, para que os pontos fortes sejam combinados a fim de alcançar praticamente qualquer tipo de interessado.

Nesta parte, abordamos a necessidade de nos aproximarmos daqueles que esperamos alcançar e mostramos algumas formas práticas de fazê-lo. Também analisamos as diversas abordagens que ajudarão você a ser autêntico e natural nesse processo. A grande questão a seguir é o conteúdo. O que devemos *dizer* às pessoas sobre Deus? Continue a leitura, e veremos maneiras de introduzir assuntos espirituais na conversa.

PARTE 4

O PODER DA COMUNICAÇÃO CLARA

AP + PI + CC = MI

COMO INICIAR CONVERSAS ESPIRITUAIS

— DE QUEM É ESSE táxi? E por que *you* está dirigindo?

Não pude deixar de perguntar ao perceber que o rosto do motorista no volante não era o mesmo da foto no painel do táxi.

Era véspera de Natal, e eu estava com minha família numa cidade do sul dos Estados Unidos. O táxi nos levaria até o hotel — pelo menos era o que esperávamos.

— Ah, é de um amigo meu — ele respondeu. Pensei: “Aham, isso é o que todos dizem”. Por isso, decidi averiguar melhor. Toquei no taxímetro e perguntei:

— Tem certeza de que esta coisa está funcionando direito?

— Na verdade — disse ele —, está com 10% de erro.

Tentando a sorte, retuquei:

— Bem, é Natal, imagino que a leitura seja vantajosa para mim, certo?

— Não, não. Você terá de me pagar 10% a mais do que está marcado.

Fiquei surpreso com a cara de pau do sujeito. Em primeiro lugar, ele estava dirigindo ilegalmente o táxi de outra pessoa e agora tentava dar um golpe! Após conversar um pouco mais com ele, cheguei à conclusão de que minha impressão inicial estava correta: seria necessária uma abordagem forte e heterodoxa para chamar sua atenção.

Ao notar seu sotaque estrangeiro, perguntei:

— Estou curioso: de que parte do mundo você vem? — ele respondeu dizendo o nome de seu país natal, que fica no Oriente Médio.

Então, continuei:

— Com base nisso, meu palpite é que você seja muçulmano. Estou certo?

— Sim, para falar a verdade, você está — ele disse, com um ar jocoso.

Continuei:

— Então, você é um muçulmano comprometido? A fé é algo que você leva a sério? Quer dizer, você planeja ir para o paraíso quando morrer?

Ele arranhou a garganta e tossiu um pouco, parecendo não saber o que dizer. Então, prossegui.

— Veja bem, sou um cristão comprometido e sempre me perguntei algo que talvez você pudesse explicar: por que vocês seguem os ensinamentos de um homem morto?

Nessa hora ele quase saiu da estrada. Ficou claro que eu havia conquistado sua total atenção!

— Ahn? O que você quer dizer?

— Bom, sei que vocês adoram Alá e acreditam que Maomé é o porta-voz dele. Mas Maomé está morto. Na verdade, poderíamos pegar um avião e ir ver a sepultura dele agora mesmo. Então, por que vocês seguem um homem morto?

Ele parecia estar procurando palavras para responder; então, acrescentei:

— Sabe, a Bíblia ensina de maneira muito clara que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. Minha família e eu seguimos alguém que está vivo hoje.

— A Bíblia diz mesmo que Jesus ressuscitou dos mortos? — ele perguntou. — Tentei ler a Bíblia uma vez e não encontrei isso lá.

— Bem, provavelmente alguém deu para você uma Bíblia com algumas páginas, faltando. Posso conseguir uma com todas essas páginas, e você poderá lê-la por si mesmo. Mas confie em mim: está lá. Jesus ressuscitou, e Maomé está morto. Na minha opinião, você deveria mesmo pensar sobre o assunto!

Quando chegamos ao hotel, fiquei feliz porque tivemos mais alguns minutos para conversar. Garanti que meu propósito não era questionar a sinceridade de sua fé ou mesmo a ideia de que Maomé acreditava genuinamente naquilo que ensinava.

Antes de nos despedirmos, porém, eu o desafiei com o fato de que não poderíamos estar ambos certos.

— Cinco segundos depois de morrermos, descobriremos quem acreditou na verdade, e aposto em minha eternidade com aquele que ressuscitou dos mortos.

Consegue entender por que minha esposa se encolhe toda vez que começo a conversar com as pessoas sobre esses assuntos? Nunca saberei explicar como uma pessoa doce, introvertida e de fala mansa como Lynne acabou casando com alguém como eu!

Mais tarde, no hotel, minha filha Shauna perguntou: “Então, o que foi *aquilo*? É isso o que você chama de *evangelismo*?”

Talvez seja a mesma pergunta que você também esteja fazendo agora!

No entanto, não perca o ponto central: a despeito de nossos estilos individuais, todos precisamos ficar alertas, procurando oportunidades de falar com as pessoas sobre Cristo. E, às vezes, isso implicará riscos, bem como a disposição de ser criativo para introduzir tópicos importantes na conversa. O jeito em que agi nessa situação não é o único e talvez nem seja o melhor.

É, porém, uma forma que combina comigo e, como expliquei para Shauna naquela noite, era a que parecia apropriada ao taxista, com base em seu caráter e sua personalidade. Acho que nada menos que uma abordagem forte e direta teria chamado a atenção dele. E quem sabe isso tenha sido usado por Deus para transformar aquele homem

em alguém que busca a verdade seriamente e que um dia se tornará seguidor de Cristo? *Essa não seria uma excelente notícia?*

COMO EXPRESSAR SUA FÉ EM PALAVRAS

Ao começar esta parte, deixe-me lembrar você de algo que debatemos antes: não basta ter alta potência e proximidade intensa. Precisamos dar o próximo passo na fórmula se desejamos maximizar nosso impacto espiritual sobre outros. Esse passo é o CC, que significa *comunicação clara*. Precisamos *falar* sobre nossa fé, ou seja, falar de conceitos espirituais em palavras simples, do dia a dia.

O apóstolo Paulo foi enfático a esse respeito em Romanos 10, ao advertir que as pessoas não descobririam a mensagem por conta própria. Nem mesmo observar de perto a vida de um cristão contagiante seria suficiente. Alguém precisa articular o evangelho, comunicando quem é Deus, que tipo de dano o pecado causou e como cada um de nós precisa receber o perdão e a vida que Cristo oferece.

Para que isso aconteça, porém, devemos tomar a iniciativa e direcionar os diálogos para questões espirituais. É aí que a coisa fica empolgante de verdade. E este capítulo trata exatamente disso.

A forma de iniciar assuntos de fé depende de sua personalidade, dos temas sobre os quais você costuma conversar com as pessoas e de seu estilo particular de evangelismo.

Antes, porém, de entrar em detalhes sobre como iniciar conversas espirituais, preciso advertir você de duas coisas. Primeiro, um número limitado dos exemplos que estou prestes a apresentar combinará com você. A forma de iniciar assuntos de fé depende de sua

personalidade, dos temas sobre os quais você costuma conversar com as pessoas e de seu estilo particular de evangelismo.

Por exemplo, a abordagem ao taxista foi natural para mim, pois minha inclinação é o estilo confrontador de evangelismo. Para mim,

é relativamente fácil chegar a um nível mais profundo de conversa com estranhos, embora o diálogo com o motorista provavelmente alcançasse impacto maior se houvesse tempo para construir uma amizade real primeiro.

Portanto, à medida que eu der várias ilustrações de como você pode iniciar conversas espirituais, dê atenção especial àquela que você acredita que poderá pôr em prática e escreva outras ideias que vierem a sua mente enquanto estiver lendo. Meu principal objetivo é estimular seu pensamento, para que você encontre abordagens que combinem de maneira singular com seu perfil.

Segundo, antes de dar início a esse tipo de discussão, você precisa ter certeza absoluta de que sua vida hoje é muito melhor do que antes de conhecer Deus e de que a vida de outros melhorará tam-

bém, mesmo ao passar por momentos difíceis. Sem essa certeza, é quase impossível motivar-se a qualquer ação significativa. Você também precisa de um desejo de propagar a mensagem divina forte o suficiente para o fazer orar regularmente por oportunidades e, então, buscá-las ao longo de cada dia.

Presumo que, se você chegou até este ponto do livro, esses prerrequisitos estão cumpridos. No entanto, se você sente a necessidade de uma base mais sólida, sugiro algumas atividades. Comece listando alguns dos benefícios de conhecer Cristo. Então, relembre as promessas que Deus faz na Bíblia para esta vida e a futura. Depois de fazer essas coisas por um tempo, você acabará indagando como *qualquer pessoa* poderia rejeitar a oferta divina de perdão e orientação!

Analisaremos três métodos de direcionar as conversas para questões espirituais. Nós o chamaremos de método direto, método indireto e método convidativo.

Antes de dar início a esse tipo de discussão, você precisa ter certeza absoluta de que sua vida hoje é muito melhor do que antes de conhecer Deus e de que a vida de outros melhorará também, mesmo ao passar por momentos difíceis.

O método direto

174

Essa abordagem de redirecionar as conversas faz exatamente aquilo que o nome diz. Não espera que as oportunidades se apresentem, mas as cria. Funciona de maneira bem simples. Você inicia francamente um assunto espiritual e vê se a pessoa está interessada em conversar sobre ele. Embora não force ninguém a falar sobre fé, você escancara a porta para que isso aconteça.

Essa foi a abordagem que usei com o taxista quando perguntei se ele era muçulmano de verdade. Outra frase de abertura bem útil, porque deixa as pessoas curiosas, é: “Se um dia você quiser saber a diferença entre religião e cristianismo, fale comigo. Ficarei feliz em explicar”.

Esse é um equivalente moderno do que Jesus fez em João 4. Ele despertou o interesse da mulher junto ao poço ao dizer que lhe poderia dar água viva. Ela nunca havia ouvido falar daquilo, mas ficou intrigada.

Uso essa abordagem enquanto faço caminhadas no clube. Corro até as pessoas que conheço, digo isso a elas e sigo em frente. Elas podem ignorar o que eu disse, trazer o assunto à tona mais tarde ou correr até mim e pedir uma explicação. Não as estou pressionando, nem forçando. Apenas checo se estão interessadas.

Às vezes, as pessoas chegam até mim e perguntam: “O que você me disse sobre religião e cristianismo? Eu achava que o cristianismo *era* uma religião”. Então, respondo explicando o ponto central que distingue nossa fé de outros sistemas religiosos, usando a ilustração “Faça *versus* Feito”, que apresentarei em detalhes no capítulo seguinte.

Outra expressão bem direta que tem sido útil ao longo dos anos é fazer a pergunta rotineira “Como você está?”.

Por reflexo, a pessoa responderá “Tudo bem”, esteja ela muito bem ou caindo aos pedaços.

Então, tento discernir se a pessoa parece aberta e faço uma oração rápida para ver como o Espírito Santo está me dirigindo. Se o sinal estiver verde, olho dentro dos olhos dela e digo: “Ahhh, pare com isso, você pode contar para *mim*. Como você está *de verdade*?”.

Raramente me decepciono com a reação. Na maior parte das vezes, a pessoa começa testando minha sinceridade: “Tem certeza de que quer mesmo saber?”

Quando afirmo que sim, ela responde: “Nossa, obrigado por perguntar...” e começa a se abrir. No fim da conversa, é natural reforçar que não só eu me importo, mas Deus também se importa, e eu adoraria falar um pouco mais sobre ele quando houver oportunidade.

Outras frases para começar uma conversa espiritual direta são:

- Tenho uma curiosidade: Você às vezes pensa em questões espirituais?
- Em sua opinião, quem foi Jesus Cristo?
- Qual é sua experiência espiritual? Você aprendeu alguma perspectiva religiosa específica quando era pequeno?
- Você já se perguntou o que acontece quando morremos?
- Como você acha que é um cristão de verdade?
- Para onde você está indo em sua jornada espiritual?

O que me surpreende continuamente é como frases simples podem dar início a um processo que acaba revolucionando a vida de alguém. Não permita que a simplicidade dessas perguntas o faça desconsiderar sua utilidade. Elas podem literalmente abrir as portas para a eternidade.

O método indireto

Alguns anos atrás, Mark e Heidi estavam na fila de um restaurante bem conhecido em Nova Orleans. A espera era longa, e, por serem extrovertidos, já haviam conhecido a maioria das pessoas ao redor. O homem à frente parecia particularmente interessante. Era responsável pela iluminação de um famoso programa de televisão.

Decidido a se arriscar um pouco, Mark fez a transição da conversa, dizendo:

— Como você é especialista em iluminação, talvez possa explicar algo sobre as luzes que usamos para uma apresentação musical especial em nossa igreja.

Como havia previsto, Mark não notou muito interesse nos olhos do homem, pelo menos não até aquele momento. Mas prosseguiu:

— Veja bem, nós alugamos umas lâmpadas automatizadas colocadas no palco, que se movem sozinhas, projetam várias cores e às vezes têm efeito estroboscópico e de *laser*.

Agora os olhos do homem se arregalaram.

— Elas se chamam Vari-Lites, são controladas por computadores, por técnicos bem treinados. Nunca operei uma dessas... Você disse que tem uma dessas numa igreja?

Com a maior tranquilidade, Mark respondeu:

— Uma não, umas 30. Elas foram colocadas em suportes motorizados que desciam do teto durante o programa. Foi muito interessante assistir.

A essa altura, o homem estava fascinado.

— Isso é incrível! Que tipo de igreja você frequenta?

Mark estava questionando se o homem nunca iria perguntar! Então, respondeu:

— É uma igreja que tem uma abordagem bem moderna para apresentar uma mensagem muito antiga — e começou a explicar rapidamente o evangelho.

Antes de se despedirem, o homem deu a Mark seu cartão, para que este lhe enviasse um vídeo do programa. E tudo começou com um simples comentário sobre luzes na igreja!

Como esse exemplo ilustra, o método indireto pega algum elemento isolado e o utiliza para dirigir a conversa a questões sobre Deus, a igreja ou a fé. Praticamente não há limites para as formas de fazer isso. Com um pouco de planejamento e prática, quase todo mundo pode dominar essa abordagem. A seguir, apresento algumas outras ilustrações.

Negócios

As pessoas no mercado de trabalho costumam perguntar: “Como estão as coisas com você?”. Em vez de dar uma resposta padrão, que tal responder algo como: “Financeiramente, está tudo bem; na família, está tudo ótimo; e espiritualmente, as coisas estão fantásticas. Sobre qual delas quer falar?”?

As pessoas podem estar prontas para partir para um nível mais profundo, ou reagir, dizendo: “Bem, voltando para a parte financeira...”. Tudo bem. Pelo menos você plantou sementes para conversas futuras.

Mudanças

Quando alguém acaba de mudar para um novo bairro, é natural perguntar se a pessoa encontrou bons lugares para fazer compras, comer fora ou consertar o carro. Por que não perguntar também se ela já encontrou uma boa igreja? Mesmo se ela disser que não está procurando, trata-se de uma introdução natural a questões de fé.

Um exemplo especialmente criativo vem da experiência de Jim, advogado que mudou seu escritório para um novo local. Desde então, ele sempre diz às pessoas: “É ótimo. Fica a apenas vinte minutos de minha casa e só a cinco da igreja”. Nem que seja por educação, as pessoas costumam reagir perguntando sobre o envolvimento dele com a igreja.

Hobbies e tempo livre

Quando estiver conversando com alguém sobre seus *hobbies* ou o que você faz em seu tempo livre, é fácil incluir alguma atividade relacionada ao ministério. Por exemplo, se você trabalha na sonoplastia de sua igreja, pode dizer: “Bem, nos fins de semana gosto de andar de

As pessoas no mercado de trabalho costumam perguntar: “Como estão as coisas com você?”. Em vez de dar uma resposta padrão, que tal responder algo como: “Financeiramente, está tudo bem; na família, está tudo ótimo; e espiritualmente, as coisas estão fantásticas. Sobre qual delas quer falar?”

bicicleta e operar equipamentos de som”. A resposta automática de muitas pessoas será pedir detalhes. Abordagens semelhantes podem ser usadas em quase todas as áreas, qualquer que seja seu trabalho: com iluminação, construção, decoração, culinária, limpeza, música, ensino ou recepção.

Talvez você ajude nos programas infantis. Ao conversar com seus amigos sobre filhos, será fácil dizer algo do tipo: “Descobri que as crianças podem ser um grande desafio. O que me mantém motivado é cuidar de 40 delas todos os fins de semana”.

Com alguma criatividade, qualquer função no ministério pode ser descrita em termos interessantes que despertarão curiosidade. E há apenas um pequeno passo entre falar sobre seu envolvimento com a igreja e o amor de Deus, que o motiva.

Depois de pegar do chão o queixo de cada interlocutor, você pode explicar que faz parte da equipe de ensino de sua igreja e mencionar: “A propósito, vocês deveriam ver os programas empolgantes que estamos fazendo com as crianças”.

Com alguma criatividade, qualquer função no ministério pode ser descrita em termos interessantes que despertarão curiosidade. E há apenas um pequeno passo entre falar sobre seu envolvimento com a igreja e o amor de Deus que o motiva.

Natureza

Que tal usar as maravilhas da criação a fim de apontar para o Criador? Se você estiver com alguns amigos no zoológico, é uma simples questão de olhar para a girafa e dizer: “Sabe, Deus devia estar *dando risada* quando criou esse bicho. Que senso de humor incrível ele deve ter!”

Mark usou uma abordagem parecida quando fazia uma trilha pelas montanhas Rochosas e ficou amigo de um homem que estava acampando sozinho. Enquanto caminhavam juntos, observaram a variedade maravilhosa de flores do campo ao longo do caminho. Por fim, Mark disse:

— Deus teve uma imaginação extraordinária para criar flores de tantos formatos e cores diferentes!

Era uma simples observação favorável, com a qual era possível concordar, argumentar ou ignorar. A resposta do amigo foi:

— Acho que isso faria sentido para quem acredita em Deus, mas esse não é o meu caso.

Uma reação como essa *não* é sinônimo de fracasso. Lembre-se que o objetivo é iniciar o assunto, não suscitar uma reação positiva. Na verdade, uma situação como essa cumpre o objetivo, pois, ao dizer que não acreditava em Deus, o homem abriu espaço para o diálogo. Mark prefere o estilo intelectual de evangelismo, por isso se enche de alegria com a oportunidade de falar a um ateu sobre Deus!

Foi natural para ele perguntar:

— Que interessante! Por que você não acredita em Deus?

E essa breve troca de frases resultou numa conversa que durou o resto da tarde e se estendeu pela noite — até a fogueira se apagar.

Música

Talvez você acompanhe as paradas musicais e conheça muitas canções e vários músicos populares. Esse conhecimento pode facilmente ser utilizado para chamar a atenção a músicos cristãos contemporâneos ou artistas seculares que se entregaram a Cristo. Kirk Franklin, Amy Grant, BeBe e CeCe Winans, Michael W. Smith e os componentes de Mercy Me são artistas conhecidos e respeitados pela indústria da música. Músicos seculares que falam de forma aberta sobre sua fé incluem Kerry Livgren, do grupo Kansas, Mark Farner, de Grand Funk, o cantor de música *country* Ricky Skaggs e a popular banda de *rock gospel* Switchfoot.

Outro ângulo para abordar a mensagem é por meio da letra de uma música conhecida que fala sobre questões espirituais, mesmo que tenha sido composta ou tocada por um não cristão.

Esportes

Essa categoria é parecida com a última e oferece possibilidades cada vez maiores, pois muitos atletas conhecidos estão se tornando cristãos. Nos últimos anos, diversas biografias, vários artigos e programas de televisão têm contado sobre essa empolgante mudança de posição. Na verdade, existe até mesmo uma revista dedicada a divulgar atletas cristãos, chamada *Sports Spectrum*.

Para os cristãos que acompanham esportes, é fácil citar um jogo ou evento desportivo recente e falar aos amigos sobre um atleta que é cristão. Muitas vezes, a conversa expandirá para uma discussão mais ampla sobre o que isso significa. Você pode aproveitar ainda mais a oportunidade dando a seus interlocutores um livro ou artigo que fala do atleta, ou mesmo um convite para um evento evangélico no qual a pessoa contará sua história.

Dificuldades comuns

Quando você descobre áreas de dificuldade comuns com alguém, a coisa mais natural do mundo é dizer a essa pessoa como a sabedoria

Quando você descobre áreas de dificuldades comuns com alguém, a coisa mais natural do mundo é dizer a essa pessoa como a sabedoria da Bíblia, amigos cristãos que se importam ou a intervenção divina ajudaram você.

da Bíblia, amigos cristãos que se importam ou a intervenção divina ajudaram você. Cristãos que participam de programas de recuperação de vícios e compulsões usam esta abordagem há anos: “Posso contar a você sobre o poder superior que transformou minha vida?”

Esse método pode ser eficaz, seja numa grande crise, seja num problema relativamente pequeno. Pode ser a falta de comunicação no casamento, dificuldade para disciplinar os filhos ou a necessidade de aprender a controlar a alimentação, o tempo ou as finanças.

Você não precisa ter resolvido por completo a questão. Só precisa ter encontrado auxílio prático e mostrado progresso. Isso é suficiente para garantir a mudança do diálogo da fonte de frustração para soluções espirituais que fizeram a diferença para você. Por exemplo: “Minha esposa e eu tivemos frustrações parecidas em nossos padrões de comunicação. Posso compartilhar com você alguns princípios bíblicos que tiveram um impacto positivo em nosso casamento?”. Ou: “Sei o que você quer dizer sobre sentir vontade de desistir de seu filho adolescente, mas gostaria de mostrar o livro de um conselheiro cristão que nos ajudou a superar essa fase difícil com nossos filhos”.

Dizem por aí que a tristeza adora companhia. Acho que isso é ainda mais verdadeiro quando a companhia é capaz de apontar para uma fonte de auxílio sobrenatural.

Datas comemorativas

Ao longo dos anos de ministério, percebi que as pessoas costumam ficar mais abertas a Deus durante o Natal e a Páscoa. Essas datas comemorativas são excelentes oportunidades de direcionar as conversas para o lado espiritual: “E o bebezinho na manjedoura — você acredita que ele era o Filho de Deus?”. Ou: “Com certeza, Jesus não foi um bebê comum. Por que Deus teria tanto trabalho de enviar seu Filho à terra?”.

Na Páscoa, você pode perguntar: “Você acha que a celebração da Páscoa se baseia em fatos ou em ficção?”. Ou se a pessoa for cética quanto à ressurreição: “O que você acha que aconteceu com o corpo de Jesus — já que ele não estava na sepultura no domingo de manhã?”.

Se você sabe que seus amigos frequentavam uma igreja, pode perguntar que lembranças essas datas comemorativas evocam. Abordagens semelhantes incluem perguntar se eles veem algo de bom na Sexta-feira Santa, ou por que estão agradecidos no Dia de Ação de Graças, ou que tipo de liberdade é mais significativo para eles no Dia da Independência. Você também pode conversar sobre as tradições

familiares e seu significado para eles. Esses diálogos podem transformar-se em oportunidades para convidar seus amigos para um evento em sua igreja ou comunidade naquela data.

Você percebeu que poderíamos continuar listando sugestões indefinidamente? Bom. Isso significa que não precisamos fazê-lo. Mas você precisa. Tome os assuntos sobre os quais você costuma conversar com as pessoas e descubra formas criativas de inserir tópicos relativos à fé.

O método convidativo

Convidar amigos para eventos evangelísticos voltados a interessados não só os estimula a participar, mas também cria assuntos espirituais sobre os quais debater. Uma vez que as pessoas recusarão com frequência, por que não planejar para essa possibilidade e estar preparado para tirar o máximo dela? Aceite com tranquilidade a decisão, mas em seguida peça que lhe contem algo sobre a experiência espiritual delas.

Segue um exemplo de como você pode reagir numa situação semelhante: “Tudo bem, Bob, sei que você está passando por muita coisa no momento. Teremos a oportunidade de fazer algo do tipo no futuro. Sabe, fiquei curioso sobre sua experiência religiosa. Você foi criado com alguma formação religiosa específica?”. Se você fizer isso de maneira aberta e relaxada, a pessoa se sentirá livre para falar sobre a perspectiva dela — positiva ou negativa —, e essa pode ser uma forma excelente de começar um diálogo.

Ainda no campo de convidar pessoas para eventos, deixe-me dar algumas dicas que aumentarão suas chances de sucesso. Em primeiro lugar, seja cuidadoso ao escolher eventos — musicais, peças, filmes, cultos ou reuniões sociais — que serão realizados com excelência e sensibilidade para com o visitante. Infelizmente, muitos programas evangelísticos bem-intencionados produzem mais danos do que ganhos.

Segundo, dê a seu convidado mais detalhes sobre o evento. Pode ser um convite impresso ou um lembrete escrito à mão, mas é importante oferecer um lembrete visual para ajudá-lo a aparecer no lugar certo, na hora certa.

Terceiro, ofereça carona. Sugira uma refeição ou um lanche juntos após o evento. Esses toques extras demonstrarão amizade e proverão um bom contexto para falar sobre o que acabou de ser visto e ouvido.

Princípios gerais

Qualquer que seja o método escolhido para iniciar uma conversa espiritual, tenha em mente as diretrizes a seguir.

Ore muito

Nada substitui a oração constante. Peça a Deus sabedoria, que guie suas palavras e também ajude outros a estarem abertos e interessados.

Fale com as pessoas individualmente

A pressão do grupo não é um fenômeno restrito aos adolescentes. Descobri que é sempre mais fácil conversar com as pessoas individualmente, para que elas não se sintam envergonhadas, nem se preocupem com a opinião de quem está ouvindo.

Desperte curiosidade

Não sinta que você sempre precisa trazer o assunto da fé de maneira direta. Deixe pistas e crie curiosidade, assim como Jesus fez quando mencionou a água viva à mulher junto ao poço. Deixe que as pessoas deem continuidade à conversa, perguntando a que você se refere.

Faça uso do reflexo recíproco

Esse é apenas um modo sofisticado de dizer que, se você quer falar a alguém sobre seus interesses ou suas crenças, comece perguntando sobre os da outra pessoa. É natural que ela responda a sua pergunta e depois faça uma parecida.

Aproveite oportunidades inesperadas

Todos os dias, entabulamos conversas que nos dão a chance de trazer à tona questões de fé, mas a maioria de nós não está preparada para isso. Quando nos perguntam como estamos, damos uma resposta padrão, dentro de nossa zona de conforto.

Precisamos estar dispostos a sair do lugar-comum e dizer o inesperado. Uma coisa é perceber uma oportunidade inesperada; outra, bem diferente, é aproveitá-la. Não conheço outra saída: será necessário um pouco de coragem para fazer a bola rolar e iniciar conversas espirituais. O verdadeiro cristianismo contagiante requer audácia.

Não conheço outra saída: será necessário um pouco de coragem para fazer a bola rolar e iniciar conversas espirituais.

O verdadeiro cristianismo contagiante requer audácia.

Portanto, na próxima vez em que alguém perguntar o que fará no fim de semana ou durante o próximo verão, você tem uma escolha. Acabar com a aventura antes mesmo que ela comece falando sobre tirar as ervas daninhas do jardim ou visitar os parentes em Oklahoma? Ou respirar fundo e dar a Deus uma chance de usar você, ao contar sobre o assunto extremamente importante que está aprendendo na igreja ou o fim de semana empolgante que está planejando com o grupo de jovens?

Você pode entrar por duas portas. Uma delas é segura, familiar e monótona. A outra é arriscada, imprevisível e plena de potencial espiritual. Qual delas você escolhe?

Não subestime o grau de interesse das pessoas

A maioria de nós comete o erro de presumir que as pessoas não estão interessadas nas verdades espirituais. No entanto, muitos hoje estão cansados de viver sem um propósito: dedicar várias horas ao trabalho, pagar contas para sobreviver, manter-se entretido com coisas que enferrujam, desbotam e estragam. Mais e mais estão chegando ao ponto de dizer: “É preciso haver algo mais do que *isto!*”. Na verdade, muitos estão buscando ativamente respostas, embora, com frequência, nos lugares errados. É por isso que seitas e rituais religiosos crescem com tanta rapidez.

E aqui estamos nós, segurando as chaves para o sentido desta vida e a esperança da próxima. Temos de entrar em contato com aqueles que precisam desesperadamente daquilo que possuímos. Assim, devemos iniciar conversas espirituais e descobrir quem está interessado.

Quando você iniciar esse processo, ficará surpreso com o número de pessoas não só abertas, mas também genuinamente interessadas. Sei por que me surpreendo o tempo inteiro.

Mais uma coisa: você pode questionar o que de fato *dizer* às pessoas quando a conversa se inicia. Boa pergunta! Esse é o assunto do capítulo seguinte, provavelmente o mais importante do livro.

TRANSMITA A MENSAGEM COM CLAREZA

O MOMENTO ESTÁ GRAVADO DE maneira indelével em minha memória.

Lynne e eu estávamos numa viagem de barco. Depois de ancorar num porto para passar a noite, conhecemos algumas pessoas que nos convidaram para ir ao barco delas mais tarde e passar um tempo com seus amigos.

Aceitamos o convite e, naquela noite, saímos de nosso barquinho a motor para o iate deles. Formavam um grupo muito hospitaleiro e apreciamos conhecê-los. Logo ficou claro que não eram cristãos. Quando, porém, no decorrer da conversa, eles perguntaram qual era minha profissão, ninguém pareceu espantado pelo fato de eu pastorear uma igreja. Todos foram cordiais e amistosos, e passamos bons momentos juntos.

Quando estávamos prestes a ir embora, o momento chegou. Lynne já havia subido a escada da embarcação, e eu estava no meio do caminho quando um dos anfitriões disse: “Então, Bill, antes de ir, você pode responder a uma pergunta? Sempre quis perguntar a um cristão qual é o significado de se tornar crente. Você pode explicar para nós?”

Ali eu estava, com um pé em nosso barco e uma mão no parapeito do iate deles, olhando para aquelas pessoas segurando seus copos de bebida e esperando para ouvir o que eu diria. Eu sabia que tinha toda a atenção do grupo — por quarenta e cinco segundos — para resumir o significado de ser um cristão de verdade.

PONHA-SE EM MEU LUGAR

Vamos congelar a imagem para que eu faça a você uma pergunta: Se estivesse em meu lugar, como *você* reagiria? Estaria pronto para dar uma resposta clara e sucinta a uma pergunta tão importante?

Se a resposta for não, você não é o único. Se é um cristão novato ou um seguidor veterano de Cristo, esse tipo de situação põe qualquer um à prova. Com frequência, o que ocorre é uma espécie de “branco” mental, ou você se vê gaguejando, tentando descobrir por onde começar, enquanto sente a pressão do céu e do inferno pesando na balança.

No entanto, a Bíblia nos adverte: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês” (1Pedro 3.15). Outra passagem diz que é preciso estar “preparado a tempo e fora de tempo” (2Timóteo 4.2). E Jesus nos chamou para ser “a luz do mundo”. Como vimos, isso implica não só viver como exemplos brilhantes para Cristo, mas também expressar sua mensagem com lucidez, para que outros possam ver a verdade do evangelho.

É vital que levemos a sério essas ordens. Não são meras sugestões; são imperativos divinos, dados por Deus em amor aos perdidos com os quais se importa profundamente. E quanto atentamos para elas tem influência direta no destino eterno das pessoas a nosso redor.

Aquilo que as pessoas *farão* com a mensagem é entre elas e Deus. Mas é nossa responsabilidade deixar a mensagem o mais clara possível. Por isso, recomendo que você se esforce não só para ler este capítulo, mas também para pôr em prática seu conteúdo. Explicarei em detalhes o que é o evangelho e, em seguida, darei algumas ideias de como transmiti-lo a outros.

QUATRO PONTOS A PONDERAR

O objetivo deste capítulo é duplo: quero certificar-me de que, primeiro, entendemos a mensagem do evangelho e, segundo, de que sabemos ilustrá-la para aqueles com quem conversamos.

Portanto, vamos analisar rapidamente quatro pontos principais que você precisa saber para ter um conhecimento sólido do evangelho. São eles: Deus, nós, Cristo e você. Depois de examinar esses aspectos, discutiremos maneiras de comunicar a mensagem a outros com clareza e concisão.

Deus

Podemos estudar muitos aspectos da natureza de Deus, mas três características são especialmente relevantes para o evangelismo. A primeira é que Deus é *amoroso*. Por compaixão, ele nos criou e deseja ter um relacionamento conosco. Mesmo sendo nós pecadores rebeldes, Deus continua a estender seu amor a nós com toda a paciência.

Muitas pessoas preferem parar por aí, porém há mais que precisa ser dito. Veja bem, Deus também é *santo*. Isso significa que ele é absolutamente puro e separado de tudo o que é imundo.

Essa mensagem ficou clara para mim após construirmos o auditório na Willow Creek, no momento da inspeção final. Antes que os representantes da empresa chegassem, um dos membros de nossa equipe iluminou com um holofote as áreas escuras do teto acima da estrutura de construção. Várias imperfeições até então ignoradas se tornaram claramente visíveis.

Então, o pessoal da construção chegou. Assim que viram o holofote, disseram com firmeza que não podíamos examinar o prédio daquela maneira. Até pegaram o contrato, o qual especificava que a inspeção final deveria ser feita em luz ambiente.

Esse incidente sempre me faz lembrar a santidade de Deus e seu efeito sobre nós. Em luz normal, nossa vida tende a parecer muito boa, sem nenhum defeito ou problema moral sério. Mas então Deus dispõe a luz brilhante de sua santidade sobre nossas ações, intenções e pensamentos, mostrando o que não é nada belo.

Isso nos leva à terceira característica de Deus: ele é *justo*. Em outras palavras, ele é como um juiz eficiente que não faz vistas grossas à infração da lei. Em vez disso, sempre aplica a justiça.

Muitos anos atrás, na Escócia, certo homem assassinou um membro de sua família. Quando finalmente foi levado a julgamento, o juiz decidiu que ele já fora punido o suficiente e o deixou sair livre. Não é preciso muita imaginação para adivinhar como o público reagiu: “O quê? Isso não é justo! Queremos justiça! Substitua esse juiz por um que faça a lei ser cumprida”.

Bem, Deus é um juiz perfeito que aplica justiça a todos, sem parcialidade.

Nós

Quando Deus criou os seres humanos, ele nos fez bons, sem pecado. Contudo, abusamos da liberdade, rebelando-nos contra ele e nos tornando maus.

Somos incapazes de tomar qualquer iniciativa que possa mudar nossa posição. Às vezes, descrevo isso como estar “moralmente falido”, sem nenhum recurso na conta para pagar as dívidas. Felizmente, a história não termina aí.

Além disso, como acabamos de ver, a santidade de Deus expõe quem somos, e sua justiça lida sem parcialidade com os pecados que cometemos. Infelizmente, a seriedade de nossos pecados exige que Deus pronuncie a pena de morte sobre nós. Isso implica tanto morte física quanto espiritual, que é a separação de Deus num lugar muito real chamado inferno.

Para concluir as más notícias, somos incapazes de tomar qualquer iniciativa que possa mudar nossa posição. Às vezes, descrevo isso como estar “moralmente falido”, sem nenhum recurso na conta para pagar as dívidas. Felizmente, a história não termina aí.

Cristo

Jesus Cristo foi singularmente capaz de resolver nosso dilema, por ter sido tanto Deus quanto homem. Como Deus, tinha poder e autoridade para formular um plano destinado a nossa salvação.

Como homem, pôde executar o plano tomando sobre si o castigo que merecíamos.

A verdade central do evangelho é que Cristo morreu em nosso lugar, como nosso substituto. Sofreu a pena de morte por nós. Ao fazer isso, expressou o amor de Deus, confirmou sua santidade e satisfez a justiça divina.

Jesus realizou tudo isso para que pudesse oferecer-nos de graça seu perdão, sua amizade e sua liderança. Não merecemos, não pagamos por essas coisas e não podemos conquistá-las. A única forma de recebê-las é prostrando-nos humildemente diante dele, admitindo nossa rebeldia e aceitando sua proposta inacreditável.

Quando fazemos isso, nossa dívida pelo pecado é completamente paga e recebemos a promessa de vida eterna no céu. Também ganhamos a companhia constante do próprio Doador, que estará conosco para nos orientar, conduzir e corrigir em amor sempre que precisarmos.

É como resume a música que cantamos em nossos períodos de louvor:

Ele pagou uma dívida que não devia
Eu tinha uma dívida que não podia pagar
Precisava de alguém para meus pecados lavar
E hoje canto uma nova canção
Oh, graça excelsa, todo o dia então
Cristo Jesus pagou a dívida
Que eu nunca poderia pagar

AUTOR DESCONHECIDO

Antes de avançar para o último dos quatro pontos, analisemos algumas questões que as pessoas costumam apresentar sobre o papel de Cristo na salvação. Primeiro, querem saber por que o preço precisava ser pago. “Por que Deus não podia simplesmente perdoar e esquecer, como nós fazemos?”

Suponha que seu carro novo esteja estacionado em frente a sua casa e, sem querer, seu vizinho bata nele. Embora você possa perdô-lo e isentá-lo de qualquer responsabilidade, ainda há um problema: Quem pagará o conserto? Como você o deixou livre, precisará arcar com o custo sozinho.

De maneira semelhante, nós causamos danos ao pecar contra Deus. E ele também se dispôs a nos perdoar e a restaurar nosso relacionamento com ele. Só precisamos pedir. Entretanto, ainda assim ele teve de pagar pelos danos. A conta — a pena de morte —, ele pagou vindo à terra, tornando-se um de nós e morrendo na cruz em nosso lugar (Atos 20.28).

A segunda questão que algumas pessoas levantam é por que Cristo teve de pagar a pena: “Que tipo de justiça é essa: Jesus, um inocente, sofrer em meu lugar?”. Alguns já até compararam esse ato com uma antiga prática dos tempos medievais que consistia num sistema terrivelmente injusto de punição substitutiva. Quando um jovem membro da família real infringia as regras, seus mestres não ousavam discipliná-lo de forma direta. Em vez disso, surravam um menino escravo na frente do ofensor. Supostamente, isso deveria fazer o herdeiro se sentir mal o suficiente para corrigir seu comportamento e andar na linha. É claro que esse sistema era muito parcial e nem um pouco justo.

De que forma isso difere do que Cristo fez? A resposta está em sua identidade. Ele não era um espectador relutante que Deus pôs à força na situação como um menino escravo para receber nosso castigo. *Na verdade, ele é o Deus contra quem pecamos.*

Filipenses 2.6-8 fala sobre isso quando diz que Cristo, “embora sendo Deus”, dispôs-se a temporariamente abrir mão de sua exaltada posição por nós. Ele “esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!”.

Deus ainda nos diz: “Eu o amo. Paguei por vontade própria a pena que você devia e quero perdoar-lhe. Quer confiar em mim e seguir-me?”

Você

Agora a bola está na sua quadra e depende de você decidir o que fará com ela. Jesus pagou o preço da salvação do mundo inteiro, mas somente receberão perdão aqueles que o aceitarem.

Fico perplexo ao perceber que, a despeito da ênfase bíblica no fato de que devemos aceitar Cristo e o dom da salvação de maneira individual, essa é a parte mais negligenciada da mensagem em muitas igrejas hoje. Muitas pessoas têm a impressão de que, se forem à igreja, ou tiverem nascido numa família cristã, ou tentarem ser indivíduos religiosos, estarão automaticamente bem com Deus.

Isso, porém, não é verdade. Todo que depende de esforços pessoais para entrar na família de Deus acabará enfrentando o pior pesadelo do mundo. Veja a advertência de Jesus em Mateus 7.21-23:

Fico perplexo ao perceber que, a despeito da ênfase bíblica no fato de que devemos aceitar Cristo e o dom da salvação de maneira individual, essa é a parte mais negligenciada da mensagem em muitas igrejas hoje.

“Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!”

Portanto, em amor àqueles que precisam ser alcançados, temos de ser absolutamente claros quanto ao fato de que uma resposta pessoal é imprescindível. Cada um de nós precisa aceitar o perdão

e a liderança de Cristo de maneira individual. E, quando o fazemos, a Bíblia garante que o Espírito Santo passa a habitar imediatamente dentro de nós e a nos transformar de dentro para fora.

Não podemos tomar essa decisão por outros, nem devemos pressioná-los a fazer uma escolha prematura. Mas devemos ter certeza de que eles compreendem que não há outro caminho. Além disso, devemos estar preparados para ajudá-los a dar o passo que cruza a linha da fé, assunto que abordaremos no capítulo 13.

Espero que, ao estudar estes quatro pontos — Deus, nós, Cristo e você —, você tenha conseguido melhorar seu domínio dos elementos básicos da mensagem evangelística. Agora passaremos ao segundo objetivo deste capítulo, que é fornecer alguns instrumentos práticos para você transmitir essa mensagem a outros.

ILUSTRAÇÕES PARA TRANSMITIR A MENSAGEM COM CLAREZA

As ilustrações a seguir apresentam os quatro pontos do evangelho usando termos e imagens que ajudarão o ouvinte a compreender e lembrar. Apresento várias delas para você ter opções de escolha, com base nas circunstâncias e na pessoa com quem está conversando. Preste atenção especial em qualquer imagem que, em sua opinião, se identificará com as pessoas de sua Lista de Impacto.

Faça *versus* feito

Essa é a ferramenta mais simples e sucinta que conheço para falar a outros sobre Cristo. Vai direto ao cerne da questão que confunde tanta gente. Ou seja, fala sobre a parte que nossos esforços desempenham para conseguir a salvação divina.

Como se trata de uma ilustração verbal, sem necessidade de acessórios ou recursos visuais, é boa para se usar em conversas cotidianas, até mesmo em diálogos pelo telefone.

Também é ótima para os momentos em que você precisa ser conciso e rápido — como quando está numa escada, no meio do caminho entre um iate e um barco a motor, olhando para um grupo de interessados meio bêbados! Foi o que eu tentei fazer naquela ocasião.

“Bem, em primeiro lugar, você precisa reconhecer a diferença entre religião e cristianismo”, comecei. “Religião é sinônimo de FAÇA, pois consiste nas coisas que as pessoas *fazem* para tentar obter, de algum modo, o perdão e o favor de Deus.

“O problema, porém, é que nunca se sabe quando você já fez o suficiente. É como o vendedor que sabe que precisa alcançar uma meta, mas nunca lhe dizem qual é ela. É impossível ter certeza de que você já fez o suficiente. Pior ainda, a Bíblia nos diz em Romanos 3.23 que *nunca* conseguiremos fazer o suficiente. Sempre estaremos aquém do padrão perfeito de Deus.

“No entanto, felizmente, o cristianismo é sinônimo de FEITO. Isso significa que, aquilo que nunca conseguiríamos realizar por conta própria, Cristo já fez por nós. Ele viveu a vida perfeita que nunca poderíamos ter e, por vontade própria, morreu na cruz a fim de pagar a pena que devíamos pelos erros que cometemos.

“Tornar-se um cristão de verdade é aceitar o dom do perdão divino e comprometer-se a seguir sua liderança. Quando fazemos isso, Deus nos adota em sua família e inicia uma mudança em nós de dentro para fora.”

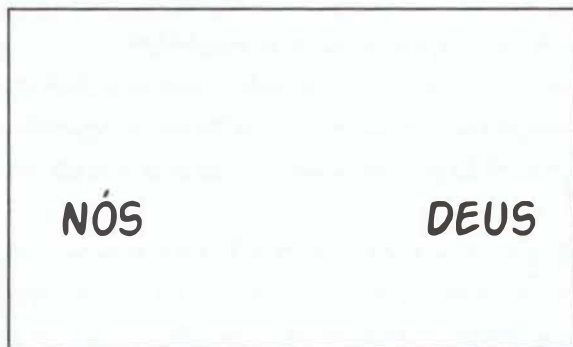
Fiquei feliz por ter um instrumento sucinto como a ilustração do “Faça *versus* Feito”. Preciso encorajar você a dominá-la bem. É fácil de aprender e uma ferramenta muito eficaz para ajudar as pessoas a compreender os princípios centrais da fé cristã, em especial aquelas que pensam que podem chegar ao céu por serem boas o suficiente.

A ilustração da ponte*

É provável que essa seja a ilustração do evangelho mais conhecida e usada, e por um bom motivo: ela mostra graficamente às pessoas sua desgraça e a solução divina.

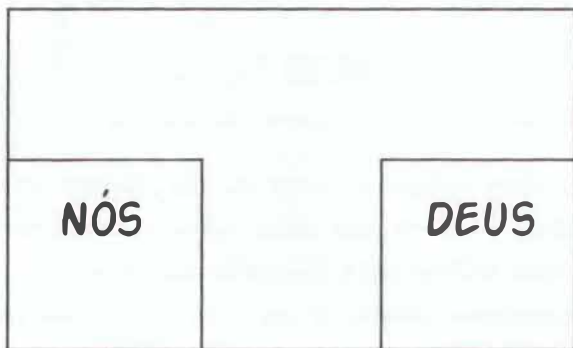
Muitos folhetos cristãos foram criados com base nessa ilustração. Talvez você considere algum deles útil para ajudar a explicar o evangelho, embora eu prefira fazê-lo de maneira mais pessoal, desenhando a figura num pedaço de papel. Mesmo que você decida usar a versão impressa, sugiro que aprenda a fazer os desenhos, a fim de estar preparado para usar a ilustração a qualquer momento. Além disso, esteja ciente de que algumas pessoas podem desanimar se você surgir do nada com um material pronto.

Depois de iniciar a conversa espiritual, você pode dizer casualmente à pessoa que aprendeu um diagrama útil para compreender a mensagem central da Bíblia, perguntando se ela gostaria de vê-lo. Você descobrirá, assim como eu no passado, que muitas pessoas demonstrarão interesse genuíno.



* Adaptado de **The Bridge**, © 1981, Navigators. Usado com permissão de NavPress. Todos os direitos autorais reservados.

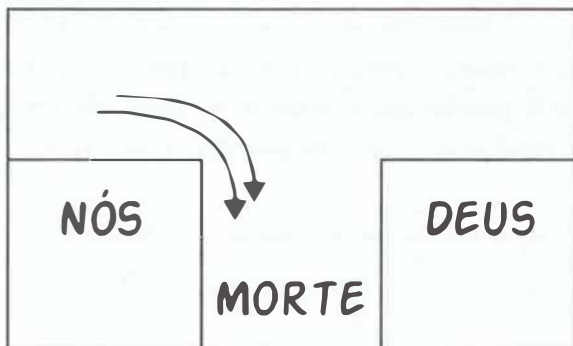
Em geral, começo dizendo: “Nós somos importantes para Deus. Ele nos criou e quer ter um relacionamento conosco”. Escrevo “Nós” de um lado do guardanapo, jogo americano descartável ou qualquer pedaço de papel prontamente disponível, e “Deus” do outro.



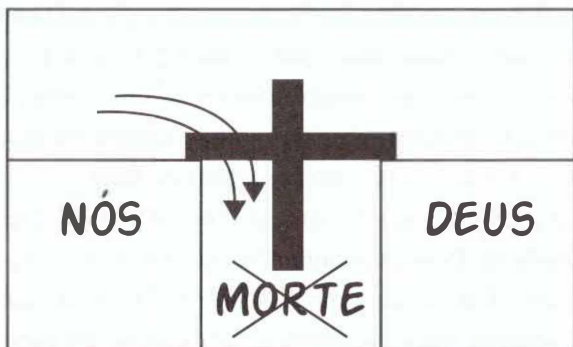
Então, explico o problema: “Rebelamo-nos contra Deus. Todos nós lhe desobedecemos, ativa e passivamente. Nossos pecados nos separaram de Deus e romperam nosso relacionamento”. Desenho linhas em torno das duas palavras, como se formassem paredes em torno de um grande abismo, que nos separa de Deus.

“Em graus variados, a maioria de nós está consciente de nosso afastamento de Deus”, continuo. “Sei que eu estava, e você talvez também esteja. Então, começamos a fazer todo tipo de coisas para tentar reaproximar-nos dele, como ser um vizinho prestativo, pagar os impostos, ir à igreja e contribuir com instituições de caridade. Não existe nada de errado com essas coisas, mas a Bíblia deixa claro que nenhuma delas é capaz de nos dar o perdão de Deus, nem de restabelecer nosso relacionamento com ele.”

Então, desenho duas setas, em cima do “Nós”. Isso significa nossas tentativas falhas de alcançar Deus. Às vezes, escrevo “Romanos 3.23” perto das setas, para que a pessoa confira a fonte bíblica a que me refiro.



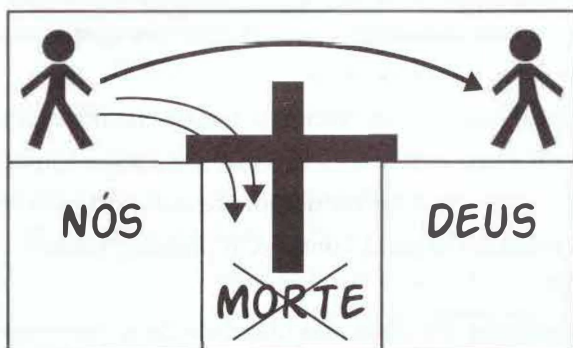
“Além disso, os pecados que cometemos precisam ser punidos, e a penalidade é a morte, que implica tanto a morte física quanto uma separação de Deus por toda a eternidade, num lugar chamado inferno.” Acrescento a palavra “Morte” e, às vezes, Romanos 6.23 no fundo do abismo.



Nesse ponto, admito que a situação parece bastante desanimadora. É importante comunicar como ficamos em apuros quando estamos longe de Cristo. As pessoas precisam entender como estão perdidas para poderem ter interesse em ser achadas.

Não as deixo, porém, presas nas más notícias por muito tempo. “A boa-nova, como eu disse no início, é que Deus se importa conosco. Na verdade, ele nos ama tanto que fez por nós aquilo que nunca

poderíamos realizar por conta própria. Providenciou uma ponte sobre a qual podemos encontrar perdão e restaurar nosso relacionamento com ele. Ela foi construída quando Jesus veio à terra como um de nós, morreu na cruz e pagou a pena de morte que devíamos. Esta é a ponte.”



Então, desenho uma cruz que toca ambos os lados do abismo e, às vezes, acrescento “1Pedro 3.18” ao lado da cruz.

Concluo: “Este é o retrato da mensagem central da Bíblia. É isto o que Deus quer que cada um de nós entenda. Mas não basta saber a respeito ou até mesmo concordar. É preciso partir para a ação. Deus quer que passemos para o outro lado.

“Fazemos isso ao admitir, em humildade, que nos rebelamos contra ele e precisamos de seu perdão e sua liderança. Com esse ato simples de confiança e obediência, nossos pecados são perdoados, e nossa dívida é paga. Nosso relacionamento com Deus é estabelecido com firmeza, porque somos imediatamente adotados em sua família como filhos e filhas”.

Enquanto explico isso, desenho uma pessoa do lado do “Nós”, uma seta através da ponte e outra pessoa do lado de “Deus”, por vezes acrescentando João 1.12.

Então, pergunto ao amigo se a ilustração faz sentido ou se existe alguma parte que ele gostaria de discutir. Por fim, pergunto onde ele se

colocaria no desenho e, se parecer aberto, pergunto se gostaria de atravessar a ponte, transformando Cristo em seu perdoador, líder e amigo.

Deixe-me acrescentar que a resposta mais comum nesse momento é um sincero “Hum... Preciso pensar um pouco”. Tudo bem. A maioria dos interessados necessita de tempo para processar a mensagem, pesar suas consequências e analisar seu custo, assim como Jesus sugeriu em Lucas 14.28-33.

Às vezes, Deus faz um milagre e transforma instantaneamente um Saulo em Paulo, mas essa é a exceção, não a regra. Em outras ocasiões, ele já preparou o indivíduo por meio dos esforços anteriores de outras pessoas. Em geral, contudo, as pessoas precisam de tempo para refletir.

Necessitamos dar a elas essa liberdade. Se as pressionarmos ou as apressarmos, elas acabarão retraindo-se no processo. Se permitirmos que andem no próprio ritmo, porém, poderemos ajudá-las a dar passos graduais até que, com a ajuda de Deus, cheguem ao ponto de atravessar a ponte e confiar em Cristo.

A estrada romana

Essa é uma das apresentações mais eficazes para aqueles que já ouviram a mensagem, mas querem vê-la preto no branco, direto das páginas da Bíblia. Baseia-se em três versículos de Romanos. Sugiro que você os sublinhe em sua Bíblia para torná-los fáceis de encontrar.

O primeiro versículo que mostro a meu interlocutor é Romanos 3.23: “pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”. Eu explico: “De acordo com esse texto, todos nós pecamos contra Deus. Isso inclui não só os grandes pecados, como estupro e assassinato, mas também pequenos desvios morais, como mentiras, crueldade, insensibilidade, explosões de raiva, trapaças e egocentrismo. Admito que cometo alguns desses desvios. E você?”. A maioria das pessoas não tem dificuldade em admitir que também já cometeu alguns deles.

Passo, então, ao segundo versículo, Romanos 6.23, e deixo que o interessado leia: “Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”. Digo: “De acordo com esse versículo, aqueles pequenos erros que você e eu acabamos de admitir implicam uma penalidade: a pena de morte”.

Em seguida, porém, chamo a atenção para a segunda parte do versículo e digo: “O texto se refere a um dom. Deus nos deu o presente da vida eterna. Podemos receber livremente o perdão de Deus e a absolvição da pena de morte que merecíamos. Ela foi paga pela morte de Jesus na cruz. E, assim como qualquer outro presente, não o merecemos, apenas recebemos. Para descobrir como fazer isso, deixe-me mostrar mais um versículo”. Então, lemos Romanos 10.13, que diz: “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”.

“Viu como é simples receber o dom de Deus? Tudo o que precisamos fazer é reconhecer que pecamos e merecemos a morte, clamando a Deus com humildade por seu perdão e pela nova vida que ele nos oferece. Foi isso o que fiz alguns anos atrás e gostaria de incentivar você a fazer também”.

A ilustração do beisebol

Essa ilustração é ótima para fãs de esportes que precisam ser convencidos de que seus esforços morais nunca lhes farão merecer a salvação.

Descrevo uma nova homenagem que será oferecida aos melhores jogadores de beisebol. Chamo-a de “*Hall da Fama Universal*”. O prestígio e as recompensas de receber o título são astronômicos. Existem apenas três requisitos para se qualificar e é bem fácil entendê-los.

Primeiro, a pessoa deve jogar de maneira coerente por pelo menos cinco anos consecutivos. Segundo, não deve cometer nenhum erro de arremesso. Isso mesmo: nenhum erro o tempo inteiro. E deve rebater a 1.000. Isso quer dizer que precisa acertar todas as vezes, sem

perder nenhuma bola. Faça somente essas três coisas, e você automaticamente entrará para o *Hall* da Fama Universal.

Simples? Sim, e obviamente impossível também. É isso o que a Bíblia diz sobre tentarmos entrar no céu por méritos próprios. Romanos 3.23 deixa claro que, não importa quanto nos esforcemos, sempre estaremos aquém do padrão de Deus. Na verdade, Tiago 2.10 diz: “Pois quem obedece a toda a Lei, mas tropeça em apenas um ponto, torna-se culpado de quebrá-la inteiramente”.

Graças a Deus porque aquilo que nunca conseguiríamos fazer sozinhos, ele já fez por nós. Jesus veio à terra e foi capaz de arremessar sem erros e rebater a 1.000. Como um substituto que entra em nosso lugar, ele viveu uma vida perfeita e morreu para pagar a pena de nossos pecados. Tudo o que precisamos fazer é aceitá-lo, assim como o presente que ele nos oferece.

A ilustração do avião

Essa é uma boa ferramenta para ajudar interessados complacentes e cristãos nominais a entender que não basta crer nas coisas certas sobre Deus ou ir à igreja.

Fazer essas coisas é como estudar a ciência da aviação e depois passar algum tempo em aeroportos. Você pode aprender tudo sobre a física do voo, identificar as companhias aéreas com maior índice de segurança, escolher a melhor aeronave para voar, reservar seu voo, dirigir até o aeroporto, caminhar até o portão de embarque, conferir duas vezes as credenciais da equipe na cabine. Mas nada disso resolverá, a menos que você entre no avião.

O conhecimento por si só não o leva a lugar nenhum. É preciso agir com base no que você sabe. É preciso entrar a bordo da aeronave e confiar que ela o levará aonde você quer chegar.

De modo semelhante, não basta saber tudo sobre o cristianismo. Você pode estudar até se tornar um especialista, ir à igreja e até mes-

mo se envolver num ministério, sem ter um relacionamento com Cristo. É preciso dar um passo de fé e “entrar a bordo”, recebendo o perdão que ele comprou na cruz e confiando sua vida e seu futuro a ele. *É isso* que significa ser um cristão de verdade.

SUA HISTÓRIA PESSOAL

Existe um método final de apresentação que preciso mencionar, e deixei o melhor por último. É o relato pessoal de como Deus transformou sua vida. Falamos rapidamente sobre essa abordagem quando discutimos o estilo testemunhal, mas o fato é que todos os cristãos têm uma história para contar.

As pessoas gostam muito de ouvir a história dos outros. Uma descrição concisa e articulada de sua jornada de fé pode ter um efeito poderoso sobre seus ouvintes. É algo difícil de questionar. Se sua vida demonstra o tipo de caráter contagiante que discutimos na Parte 2, elas desejarão saber o que está por trás disso.

As pessoas gostam muito de ouvir a história dos outros.

Uma descrição concisa e articulada de sua jornada de fé pode ter um efeito poderoso sobre seus ouvintes. É algo difícil de questionar.

Aqui está um exemplo de como você pode usar sua história. Digamos que você tenha uma colega de trabalho chamada Bárbara. Vocês passam tempo juntas e têm uma amizade bem próxima. Você ora por ela regularmente.

No decorrer das conversas, descobre que Bárbara acha que é cristã, embora, com base no estilo de vida mostrado, você tenha praticamente a certeza de que ela não leva isso muito a sério. Então, um dia, durante o almoço, você sente o impulso do Espírito Santo e diz algo mais ou menos assim: “Sabe, Bárbara, na maior parte da minha vida, achei que era cristã por causa de minha formação religiosa. Batizei-me e fiz profissão de fé ainda nova, ia aos cultos com

frequência, contribuía financeiramente e ajudava um pouco aqui, um pouco ali. Além disso, tentava ter uma vida decente, de elevado padrão moral.

“No entanto, descobri que não são essas coisas que transformam a pessoa num cristão. É como ir às Olimpíadas. O simples fato de estar no evento não faz de você um atleta. Mas, alguns anos atrás, descobri o que é ser um cristão de verdade e me converti. Se algum dia você quiser saber mais sobre isso, ficarei feliz em explicar, pois foi a decisão mais importante que tomei em toda a minha vida”.

Esse exemplo só tomaria um minuto ou dois. É simples e pessoal, sem pressionar ou soar acusatório. A bola está agora na quadra da Bárbara. Se ela disser que está interessada, você pode continuar contando mais sobre sua experiência, usando algumas das ilustrações do evangelho que apresentei. Se não, tudo bem. Talvez ela se torne uma pessoa mais aberta no futuro. Pelo menos, você plantou as sementes para conversas futuras.

A história pessoal é um instrumento que o apóstolo Paulo usou três vezes em Atos. Eu também já fiz uso dela várias vezes. E incentivo você a pensar um pouco em como comunicar sua história da melhor maneira. Escreva e pratique, não com o propósito de memorizar e recitar palavra por palavra, mas para se sentir confortável com o básico que você deseja transmitir. Não torne sua história longa ou complicada. Apenas saliente os pontos altos da atuação de Deus em sua vida de uma maneira que seja relevante para seus amigos.

Então, conte sua história — e observe Deus trabalhar por meio dela.

DICAS DE COMUNICAÇÃO

Para encerrar este capítulo, apresento algumas dicas gerais que podem tornar uma apresentação mais eficaz, qualquer que seja o ângulo escolhido.

Não faça um discurso

As pessoas querem *conversar* com você, não *ouvir* o tempo inteiro. Às vezes, quando há oportunidade de falar sobre nossa fé, ficamos empolgados e expelimos um monólogo de tudo o que achamos que outros precisam ouvir. Agora que você já conhece o perigo disso, faça o possível para evitá-lo.

A melhor maneira de evitar a entrada no modo de discurso é fazer perguntas primeiro e ouvir com atenção as respostas. Então, quando for sua vez de falar, observe se a outra pessoa está acompanhando. Se parecer confusa, pare e pergunte se o que você está dizendo faz sentido. Descubra a perspectiva dela na questão. Ao fazer isso, você diminuirá a tensão, mostrará respeito, aprenderá sobre outras crenças e conquistará o direito de expressar mais sobre seus pensamentos.

Divida a mensagem em pequenas doses

Outro problema é dar informações demais de uma só vez. Já foi dito que os cristãos têm dois problemas no que se refere a comunicar sua fé: começar e parar! Bem, o capítulo anterior tratou de como começar, e quero enfatizar que, às vezes, a melhor coisa que você pode fazer é parar.

Quando alguém demonstra interesse em sua fé, isso não significa necessariamente que a pessoa quer saber todos os detalhes. Num momento inicial, a maioria quer apenas a versão condensada. Com o tempo, porém, a curiosidade pode aumentar, assim como o interesse em assuntos espirituais.

Quando alguém demonstra interesse em sua fé, isso não significa necessariamente que a pessoa quer saber todos os detalhes. Num momento inicial, a maioria quer apenas a versão condensada.

Até que isso aconteça, contudo, devemos dizer apenas o suficiente para saciar a sede espiritual da pessoa — não importa se isso

levará um minuto ou uma hora — e, então, afastar-nos. Isso fará o interessado saber que é fácil começar e terminar conversas conosco, e ele se sentirá livre para voltar e pedir mais informações.

Seja ousado

Creio que as pessoas respeitarão você por não ficar fazendo rodeios. Elas estão em busca de algo que faça sentido e querem ouvir alguém que acredita de verdade no que está dizendo.

Finalmente, quando você estiver preparado e após orar por oportunidades, chegará o momento. Ouso fazer uma predição: é provável que você não se sinta pronto, nem plenamente à altura da tarefa. Eu quase nunca me sinto.

É nesse instante que você precisa depender da força e da sabedoria do Espírito Santo. Com amor no coração, respire fundo, olhe a pessoa nos olhos, fale de forma direta e veja para onde Deus conduzirá.

Com amor no coração, respire fundo, olhe a pessoa nos olhos, fale de forma direta e veja para onde Deus conduzirá.

Creio que as pessoas respeitarão você por não ficar fazendo rodeios. Elas estão em busca de algo que faça sentido e querem ouvir alguém que acredita de verdade no que está dizendo.

Essa pessoa pode ser *você*.

Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue? (Romanos 10.14)

COMO QUEBRAR AS BARREIRAS À FÉ

“SERÁ QUE VOCÊS NÃO PODEM desistir? O que acham que sou, um *idiota*? Só colocando o dedo nas feridas em suas mãos e seus pés e enfiando meu braço até o cotovelo em seu peito para acreditar que ele ressurgiu dos mortos.

“Podem fantasiar quanto quiserem sobre uma ressurreição”, continuou Tomé, “mas, para mim, parece que desperdicei três anos de vida. Não desperdiçarei nem mais um dia sequer em nada que esteja ligado a Jesus. Vocês não entendem? Está *acabado!*”

Os discípulos estavam reunidos numa casa tentando compreender os acontecimentos recentes. Poucos dias após o discurso de Tomé, Jesus apareceu de repente no local. Logo ficou claro que ele não estava ali apenas para desfrutar de um pouco de companheirismo cristão. Ele olhou com cuidado ao redor do cômodo, como se quisesse encontrar uma pessoa especificamente.

Então, seu olhar cruzou com o de Tomé.

Quando solto a imaginação, lembro-me daqueles antigos filmes de faroeste em que dois homens se posicionam para o duelo num *saloon*. Enquanto se encaram de cima abaixo, todos começam a se esconder debaixo das mesas e cadeiras para se esquivar, pois sabem que vem ação pela frente.

Bem, consigo ver Jesus preparando-se para um duelo com Tomé. E imagino os outros discípulos, ao lembrar o falatório do colega alguns dias antes, saindo do caminho. Meu palpite é que tenham pensado: “Será que Tomé finalmente entenderá? Ele vai se arrepender de ter aberto a boca!”

Temendo o pior, os homens cobriram os olhos enquanto Jesus chegava a poucos centímetros de Tomé. O lugar era de um silêncio mortal. Então, Cristo disse uma única palavra: “Toque-me”.

Ele não disse “Você vai levar um surra”, ou “Caia morto”, ou “Você está perdido”. Nem mesmo: “Tome jeito”. Não, nada remotamente parecido com isso. Apenas “Toque-me”.

Isso revelou muito sobre o caráter de Cristo. Tomé e os outros discípulos aprenderam muito sobre Jesus aquele dia. E essa é uma lição de que muitos de nossos amigos precisam hoje.

Precisamos ajudar as pessoas a entender que Deus não teme as dúvidas honestas daqueles que procuram descobrir a verdade sobre ele. Na verdade, Deus convida calorosamente todos os que têm perguntas sinceras a se aproximar, buscar e questionar, porque deseja ajudar a esclarecer as coisas.

UMA PERSPECTIVA DIVINA

Precisamos ajudar as pessoas a entender que Deus não teme as dúvidas honestas daqueles que procuram descobrir a verdade sobre ele. Na verdade, Deus convida calorosamente todos os que têm questões sinceras a se aproximar, buscar e perguntar, porque deseja ajudar a esclarecer as coisas.

Parte de nosso desafio é ajudar as pessoas a perceber como Jesus é diferente dos líderes religiosos cheios de ganância, que exigem lealdade cega de seus seguidores e desqualificam qualquer um que tenha a audácia de duvidar. Esses autodesignados gurus tentam manipular e intimidar inocentes a se unir à causa deles.

Com irresistível respeito à tendência humana de duvidar, Jesus simplesmente diz: “Toque-me. Faça o que for necessário para descobrir que sou real”.

Essa é uma notícia animadora para os amigos e colegas a quem você está tentando explicar o evangelho. À medida que eles considerarem estabelecer um compromisso com Cristo, com certeza atravessarão ondas de incerteza.

Podemos esperar que isso aconteça e, quando acontecer, devemos responder imitando Jesus. Devemos tentar não envergonhá-los, nem apressá-los. Em vez disso, devemos trilhar o mesmo caminho, sentindo empatia por aquilo que estão pensando e sentindo e oferecer respostas quando parecer apropriado.

Tudo isso faz parte do elemento final da primeira metade de nossa equação, a *comunicação clara*, que se inicia com diálogos espirituais. Com o tempo, esses diálogos se transformam em oportunidades para explicar e ilustrar o evangelho. Entretanto, no intervalo entre a primeira compreensão da mensagem e o compromisso posterior com Cristo, nossos amigos precisam de garantias de que o cristianismo é confiável e de quais são as consequências de adotá-lo.

Portanto, não desanime quando seus amigos interessados demonstrarem dúvidas. Na verdade, é um sinal positivo. Revela que eles têm um interesse tão genuíno na verdade que a estão analisando com todo o cuidado.

BARREIRAS À FÉ

Vamos analisar algumas pedras de tropeço que afastam as pessoas da fé: percepções incorretas, obstáculos intelectuais e falhas morais. Concentre-se naquelas que você acha que podem afetar as pessoas que está tentando atingir.

Percepções incorretas

“Se você entregar sua vida a Jesus Cristo, pode dar adeus a sua liberdade, individualidade, seu senso de aventura e qualquer esperança de realização nesta vida. Afinal, você se juntará a um bando de perdedores lobotomizados, que se parecem e agem igual e não têm nada melhor para fazer com a vida.

“Mas *você não é assim. Você tem inteligência, talento e potencial. Tem lugares aonde ir, coisas a fazer e metas a alcançar. Então, pare com essa conversa boba de entrar na linha e virar religioso. Só se vive uma vez!*”

Tenho a impressão de que não sou o único que já ouviu essa voz. Aposto que ela também é familiar a você. E, o mais importante, alguns de seus amigos descrentes ouvem esse discurso dentro da mente como se fosse um disco riscado.

A ironia é que essa mensagem é exatamente o contrário da verdade sobre a vida cristã e, num nível mais profundo, sobre a natureza e as características de Deus. Enquanto as pessoas se apegarem a imagens distorcidas de Deus, estarão gravemente limitadas em sua motivação de buscá-lo. Isso porque as imagens que inventamos de Deus não conseguem chegar perto de quem ele é de verdade.

De onde vêm essas percepções incorretas e o que podemos fazer para combatê-las? Creio que há várias fontes: exemplos ruins, maus ensinamentos e medos naturais. Veremos cada uma delas, junto com algumas sugestões de como reagir.

Exemplos ruins

A maioria de nós já entrou em contato com algumas pessoas ingênuas, pessimistas e de mentalidade fechada, que, em nome de Deus, da Bíblia ou da igreja, condenam tudo de que por acaso não gostam. Espalham versículos bíblicos por toda parte e dão respostas de 2 centavos a perguntas que valem milhões. E são orgulhosas demais para falar com outras pessoas sobre as coisas terríveis que nunca farão.

O interessado típico reage com sarcasmo. “Quer dizer que, para eu me tornar um cristão de verdade, preciso assassinar meu cérebro? E fechar os olhos para a realidade da vida? Onde é que eu assino?”

O que você pode fazer para remover essa barreira? Primeiro, deixe seus amigos saberem que você entende a hesitação deles. Tente verbalizar alguns desses medos, assim como acabei de fazer. Conte sobre os temores infundados que você tinha antes de seguir Deus. Eles ficarão desarmados ao ouvir você expressar suas preocupações, em especial aquelas que pensavam que você nunca entenderia. Isso os faz perceber que vocês estão na mesma frequência, que você reconhece que alguns cristãos estão deslocados em termos de crenças e modo de agir. E isso exige que você pinte um retrato mais preciso da vida cristã.

Segundo, viva como um modelo que abala os estereótipos e oferece uma nova visão do cristianismo. Embora suas palavras possam contribuir para atenuar preconceitos, é aquilo que você *faz* que reformulará a percepção deles. Seu exemplo pode tornar-se uma ilustração viva que rompe essa barreira, ao convencer seus amigos de que os cristãos priorizam o amor à guarda da lei, a verdade a trivialidades e a fé a atividades religiosas frenéticas.

Além disso, tudo o que você puder fazer para pôr seus amigos perto de outros cristãos autênticos será uma energia bem empregada. Eles precisam ver que você não é uma exceção, mas, sim, um dos muitos que vivem uma vida empolgante em Cristo.

Ensino ruim

Muitas pessoas têm uma imagem inadequada de Deus porque aprenderam ideias erradas, de maneira formal ou informal.

Enquanto Deus for retratado como um velho inútil, um ogro terrível, uma divindade desinteressada ou um desmancha-prazeres cósmico, quem, em sã consciência, se empolgará em conhecê-lo? Imagens mentais incorretas neutralizam a motivação das pessoas para se aproximar de Deus.

Mais uma vez, precisamos mostrar que nos identificamos com a preocupação de nossos amigos. Você pode fazer isso refletindo sobre seus próprios conceitos errôneos do passado, ou referindo-se ao que viu em outras pessoas, explicando, então, como isso pode bloquear nosso progresso espiritual. Gosto da forma que Jay Kesler comunica isso. Ele diz à pessoa: “Fale-me sobre o Deus em que você não acredita. Talvez eu não acredite nele também!”. No fim das contas, o único antídoto eficaz para combater os maus ensinamentos é corrigi-los com bons ensinamentos, substituindo as ideias incorretas pelas certas. E a melhor forma de fazer isso é ensinar a Bíblia e desafiar as pessoas a estudá-la por conta própria. Elas se surpreenderão ao descobrir que a revelação de Deus sobre si mesmo é muito diferente das percepções incorretas que as pessoas têm sobre ele.

Outra forma de ajudar seus amigos a ajustar a visão sobre Deus é incentivá-los a fazer leituras que retratem fielmente o caráter divino, conforme revelado na Bíblia. Recomendo clássicos como *Seu Deus é*

Enquanto Deus for retratado como um velho inútil, um ogro terrível, uma divindade desinteressada ou um desmancha-prazeres cósmico, quem, em sã consciência, se empolgará em conhecê-lo? Imagens mentais incorretas neutralizam a motivação das pessoas para se aproximar de Deus.

pequeno demais, de J. B. Phillips, e *O conhecimento de Deus*, de J. I. Packer. Além disso, escrevi um livro intitulado *O Deus que você procura*, com o objetivo de apresentar uma perspectiva nova e talvez inesperada de quem é Deus.

Medos naturais

Quando estamos diante de uma escolha que mudará nossa vida, é natural que hesitemos ao nos aproximar do ponto de decisão. Se isso é verdade em relação a comprar uma casa ou se casar, quanto mais no que se refere a entregar a própria vida a alguém — mesmo que seja a Deus. Nossos medos e nossas preocupações naturais podem macular a imagem do que estamos analisando.

Subjacente à imagem distorcida de muitas pessoas sobre o cristianismo, está a percepção incorreta de que elas vão perder bem mais do que ganhar. Tive uma conversa, tempos atrás, com um homem que lutava justamente com esse ponto. Por fim, ele disse com exasperação na voz:

— Entendo a mensagem, e ela está começando a fazer muito sentido. Mas, antes de assumir um compromisso, você precisa dizer qual é o plano de Deus para minha vida *depois* que eu der esse passo. Sei o que fará por mim na *eternidade*, mas o que posso esperar *agora*, até o céu chegar?

Percebi que ele estava incomodado com isso, por isso decidi responder chocando-o, ao falar aquilo que ele de fato estava dizendo. Retorqui:

— Tudo bem, este é o plano de Deus: ele vai trancar você num monastério com um bando de monges meditativos e jogar a chave fora! Vai enfiar você numa camisa de força de leis e regras tão apertada que não conseguirá respirar! Talvez ele até o envie para ser missionário — no Iraque!

O sorriso do homem me mostrou que ele estava entendendo. Então, o desafiei com algumas perguntas:

— Que tipo de Deus acha que ele é? E por que estão tão certo de que ele toma mais que dá?

As pessoas que acham que precisarão deixar mais coisas por Deus do que vão ganhar estão subestimando o caráter de Deus. Estão vendendo-o barato. Precisam saber o que Salmos 34.8 diz: “Provem, e vejam como o SENHOR é bom. Como é feliz o homem que nele se refugia!”

Jesus lidou com os mesmos problemas em sua época. João 10 fala de um tempo em que Cristo percebeu que as pessoas a seu redor

Em essência, a Bíblia diz que ser cristão não é apenas um ótimo modo de morrer, mas também a melhor maneira de viver. Precisamos ajudar nossos amigos a entender isso para que possam superar seus medos naturais.

estavam preocupadas com o plano de Deus para a vida delas. Então, disse: “Já houve confusão demais a esse respeito. Quero esclarecer as coisas de uma vez por todas: o Maligno vem para destruir a vida de vocês. Mas eu não sou como ele. Eu vim para que vocês encontrem vida e a experimentem em toda a sua plenitude”.

Em essência, a Bíblia diz que ser cristão não é apenas um ótimo modo de morrer, mas também a melhor maneira de viver. Precisamos ajudar nossos amigos a entender isso para que possam superar seus medos naturais.

Obstáculos intelectuais

Uma segunda barreira à fé são os obstáculos intelectuais: perguntas e objeções que põem em xeque a veracidade do cristianismo.

Não jogue essas questões para baixo do tapete. É ruim para a pessoa que está procurando a verdade ver que suas perguntas sobre a fé não são levadas a sério por um cristão comprometido. É ainda pior quando o cristão espiritualiza sua falta de conhecimento e diz ao interessado que ele “precisa aceitar pela fé”.

Quando usamos esse artifício, desobedecemos diretamente a uma ordem de Deus em 1Pedro 3.15, que diz: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês”. Como advertiu o falecido Walter Martin, se não conseguirmos encontrar uma resposta racional, corremos o risco de nos tornar apenas mais uma desculpa para a pessoa não crer.

Considere com seriedade as perguntas e objeções de seus amigos. Agradeça a Deus porque eles estão interessados e engajados o suficiente para levantar tópicos tão importantes e faça seu melhor para dar uma resposta à altura.

Considere com seriedade as perguntas e objeções de seus amigos. Agradeça a Deus porque eles estão interessados e engajados o suficiente para levantar tópicos tão importantes e faça seu melhor para dar uma resposta à altura.

Nem sempre você terá a resposta na ponta da língua. Em muitos casos, a melhor coisa a fazer é dizer que aquela é uma boa pergunta e que, no momento, você não tem uma resposta satisfatória. Assegure que você irá pesquisar e voltar a falar sobre o assunto. Com o tempo, é possível que eles fiquem mais impressionados ao perceber que você se esforçou para retomar a questão do que se tivesse dado uma resposta imediata.

Quando vejo as pessoas desafiando a fé cristã por motivos intelectuais, faço duas coisas. Primeiro, tento ajudá-las a perceber o fracasso das alternativas à fé — quaisquer que sejam elas. Segundo, procuro demonstrar, por contraste, a superioridade da posição bíblica.

Espero que você saiba que não temos nada a temer quanto aos ensinamentos das cosmovisões concorrentes. Para aumentar a confiança nesse fato, ministrei uma série em nossa igreja intitulada “Alternativas ao cristianismo”. Nela, comparei algumas crenças do movimento da Nova Era, de seitas e religiões do mundo com a Bíblia. Mais recentemente, nossa igreja foi anfitriã de um debate público entre grandes defensores do ateísmo e do cristianismo. Isso ajudou os participantes a fazer comparações bem informadas, e muitos assumiram um compromisso com Cristo.

É fácil olhar para a superfície das posições alternativas e sentir atração por elas. No entanto, quanto mais perto você olha, mais fracas elas se tornam. E, quanto mais você se aprofunda nas evidências do cristianismo, mais sua fé cresce. Precisamos fazer nosso dever de casa para estabelecer com firmeza nossas convicções. Então, temos de realizar tudo o que estiver a nosso alcance para ajudar nossos amigos a entrar em contato com a verdade e apropriar-se dela.

Seguem alguns exemplos de dilemas intelectuais que seus amigos podem enfrentar e algumas maneiras de ajudar a resolvê-los.

A exatidão histórica da Bíblia

Precisamos mostrar a nossos amigos a profusão de escritos antigos, tanto de fontes religiosas quanto seculares, que apoiam

a confiabilidade das Escrituras cristãs, bem como das muitas descobertas de pesquisas arqueológicas modernas que confirmam a Bíblia.

Além disso, eles precisam saber que os outros sistemas de crenças carecem desse tipo de credibilidade histórica. Por exemplo, ao contrário de registros escritos de testemunhas oculares, os ensinamentos islâmicos dizem que Jesus nunca afirmou ser o Filho de Deus, e a maioria dos muçulmanos modernos nega o fato documentado de que Jesus morreu na cruz. Os mórmons ensinam que existia civilização avançada nas Américas na época de Cristo, uma posição que não conta com evidências históricas ou arqueológicas confiáveis.

A lógica da fé

A racionalidade de nossa fé já foi afirmada e reafirmada por diversas mentes elevadas ao longo da História. Na verdade, alguns dos maiores defensores da fé começaram céticos, estudando para desacreditar o cristianismo, mas, nesse processo, tornaram-se cristãos.

Em contrapartida, muitos de nossos amigos que se preocupam com essa questão ficariam surpresos em descobrir que os mestres das religiões orientais costumam argumentar contra a validade da lógica!

O problema do mal

Nossos amigos precisam perceber que, se o relato bíblico sobre a origem da humanidade, a liberdade do ser humano e sua rebelião contra Deus é verdadeiro, o mundo deveria mesmo se parecer bastante com o que vemos todas as noites no noticiário. Não existe nada logicamente incompatível entre a existência de um Criador todo-poderoso e a rebelião moral do mundo, em especial se considerarmos que Deus promete, por fim, julgar todo o mal.

O maior desafio é para aqueles que dizem que tudo é Deus, como ensinam as religiões orientais e o movimento Nova Era. Como

eles podem encontrar sentido ou esperança na conclusão inescapável de que o mal é, na verdade, uma *parte* de Deus?

A posição dos ateus não é melhor, pois, sem Deus, não existe um padrão objetivo de certo e errado; nada é mau em si mesmo, apenas desagradável para alguns. Todavia, se tudo não passa de gosto pessoal, quem pode dizer que o assassinato ou o estupro são atos intrinsecamente ruins?

O cristianismo refuta essas afirmações e defende que o mal existe, não é parte de Deus, é contrário aos padrões divinos e, portanto, errado. Também declara que somos responsáveis pelo que fazemos. Isso pode até não revelar tudo o que queríamos saber sobre o assunto, mas o que revela faz muito sentido.

Cristianismo *versus* ciência

Embora a Bíblia não tenha sido escrita para ser um livro didático de ciências, seus ensinamentos mostram verdades divinas ao abordar questões de cunho científico. E sua independência do folclore e dos devaneios mitológicos encontrados em tantas outras religiões é impressionante.

Além disso, muitas pessoas acharão interessante saber que um número crescente de biólogos, geólogos, paleontólogos e astrônomos de alto nível está encontrando evidências de um Criador divino nos fenômenos do mundo físico. A boa ciência e a boa teologia apontam para as mesmas verdades.

Supere os obstáculos

Precisamos ajudar as pessoas a perceber que, embora nós, cristãos, também tenhamos nossos questionamentos, as respostas dos campos alternativos possuem enigmas para os quais não há escapatória lógica. Após estudar as outras opções com cuidado, um após outro interessado honesto chega à conclusão de que é preciso mais fé para negar o cristianismo do que para defendê-lo.

Por isso, devemos incentivar nossos amigos interessados a fazer perguntas, levantar suas dúvidas, mas, depois, fazer seu dever de casa,

Embora nós, cristãos, também tenhamos nossos questionamentos, as respostas dos campos alternativos possuem enigmas para os quais não há escapatória lógica. Após estudar as outras opções com cuidado, um após outro interessado honesto chega à conclusão de que é preciso mais fé para negar o cristianismo do que para defendê-lo.

analisando as evidências, estudando a Bíblia, lendo livros, verificando a história, pesando os fatos e ouvindo pessoas instruídas que dedicam a vida a mostrar a validade da fé cristã.

Podemos ajudar nossos amigos apresentando alguns dos muitos livros e várias gravações preparados por grandes defensores da fé, como Josh McDowell, J. P. Moreland, William Lane Craig, Hugh Ross, Gary Habermas, Norman Geisler, Ravi Zacharias,

Lee Strobel e outros. Eles não são tão conhecidos, mas, considerando como têm ajudado as pessoas a se libertar de seus obstáculos intelectuais, deveriam ser.

Depois que nossos amigos fizerem sua pesquisa e pesarem os fatos, precisamos incentivá-los a agir de acordo com o que descobriram. Isso significa não mentir para si mesmos quanto ao que descobriram, nem se esconder por trás da desculpa de que ainda não encontraram respostas para todas as perguntas possíveis. Lembre-os de que os júris precisam dar um veredito final com base nas evidências disponíveis.

Certa vez, tive uma conversa fascinante com um amigo ateu. Ao final de nossa discussão longa e animada, ele disse:

— Bem, Bill, você acredita de uma forma, e eu vejo as coisas de outra maneira. Por que simplesmente não concordamos em discordar e deixamos assim?

— Mas, Keith — disse eu —, está chegando o dia, e não vai demorar, em que nós dois descobriremos quem está certo. Estamos baseando nossa vida e nosso destino em ideias totalmente contraditórias. É impossível ambos estarmos certos. Um de nós tirará a sorte

grande, e o outro sentirá remorso por toda a eternidade. Keith, eu já fiz minha pesquisa sobre esse assunto, mas me pergunto se você já fez a sua. Por que não lidar com suas dúvidas de forma direta e ter certeza de que encontrou as respostas certas?

Foi isso que Tomé fez. Ele também duvidou. Mas pesou as evidências e acabou prostrado perante Jesus, dizendo as palavras sinceras encontradas em João 20.28: “Senhor meu e Deus meu!”. Ele acreditou com base em fatos, assim como milhares de pessoas em busca da verdade o fizeram desde então.

Falhas morais

— Você acabou de falar bonito, mas não posso aceitar a posição cristã porque ela contém muitas falhas lógicas.

— Interessante! — respondeu Mark. — Porque eu ainda não as descobri. O que o incomoda?

Era difícil dizer qual dos dois estava mais empolgado com a conversa. Durante os quarenta e cinco minutos seguintes, esse homem lançou seus desafios sobre Mark. Este, por sua vez, usou seus conhecimentos de teologia e apologética para responder às objeções e mostrar ao amigo a verdade do evangelho.

Quando a poeira baixou, Mark sentiu que havia algo mais profundo acontecendo. Ele olhou bem nos olhos daquele homem e disse:

— Você está fazendo boas perguntas, mas quero saber qual é o *real* problema. Do que você tem tanto medo ou o que teme abandonar, caso entregue sua vida a Cristo?

Para surpresa de Mark, o homem admitiu que havia questões morais em sua vida com as quais não queria lidar.

— Bem, acho que esse é o *real* problema — declarou Mark. — E, enquanto você não estiver disposto a deixar Deus mudar essa área de sua vida, continuará encontrando todas as desculpas possíveis para descartar o cristianismo.

Já vi esse tipo de coisa acontecer por anos. Alguns interessados têm dúvidas intelectuais sérias que impedem seu progresso rumo a Cristo. Outros usam objeções de ordem filosófica, na tentativa de tirar o foco do antigo e comum problema do pecado.

Em geral, acontece o seguinte: a pessoa começa com algumas perguntas honestas. Quando percebe que as respostas são boas, fica nervosa. É nesse ponto que ela precisa fazer uma escolha. Ela pode ser aberta e honesta, como o homem com quem Mark conversou, ou começar a mencionar qualquer assunto aleatório que lhe vier à mente para manter você — e Deus — a distância.

Quando você sentir que alguém está tentando esconder-se, meu conselho é ser direto e expor o blefe. Diga com franqueza que essa pessoa parece estar despendendo mais energia em encontrar perguntas do que respostas e indague se ela teme algo que Deus pedirá que mude ou ceda para seguir Cristo. Se a pessoa revelar que a situação é essa, você terá a oportunidade de ajudá-la a descobrir como isso é importante.

Em outras palavras, auxilie seu amigo a fazer uma análise de custo-benefício. Por exemplo, se ele admitir que gosta de passar os fins de semana consumindo álcool e não quer abrir mão disso para seguir Deus, você tem algo a mensurar. Com a cooperação dele, pode pôr a questão na balança e ajudá-lo a fazer uma análise honesta daquilo que ele irá ganhar e perder ao se ater a seu costume.

— OK — você pode começar. — Vamos fazer uma lista de todas as coisas que ficar embriagado faz por você. Podemos pegar mais folhas, se for preciso. Você fala, e eu escrevo.

— O gosto é bom — ele começa. — E é divertido. Além disso, todos os meus amigos bebem.

— Ótimo. O que mais?

Silêncio.

— Algo mais? — você pergunta mais uma vez. Ele provavelmente está pensando:

— E... ahn... isso me ajuda a relaxar.

— Tudo bem. Se você lembrar mais algum benefício, nós o acrescentaremos aqui. Agora vamos olhar para o lado negativo. Você não se importa se eu ajudar a pensar em algumas coisas, certo?

Em pouco tempo, você terá uma longa lista de itens como:

- Acabo falando coisas das quais me arrependo depois.
- Minhas ressacas são dolorosas.
- Gasto muito dinheiro, sem falar no tempo e na energia.
- Estou arriscando desenvolver uma doença de fígado no futuro (ou, no mínimo, ganhar uma barriguinha de cerveja!).
- Há grande probabilidade de desenvolver alcoolismo.
- Prejudica minha capacidade de dirigir, um risco não só a propriedades, mas também à vida de outras pessoas.

Esse tipo de avaliação tem ainda mais valor quando você mostra para seu amigo quanto ele que é importante para Deus. Explique que Deus se importa tanto com ele que está tentando impedir que ele tenha todos esses problemas. Será um vislumbre de nosso Deus bom e amoroso.

E ainda nem analisamos todos os benefícios aos quais ele não terá acesso ao não seguir Cristo. Ao acrescentar uma lista de custos e benefícios de curto e longo prazos à análise já feita, simplesmente não há contestações.

Essa abordagem pode ser útil se aplicada a qualquer área da qual a pessoa não queira abrir mão. Não estou dizendo que ela olhará para esse simples cálculo e tomará sua decisão com base em meros dados. Mas pode ser uma forma eficaz de lhe abrir os olhos, levando-a, com o tempo, a quebrar a barreira das falhas morais enquanto o Espírito Santo a conduz para mais perto de Cristo.

QUEBRE AS BARREIRAS

O processo pode ser breve ou longo, mas precisamos perseverar nele e ajudar nossos amigos a eliminar todas as barreiras que se encontram entre eles e Cristo.

Ao longo do caminho, podemos incentivá-los apontando para duas coisas: uma oração e uma promessa. A oração está registrada em Marcos 9, ocasião em que um homem pediu a Jesus para curar e libertar seu filho. Cristo disse que era possível se ele tão somente acreditasse. A isso, o homem respondeu, no versículo 24: “Creio, ajuda-me a vencer a minha incredulidade!”.

Há dois pontos interessantes na oração desse “cético”. Primeiro, Jesus não o criticou por vacilar em sua fé. Segundo, Jesus foi em frente e respondeu à oração assim mesmo! Isso revela muito sobre Deus e nos dá um grande discernimento de como nos aproximar dele.

Com frequência, encorajo um interessado a reunir toda a fé que conseguir, bem como as dúvidas que estiver enfrentando, e conversar abertamente com Deus a respeito. Já levei pessoas a orar nessa situação, incentivando-as a expressar seus sentimentos ao Senhor. Elas dizem coisas como: “Deus, não tenho certeza de que o Senhor existe. Mas, se existir, gostaria que me fizesse saber. Se o Senhor é real, quero o conhecer”.

Creio que essa é uma oração que Deus leva muito a sério. E isso leva à promessa. Jesus declarou em Mateus 7.7,8: “Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta”.

Em Jeremias 29.13, Deus prometeu: “Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração”. Embora essa declaração tenha sido dirigida a um grupo específico de pessoas em determinado período da História, mostra como ensinar a nossos amigos a promessa de Jesus sobre pedir, buscar e bater. Isso é, precisamos fazer essas coisas de todo o coração. É necessário transformá-las em prioridade máxima, reconhecendo que os desdobramentos da decisão por Cristo são tão grandes que requerem atenção suprema.

Se eles fizerem esse tipo de esforço completo, romperão todas as barreiras que os impedem de crer. É um privilégio incrível ajudar as pessoas nesse processo e, então, com o tempo, levá-las a cruzar a linha da fé, quando aceitam Cristo como seu perdoador, líder e amigo. Falaremos sobre como você pode fazer isso no capítulo seguinte, que dá início à parte sobre o *máximo impacto*.

Kerry Livgren, da banda de *rock* Kansas, descreveu o processo de busca de forma pungente na poderosa música “The Wall” [O muro]. Ele escreveu essas palavras quando ainda estava em sua própria busca espiritual, anos antes de se tornar cristão:

Estou envolto numa fantasia, não acredito naquilo que vejo
O caminho que escolhi me levou a um muro
E a cada dia sinto mais que algo caro se perdeu
Ele se levanta a minha frente, uma barreira escura e silenciosa entre
Tudo o que sou e tudo o que um dia serei
É mera caricatura, uma torre de defesa, marcando as fronteiras que
meu espírito quer apagar
Passar para o outro lado é o que busco, mas temo ser fraco demais
E poucos são aqueles que tiveram o vislumbre do outro lado
A terra prometida espera como uma moça que logo se casará
O momento é uma obra-prima, o peso da indecisão no ar
Ali ele está, o símbolo e a soma de tudo o que sou
É mera caricatura, uma torre de defesa, marcando as fronteiras que
meu espírito quer apagar
Eu quero ver
Ouro e diamantes lançam um feitiço, isso não é para mim, sei muito
bem
Os tesouros que procuro esperam do outro lado
Há mais do que consigo medir no tesouro de amor que posso
encontrar

* Usado com permissão, © Don Kirshner Music (BMI), 1976; todos os direitos autorais reservados.

E, embora sempre tenha estado comigo, preciso derrubar o muro
e deixar

Tudo o que sou e tudo o que um dia serei, em harmonia

Brilhando em verdade e devolvendo o sorriso a todos que esperam
para atravessar

Não há nada a perder

PARTE 5

A RECOMPENSA: MÁXIMO IMPACTO

AP + PI + CC = MI

CRUZANDO A LINHA DA FÉ

ANOS ATRÁS, UM AMIGO MEU passou pela igreja para me contar que havia perdido o emprego e queria saber se eu poderia fazer alguma coisa para ajudá-lo. Eu disse que faria o possível. Mais tarde, naquela mesma semana, liguei para outro amigo que tem um negócio e corri um risco: dei uma de cupido vocacional. Em geral, isso costuma não dar muito certo. Essa vez não foi exceção.

O amigo dono do negócio disse:

— Claro, se você acha que é uma boa pessoa, mande-o vir aqui. Estou precisando de um novo vendedor.

Então, servi de elo, e parecia que todos estavam felizes. Isto é, até vários meses depois, quando descobri que meu colega fora demitido.

Por isso, na próxima ocasião em que conversei com o empresário, perguntei por que meu amigo não havia dado certo no trabalho.

— Bem — ele explicou —, seu amigo era cuidadoso, dinâmico, trabalhador e até conseguia fazer uma boa apresentação de vendas...

E fez uma pausa.

— Então, qual foi o problema? — perguntei.

— O cara nunca conseguia fechar a proposta! Ele levava os clientes para a sala e fazia seu discurso, mas parecia completamente incapaz de lhes pedir que comprassem o produto. Qual é a utilidade de um vendedor se ele não consegue concluir a venda?

Às vezes, pastores de todo o país me mandam gravações de suas mensagens e me pedem que faça uma crítica. Trata-se de um processo com o qual estou bem familiarizado, pois, todas as vezes que prego na Willow Creek, quatro ou cinco pessoas analisam meu sermão e me dão um retorno escrito de como posso melhorar.

Com frequência, acabo dizendo algo assim: “O conteúdo foi bom, as ideias foram claras, as ilustrações causaram impacto, o sermão foi bíblico e você usou bem os trinta minutos”. Muitas vezes, porém, preciso acrescentar: “Mas o que você queria que seu público *fizesse*? Se você tinha alguma esperança ou expectativa de como a mensagem deveria transformar as pessoas, isso não foi comunicado”. Na verdade, o que estou dizendo é: “Você se esqueceu de fechar a proposta!”.

Veja bem, um bom sermão ajuda as pessoas a *entenderem*, algo, mas também as inspira a *fazer* alguma coisa: tomar uma decisão numa área da vida de real importância. O orador precisa informar a seus ouvintes uma verdade da Palavra de Deus e, então, dizer: “Faça alguma coisa!”.

Estamos discutindo sobre como nos tornar cristãos contagiantes: seguidores de Cristo que desenvolvem traços de caráter de alta potência, que ficam mais próximos daqueles que desejamos alcançar e que comunicam o evangelho de forma clara e atraente. Se pararmos por aí, contudo, acabaremos não alcançando o objetivo pleno da fórmula, que é MI, ou seja, *máximo impacto*.

Há muitos cristãos frustrados em seus esforços de propagar a fé. Eles oram, dão um bom exemplo com seu estilo de vida e são sensíveis em sua maneira de partilhar a mensagem. No entanto, raramente veem vidas transformadas, pois param por aí. Em algum lugar do processo, perdem de vista o objetivo e, por isso, falham em pedir às pessoas que façam algo em relação àquilo que ouviram.

Muitos cristãos têm a ideia equivocada de que o objetivo do evangelismo é falar sobre Cristo a mais pessoas. “Ah”, dizem eles, “se eu tivesse mais oportunidades de compartilhar o evangelho, Deus se agradaria, e eu me sentiria muito melhor”.

O objetivo, porém, não é apenas *falar* às pessoas sobre Cristo. Esse é apenas o processo que usamos para alcançar o objetivo, que é *conduzir* as pessoas a Cristo. Lembre-se das palavras de Jesus na Grande Comissão em Mateus 28.19: “Portanto, vão e façam discípulos [...]”. O processo de comunicar a mensagem é importante, mas é o produto final — a formação de novos cristãos em processo de crescimento — que Jesus enfatiza.

Portanto, ao contrário de meu amigo que tentou dar certo na área de vendas, precisamos ir além de apenas fazer apresentações e começar a pedir

às pessoas que fechem a proposta. Não só devemos ajudar nossos ouvintes a entender, como fazem alguns dos sermões que avalio, mas também inspirá-los e desafiá-los a fazer algo, especificamente, a cruzar a linha da fé.

O objetivo, porém, não é apenas falar às pessoas sobre Cristo. Esse é apenas o processo que usamos para alcançar o objetivo, que é conduzir as pessoas a Cristo.

SEM COMPARAÇÃO

Gosto muito de aventura. Às vezes, descubro que ela vem em formas relativamente calmas, como velejar ou pilotar aviões. E, preciso admitir, às vezes a encontro em atividades mais intensas, como *saltar* de barcos de corrida ou de paraquedas.

Descobri, porém, que não existe aventura comparável a conduzir alguém a um compromisso pessoal com Cristo. Existe algo de surpreendente e inesquecível no ato de se envolver com o milagre transformador da eternidade que o próprio Deus opera na vida de uma pessoa.

Bem a sua frente, de maneira invisível, mas inegável, Deus perdoa, transforma, habita, reorienta e adota seu amigo. E usa *você* como o principal instrumento para fazer isso acontecer. Não sei quanto a você, mas é isso que eu chamo de aventura!

No entanto, muitos cristãos nunca vivenciam esse objetivo final do cristianismo contagiante, porque precisam de algumas dicas de como terminar o processo. Este é o propósito deste capítulo: examinar ideias práticas de como podemos ser mais eficazes em ajudar amigos a dar o passo transformador da fé em Cristo. Antes, porém, quero negar uma negação.

Todos nós já ouvimos a advertência: “Perigo! Não tente fazer isso em casa. As pessoas que você verá são profissionais treinados”. Bem, eu gostaria de inverter essa ideia para nosso assunto e dizer: “Faça isso em casa, no trabalho, num restaurante ou no banco de uma praça. Não espere por profissionais treinados; talvez eles nunca apareçam. Além disso, seus amigos confiam em você”.

É minha oração que, pelo menos uma vez, você sinta a emoção de conduzir alguém que conhece a um relacionamento com Cristo.

É minha oração que, pelo menos uma vez, você sinta a emoção de conduzir um conhecido a um relacionamento com Cristo. Vejamos algumas formas de fazer isso acontecer.

APROXIMANDO-SE DA LINHA

O primeiro passo para levar as pessoas ao ponto de decisão é descobrir onde elas estão. Você pode fazer isso aplicando sua mensagem, seja uma das ilustrações do evangelho, seja sua história pessoal, à situação espiritual delas. Pergunte algo do tipo: “Você já chegou ao ponto de perceber que precisa:

- desistir de *fazer* e começar a confiar no que Cristo *fez* em seu lugar?”.
- parar de tentar atravessar o abismo do pecado por seus próprios esforços e cruzar a ponte pela qual Deus, por meio de Cristo, nos oferece gratuitamente seu perdão?”.
- encarar o fato de que nunca conseguirá rebater a 1.000, nem arremessar sem erros o tempo todo e pedir a Cristo que o substitua?”.
- ir além de apenas estudar sobre aviação e entrar a bordo da aeronave?”.

- deixar de lado a ideia de que ir à igreja e ser uma boa pessoa acertará sua situação diante de Deus e pedir que ele dê a você o dom do perdão e orientação na vida diária?”

Essas perguntas decisivas tirarão o foco de você e de suas palavras e focarão seus amigos e a posição deles perante Deus. Enquanto respondem, você poderá avaliar o interesse, a compreensão e a prontidão deles para agir.

Avalie o interesse

Se seus amigos responderem a seu questionamento na defensiva, ou com desinteresse, continue a conversa com cautela. Talvez eles estejam abertos a dizer por que reagiram daquela maneira, e essa informação pode ser extremamente útil. Mas não pressione demais.

Às vezes, é mais sábio agradecer por terem dado a você a chance de explicar algo tão importante e pedir que pensem no que foi dito para uma conversa futura. Sua disposição em ceder pode ser justamente o que baixará a defesa deles. Seus amigos precisam saber que, embora você seja um entusiasta de sua fé, não é um fanático que levará o assunto à exaustão.

Se seus amigos, em contrapartida, demonstrarem interesse por ouvir mais, você estará pronto para prosseguir.

Avalie a compreensão

A reação de seus amigos a seu questionamento, junto com a interação que se seguirá, revelará muito sobre o nível de compreensão espiritual deles. Algumas pessoas têm uma compreensão clara do evangelho, mas não estão prontas para aceitá-lo. Outras são muito abertas e podem até estar dispostas a confiar em Cristo, mas lhes falta clareza quanto ao real sentido da mensagem. Identificar a diferença é de importância crítica.

Não permita que a simplicidade das ilustrações do capítulo 11 o engane. A mensagem bíblica que elas comunicam se afasta tanto do que a maioria das pessoas acredita que costuma levar um tempo para ser digerida. Na verdade, descobri que a maioria dos interessados precisa de meses para ouvir, processar, questionar e considerar antes de estar pronta para reagir de maneira positiva.

Em virtude da dificuldade de entender a mensagem, é importante ter várias ilustrações diferentes preparadas. Algumas pessoas não se identificarão com pontes ou aviões, mas o esporte pode fazer sentido para elas. Costumo tentar dois ou três pontos de vista, em geral ao longo de um período, para ajudá-las a formar uma imagem nítida.

Portanto, esteja pronto para repetir várias vezes, em algumas ocasiões com termos novos. E peça às pessoas que expliquem a mensagem de volta para você. Estejam elas prontas para firmar um compromisso com Cristo ou não, é de importância vital que saibam exatamente o que considerar.

Avalie a prontidão

Ao longo das conversas, você perceberá pelo menos um pouco de abertura em muitas pessoas. Elas estarão prontas a admitir que nunca aceitaram — ou, pelo menos, que não têm certeza se aceitaram — o perdão e a liderança de Cristo.

Deixe-me acrescentar aqui a importância de pedir a Deus que dê a você uma atitude de expectativa. Suas palavras e ações precisam comunicar a elas que fomos criados para conhecer e servir a Deus. Você foi escolhido para entregar sua vida a Deus, vários outros já fizeram o mesmo e é algo que elas também precisam fazer. Essa mensagem aumentará a confiança de que essa é a direção que elas devem seguir.

A expectativa inspirada pelo Espírito Santo capacitará você a avançar para o passo seguinte. Tanto em meu ministério público quanto em meu ministério pessoal, sou muitas vezes tentado a deixar

de oferecer às pessoas a oportunidade de firmar um compromisso com Cristo. No último instante, porém, sinto Deus me instruindo a prosseguir e já o vi transformar vidas em consequência disso.

Qual é, então, o próximo passo para aqueles que parecem prontos? Faça outra pergunta: “Algum motivo o impede de orar comigo agora mesmo para se certificar de que você aceitou o perdão de Deus e quer tornar-se um membro da família dele?”.

Sou muitas vezes tentado a deixar de oferecer às pessoas a oportunidade de firmar um compromisso com Cristo. No último instante, porém, sinto Deus me instruindo a prosseguir e já o vi transformar vidas em consequência disso.

Gosto dessa abordagem, porque ela é simples e só permite duas respostas. A pessoa pode dizer sim, e aí você tem um motivo para esperar. Ou pode dizer não, sugerindo que está pronta para seguir em frente. Vejamos o que fazer em cada um desses casos.

Se a pessoa não estiver pronta

Se seus amigos não estiverem prontos para aceitar Cristo, é natural que você pergunte por que, na esperança de que isso os ajude a superar o problema, qualquer que seja. Talvez uma das barreiras à fé, que discutimos no capítulo anterior, os esteja detendo.

Se for o caso, você precisará dedicar tempo e esforço para ajudá-los a vencer o obstáculo. Mas isso é bom. Você os estará auxiliando a lidar com questões reais, para que, com o tempo, passem a confiar em Cristo. Essa ajuda pode implicar providenciar recursos que respondam às dúvidas, dedicar tempo a mais debates ou apenas dar-lhes a chance de pensar nessa importante decisão.

Outra ideia para aqueles que não estão prontos: ofereça-se para orar por eles e por seu progresso espiritual ali mesmo, garantindo que você irá falar e eles só precisão ouvir. Se concordarem, esse é um passo inicial na direção certa, e você sabe que Deus ouvirá

e responderá. Caso se mostrem abertos a verbalizar uma oração de dúvida, é ainda melhor!

No capítulo anterior, vimos que as pessoas enfrentam medos naturais quando estão perto do ponto de decisão. Às vezes, porém, esses temores assumem proporções exageradas. Quando isso ocorre, talvez Satanás esteja turbinando algumas preocupações. A maior arma do inimigo é o medo; então, faz sentido que ele tente acentuar a ansiedade natural que as pessoas já sentem.

Se você acredita que isso possa estar acontecendo, explique com calma que Deus tem um inimigo espiritual, o qual, desde o jardim do Éden, sussurra no ouvido das pessoas todo tipo de ideias irracionais sobre o que elas perderão, do que sentirão falta ou como mudarão se seguirem Deus. Munidas da compreensão de como Satanás trabalha, é mais fácil para elas ignorar seus apelos.

Uma boa ideia é reforçar essa explicação com uma oração silenciosa por proteção. Efésios 6.12 diz: “Pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais”. Isso é algo que devemos levar a sério, mas que não precisa assustar-nos. Não esqueça Tiago 4.7,8, que diz: “Portanto, submetam-se a Deus. Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês. Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês! Pecadores, limpem as mãos, e vocês, que têm a mente dividida, purifiquem o coração”.

Se a pessoa estiver pronta

No entanto, com mais frequência do que você imagina, as pessoas reagem positivamente ao convite de confiar em Cristo. “Não, não consigo pensar em nenhum motivo para não dar esse passo agora mesmo. Como posso fazer isso?”, elas podem indagar.

A menos que você sinta que há outras questões necessárias a discutir, é seguro presumir que elas estão prontas. E você precisa estar pronto também. Vejamos algumas abordagens práticas que você pode usar.

CRUZANDO A LINHA

“Sou meio novo na igreja”, disse o homem para Mark ao telefone, “e estou interessado em marcar um horário para conversar sobre algumas coisas que esse tal de Hybels vem falando nos cultos de fim de semana”. Era um pedido ao qual Mark não poderia resistir; então, ele marcou um encontro com Jim naquela mesma semana.

Quando eles se encontraram, o evangelho foi exposto e explicado, definido e defendido, e Mark respondeu às várias perguntas que Jim fez sobre a fé cristã. Por fim, cerca de uma hora e meia depois, Jim relaxou e disse: “Acho que você respondeu à maioria de minhas perguntas. E o que faço agora?”

Imagine-se nessa situação. Seus joelhos começam a tremer? Aqui estão algumas orientações para ajudá-lo nesse processo.

Relaxe

Assim como Deus guiou as conversas que você teve até agora, ele o ajudará a conduzir a pessoa à fé. É animador perceber que o Senhor já vem trabalhando há muito tempo para levar o interessado a esse ponto. Ele não abandonará o processo agora, nem o deixará cometer um erro fatal que acabará atrapalhando a vida da pessoa e seu destino eterno!

É animador perceber que o Senhor já vem trabalhando há muito tempo para levar o interessado a esse ponto. Ele não abandonará o processo agora, nem o deixará cometer um erro fatal que acabará atrapalhando a vida da pessoa e seu destino eterno!

Esqueça fórmulas prontas

Uma das coisas que deixa os cristãos nervosos nessas situações é o sentimento de que não sabem fazer a oração perfeita para levar a pessoa a Cristo. Já assistiram a Billy Graham na televisão, mas não conseguem lembrar as palavras certas. Leram a oração no verso de

folhetos evangélicos, mas esse tipo de coisa nunca parece estar por perto quando precisam.

A verdade é que não exige fórmula mágica com a qual se preocupar. Tudo de que a pessoa precisa é uma atitude de arrependimento, que significa o desejo de se afastar de seus pecados, e também de uma dose de ajuda para fazer um pedido sincero a Deus para ser salva.

J. Allen Peterson conta a história de um homem que ficou preso em um engarrafamento em Nova York, e o Espírito Santo estava trabalhando nele. Por fim, exasperado, falou a Deus: “Tudo bem, aqui estou — carne, osso e tudo mais. Toma-me!”. E a vida dele foi transformada por Cristo.

Volte a pensar nas palavras do ladrão na cruz em Lucas 23.40-43. Primeiro, ele defendeu a inocência de Jesus e depois disse: “Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino”. Pronto! Uma só frase. E Cristo respondeu: “Eu lhe garanto: Hoje você estará comigo no paraíso”.

Orem juntos

Aproveite a oportunidade para sugerir que vocês encontrem um lugar tranquilo para conversar com Deus naquele mesmo instante. Uma vez que os interessados, na maioria, têm dificuldade de saber como orar, eles ficarão felizes ao perceber sua disposição em ajudá-los a dar esse passo. Também os auxiliará a se sentirem mais confiantes depois por terem você como testemunha de que, sim, eles receberam o perdão de Deus e passaram a seguir Cristo.

Devo acrescentar que, em algumas ocasiões, as pessoas serão inflexíveis quanto à ideia de orar com o pai, a mãe, o cônjuge ou um amigo que foi uma grande influência espiritual para elas. É sábio incentivá-las a fazer isso naquela noite e ligarem para você no dia seguinte, para contar o que aconteceu. Isso as motivará a ir até o fim. Se não ligarem no dia seguinte, dê você o telefonema, para ouvir a história ou desafí-las a não adiar mais esse passo tão importante.

Orem em voz alta

Principalmente por questões de clareza, creio que é melhor orar em voz alta. Você pode ouvir o que a pessoa está dizendo a Deus e ajudá-la das formas que explicarei a seguir. E esse é outro modo de ajudá-la a saber que de fato ela pediu a liderança e o perdão divinos, já que pôde ouvir as próprias palavras!

Aprendi que, se você oferecer ajuda, a maioria das pessoas estará disposta a orar em voz alta. Isso também prepara a cena para a vida de oração futura, como novo cristão. Diga-lhes que fizeram um ótimo trabalho expressando ideias a você e agora podem fazer o mesmo a Deus. Além disso, incentive-as a usar linguagem simples, não acrescentar vós, vosso ou tentativas poéticas. O Senhor gosta de ouvir nosso jeito comum de dizer as coisas.

Dirija a oração

Depois que essas coisas forem compreendidas, curve a cabeça e comece a orar num tom natural, que será um modelo de como seus amigos podem falar com Deus. Eu começaria agradecendo ao Senhor por nos ter conduzido até aquele ponto e pediria que ele nos ajudasse a receber seu perdão e sua liderança com humildade e de todo o coração.

Ouçã

Em seguida, diga a eles para falarem com Deus usando as próprias palavras. Encoraje-os a abordar algumas áreas: a necessidade do perdão divino, que Cristo pagou na cruz, e a necessidade de sua liderança. Então, apenas ouça.

Pode levar um minuto até que eles tenham coragem de falar. Mas, se você esperar, acabarão fazendo uma oração que, de acordo com minha experiência, estará entre as mais autênticas e emocionantes que você já ouviu.

É importante, porém, que você monitore o que dirão, para garantir que estejam no caminho certo. Por exemplo, certifique-se de

que estão fazendo uma oração do tipo: “Senhor, pequei e necessito de sua graça”, em vez de algo como uma resolução: “Agi mal, mas tentarei melhorar”. Se você sentir que estão saindo do rumo, interrompa com gentileza e converse sobre o assunto até sentir que estão prontos para continuar.

Se existir alguma área específica de pecado que descreveram como problemática, você pode sugerir que falem com Deus sobre ela, pedindo perdão e ajuda para superá-la.

Quando sentir que pediram de maneira adequada o perdão divino, incentive-os a passarem para a segunda área, que é a liderança de Deus na vida. Encoraje-os a pedir que Cristo entre na vida deles e o Espírito Santo os transforme de dentro para fora. Mais uma vez, ouça bem a oração. Se necessário, acrescente qualquer coisa que achar que precisam ouvir ou entender.

Assim que essa parte estiver finalizada, diga que há somente mais um motivo para orar. Está ligado às duas coisas que acabaram de ser pedidas: o perdão e a liderança de Deus. Se pediram de coração, o Senhor já atendeu! Então, a parte final é o agradecimento: expressar gratidão a Deus pelos dons que ele acabou de conceder. Aprecie ouvir um agradecimento de coração!

Encerre a oração

Depois do agradecimento de seu amigo a Deus, você sentirá naturalmente o desejo de expressar sua gratidão também. Não se contenha! É apropriado que você, nesse momento, louve a Deus com entusiasmo pelo milagre que ele acabou de fazer na vida de seu amigo e pela alegria que sente como resultado. Acrescente, em seguida, o breve pedido de que Deus proteja e guie o novo filho ou nova filha na fé pelos dias empolgantes, porém ao mesmo tempo desafiadores, que virão.

Mark seguiu esses passos em sua conversa com Jim. A oração levou poucos minutos, mas toda essa operação de fé com Deus pôs

a vida de Jim em um novo rumo. Hoje, anos depois, ele continua a crescer em seu relacionamento com Cristo.

Essa história poderia ser contada centenas de vezes, usando nomes diferentes. Espero que em breve ela seja contada de novo, dessa vez por você, e que o nome dos novos cristãos corresponda ao de seus amigos ou familiares. A vida deles será transformada para sempre — e a sua também.

ULTRAPASSANDO A LINHA

É claro que a vida cristã não termina no “amém”. Vejamos rapidamente o que fazer depois da oração, para garantir que seu amigo se firme na nova fé.

Celebre

Depois de apoiar alguém numa oração de compromisso, é importante dedicar tempo para celebrar e conversar sobre a decisão. Você pode fazer referência a Lucas 15.10: “há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”. É um momento empolgante, e sua atitude deve refletir isso.

É claro que a forma de expressar empolgação varia de acordo com a personalidade. Portanto, não fique surpreso se, em um caso, houver abraços e lágrimas de alegria, e em outro a pessoa apenas apertar sua mão e disser: “Obrigado”.

Confirme o compromisso

É fundamental reiterar a importância do que seu amigo acabou de fazer. Confirme que ele acabou de tomar a maior decisão de sua vida e que agradecerá a Deus por toda a eternidade. Mas esteja ciente de que algumas pessoas não se sentirão fortemente tocadas pelas emoções que esperavam. Tudo bem. O que importa é que tenham sido sinceras em sua oração. Os sentimentos virão depois, com mais força em alguns do que em outros.

Pinte um quadro realista

Explique às pessoas que haverá altos e baixos em seu nível de intimidade com Cristo e no grau de empolgação quanto a servir-lhe. Isso é normal em qualquer relacionamento ou compromisso. O importante é a resolução de se manter em comunicação com Deus tanto nas alegrias quanto nas tristezas, pois é certo que ambas serão vivenciadas.

Explique os passos do crescimento espiritual

É fácil se esquecer de explicar os hábitos básicos que nos ajudam a crescer na caminhada cristã. Contudo, seja no mesmo momento da oração, seja dentro de um dia ou dois, é vitalmente importante passar tempo dando sugestões práticas sobre as áreas que serão mencionadas a seguir.

Oração

Explique a seu amigo que ele precisa separar alguns minutos todos os dias para se comunicar com Deus. Incentive-o a continuar falando com o Senhor em linguagem simples e a ser honesto e aberto quanto ao que está passando em sua mente a cada dia. Mesmo se ele não estiver com vontade de orar, esse é um assunto para conversar com Deus!

Para ajudar a manter o equilíbrio na oração, falo com as pessoas sobre a clássica ordem A-C-A-S. O primeiro “A” significa adoração; adorar a Deus é um ótimo modo de começar. “C” quer dizer confissão; quando caímos em pecado, precisamos admitir isso a Deus, o qual declara que fomos perdoados. O segundo “A” é para agradecimento, uma reação natural ao perdão e aos vários outros sinais do amor e cuidado divinos ao longo da vida. “S” significa súplica, uma antiga palavra que significa fazer um pedido; Deus quer que façamos isso e promete ouvir e responder.

Orar juntos durante os próximos encontros ilustra de maneira excelente a importância de falar com Deus, além de reforçar esse hábito.

Leitura da Bíblia

Essa prática ressalta o fato de que a principal forma de Deus se comunicar conosco é por meio de sua revelação escrita, a Bíblia. É sua carta à humanidade e nos conta sobre ele, seu amor por nós, a história do pecado e da salvação, além de conter orientações de como podemos servir e agradar a Deus.

Encoraje o hábito de ler um capítulo por dia, começando por um dos Evangelhos, em uma versão da Bíblia que a pessoa consiga entender. Além disso, antecipe que surgirão dúvidas; é importante anotá-las e conversar a respeito com você ou com outro cristão com mais conhecimento.

Um livro que pode ser útil para ajudar seu amigo a consolidar o hábito de estudar a Bíblia é *Vivendo na Palavra*, de Howard e William Hendricks.

Relacionamento com outros cristãos

Realce a importância de desenvolver amizades profundas e honestas com outros cristãos e de passar tempo juntos regularmente. Esses relacionamentos serão uma fonte importante de ânimo, aprendizado e prestação de contas.

Certifique-se de que o novo cristão encontrará uma igreja que ensina a Bíblia com correção e relevância e fomenta a saúde e o crescimento espiritual. Reforce que a igreja não é apenas um lugar onde somos desafiados e aprendemos, mas também onde Deus quer usar-nos para servir a outros utilizando os dons espirituais concedidos por ele. Destaque o fato de que seu amigo foi chamado para ser um jogador importante no time divino.

Relacionamento com não cristãos

Nunca é cedo demais para os novos convertidos saberem que Deus deseja que eles se tornem cristãos contagiantes, por meio de

quem outros poderão ser alcançados. Compartilhe alguns dos princípios que você aprendeu a respeito, mas advirta-os de ter paciência com amigos íntimos e familiares. Essas pessoas precisam de tempo para ver se a mudança no amigo ou parente é real antes de pensar seriamente em aceitar a mensagem do evangelho na própria vida.

Proporcione nutrição espiritual de longo prazo

As ideias que acabamos de transmitir fornecem uma orientação inicial à vida cristã. O problema é que, com muita frequência, paramos por aí, na expectativa de que, de alguma forma, os novos convertidos sobrevivam sozinhos. No entanto, por sabermos que eles são recém-nascidos espirituais, precisamos garantir que recebam nutrição espiritual apropriada. Há duas boas maneiras de fazer isso. A primeira é a paternidade natural, e a segunda é a adoção.

Por sabermos que eles são recém-nascidos espirituais, precisamos garantir que recebam nutrição espiritual apropriada. Há duas boas maneiras de fazer isso. A primeira é a paternidade natural, e a segunda é a adoção.

A paternidade natural significa que você, a pessoa que os conduziu à fé, assumirá a responsabilidade de se encontrar com eles regularmente para discipliná-los e encorajá-los. A vantagem é que já existe um elo de confiança entre vocês, e é natural que ele se desenvolva até a próxima fase de crescimento.

Muitas vezes, porém, diferenças de idade, personalidade, fase de vida, gênero ou localização tornam a segunda alternativa — a adoção espiritual — a melhor escolha. Isso não significa abandonar os novos convertidos na porta de uma igreja. Em vez disso, você deve procurar, com cautela e em oração, um pai adotivo com quem seu amigo tenha certa afinidade, um cristão maduro disposto a dedicar a energia e o tempo necessários para ajudá-lo a crescer no relacionamento com Cristo.

Como já disse anteriormente, é minha oração que, pelo menos uma vez na vida, você sinta a emoção de conduzir pessoalmente um amigo à fé. Pode ser após apenas uma ou duas conversas sobre questões espirituais, ou pode levar anos de esforço paciente, encharcado de oração. Quando finalmente acontecer, sua fé, confiança e seu entusiasmo espiritual crescerão, e será muito mais fácil ajudar outra pessoa no futuro. Nesse processo, você se tornará um cristão cada vez mais contagiante.

Para concluir este tópico de importância fundamental, deixo um lembrete desafiador da parte de Sam Shoemaker em “So I Stay Near the Door” [Então fico junto à porta]:

Fico junto à porta.
Nem entro nem me afasto demais.
É a porta mais importante do mundo.
A porta pela qual as pessoas entram ao encontrar Deus.
Não faz sentido entrar e permanecer lá,
Enquanto tantos estão fora e anseiam, tanto quanto eu,
Saber onde está a porta.
E tudo o que tantos encontram
É apenas parede, onde uma porta deveria haver.
Apalpam a parede como cegos,
Com mãos estendidas e tateantes,
Procurando uma porta, sabendo que é preciso haver uma,
Mas sem nunca encontrar...
Então, fico junto à porta.

A coisa mais extraordinária deste mundo
É quando as pessoas encontram essa porta — a porta para Deus.
A coisa mais importante que alguém pode fazer
É pegar uma das mãos cegas e tateantes
E colocá-la na fechadura, que apenas faz um clique
E se abre ao toque.

Pessoas morrem fora da porta, como mendigos famintos
Em noites frias nas cidades cruéis durante o inverno fatal —
Morrem querendo aquilo que está a seu alcance.
Elas vivem do outro lado — vivem porque o encontraram.
Nada mais se compara a ajudá-las a encontrar
E abrir e entrar e descobrir Deus...
Então, fico junto à porta.

Imagine o impacto espiritual que teríamos neste mundo se nossas igrejas estivessem cheias de pessoas fazendo isso. É um pensamento empolgante, que expandiremos no capítulo seguinte.

CRISTÃOS CONTAGIANTES E IGREJAS CONTAGIANTES

— VOCÊ SÓ PODE ESTAR brincando! — exclamou Fred. — Sugere que *eu* faça um curso de evangelismo pessoal? Preciso confessar que, de todas as maneiras que pensei em passar minhas próximas terças à noite, treinamento evangelístico definitivamente não estava na lista.

Fred estava perplexo por alguém o incentivar a considerar uma coisa como essa. Mas meu amigo persistiu:

— Só acho que você poderia levar sua fé a outros com eficácia e, além disso, esse processo o ajudaria a crescer em seu conhecimento do cristianismo.

Por fim, Fred cedeu. E o resultado foi que o curso acendeu dentro dele uma faísca espiritual que nunca mais se extinguiu. Quase de imediato, esse homem, que era cristão havia pouco tempo, passou a comunicar ativamente a fé a seus conhecidos.

A princípio, ele ajudava os amigos até ficarem prontos para cruzar a linha da fé e os levava à igreja, para que Mark ou outro de seus “professores” os ajudasse na oração de compromisso. Logo, Fred aprendeu a fazer isso sozinho e passou a levar pessoas à fé de maneira independente.

Desde então, muitos se tornaram cristãos, principalmente pela influência de Fred. Ele também lidera pequenos grupos, nos quais ensina outros cristãos a divulgar sua fé assim como ele faz. E alguns

de seus alunos têm sentido a alegria de conduzir novos amigos a uma decisão por Cristo.

Fred é um empresário sem meias palavras, que pega pesado e é direto em sua abordagem ao evangelismo. Gosta de lidar com tipos difíceis, não religiosos, cuja vida está quase chegando ao fundo do poço e que não sabem mais para onde olhar, a não ser para cima. Nem preciso dizer que ele é um cristão extremamente contagiante.

Julie, em contrapartida, não é nada parecida com Fred. Tímida, de fala mansa, mora num bairro residencial e tem duas filhas crescidas, assim como um cachorro grande e amistoso. Ela e o esposo, Bob, costumavam frequentar uma igreja confortável, de posição moderada, na qual o evangelho não era ensinado com clareza.

Até que, certo dia, após uma série de acontecimentos, Julie entregou sua vida a Cristo. Ela procurou uma igreja que agisse segundo a Bíblia e decidiu envolver-se na Willow Creek. Logo Julie entrou em contato com alguns membros focados no evangelismo. Assim como Fred, ela participou de nosso curso para se tornar um cristão contagiante e ficou muito empolgada com a ideia de impactar outros com o evangelho.

Desde então, ela ajudou o marido, os pais, as filhas, os sobrinhos, os vizinhos e incontáveis pessoas que conheceu na igreja a se consolidarem num relacionamento crescente com Cristo. Em apenas um ano, Julie levou 14 pessoas a uma oração de compromisso com o Senhor!

Por causa da personalidade introvertida e da abordagem despreziosa de Julie, a maioria das pessoas não sabe como foi atingida. Alguns nos referimos a ela como “a arma secreta de Deus”. É interessante notar que parte do que torna Julie tão eficaz é o fato de ela não se parecer, de maneira nenhuma, com o estereótipo do evangelista. Julie é apenas ela mesma e, como resultado, obtém enorme sucesso em alcançar outros.

Na verdade, Julie tem, sim, uma coisa comum com Fred: ela também se tornou uma cristã extremamente contagiante. São duas

pessoas especiais. Mas são também apenas cristãos comuns, como você e eu. São meros pecadores que encontraram o perdão de Cristo e desenvolveram os valores, o caráter e as habilidades necessárias para impactar a vida espiritual de outras pessoas.

Assim, como esses dois diferem um do outro, é possível encontrar cristãos contagiantes numa multiplicidade de formatos, tamanhos, cores, idades, personalidades, temperamentos e graus de experiência. Quando você pensa que já sabe identificar as características de um cristão, surge uma nova variedade e quebra a fôrma.

Essa diversidade se torna ainda mais empolgante quando vemos que nenhum interessado nas questões espirituais é exatamente igual ao outro. Eles existem em infinitas combinações de experiência religiosa, etnia, posição social, grau de escolaridade e nível de abertura a Deus, à igreja e aos ensinamentos bíblicos.

Em sua sabedoria, Deus criou todo tipo de cristãos e os dispôs em esferas de influência com todo tipo de interessados. Assim, a verdade e o amor divinos podem ser comunicados de maneira natural aos dois. No entanto, para que isso aconteça, precisamos aprender o básico sobre de que maneira propagar a fé e pôr em ação o que aprendemos. Após alguma prática e alguma sabedoria aprendidas dos erros ao longo do caminho, você chegará ao ponto em que passará de desajeitado a gracioso, de hesitante a seguro, de temeroso a aventureiro.

É parecido com aprender qualquer *hobby*, esporte ou habilidade. Sempre há certo grau de desconforto que acompanha a tentativa de realizar algo novo. Poucos esquiadores fazem uma primeira descida impressionante. São raros os golfistas que alcançam a parte lisa do campo na primeira tacada. E a primeira vez que você andou de patins?

É possível encontrar cristãos contagiantes numa multiplicidade de formatos, tamanhos, cores, idades, personalidades, temperamentos e graus de experiência. Quando você pensa que já sabe identificar as características de um cristão, surge uma nova variedade e quebra a fôrma.

Lembra-se que suas pernas o queriam levar para duas direções ao mesmo tempo?

Depois de algumas quedas e machucados, alguns desistem, enquanto outros simplesmente continuam a tentar. Os que persistem se tornam cada vez mais aptos, e a atividade passa a ser mais e mais recompensadora.

Ser um cristão contagiante é assim também. As pessoas que caem em seus esforços para construir relacionamentos e comunicar a mensagem de Cristo, mas depois se levantam, sacodem a poeira e começam de novo, podem esperar pelo dia em que se sentirão confiantes e competentes.

Fred e Julie são apenas dois de muitos exemplos — e você pode ser mais um.

EFEITOS EXPONENCIAIS

Tenho uma confissão a fazer. Sim, gosto muito de ver cristãos aprendendo a visão de alcançar perdidos para Cristo. É ótimo vê-los superar a relutância inicial e desenvolver um nível de proficiência que, com a influência do Espírito Santo, produzirá enorme colheita de novos cristãos. E gosto ainda mais quando fico sabendo que algum deles conduziu uma pessoa a Jesus pela primeira vez, pois sei que essa experiência expandirá a fé do novo evangelista e garantirá níveis de sucesso ainda maiores no futuro.

Aqui, porém, vem a confissão: acima de tudo, gosto demais de ver alguns cristãos contagiantes espalhando para outros o germe da comunhão, que, por sua vez, o transmitem a ainda mais pessoas, até uma epidemia evangelística se “disseminar” por toda a igreja.

Pense nisto: se *um* cristão contagiante pode ser usado por Deus com tanta eficácia, o que acontece quando a *igreja* inteira se torna contagiante? Quando isso ocorre, um impacto espiritual explosivo se alastra por toda a comunidade. Por mais importantes que sejam

nossos esforços individuais, Deus alcançará o mundo por meio da combinação de forças e atividades de todos os que atuam conjuntamente na igreja.

Nem preciso dizer que a maioria das igrejas não é assim. Felizmente, há exceções notáveis, mas muitas igrejas apenas passam semana após semana tentando manter os números, equilibrar o orçamento e preservar o *status quo*. Elas não têm uma visão profunda de buscar os perdidos e mostrar-lhes os caminhos de Deus, porque estão ocupadas demais lidando com questões e conflitos internos.

Para mim, isso é uma imitação barata. Não era o que Jesus tinha em mente quando falou, em Mateus 16.18, sobre construir uma igreja que “as portas do Hades não poderão vencê-la”. Sua visão de igreja era de uma força ativa, dinâmica e em expansão (Atos 1.8). O centro de sua missão era resgatar, redimir e recrutar pessoas atoladas no pecado.

Com uma missão dessa magnitude, precisamos proteger-nos da complacência. Mesmo se você estiver numa igreja que, em alguma medida, luta para atingir essa meta, é importante não se concentrar no número dos que já foram alcançados, mas nas multidões de famintos de esperança que um dia terão de enfrentar o juízo de Deus.

Sim, devemos celebrar conversões quando elas ocorrem, mas nunca podemos estar satisfeitos e parar de evangelizar. Até que o mundo inteiro conheça Cristo, temos trabalho a fazer.

CARACTERÍSTICAS DE IGREJAS CONTAGIANTES

Você deseja estar envolvido com uma igreja que abrace de todo o coração esse objetivo? Gostaria de fazer parte do esforço de tornar sua igreja mais contagiante? Bem, para aprofundar seu conhecimento de como é uma igreja assim, listarei 15 características encontradas em igrejas eficazes em evangelismo. Verifique se elas se aplicam à igreja que você frequenta. Minha esperança é que você e outros

membros não só apreciem os pontos fortes, mas também comecem a debater maneiras de resolver os pontos fracos. (Para aprender mais e dar passos adicionais, recomendo que você e os líderes de sua igreja leiam *Igreja contagiante*, de Mark Mittelberg.)

O evangelismo é um valor básico

Muitas pessoas sabem João 3.16 de cor. O fato de Deus ter amado o mundo não é uma informação em falta nas nossas fileiras. O problema é que podemos ter esse conhecimento na cabeça, sem deixar que ele penetre em nosso coração. Embora seja um fato teológico no qual devemos crer, também precisa tornar-se um valor a ser vivido.

Listei essa característica primeiro porque é nela que tropeçamos com mais frequência. Deixe-me explicar melhor: é nela que *eu* fracasso com mais frequência. A despeito de ensinar há anos que as pessoas são importantes para Deus, é muito fácil esquecer esse fato quando estou mergulhado por uma semana em trabalho intenso. De repente, estou tratando alguém como se fosse um objeto em vez de uma pessoa a quem Deus ama e com quem se importa.

O fato de Deus ter amado o mundo não é uma informação em falta nas nossas fileiras. O problema é que podemos ter esse conhecimento na cabeça, sem deixar que ele penetre em nosso coração. Embora seja um fato teológico no qual devemos crer, também precisa tornar-se um valor a ser vivido.

O perigo de líderes de igrejas pseudocontagiantes é que eles podem negligenciar a necessidade de reforçar continuamente esse valor básico. Em vez disso, iniciam novos programas, experimentam as últimas tendências ou, frustrados, usam a culpa para pressionar os membros ao trabalho evangelístico.

Contudo, os resultados dessas abordagens costumam ser superficiais e temporários. É melhor começar com as

* São Paulo: Vida, 2011.

crenças básicas da congregação e, por meio de ensino, ilustrações, histórias, discipulado e exemplos, ao longo do tempo influenciar pessoas não religiosas a conhecer o coração de Deus.

Os perdidos são prioridade

É possível perceber se uma igreja valoriza os perdidos por sua forma de estabelecer prioridades e tomar decisões. Isso é verdade em especial quando os desejos dos membros entram em choque com as necessidades das pessoas de fora da igreja que se encontram numa busca espiritual.

No final da década de 1960, quando o movimento Jesus' estava começando a crescer, as igrejas tradicionais do sul da Califórnia depararam com um dilema. Começaram a aparecer nos cultos *hippies* de cabelos compridos com os pés descalços e sujos, e eles estavam sujando o carpete dos santuários.

Bem, isso causou um rebuliço entre os líderes daquelas igrejas. Alguns queriam proibir que esses excluídos da sociedade entrassem nos templos. Mas um pastor, Chuck Smith, levantou-se e desafiou essa forma de pensar, declarando que era necessário amar e demonstrar hospitalidade a todas as pessoas. Felizmente, sua igreja aceitou a sabedoria do pastor nessa questão. A Calvary Chapel de Costa Mesa, Califórnia, é um ministério que vem tocando a vida de milhares de pessoas em busca da espiritualidade, e sua abordagem ministerial tem sido seguida por outras igrejas em todo o país.

Nossa igreja precisou tomar uma decisão parecida. Surgiu a oportunidade de sermos os anfitriões de um debate entre um

† Movimento iniciado na costa oeste dos Estados Unidos, no final dos anos 1960, que aliava elementos do cristianismo ao estilo *hippie*. Pregava o retorno à vida original dos cristãos da igreja primitiva. Para mais informações, consulte <<http://www.one-way.org/jesusmovement/>>. [N. do T.]

conhecido ateu e um cristão muito respeitado no mesmo dia em que já fora marcada a festa de final de ano de nossos colaboradores. Embora ambos os eventos parecessem importantes, escolhemos ceder a data para o que tinha maior potencial de alcançar pessoa para Cristo. O debate acabou sendo um dos acontecimentos mais empolgantes de toda a história da igreja. Quase 8 mil estiveram presentes, e 47 decidiram tornar-se cristãos naquele dia.

Em retrospectiva, é fácil dizer: “Bem, é claro que pessoas valem muito mais do que carpetes, e eventos evangelísticos são mais importantes do que festas. Por que isso chegou a ser motivo de debate?”. Mas nem tudo é tão claro quando as prioridades estão em choque e os membros da igreja se entrincheiram para defender seus próprios interesses.

Por exemplo, o que deve vir primeiro quando o piquenique anual da igreja conflita com a rara oportunidade de realizar um evento evangelístico conduzido por um orador que estará na cidade por apenas um dia? Ou o que acontece quando o ministério jovem precisa de recurso para realizar um concerto evangelístico, e você quer usar o dinheiro para pintar o berçário ou pavimentar o estacionamento — além de você não gostar da música alta que os jovens de hoje andam tocando?

Esses são conflitos reais dos quais você já deve estar dolorosamente ciente. Está claro por que comecei esta lista com a necessidade de valorizar o evangelismo e dar prioridade às pessoas perdidas. Não estou sugerindo que essas características darão diretrizes claras e inquestionáveis para todas as decisões. Mas são princípios orientadores que podem controlar nossa tendência ao egoísmo espiritualizado e nos ajudar a tomar decisões que levarão nossas igrejas a serem cada vez mais verdadeiramente contagiantes.

O evangelismo faz parte da estratégia global

Outra característica importante das igrejas contagiantes é que o evangelismo consiste num elemento integrado na estratégia de

ministério global. Em outras palavras, o treinamento e os eventos evangelísticos não são questões de segundo plano, relegadas a apenas uma pessoa, um só departamento ou uma noite da semana. Em vez disso, são parte integrante de toda a vida da igreja.

Assim, é difícil identificar exatamente quando ou onde o evangelismo acontece, pois “ele” está por toda parte. Vidas serão transformadas depois de conversas

Vidas serão transformadas depois de conversas no estacionamento, questões sobre a fé serão tratadas pelo telefone e em restaurantes, ideias de novas formas de evangelismo serão amadurecidas pelos corredores, e não se ouvirá ninguém dizendo: “Ah, evangelismo, isso é tarefa de fulano e beltrano”.

no estacionamento, questões sobre a fé serão tratadas pelo telefone e em restaurantes, ideias de novas formas de evangelismo serão amadurecidas pelos corredores, e não se ouvirá ninguém dizendo: “Ah, evangelismo, isso é tarefa de fulano e beltrano”.

O processo de busca espiritual é respeitado e facilitado

Existe o perigo real de que as igrejas pressionem qualquer visitante interessado que entrar por suas portas. A ideia é mais ou menos o seguinte: “Talvez você só tenha esta chance; então, é melhor agarrar as pessoas e levá-las a Cristo agora mesmo”.

O resultado é que os cristãos que tentam evangelizar com tal intensidade acabam tendo só uma chance mesmo. Mas isso ocorre porque tentaram aproveitar o momento rápido demais e quiseram levar a pessoa a se decidir pela fé imediatamente após o contato inicial. O interessado se assusta com a tática de alta pressão.

Aprendi algo ao longo dos anos de ministério. Quando você honra e respeita o *processo* pelo qual as pessoas passam ao se aproximar de Cristo, muitas delas sentirão o desejo de iniciar uma caminhada ao lado dele. Sua abordagem comunica que você entende aquilo que elas estão vivenciando ao dar os difíceis passos rumo à fé.

Em minha liderança, tento permitir esse processo de busca de duas maneiras principais. Primeiro, incentivo os membros a construir relacionamentos autênticos com as pessoas que desejam alcançar. Dessa forma, estarão junto com os amigos de forma constante, à medida que atravessam altos e baixos da jornada espiritual.

Segundo, planejamos que nossos cultos de fim de semana abordem questões com que as pessoas deparam quando estão investigando a fé cristã. Também deixamos claro que elas não precisam cantar, assinar, dizer nem doar nada enquanto estiverem na fase de busca. Isso oferece a oportunidade de que necessitam para honrar adequadamente a ordem de Jesus de “calcular o preço” de servir-lhe antes de assinarem na linha pontilhada.

As perguntas do interessado são valorizadas e respondidas

Um dos maiores medos que os interessados enfrentam é que lhes peçam para se comprometer com algo que não entendem ou não concordam. No entanto, já ouvi muitos contarem como um líder da igreja os envergonhou por expressarem dúvidas honestas, ou disse, com ares protecionistas, que, se primeiro aceitassem o cristianismo, encontrariam certeza interior de que a verdade cristã é, de fato, correta. Para um interessado consciencioso, esse tipo de comentário se traduz em: “Essas pessoas não ligam para a verdade. Estão apenas tentando proteger seus pontos de vista. É melhor eu me mandar e procurar em outro lugar!”

Em 1Pedro 3.15 a Bíblia nos instrui a estarmos “sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês”. Além disso, 1Tessalonicenses 5.21 nos exorta a pôr “à prova todas as coisas e [ficar] com o que é bom”. Devemos estar mais preocupados com a verdade do que qualquer outro grupo, uma vez que adoramos o Deus da verdade, e ele nos ordena estudá-la e conhecê-la a fundo.

As igrejas que desejam ser eficazes em alcançar homens e mulheres interessados na verdade se empenharão em levantar e responder

abertamente perguntas que eles fazem. Demonstrarão confiança na Bíblia e nas crenças em que confiaram a própria vida, e essa confiança crescerá à medida que constatarem que, vez após vez, os desafios mais difíceis à fé podem ser solucionados com boas respostas.

Os líderes dão o exemplo de como alcançar os perdidos

“Faça o que eu digo, não o que eu faço” não é uma boa forma de construir uma igreja voltada para o evangelismo. Se as pessoas perceberem que o evangelismo é um mero chavão, em vez de uma prática real da liderança, as exortações para evangelizar entrarão por um ouvido e sairão pelo outro. O pastor, os anciãos e qualquer outro colaborador ou líder visível precisam defender e exemplificar o valor de dedicar tempo e energia ao relacionamento autêntico com pessoas não religiosas.

Isso se aplica de maneira especial ao pastor titular. Sei por experiência própria como é inútil desafiar meus ouvintes a fazer algo que eu mesmo não faço. É impossível falar com convicção verdadeira. As palavras saem sem poder e soam apenas como boas ideias que alguém deveria, quem sabe, tentar em algum momento.

Nesse caso, assim como em tantos outros, o dito é verdadeiro: “A velocidade do líder é a velocidade do grupo”. As pessoas em sua igreja precisam ver você tomar à frente, com um estilo de vida repleto de ação e aventura ao resgatar perdidos, mesmo se o evangelismo não for um de seus dons espirituais. Elas começarão a dizer entre si: “Uau! Se o pastor está disposto a correr riscos e investir nisso, talvez seja hora de eu começar a fazer o mesmo!”

Os membros são capacitados a propagar sua fé

Quando o exemplo dos líderes se tornar lugar-comum, as pessoas da igreja começarão a procurar ajuda para se tornar mais contagiantes também. Em resposta a todo esse entusiasmo, a igreja pode

oferecer formas práticas de treinamento destinadas a desenvolver as habilidades para a comunicação eficaz da mensagem de Cristo.

Quando os cristãos comuns de toda a estrutura da igreja forem capacitados e se tornarem ativos na propagação de sua fé, é melhor ficar atento! Uma nova era de atividades e de transformação explodirá. Se você nunca vivenciou isso, está prestes a sentir a alegria intensa de fazer parte de uma igreja contagiante.

Isso pode ser feito em classes e seminários especializados, assim como em sermões do púlpito e discussões de pequenos grupos. Os membros participarão sem ser coagidos, pois aquilo que aprenderão será relevante a um valor já enraizado no coração.

Quando isso acontece — quando cristãos comuns de toda a estrutura da igreja forem capacitados e se tornarem ativos na propagação de sua fé —, é melhor ficar atento! Uma nova era de atividades e transformação explodirá. Se você nunca vivenciou isso, está prestes a sentir a alegria intensa de fazer parte de uma igreja contagiante.

Os relacionamentos com pessoas não religiosas são ampliados

No treinamento feito pelas igrejas contagiantes, a importância de construir relacionamentos autênticos com pessoas não religiosas é constantemente reforçada. É nesse ponto que a batalha é ganha ou perdida. Sem essas amizades, não temos opção, a não ser voltar para a velha tática de bater e sair correndo. Ela pode até ajudar alguns, mas afasta muitos mais.

A fim de defender o valor de construir esses relacionamentos estratégicos, as igrejas contagiantes precisam tomar cuidado para não sobrecarregar o calendário semanal, nem pressionar sutilmente seus membros a passar o tempo todo em funções relacionadas à igreja. Em vez disso, devem apoiar os esforços dos membros de dedicar tempo de qualidade às pessoas que necessitam de Cristo.

Essas igrejas também dão espaço para o tipo de risco que Jesus correu quando ia a lugares nos quais os não religiosos viviam. Reconhecendo que existe perigo nisso, seus membros incentivam uns aos outros a serem responsáveis na prestação de contas de que mantêm uma vida devota.

A variedade de abordagens ao evangelismo é celebrada

As igrejas contagiantes enfatizam que o evangelismo eficaz pode assumir formas que se encaixam nas personalidades dadas por Deus.

Trata-se de um afastamento radical de muito do que aconteceu nas últimas décadas. A tendência era que um pastor se empolgasse com um tipo específico de evangelismo e fizesse uma pressão sutil, ou até mesmo aberta, para que todos o imitassem. O que ocorre é que os poucos com temperamento semelhante ao do líder prosperam, enquanto os demais se obrigam a fazer coisas que não combinam com eles. Outros ainda se afastam da igreja por completo, ou permanecem e se sentem culpados. Talvez digam: “Eu gostaria de ser mais espiritual, para poder fazer o que eles fazem”.

Nesse processo, muitas pessoas boas se magoam e não são usadas para alcançar aqueles que se identificariam justamente com elas — algo igualmente prejudicial. Por isso, grande número de membros das igrejas se sente incompreendido, e amplos segmentos permanecem não atingidos.

As igrejas verdadeiramente contagiantes evitam esses problemas ao valorizar abordagens diferentes à tarefa de propagar a mensagem. Quando os membros usam seus estilos individuais de evangelismo e os combinam como equipe, o impacto evangelístico da igreja aumenta tremendamente!

Por exemplo, uma mulher ligou para o escritório de nossa igreja preocupada com o marido, que, segundo ela, estava considerando tornar-se mórmon. Ela não sabia como ajudá-lo a ver os problemas

dessa religião em contraste com a verdade do cristianismo bíblico. Então, suplementamos os esforços dela com a abordagem intelectual de algumas pessoas de nosso ministério de apologética. Eles continuaram encontrando-se até que o homem chegou ao ponto de entregar a vida a Cristo. O interessante é que, mais tarde, ele se uniu a esse ministério e passou a usar seu estilo intelectual para ajudar outros da igreja a lidar com questões semelhantes.

Cada posição de serviço é vista como parte do trabalho evangelístico da igreja

Nas igrejas contagiantes, toda posição de serviço — independentemente do ministério específico do qual faz parte — é valorizada como uma importante contribuição ao objetivo global de alcançar pessoas perdidas.

É importante ressaltar que a inovação não corresponde a uma nova invenção. A maioria dos movimentos dinâmicos da história da igreja foi liderada por pessoas dispostas a quebrar o molde e tentar o ministério de uma nova forma. Basta olhar para a vida de pensadores como Lutero, Calvino, Wesley, Booth e Moody!

A tarefa em si pode ser limpar e conservar o templo, operar os equipamentos de som, ajudar as pessoas a encontrar um lugar para sentar, ensinar crianças e cuidar delas, ou equilibrar o orçamento e pagar as contas do mês. Cada tarefa é articulada visando à eficácia evangelística da igreja. Quando trabalhamos juntos, conseguimos fazer

coisas para alcançar pessoas que ninguém seria capaz de fazer sozinho. Isso confere a cada papel importância vital.

Os esforços dos membros são suplementados por eventos evangelísticos mais amplos

Mesmo com o melhor treinamento e encorajamento, a maioria dos membros da igreja precisará de ajuda para conduzir seus ami-

gos até o ponto de compromisso. Embora isso possa ser feito de muitas formas, uma das mais estratégicas é realizar grandes eventos evangelísticos aos quais podem levar os amigos. É incrível perceber como até mesmo um culto, uma apresentação musical ou um programa bem planejado podem ser usados por Deus para substituir noções equivocadas sobre ele e abrir os interessados para ouvir mais sobre o evangelho.

Quero deixar claro que não me refiro aqui a cultos *comuns*, embora eles possam ser úteis para alguns interessados. Estou falando sobre eventos organizados do início ao fim tendo em mente os não cristãos. Isso pode acontecer de formas muito variadas, como apresentações de música cristã contemporânea, exposições criativas que usam teatro, multimídia e artes, ou até um café da manhã para homens, um almoço para mulheres, um jantar para líderes nos quais um orador bem preparado entregue uma mensagem ou dê um testemunho.

No caso da Igreja Willow Creek, todos os fins de semana fazemos “cultos para os interessados”, nos quais apresentamos o básico do cristianismo por meio de uma combinação de música, teatro e uma mensagem falada. Decidimos no início da formação da igreja fazer esses cultos nos domingos de manhã, porque é o momento mais provável de recebermos visitas da comunidade. O próximo passo é que oferecemos cultos no meio da semana, nos quais os cristãos se reúnem para dedicar tempo exaltando a Deus, aprendendo de sua Palavra e participando da comunhão.

Muitas outras igrejas realizam eventos semelhantes para interessados num dia diferente da semana, ou com frequência menor. É importante manter a qualidade, mesmo se isso significar realizar menos eventos. A ideia não é prescrever quantos programas promover, nem que formato eles devem ter, mas encorajar as igrejas a ser estratégicas em seus esforços de conquistar pessoas para Cristo. A combinação de esforços evangelísticos pessoais e coletivos pode tornar uma igreja extremamente contagiante.

A inovação é valorizada e posta em prática

Como vimos anteriormente, Mateus não pegou a ideia do banquete para os amigos não religiosos no *Manual de ideias evangelísticas aprovadas do primeiro século*. Em vez disso, ele simplesmente olhou para a necessidade, avaliou suas habilidades, foi criativo e deu uma festa!

As igrejas que causam impacto na cultura abrem espaço para festas como a de Mateus. Permitem o desenvolvimento de ideias diferentes e inovadoras para levar a mensagem aos necessitados. Levam a sério a ordem de Jesus em Marcos 7, de evitar que as tradições atrapalhem a obediência a Deus e o ministério às pessoas. A criatividade faz parte de seu pensamento, e a mudança é parte integral de sua estratégia. Estão dispostas a correr riscos em prol dos que estão perdidos, mas aprendem com os erros e reajustam o rumo a todo tempo.

Quando, nesse processo, são incompreendidas por outros cristãos, como acontecia com Jesus com tanta frequência, ouvem e refletem em oração as palavras de crítica, mas também continuam a jornada e terminam a corrida, levando o máximo de interessados possível com elas.

É importante ressaltar que a inovação não corresponde a uma nova invenção. A maioria dos movimentos dinâmicos da história da Igreja foi liderada por pessoas dispostas a quebrar o molde e tentar o ministério de uma nova forma. Basta olhar para a vida de pensadores como Lutero, Calvino, Wesley, Booth e Moody! O desafio para nós é não ficar presos nas abordagens que *eles* começaram, mas continuar inovando como esses líderes fizeram, a fim de maximizar constantemente o impacto de nosso ministério.

A relevância da Bíblia é enfatizada

As igrejas contagiantes sabem que aqueles que estão longe da fé subestimam os benefícios diários de conhecer e honrar Deus.

Por isso, aprenderam a enfatizar não só a mensagem evangélica central, mas também a sabedoria da Bíblia para a vida cotidiana, incluindo orientação nas áreas do casamento, da educação de filhos, dos relacionamentos na família e no trabalho, na solução de conflitos e em questões ligadas à ética e à moralidade. Sabem que, se as pessoas descobrirem que os ensinamentos cristãos *funcionam*, permanecerão tempo suficiente para descobrir que as crenças cristãs também são *verdadeiras*.

Essas igrejas compreendem que não podem ensinar apenas doutrinas e negligenciar as necessidades da vida prática. Também evitam sucumbir à tentação de apenas transmitir conselhos úteis, sem abordar as questões mais profundas do pecado e da salvação. Não se trata de uma situação do tipo “ou um ou outro”, mas, sim, de “ambos e também”.

Jesus deu o exemplo desse equilíbrio em Mateus 11.28-30. Ele começou dizendo: “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso”. Para as pessoas exaustas e desgastadas a quem ele se dirigia, o convite era muito atraente e extremamente relevante para a situação presente. Mas Cristo não parou por aí. Ele continuou a dizer que, se o seguissem e aprendessem dele, encontrariam descanso espiritual para a alma.

Não se fazem concessões à cultura

As igrejas contagiantes aprenderam que devem comunicar-se com sua cultura sem fazer *concessões* a ela. Sabem que, se a mensagem da cruz de Cristo for diluída ou ocultada, a batalha já estará perdida. Que bem haveria em aprender a falar a língua dos secularizados se perdêssemos nossa mensagem no processo?

As igrejas contagiantes aprenderam que devem comunicar-se com sua cultura sem fazer concessões a ela. Sabem que, se a mensagem da cruz de Cristo for diluída ou escondida, a batalha já estará perdida.

Alguns cristãos supõem que, se uma igreja quer alcançar as pessoas, deve abster-se de desafiá-las a fazer mudanças e submeter-se ao controle divino. Minha experiência diz que a verdade é exatamente o contrário.

As pessoas estão cansadas de ouvir apelos fracos e pouco convincentes de líderes religiosos que não têm coragem de dizer honestamente a verdade. Muitas procuram alguém que diga a verdade sem pedir desculpas e as desafie a comprometer sua vida com essa verdade. Já me surpreendi diversas vezes ao ignorar as placas “Pare” e confrontar as pessoas a se arrependem e confiar em Cristo. Muitas delas me agradeceram por isso e atenderam ao meu apelo.

Essa é uma manifestação óbvia do Espírito Santo. Mas a lição é: o Espírito está pronto para fazer a parte dele e espera que façamos a nossa. É isso que as igrejas contagiantes fazem ao mostrar às pessoas, de forma clara e instigante, que a salvação está disponível somente por meio de Cristo.

Há uma percepção tangível do sobrenatural

Existe uma percepção do sobrenatural, semelhante à descrita em Atos 2, entre as pessoas que se envolvem no ministério que estou descrevendo aqui. E isso, em si, ajuda as pessoas a se tornarem ainda mais contagiantes. Deus está claramente em ação à medida que ocorrem milagres na forma de vidas transformadas. Céticos se transformam em interessados. Interessados encontram Cristo. Cristãos desenvolvem confiança, tornando-se ativos e ousados na comunicação de sua fé. A intensidade se multiplica, enquanto a visão e a expectativa de novos milagres se expandem. As igrejas afetam outras igrejas e até mesmo denominações inteiras, e logo uma nação inteira está se movendo para perto de Deus.

Por meio do poder do Espírito Santo, das orações e dos esforços de muitos cristãos contagiantes, o objetivo da fórmula — *máximo impacto* — é cumprido com surpreendente abundância.

Para mim, isso é algo que merece nossa *empolgação*. O que poderia ser mais recompensador que fazer parte de uma iniciativa como essa? Eu poderia viver sem muitas coisas, mas essa não é uma delas. Varreria o chão apenas para estar perto de uma igreja contagiante.

Tudo isso, porém, começa com indivíduos: pessoas como você e eu, que sabem em que investir a vida. No último capítulo do livro, de-sejo falar sobre o investimento mais estratégico que você pode fazer.

INVISTA SUA VIDA EM PESSOAS

“AQUI ESTAMOS”, DISSE O HOMEM com ternura à esposa. “Praia de Copacabana, na cobertura, um belo restaurante e um hotel de primeira categoria. Valeu a pena, não é mesmo, querida? Trabalhar e economizar todos esses anos valeu por uma noite como esta”.

Não pude deixar de ouvir esse casal ocupando uma mesa ao lado da minha, enquanto eu, sentado só, pensava em tudo o que havia visto nas semanas anteriores. Estava na parte final de uma viagem de um mês para a qual meu pai me enviara, pela América Central e América do Sul, a fim de entregar recursos para missionários que ele apoiava nessas terras. E, já que eu estava indo naquela direção, ele havia organizado um itinerário com paradas em diversas cidades da América do Sul, para que eu tivesse uma experiência mais completa daquela parte do mundo.

Foi uma época de grande aprendizado em minha vida. Eu tinha 19 anos de idade. Havia pouco tempo me tornara cristão, mas ainda não sabia o que faria pelo resto de minha vida. Começara a jornada com uma tribo de índios do meio da floresta da América Central, região na qual uma igreja se desenvolvia. Era um lugar empolgante. O Espírito Santo estava em atividade, e vidas eram transformadas em toda a região.

De lá, passei por várias outras cidades, até chegar ao Rio de Janeiro, Brasil, que, na época, era o destino da moda. E agora jantava

sozinho em um restaurante sofisticado, ouvindo o casal conversar sobre quão maravilhoso era finalmente estar ali.

Fiquei quase tonto ao pensar: “Espere um minuto! Essas pessoas têm cerca de 60 anos e estão dizendo que esperaram a vida inteira para *isso*? Tenho 19 e já estou sentado aqui! O que *eu* farei pelos próximos trinta ou quarenta anos? Se for *isso*, estou em grandes apuros. É bom, mas com certeza não é *tudo*!”

Lembro-me de ter voltado para o quarto pensando: “O que vou fazer da vida? O que é importante o bastante para que nisso eu invista todo o meu futuro?”

Ao refletir nos anos em que havia trabalhando na empresa de meu pai, muitas boas lembranças me vieram à mente. Mas também senti que isso não seria uma carreira que atenderia ao anseio, em meu espírito, de fazer parte de algo eterno e transformador.

Em contrapartida, pensei na igreja no meio da selva e no número de pessoas tão inteligentes que haviam dado a própria vida para ministrar aos índios. Elas haviam construído uma comunidade incrível de cristãos que estavam agora levando seus amigos a Cristo. Lembrei-me de ter me sentado no chão alguns dias antes, durante um dos cultos, enquanto aquelas pessoas cantavam louvores a Deus.

Naquela noite no Rio de Janeiro, percebi que o que estava acontecendo naquela tribo era mais real, mais duradouro e mais importante do que aumentar os números no mundo dos negócios. E era algo de que eu queria fazer parte.

Esse foi um pensamento que eu nunca consegui afastar, a despeito de todos os fascínios e de todas as oportunidades que tentaram empurrar-me para outras direções.

O NEGÓCIO DA PESCA

A luta é antiga. Não se tratava apenas de descobrir qual profissão escolher. Eu estava lutando para saber em que investir minha paixão,

meus sonhos e minhas energias. Mais tarde, descobri que estava em boa companhia, ao ler no Novo Testamento que alguns dos discípulos de Jesus tiveram dificuldade com essa questão também.

Embora fossem pescadores profissionais, Pedro e André levaram a sério o desafio feito por Jesus no capítulo 4 de Mateus, quando o Mestre lhes disse: “Entendo a preocupação de vocês em pegar peixes. Mas ouçam-me, amigos, e ouçam-me bem. Se vocês confiarem em mim e me seguirem, se tentarem entender quem eu sou e o que farei neste mundo, também poderei torná-los pescadores de homens. E acreditem, trata-se de uma tarefa infinitamente mais importante do que apenas pegar peixes!”

É importante compreender que Jesus não estava censurando o negócio da pesca, assim como não havia censurado a carpintaria, que proporcionava o sustento para José e para ele. Não há nada de errado com essas ocupações, nem com a indústria alimentar, do turismo, de seguros ou de imóveis. Todas são boas. Mas nenhuma iniciativa terrena é tão importante quanto o negócio de levar pessoas perdidas à cruz de Cristo. Esse deveria ser o centro da vida de todos os seus seguidores, a despeito da carreira que exercem.

Aqueles que escolhem seguir Cristo chegarão invariavelmente à conclusão de que não há nada mais importante do que alcançar pessoas. E, quando perceberem isso, seus valores mudarão para sempre. Serão tomados pela percepção de que as outras atividades terrenas empalidecem em comparação com ajudar um homem, uma mulher, um menino ou uma menina a ter um relacionamento salvífico, libertador e transformador com o Deus do Universo.

Assim que entenderem que o negócio mais importante do mundo é o negócio com pessoas, fique de olho! Eles terão uma vida diferente, farão orações diferentes, sentirão um amor diferente, terão um trabalho diferente, farão doações diferentes e servirão de forma diferente, porque estarão preocupados com as pessoas e com suas necessidades.

Assim que entenderem que o negócio mais importante do mundo é o negócio com pessoas, fique de olho! Eles terão uma vida diferente, farão orações diferentes, sentirão um amor diferente, terão um trabalho diferente, farão doações diferentes e servirão de forma diferente, porque estarão preocupados com as pessoas e com suas necessidades. Ficarão totalmente envolvidos em descobrir como podem ser pescadores de homens mais eficientes.

Poucos de nós seremos chamados a deixar as redes e abandonar a profissão. A grande maioria dos cristãos receberá o convite de trabalhar dentro de sua ocupação atual, mas com uma nova mentalidade, que reflete a perspectiva de Deus sobre a importância eterna das pessoas.

Isso já aconteceu com você? Eu estava sentado no escritório de vendas da empresa de hortifrutigranjeiros de meu pai em Michigan quando li alguns versículos do capítulo 3 de 2Pedro, que descrevem o destino final de todas as coisas que nos preocupamos tanto em ter. Aquele pensamento tomou conta de mim. Que desperdício de esforços eu investir na obtenção de coisas tão passageiras!

Então, recordei 1Coríntios 9.25, em que Paulo diz: “Todos os que competem nos jogos se submetem a um treinamento rigoroso, para obter uma coroa que logo perece; mas nós o fazemos para ganhar uma coroa que dura para sempre”. Na verdade, ele estava dizendo: “Eles estão todos preocupados com a corrida errada! Eu preferiria que vocês, cristãos, treinassem, praticassem e voltassem os olhos para ganhar a corrida *real*: a única que faz sua vida valer para a eternidade, por sua forma de servir a Deus e às outras pessoas”.

Poucos de nós serão chamados a deixar as redes e abandonar a profissão. A grande maioria dos cristãos receberá o convite de trabalhar dentro de sua ocupação atual, mas com uma nova mentalidade, que reflete a perspectiva de Deus sobre a importância eterna das pessoas.

Assim como eu, creio que você está agradecido porque os discípulos escolheram se especializar no negócio de pessoas em vez de permanecer na pesca. E acho que você está feliz porque, em João 21, quando Pedro pensou em voltar a pegar peixes, Jesus foi até ele e renovou-lhe o desafio de ele se ocupar do auxílio às pessoas. Por três vezes, disse a Pedro: “Permaneça no negócio de pessoas”.

Foi isso o que Pedro fez, e ele foi usado por Deus para impactar o mundo inteiro. De maneira muito mais modesta, foi isso o que eu também fiz e estou tentando exercer um impacto em meu cantinho do mundo. A pergunta é: O que *você* fará? Em que investirá sua vida?

Imploro que, para seu benefício e por amor a seus amigos perdidos, se você ama a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de todas as forças, *fique com o negócio de pessoas!* Diga ao Espírito Santo a cada dia: “Hoje, deixa-me fazer mais do que apenas pegar peixes. Ajuda-me a fazer mais do que somente vender um produto. Inspira-me a ir além de fornecer um serviço. Capacita-me a tocar uma vida humana. Trabalha por meio de mim para alcançar um homem ou uma mulher para ti. Quero fazer parte do negócio de pessoas!”. Essa é a mentalidade de um cristão contagiante.

Diga ao Espírito Santo a cada dia: “Hoje, deixa-me fazer mais do que apenas pegar peixes. Ajuda-me a fazer mais do que somente vender um produto. Inspira-me a ir além de fornecer um serviço. Capacita-me a tocar uma vida humana. Trabalha por meio de mim para alcançar um homem ou uma mulher para ti. Quero fazer parte do negócio de pessoas!”.

O DESAFIO FINAL DE JESUS

Antes de concluir este último capítulo, gostaria de repetir e aplicar o desafio final que Jesus deixou antes de terminar seu ministério terreno e ascender aos céus. Encontra-se em Mateus 28.19,20: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer

a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.

Observe a quem Jesus se dirigia. Ele estava falando com os discípulos, aqueles que haviam deixado tudo para segui-lo e tornar-se mais semelhantes a ele. Usando os termos de nossa fórmula, eles absorveram a influência de Cristo até o ponto de desenvolver uma personalidade de *alta potência*. Receberam de Jesus instruções e exemplos em primeira mão de como ter uma vida marcada por autenticidade, compaixão e sacrifício.

O segundo aspecto desse desafio vem das palavras “vão e façam discípulos de todas as nações”. Fica claro que Jesus não estava esperando que isso acontecesse por meio da diplomacia ou de esforços políticos. Em vez disso, seria o resultado de sair e entrar em *proximidade intensa* com as pessoas que seus seguidores esperavam influenciar. Ao fazer isso, eles teriam a oportunidade de iniciar relacionamentos e influenciar naturalmente aqueles que passassem a conhecer.

Em seguida, Cristo enfatizou que, ao fazer discípulos, eles deveriam ensiná-los. Embora Jesus se referisse, em primeiro plano, a orientar os novos cristãos no crescimento espiritual e na obediência a Deus, com certeza havia a intenção de que esse direcionamento desse continuidade ao ensino que vinha ocorrendo o tempo inteiro. Em outras palavras, o ensino incluía a *comunicação clara* da mensagem evangélica. Os discípulos precisariam seguir o exemplo de iniciar conversas sobre assuntos espirituais, explicando a maneira de receber a salvação e ajudando as pessoas a superar as barreiras que as afastavam da crença.

Por fim, Jesus prometeu que estaria com eles — e conosco — “sempre [...] até o fim dos tempos”. Além da garantia de sua presença e proteção, essa é uma certeza implícita do que se encontra explicitamente declarado em outro texto: de que, se fizermos nossa parte no cumprimento da Grande Comissão, Jesus fará a parte

dele em tornar frutíferos esses esforços. Em suma, Jesus assegurou que, ao acionarmos o plano dele, exerceremos *máximo impacto* no mundo ao redor. Veremos uma pessoa após outra cruzar a linha da fé, tornando-se um cristão contagiante que participa de uma igreja cada vez mais contagiante.

É bom saber disso, não é mesmo? Meu receio, porém, é que você pare aqui, apenas com o conhecimento ampliado do que significa ser um cristão contagiante e do que é necessário para criar mais pessoas desse tipo. Sabemos que isso não é suficiente.

Leia mais uma vez as palavras de Jesus. Toda a ação que ele deseja começar no mundo tem início com a pequena palavra “vão”.

“Vão”, posso ouvi-lo dizer, “espalhar as novas de que as falhas morais podem ser acertadas com Deus. Deem a notícia de que os pecadores arrependidos podem encontrar graça e perdão. Digam que homens e mulheres afastados podem reconciliar-se com o Senhor e uns com os outros. *Vão* e, à medida que forem, as pessoas responderão. E vocês saberão que estão fazendo sua parte para que aconteça uma renovação mundial”.

Imagino que os olhos dos seguidores de Jesus ficaram arregalados: “Mestre, uma renovação mundial por meio de *nós*? Vale a pena levantar da cama todos os dias por isso! Que desafio! Que visão! O Senhor nos usaria para isso?”.

Essa situação me faz lembrar a história de Steve Jobs, cofundador da Apple. Ele percebeu que o crescimento meteórico de sua empresa precisava da contratação de um executivo experiente para se encarregar da liderança geral. Então, foi atrás de um executivo de primeira, John Sculley, que trabalhava na Pepsi.

Depois de lhe oferecer uma requintada refeição, Jobs começou a ter a forte sensação de que Sculley rejeitaria a oferta. Então, o levou para o alto de um prédio residencial com vista para o Central Park, em Nova York, e fez o esforço final para tentar convencê-lo a trabalhar na Apple.

Mesmo assim, porém, as perspectivas não pareciam boas. Por fim, exasperado, Steve Jobs olhou nos olhos de John Sculley e disse: “Você quer passar o resto da vida vendendo água com açúcar, ou quer ter a chance de mudar o mundo?”.

Em seu livro, Sculley escreveu que esse desafio lhe tirou o ar. E acabou levando-o a deixar a Pepsi para trabalhar na Apple.

Assim como John Sculley, todos nós temos o anseio dado por Deus de mudar o mundo. Mas os computadores nunca terão o mesmo impacto mundial do que levar alguém a um relacionamento pessoal com Cristo.

Quando uma pessoa carente de amor é apresentada à graça de Deus pela primeira vez, quando alguém solitário finalmente experimenta a riqueza da companhia de Jesus Cristo, quando o culpado encontra perdão e uma consciência limpa, quando um indivíduo errante de repente encontra um propósito para a vida, isso é *impacto*. E uma poderosa reação em cadeia tem início.

Essa pessoa impacta outras ao redor. O marido influencia a esposa. Pais afetam seus filhos. Amigos contam para outros amigos. Colegas de trabalho informam uns aos outros. Pequenas redes de cristãos se formam. As igrejas se consolidam e fortalecem. Novos ministérios têm início. E rapidamente nova vida surge por toda parte. Os pobres começam a receber cuidado, os famintos são alimentados, os doentes recebem visitas, os solitários são amados, os feridos recebem ajuda para voltar à plenitude. Antes de você se dar conta, aquele cantinho do mundo mudou um pouco.

A reação em cadeia, no entanto, precisa começar por alguém que esteja disposto a *ir*. Alguém disposto a sair da zona de conforto para entrar em ação. Alguém disposto a transmitir a mensagem do Salvador ressurreto sem se esconder. De uma forma muito real, a mudança do mundo inteiro depende deste único verbo da ordem de Jesus: *vão*.

Não seria hoje um bom dia para você decidir que a vida é mais do que simplesmente vender água com açúcar? Não seria o dia ide-

al para você dizer a Deus: “Com tua ajuda, eu *irei* e começarei uma reação em cadeia em meu mundo. Pelo teu poder, transformaremos algumas vidas”? Começar não é fácil, mas vale a pena, e você nunca se arrependerá de ter escolhido edificar o Reino de Deus.

SABEDORIA DOS MAIS VELHOS

Uma pesquisa recente perguntou a pessoas de 95 anos ou mais o que fariam de diferente se pudessem viver de novo. As respostas que os mais velhos deram são muito pertinentes para nosso assunto. Aqui estão as três principais mudanças mencionadas.

Eles refletiriam mais

Os pesquisados dedicariam mais tempo a se afastar da rotina diária para examinar com cuidado a direção e o sentido de sua vida. Ao fazer isso, eles se certificariam de que a energia gasta estava sendo dirigida a causas válidas.

Posso desafiar você a fazer o mesmo, em especial no tocante a se tornar um cristão mais contagiante? Gaste tempo revisando o livro e questionando como você está se saindo em cada parte da fórmula. Você está desenvolvendo um caráter de alta potência que atrai pessoas a Cristo? Em que pontos precisa concentrar um esforço extra?

Eles arriscariam mais

Se tivessem outra chance, os idosos deixaram claro que seriam mais corajosos em sair da zona de conforto. Correriam riscos para aumentar seu nível de realizações e tornar a vida mais interessante.

E você? Esta vida é sua única oportunidade para fazer isso. Em que áreas você poderia correr mais riscos estratégicos do que na esfera de divulgar a fé, que carrega consigo tantas recompensas para todos os envolvidos?

Sua vida cristã só será a aventura empolgante que venho apresentando se você estiver disposto a sair do limbo da fé e, em humildade, testemunhar Deus cumprindo suas promessas de guiar, proteger e usar você em seus esforços de expansão do Reino.

Sua vida cristã só será a aventura empolgante que venho apresentando se você estiver disposto a sair do limbo da fé e, em humildade, testemunhar Deus cumprindo suas promessas de guiar, proteger e usar você em seus esforços de expansão do Reino.

Essa foi uma lição que Greg, um cristão relativamente novo em nossa igreja, aprendeu ao tentar comunicar sua fé a um membro de sua família que era cético. Greg ligou para Mark e disse: “Concluí que a única forma de aprender esse negócio de evangelismo pessoal é sujando as mãos de sangue.

A melhor maneira de descobrir quais são os buracos da armadura é saindo para a batalha e usando-a!”

Há muita verdade nisso que ele disse. Você leu este livro, refletiu sobre formas de ação e agora, pronto ou não, precisa ir para a linha de frente e lutar em prol daqueles que ama. Você pode ferir-se, mas verá seu crescimento pessoal e uma eficiência evangelística cada vez maior nesse processo. E, quando tiver 95 anos de idade, ficará feliz por ter corrido alguns riscos!

Eles fariam mais coisas que deixariam um legado após sua morte

Preciso comentar esse aspecto? Com certeza existem coisas nas quais podemos investir nossa vida que durarão muito mais do que nossos 60 ou 80 anos. Mas pense no retorno dos investimentos *espirituais*. As pessoas que você alcançar para Cristo colherão os benefícios nesta vida. Na verdade, porém, elas não durarão mais do que seu tempo de vida — viverão a seu lado e serão gratas a você por toda a eternidade. Nada pode ser mais empolgante ou recompensador do que isso!



Era um período difícil em minha vida. Eu havia destruído o tendão de aquiles enquanto jogava futebol com um bando de não religiosos barulhentos com quem estava construindo relacionamentos. Havia feito uma cirurgia para ligar o tendão rompido, mas não me recuperei no ritmo adequado. Na verdade, eu sentia tanta dor que precisaram abrir de novo o local para garantir que tudo estava bem.

Depois de ficar no hospital por quase uma semana, finalmente recebi alta. Embora Lynne e eu tenhamos viajado para tentar descansar e recuperar, eu estava machucado por fora e num leve estado de depressão por dentro.

Então, o telefone tocou. Era uma chamada de longa distância de meu colega de barco, Tom, ligando das Ilhas Virgens, numa parada entre viagens marítimas.

— Bem, aconteceu! — disse ele entusiasmado.

Meu primeiro pensamento foi que ele havia naufragado o barco de um amigo meu que eu havia arranjado para ele usar.

— Como assim, “aconteceu”? — perguntei.

— Entreguei minha vida a Cristo — ele explicou. — Orei com John, um dos caras da igreja que veio comigo na viagem da semana passada.

Eu mal conseguia acreditar. Depois de quase três anos tentando ensinar, desafiar, motivar e inspirar esse candidato improvável à conversão, ele finalmente havia cruzado a linha da fé. Que encorajamento incrível num momento tão negativo em minha vida!

Desde então, tem sido uma alegria observar as mudanças na atitude e nos valores de Tom. Ele continua a ser tão competitivo e cheio de vida quanto sempre, mas não é tão descontrolado como antes. Agora tem uma motivação interna e um propósito que nunca havia demonstrado.

Não me entenda mal: ele ainda tem seus defeitos. Mas é honesto e está tentando descobrir com sinceridade o que significa ter uma vida que agrada a Deus.

Por exemplo, não faz muito tempo, ele esteve numa festa de marinhos sobre a qual fiquei sabendo depois. Ele bebeu demais e acabou se excedendo. Mas, logo depois, escreveu uma carta de desculpas a todos. Explicou que aquele tipo de comportamento era incoerente com o compromisso que ele assumira com Cristo e pediu que o desculpassem. Fico só imaginando o impacto que isso deve ter causado naqueles homens!

Um dos amigos de Tom percebeu a mudança e pensou, a princípio, que se tratava apenas de uma fase. Depois ficou preocupado de Tom se empolgar demais e virar um religioso fanático. Mas, com o tempo, aprendeu a apreciar alguns aspectos desse novo Tom, como estabilidade, controle e padrões de comportamento menos destrutivos.

A curiosidade do amigo de Tom aumentou. Os dois começaram a se encontrar e ter conversas profundas sobre essas questões. Tom respondia a todas as perguntas que conseguia e o incentivava a conversar comigo e com outros que poderiam ajudá-lo a articular as verdades da fé cristã. Tom até levou seu amigo de Michigan aos subúrbios de Chicago para assistir a um culto em nossa igreja! Foi um passo estratégico. Eles ficaram em nossa casa, e tivemos longas conversas noturnas.

Desde então, Tom, seu amigo e eu tivemos outras conversas sérias sobre o evangelho e suas consequências para nossa vida. O amigo de Tom está se abrindo, mas ainda não está pronto para cruzar a linha da fé.

Ainda não. Mas Tom e eu continuamos orando.



Você entende por que eu disse, lá no início, que não há nada mais empolgante na vida do que fazer amizade com alguém que não conhece Cristo, amar essa pessoa e conduzi-la em direção à fé? Não existe aventura como essa, e nenhuma outra atividade chega perto de oferecer o mesmo nível de recompensa.

Vibro ao perceber que Tom — o contagiante, gregário e radical Tom — está se tornando um cristão contagiante. E espero ansioso

pelo dia em que seu amigo entrará para a família da fé e se aliará a nosso esforço de espalhar o amor e a verdade de Deus para mais pessoas.

E você? Faz parte do time? Está disposto a correr riscos e pôr em prática o que aprendeu sobre comunicar a mensagem de Cristo?

Permita-me encerrar com parte de uma carta que recebi de Tom não muito depois que ele assumiu seu compromisso. Ao lê-la, pense nas pessoas que você gostaria de alcançar para Cristo. Imagine-se recebendo uma carta como essa e deixe que ela o motive a fazer tudo o que for necessário para se tornar um cristão genuinamente contagiante.

Caro Bill,

Quero fazer uma pausa para agradecer por toda a sua ajuda, espiritualmente e como amigo. Gosto muito dos nossos momentos de companheirismo e dos desafios que você me faz. Oro para que nossa amizade continue a crescer e que você continue a me desafiar.

Há quase um ano entreguei minha vida a Cristo. Eu nunca sonharia que minha vida seria transformada dessa forma. Deus me ouviu mesmo e se importa comigo, e sinto a presença dele. Quando não sigo as orientações divinas, consigo perceber. Todo dia é uma nova aventura e aguardo ansiosamente cada uma delas.

Mais uma vez, obrigado!

TOM

“O seu amor por Jesus Cristo é contagiante? Precisa ser!
Neste curso, você vai aprender a experimentar a aventura mais emocionante da sua vida
— levar um amigo ou parente querido ao Salvador.” — LUIS PALAU, *evangelista internacional*

Evangelismo não tem de ser frustrante ou intimidador. Bill Hybels e Mark Mittelberg acreditam que comunicar eficazmente nossa fé em Cristo dever ser a coisa mais natural do mundo. Só precisamos de encorajamento e direção.

Em *Cristão contagiante*, Hybels e Mittelberg articulam os princípios centrais que fizeram da Igreja Willow Creek uma igreja mundialmente conhecida por alcançar pessoas sem igreja. Baseado nas palavras de Jesus e seguindo experiências de primeira mão dos autores, *Cristão contagiante* é uma aproximação personalizada pioneira de evangelismo relacional.

- Descobrir o próprio estilo de falar de Cristo
- Construir relacionamentos espiritualmente estratégicos
- Direcionar conversas a temas da fé
- Contar a própria história de conversão
- Usar ilustrações do evangelho fáceis de lembrar
- Orar com alguém para que aceite Cristo, e mais!

Cristão contagiante é um livro de referência que apresenta um projeto capaz de dar início a uma verdadeira epidemia espiritual de esperança e entusiasmo para espalhar o evangelho!

BILL HYBELS é fundador e pastor sênior da Igreja Willow Creek. É autor e coautor de mais de vinte livros, incluindo *Liderança corajosa*, *Descontentamento santo*, *Axiomas* e *O poder de um sussurro*, todos publicados por Editora Vida.

MARK MITTELBERG é autor, palestrante e estrategista de evangelismo. É autor de *Igreja contagiante*. Trabalhou anteriormente como líder de evangelismo para a Associação Willow Creek.



ISBN-13: 978-85-383-0234-6

